UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DANIELI MACHADO BEZERRA

UM CONTRAPONTO LACANIANO E A HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE REINHART KOSELLECK: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

RIO DE JANEIRO

2016

Danieli Machado Bezerra

UM CONTRAPONTO LACANIANO E A HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE REINHART KOSELLECK: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História Comparada.

Orientador: Prof. Dr. José D'Assunção Barros

Coorientadora: Profa. Dra. Clara Raíssa Pinto de Góes

Rio de Janeiro

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

M574c

Machado Bezerra, Danieli
Um contraponto lacaniano e a História dos Conceitos de Reinhart Koselleck: Uma análise comparativa / Danieli Machado Bezerra. -- Rio de Janeiro, 2016.
253 f.

Orientador: José Costa D'Assunção Barros.
Coorientador: Clara Raíssa Pinto de Góes.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós Graduação em História Comparada, 2016.

1. Psicanálise. 2. História dos Conceitos. 3. Filosofia da História. 4. Historiografia. 5. Metodologia da História. I. Costa D'Assunção Barros, José , orient. II. Raíssa Pinto de Góes, Clara , coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Danieli Machado Bezerra

UM CONTRAPONTO LACANIANO E A HISTÓRIA DOS CONCEITOS DE REINHART KOSELLECK: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História Comparada.

Aprovada em , 2016

_____
Prof. Dr. José D'Assunção Barros (Orientador)
Doutorado em História - Universidade Federal Fluminense

_____
Profa. Dra. Clara Raissa Pinto de Góes (Coorientadora)
Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Junior (Examinador Interno)
Doutorado em Letras (Letras Clássicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Profa. Dra. Fernanda Costa-Moura (Examinadora Externa)
Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Profa. Dra. Sabrina Medeiros Evangelista (Examinadora Interna)
Doutorado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

_____
Profa. Dra. Débora El Jaick Andrade (Examinadora Externa)
Doutorado em História – Universidade Federal Fluminense

_____
Profa. Dra. Barbara Breder Machado (Suplente Externa)
Doutorado em Ciência Política – Universidade Federal Fluminense

_____
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (Suplente Interno)
Doutorado em Educação Física – Universidade Gama Filho

À Kaká, dedico

Por tudo...

AGRADECIMENTOS

Farei um breve percurso de acordo com a associação livre, regra fundamental da psicanálise, no início, em 1997, descobri a *História* e, ao mesmo tempo, a Psicanálise... A História e a Psicanálise sempre estiveram presentes em minha trajetória acadêmica... Beatriz Lavieri, arquiteta e psicanalista, coordenadora do Grupo de Estudos de Psicanálise do NDIHR (Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional) que pertence à Universidade Federal da Paraíba... Reencontramo-nos pela última vez, em 2012, em meu lançamento do livro *Prostitutas Entendidas: Um estudo sobre profissionais do sexo lésbicas*, em João Pessoa... pelas dificuldades de encontrar o diálogo com a Psicanálise no mestrado, escrevi sobre as prostitutas entendidas...

Conheci os colegas da graduação, Gildo, Aryklécia, Diana, Antonio (Toinho), e muitos outros que foram importantes nessa trajetória, mesmo em tempos de internet, nunca mais os vi, formamos e traçamos caminhos diversos, ficaram na Paraíba, talvez... Ih, faltou o Gleyson...

Conheci os professores da Graduação em Licenciatura em História, Ariane, Lúcia Guerra, Raimundo Barroso, Carlos André, Serioja e muitos outros...nunca mais os vi, faz tempo também... A contribuição de cada um foi importante nesse percurso...

Surgiram as amigas do pensionato (durante a graduação) em João Pessoa e que nos encontramos, vez por outra, no Rio, Sarinha, Josiana, Ritinha que perguntavam, Dani, e o doutorado? Não havia entrado ainda, *tenho dificuldade em encontrar orientação porque tem a psicanálise, sabe? É difícil...*

Do mestrado ficou o Paulo Milhomens que fez minha mudança duas vezes, uma em Natal, quando eu vim de mudança para o Rio de Janeiro, e a outra, quando eu vim de mudança para o Rio de janeiro, mais uma vez, porque no Amapá, fiquei pouco tempo, apenas 1 ano e 7 meses no Campus Binacional da Universidade Federal do Amapá que fica na cidade do Oiapoque, fronteira com a Guyana Francesa... Da Universidade Federal do Amapá à Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes, sinto animada e me estimula muito as discussões com os alunos da disciplina História e Psicanálise: diálogos possíveis, pois, além de ministrar essa disciplina,

coordeno o GEPSIH (Grupo de Estudos de Psicanálise e História)...O Paulinho me persegue (risos)... Com ele aprendi sobre o Jung, mas foi o Freud que ele descobriu comigo... e, por causa disso, elaboramos diálogos curiosos...

Já no Rio de Janeiro, em formação no Instituto de Clínica Psicanalítica pela Escola Brasileira de Psicanálise, olhando a página na internet do Programa de História Comparada encontro a Clara... A Clara de Góes foi a minha maior descoberta nesse Rio de Janeiro... Extraordinariamente sensível e linda que emociona-me quando leio e ouço sua poesia e que para minha surpresa, também é natalense, como eu... Com a Clara, conheci o grupo de estudos dela e os colegas, o Carlos, a Cíntia, a Rafaela, a Thalita, a Vaneza... e os questionamentos interessantes entre a História e a Psicanálise...

No PPGHC ganhei um amigo pra vida toda, o Assunção como eu o chamo, seus inúmeros artigos publicados e a abundante obra sobre a Teoria da História foram fundamentais para o meu estudo durante o concurso da Universidade Federal do Amapá...Com o Assunção vieram os encontros com as meninas do mestrado, Isabele, Sabrine e a Mônica... Depois, os colóquios etílicos (eu brinco com essa palavra) com o pessoal da Teoria da História, sabe?!...A Débora, que foi um encontro “mágico” lá na rodoviária de Ouro Preto (MG), desses encontros que a vida nos presenteia e a gente não sabe o porquê...

À família Machado e aos aderentes à ela... que não entendem nada de História e nada de Psicanálise... e eles têm orgulho de mim por causa dessas invenções...

À UFRJ que me acolheu como aluna e fez-me redescobrir o caminho da História com as aulas do professor Manoel Luiz Salgado (*in memoriam*) que me apresentou o Koselleck em sua *História Mestra da Vida*...

Não posso deixar de falar da CAPES, afinal de contas, fui agraciada duas vezes (mestrado e doutorado) com as bolsas de estudos a mim concedidas e que é de muita utiliidade aos alunos pós-graduandos... e nem posso deixar de falar sobre a importância dessas bolsas de estudos para os estudantes nesses tempos de crise... Corta não, Temer!!!

Ao PPGHC que fez-me redescobrir o caminho da minha História...

À Vera Pollo, minha analista, que pela escuta, fez-me acreditar que a História e a Psicanálise são possíveis...

RESUMO

BEZERRA, Danieli Machado. **Um contraponto lacaniano e a História dos Conceitos de Reinhart Koselleck: Uma análise comparativa** Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

Esta pesquisa elabora uma análise comparativa dos estudos sobre a linguagem em Reinhart Koselleck, um dos criadores da História dos Conceitos, e Jacques Lacan que realizou uma releitura contemporânea da obra de Freud. Essa análise comparativa, em seus dois capítulos, versa uma discussão sobre a importância que os dois pensadores atribuem aos estudos sobre a linguagem em uma relação sobre o que é o conceito e palavra para cada um, de modo ilustrativo. Para atingir este objetivo, a tese apresenta dois capítulos que discutem, inicialmente, a teoria de Reinhart Koselleck, suas influências, seu método de pesquisa sobre a História dos Conceitos com o projeto do grande léxico que nos dá a clareza acerca do que é o conceito e do que é a palavra para o seu ensinamento que caminha pela via do significado e do sentido. Em relação à Jacques Lacan, temos, inicialmente, uma explanação acerca de sua contribuição para uma leitura sobre a linguagem a partir da operação significante. Depois, dessa exposição inicial, elaboramos uma discussão sobre o que é o conceito e a palavra em seu ensino, mostrando-nos uma oposição em relação às concepções criadas por Koselleck. Nesta tese, vemos um paradoxo construído pela autora, pois questiona a História dos Conceitos koselleckiana, a partir de um entendimento sobre a operação significante construída por Jacques Lacan, pois, a autora afirma, que não há como o historiador fugir dos enredamentos discursivos que a cadeia do discurso inconsciente implica o sujeito.

Palavras-chave: Metodologia da História, História dos Conceitos, Psicanálise, Historiografia e Filosofia da História.

ABSTRACT

BEZERRA, Danieli Machado. **Um contraponto lacaniano e a História dos Conceitos de Reinhart Koselleck: Uma análise comparativa** Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

This research develops a comparative analysis of studies on language in Reinhart Koselleck, one of the creators of the history of concepts, and Jacques Lacan who held a contemporary reinterpretation of Freud's work. This comparative analysis, in its two chapters, deals with a discussion of the importance of the two thinkers attribute to the study of language in a list of what is the concept and the word for each, illustratively. To achieve this goal, the thesis presents two chapters discussing initially theorized Reinhart Koselleck, his influences, his conceptual historical research method with large lexicon of the project that gives us clarity about what is the concept and what it is the word for his teaching that walks the path of meaning and sense. In relation to Jacques Lacan, we have initially an explanation about their contribution to a reading of the language from the significant operation. Then this initial exposure, developed a discussion of what is the concept and the word in its teaching, showing us an opposition in relation to the concepts created by Koselleck. In this thesis, we see a paradox built by the author, it questions the Conceptual History koselleckiana, from an understanding of the significant operation built by Jacques Lacan, as the author says, that there is no historian escape the discursive entanglements that the chain the unconscious discourse implies the subject.

Keywords: Methodology of history, History of Concepts, Psychoanalysis, Historiography and Philosophy of History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1.1 Esboços sobre a vida e as influências no pensamento de Koselleck para uma compreensão sobre o surgimento da História dos Conceitos.....27

1.2 Considerações sobre a linguagem na obra de Reinhart Koselleck 40

1.2 A metodologia da História dos Conceitos e a compreensão sobre o que é o conceito na obra de Reinhart Koselleck 65

1.3 O léxico sobre a História dos Conceitos - *Geschichtliche Grundbegriffe* (GG)……. ..……112

1.4 A definição de palavra para a teoria Koselleckiana 119

2. Jacques Lacan e sua contribuição para uma leitura sobre a linguagem 128

2.1 A importância do significante como articulação do inconsciente no ensino de Jacques Lacan 140

2.2 Uma reflexão lacaniana sobre o conceito 165

2.3 Considerações sobre o que é palavra no ensino de Jacques Lacan……..…191

CONSIDERAÇÕES FINAIS 224

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ……..... 233

ANEXOS ……..…..…..246

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a linguagem em sua relação com o pensamento sempre motivaram os interesses de pesquisa da autora desde o início da graduação[1]. Ao longo de sua trajetória acadêmica essas questões tornaram-se presentes, pois a sua monografia de final de curso (2001) resultou em uma análise comparativa sobre o conceito de imaginário em Jacques Lacan e o antropólogo Gilbert Durand. Passaram-se os anos e os interesses de estudos em torno da linguagem continuaram. Esta tese é resultado desses questionamentos que persistem ao longo de sua trajetória como pesquisadora[2].

Esta pesquisa teve seu início a partir de uma pergunta sobre como seria uma análise comparativa em relação ao conceito de repetição nos ensinos de Reinhart Koselleck e de Jacques Lacan. Ambos os pesquisadores discutem sobre o conceito de repeticão, e ambos os autores mostram-nos discussões em torno da linguagem quando remetem-se à repetição, embora de maneiras distintas, Koselleck fica no campo do significado e Lacan no campo do significante.

Entretanto, na medida em que as leituras sobre a repetição foram sendo realizadas ao longo desse percurso, identificamos que seria necessário apresentar a importância dos estudos sobre a linguagem para esses dois pensadores, e isso por si só já constituiria uma tese, e aqui ela está sendo apresentada.

---

[1] Segue como anexo desta tese, o primeiro trabalho realizado pela autora, em julho de 1997, durante a graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal da Paraíba. O trabalho supracitado intitulado, *Escrever o ato de pensar em pensar escrevendo,* foi pré-requisito de finalizacão da disciplina *Introdução ao Estudo da História*, cuja ideia central é estabelecer algumas discussões em torno da relação pensamento-linguagem no decorrer da História. A autora descobriu que havia guardado esse trabalho e o encontrou quando finalizou a escrita dos capítulos desta tese. Trata-se de seu primeiro trabalho acadêmico com erros de digitação e de português e com uma imaturidade intelectual que a autora possuía na época. O trabalho supracitado ilustra os interesses de pesquisa da autora que sempre versaram uma articulação dos estudos sobre a linguagem e a História.

[2] A pesquisadora, desde o início da graduação, participou do Grupo de Estudos de Psicanálise e História (GEPSI) coordenado pela servidora e pesquisadora do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional / Universidade Federal da Paraíba – NDIHR/UFPB, Beatriz Lavieri. Atualmente, a pesquisadora possui uma base de sólida formação em Psicanálise pela Escola Brasileira de Psicanálise/ Instituto de Clínica Psicanalítica – Sessão Rio de Janeiro – cuja formação lhe rendeu experiência clínica no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Além dessa valorização dada à linguagem por ambos os autores, realizamos uma articulação dessa discussão sobre a linguagem para entender como os dois autores elaboraram as questões sobre o que é o conceito e a palavra, respectivamente, embora o objeto fundamental desta tese seja identificar como Koselleck e Lacan contribuíram aos estudos em torno da linguagem e de como o ensino de Lacan pode contribuir para a historiografia se contrapondo à teoria da História dos Conceitos. A discussão acerca do que sejam o conceito e a palavra surgem, ilustrativamente, em segunda mão, como uma maneira de demonstrar como é a investigação sobre a linguagem aqui empreendida. Ambos os autores, Koselleck e Lacan, atribuem importância aos estudos sobre a linguagem, pois, pensar o que é o conceito remete-nos diretamente aos estudos sobre a linguagem. Por outro lado, a Psicanálise tem como instrumento fundamental de seu trabalho a palavra e a fala.

A tese é composta de dois capítulos que fazem-nos compreender como a linguagem é concebida pelos dois autores investigados, assim ela é dividida: O primeiro capítulo que atribui um entendimento acerca da obra de Reinhart Koselleck, possui cinco subcapítulos e, o segundo capítulo que faz menção à obra de Lacan, possui quatro subcapítulos. O primeiro capítulo traz uma apresentação sobre as influências no pensamento de Koselleck com um subcapítulo intitulado, *Esboços sobre a vida e as influências no pensamento de Koselleck para uma compreensão sobre o surgimento da História dos Conceitos*, depois, apresentamos outro subcapítulo nomeado, *Considerações sobre a linguagem na obra de Reinhart Koselleck* que mostra-nos a importância que o historiador alemão atribui aos estudos que envolvem a análise sobre a linguagem em suas múltiplas possibilidades, em seguida mostramos como ocorre a relação dos estudos sobre a linguagem com o desenvolvimento da metodologia da História dos Conceitos no subcapítulo intitulado, *A metodologia da História dos Conceitos e a compreensão sobre o que é o conceito na obra de Reinhart Koselleck*, ainda coadunado com essa discussão em torno da metodologia supracitada, apresentamos o que é o projeto do dicionário dos conceitos desenvolvido por Koselleck no subcapítulo intitulado O léxico sobre a História dos Conceitos - *Geschichtliche Grundbegriffe* (GG) e, por fim, *A definição de palavra para a teoria Koselleckiana*.

No segundo capítulo, inicialmente, apresentamos os pensadores que foram importantes para a formação intelectual de Jacques Lacan no subcapítulo intitulado, *Jacques Lacan e sua contribuição para uma leitura sobre a linguagem*, pois a partir dessa apresentação, passamos a entender os motivos pelos quais levaram Jacques Lacan a elaborar uma releitura sobre a obra freudiana estabelecendo conexões com a teoria saussuriana sobre o *Curso de Linguística Geral* [1915], elevando o pensamento de Freud a um novos *status* paradigmático contemporâneo. O subcapítulo intitulado, *A importância do significante como articulação do inconsciente no ensino de Jacques Lacan,* ajuda-nos a pensar sobre as bases nas quais se assentam seu ensino que se inicia durante os anos de 1953 e perduram até o ano de 1981. Posteriormente a discussão sobre a operação significante presente no ensino de Lacan, enfatizamos o que é o conceito em seu ensino, haja vista, ele tratar de questões fundamentais quando aponta que a repetição, a pulsão, o inconsciente e a transferência são os quatro *conceitos* fundamentais da psicanálise em seu *Seminário XI* [1964/1973/1998[3]]. O subcapítulo, *Uma reflexão lacaniana sobre o conceito,* traz algumas questões presentes no *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1973/1998], cujo entendimento leva-nos para uma reflexão em torno dos discursos elaborados por Lacan em seu *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* [1969-1970/1991/1992], por fim, discutimos o que é a palavra no subcapítulo intitulado, *Considerações sobre o que é a palavra no ensino de Jaques Lacan*.

A questão sobre a repetição que seria abordada, inicialmente, levou-nos para a discussão implementada nessa pesquisa, pois discutir a repetição em Koselleck levou-nos para o campo dos estudos sobre a semântica, pois ele atribui a semântica à repetição, sem desconsiderar a importância que os

[3] Para um esclarecimento ao leitor desta tese, as referências aqui anotadas, seguirão a respectiva orientação, primeiro, dentro das chaves, teremos o ano de publicação da obra no texto original, depois a publicação no Brasil ou no país que fez a tradução em espanhol, pois a obra de Koselleck, aqui analisada, majoritariamente, está traduzida para a língua espanhola. Em relacão à obra de Jacques Lacan, temos os *Seminários* que serão citados conforme o ano nos quais foram proferidos, depois o ano de publicação na França e, por último, o ano de publicação no Brasil quando for o caso. Em relação aos *Escritos* e aos *Outros Escritos* [2001/2003], os artigos de Lacan, na primeira compilação (*Escritos*) foram publicados no ano de 1966, embora apareçam artigos escritos em várias épocas, faremos a mesma apresentação nas citações, obdecendo a mesma lógica de apresentação dos *Seminários.*

estudos sobre a linguagem oferece-nos. Esta afirmação está presente ao longo de sua obra e, fundamentalmente, no artigo *Estructuras de repetición en el linguaje y en la historia* [2006/2013] e falar sobre a semântica fez-nos chegar no caminho dos estudos sobre a linguagem.

A obra de Koselleck analisada nesta pesquisa, em sua maioria, está traduzida para o espanhol, dentre as obras investigadas temos: *Sentido y repetición en la historia* [2010/2013], *Esbozos Teóricos: ¿Sigue teniendo utilidad la historia*? [2010/2013], *Estratos do Tempo: Estudos sobre a história* [2000/2014], *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia* [2000/2001], *Crítica e Crise* [ ]1959/1999], *O conceito de história* [1975/2013], *Historias de Conceptos: Estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social* [2006/2012] e *Futuro Passado: Contribuição à semántica dos tempos históricos* [1979/2006].

Por outro lado, Jacques Lacan elabora uma releitura sobre o conceito de repetição de Freud e transforma esse conceito como um dos conceitos centrais da Psicanálise em seu *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1973/1998]. Pensar as questões em torno da repetição remeteu-nos para o que foi elaborado aqui, porque falar sobre a repetição chegamos a uma discussão em torno de uma análise comparativa de como seria a linguagem, empreendida pelas investigações dos dois autores, pois ambos trabalham com a linguagem em suas obras. Além de entendermos o que constitui como importante para uma compreensão acerca da importância dos estudos sobre a linguagem, entre os dois pesquisadores investigados, os subcapítulos, *Considerações sobre a linguagem na obra de Reinhart Koselleck* e, *Jacques Lacan e sua contribuição para uma leitura sobre a linguagem*, orienta-nos para o que foi investigado nos dois capítulos que constituem a tese.

Dentre a obra de Lacan analisada temos os *Escritos* [1966/1998], os *Outros Escritos* [2001/2003], *O Seminário I: os escritos técnicos de Freud* [1953-1954/1975/2009], *O Seminário II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955/1978/2010], *O Seminário II: As psicoses* [1955-1956/1981/2002], *O Seminário V: as formações do inconsciente* [1957-1958/1998/1999], *O Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1986/1998], *O Seminário XVII: O avesso da psicanálise* [1969-1970/1991/1992], *O Seminário XVIII: De um discurso que não fosse*

semblante [1971/2006/2009] e o *Seminário XX: Mais, ainda* [1972-1973/1975/2008].

Levamos em consideração os aspectos subjacentes aos estudos sobre a linguagem e, posteriormente, compreendemos o que é o conceito na proposta metodológica para uma História dos Conceitos e o que é a palavra, e, em Jacques Lacan, a partir de seu entendimento sobre a operação significante, também questionamos como podemos entender o que vem a ser o conceito e a palavra para o seu ensino. As discussões sobre o que é a palavra para ambos pensadores estão presentes nos subcapítulos intitulados, respectivamente, *A definição de palavra para a teoria Koselleckiana e Considerações sobre o que é a palavra no ensino de Jacques Lacan*.

Portanto, vemos aqui uma possibilidade de elaborar uma análise comparativa interdisciplinar dentro de campos de conhecimentos distintos, embora, ambos os autores caminhem pelos questionamentos em torno do que seja a linguagem. Levamos em conta o enfoque metodológico da História Comparada, pois esta pesquisa tem esse viés comparativo. Esta pesquisa é um convite para que o historiador repense a própria ciência histórica em seus desafios e limites através de um modo observador sobre a realidade em uma tentativa de conciliar uma reflexão simultânea atenta as semelhanças e diferenças entre os dois campos analisados.

É aplicada a esta pesquisa a prática da “iluminação recíproca” que propõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos, de modo que traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum (BARROS, 2007, p. 05). É importante verificar com essa prática o que esperamos com a comparação e o que poderá ser ou não comparado destacando as diferenças e as semelhanças.

Com a História Comparada temos as perspectivas comparativas analógicas e homológicas. A primeira faz uma comparação em torno dos *significados* que determinados conceitos e palavras possuem em tempos e lugares específicos através da análise proposta por Koselleck. A segunda é um termo que surge na geometria e que designa a relação de elementos que correspondem-se ordenadamente em figuras semelhantes, Lacan o toma da

geometria e faz comparações entre os discursos no nível das relações entre seis características presentes na operação *significante.* Nesta pesquisa a homologia e a analogia fazem uma intersecção entre a linguagem, o conceito e a palavra, em Lacan e em Koselleck. Em uma perspectiva analógica os autores possuem diferenças, pois lidam com campos de conhecimentos distintos. Sob a ótica homológica, Koselleck aproxima-se de Lacan, mas não é igual quando diz que a linguagem é produtiva porque indica as mudanças sociais e, por outro, a própria linguagem é um fator essencial que permite tomar consciência dessas mudanças na realidade (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 168-169), embora as mudanças apresentadas pela Psicanálise se dêem no campo do inconsciente.

Vemos uma aproximação com o campo da História Comparada defendida pelo historiador March Bloch [1928/1930] ao propor sua "História Comparada" com a questão acerca do campo intradisciplinar específico, nesse caso, a Psicanálise e a História dos Conceitos, comparamos e elencamos diferenças e semelhanças, pois nosso método buscou enfatizar uma análise comparativa em torno do que seja esse estudo que envolve a linguagem por meio do que sejam o conceito e a palavra, pois o campo da História dos Conceitos lida com as categorias aqui analisadas que foram o conceito e a palavra e, Jacques Lacan, lida com a operação significante que compõe o modo de operação que constitui o inconsciente através de seis características que serão apresentadas no capítulo intitulado *A importância do significante como articulação do inconsciente no ensino de Jacques Lacan*. Temos, portanto, dois campos de conhecimentos distintos mostrando-nos que as possibilidades investigativas entre ambos são possíveis.

Peter Gay no artigo, *A psicanálise e o historiador* [1998/2000], mostra-nos que os historiadores consideram a Psicanálise reducionista, imprudente por levarem em consideração questões em torno da fantasia e dos sonhos e que os trabalhos historiográficos não apontam discussões com um viés psicanalítico por que os historiadores são preconceituosos em relação à Psicanálise, Peter Gay propõe:

> Afinal a psicanálise, assim como a história, concentra-se em compreender o passado, trabalha no sentido de tornar legíveis as pistas ilegíveis e escava sob as superfícies até atingir as camadas

> ocultas, osbscuras e distorcidas pela passagem do tempo ou pela necessidade dos autores – ou do público – de negar verdades desagradáveis. A psicanálise, tal como a história, é uma investigação empírica que, embora guiada pela teoria e apesar de todos os seus procedimentos misteriosos, tem um compromisso com a busca escrupulosa de provas. (GAY, [1998], 2000, p. 108).

Portanto, enfatizamos, como Peter Gay [1998/2000] sugere, que a Psicanálise pode contribuir com os estudos historiográficos ajudando-nos com as investigações em torno do campo histórico. Elaboramos uma análise comparativa com ambos os autores porque verificamos a possibilidade de aplicar e praticar aproximações teóricas, pois a História Comparada possibilita aproximações com diversos campos de conhecimento através de perguntas e hipóteses que possam ser respondidas e contrastadas pelos estudiosos da História dos Conceitos como Koselleck e, por outros estudiosos, como Jacques Lacan.

Nossa análise comparativa leva-nos para o campo empreendido pelo historiador francês Marcel Detienne [2000/2004], ao mostrar que o comparativismo ajuda-nos a pensar sobre “comparar o incomparável”, pois, em uma primeira perspectiva, estabelecer uma análise comparativa entre Koselleck e Lacan pode soar entranho para o historiador não familiarizado com o campo lacaniano e koselleckiano, e essa pesquisa mostra ser possível comparar o que para alguns historiadores poderia ser impossível. Marcel Detienne [2000/2004] sugere que a História Comparada deve abordar direções interdisciplinares, de modo que possamos aprender algo com disciplinas diversas, como a Antropologia, as Ciências Sociais, a Filosofia e, por que não a Psicanálise?

A pesquisa realizada coaduna o pensamento de Marcel Detienne ao expor a comparação entre Jacques Lacan e Reinhart Koselleck porque elaboramos um exercício de experimentação comparativa ao estabelecer categorias como conceito e palavra na análise empreendida, além de entendermos o que é o campo do *significado* em Koselleck e o campo do *significante* em Lacan. Vimos que a Psicanálise lacaniana e a História dos Conceitos de Koselleck vêem os estudos sobre a linguagem de maneiras opostas, mas isso não significa que não possamos elaborar uma discussão em torno desses campos de estudos. Nosso modelo de comparação estabeleceu

um conjunto possível de categorias que foram analisadas de maneira ilustrativa como palavra e conceito. Essas categorias foram escolhidas depois de observarmos a importância que os autores atribuem aos estudos sobre a linguagem. Diante desse campo de investigação, vimos como a História Comparada valoriza pesquisas com campos distintos de conhecimento, tornando diálogos possíveis, como por exemplo, a Psicanálise "hermética" de Jacques Lacan e a possibilidade de elaboração de uma análise comparada, desse campo, com os estudos sobre o léxico proposto por Koselleck. Apesar de serem campos de conhecimentos distintos, vemos a contribuição que a operação sobre o significante pode auxiliar para o trabalho do historiador, pois o pesquisador também se implica em questões que sustentam a cadeia inconsciente dos significantes. A História Comparada contribui para reflexões em torno de áreas diversas que compõem os estudos da História, proporcionando aproximações com a Psicanálise, com a Antropologia, com a Sociologia, com a Filosofia, com as Letras através de um diálogo que produz respostas e questões inovadoras aos problemas levantados. Não podemos dissociar o trabalho do historiador das questões inconscientes que implicam as tarefas do trabalho do historiador.

Koselleck torna-se um pesquisador importante na Alemanha durante os anos de 1950 em diante porque esse é um momento de valorização dos estudos históricos, pois os alemães buscavam entender as causas da catástrofe mundial provocadas pela Segunda Guerra Mundial e a história torna-se uma disciplina que passa a ser vista como um instrumento crítico dos fenômenos que desencadearam a Segunda Guerra Mundial e do Pós-Guerra. O historiador alemão buscou novos métodos para compreender o fenômeno histórico e através de estudos que envolvem a semântica política moderna com base em autores de diversos campos, tais como: historiadores, jornalistas, filósofos, políticos, juristas, artistas, ele conclui que a história trata de ser uma *experiência existencial e como dimensão iniludível constitutiva da modernidade* (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 135).

Na primeira parte do segundo capítulo, intitulado, *Jacques Lacan e sua contribuição para uma leitura sobre a linguagem,* vemos a importância da releitura que Lacan elabora em relação à obra de Sigmund Freud, quais são as suas influências filosóficas, seu "aparato" intelectual e onde estão as bases que

fundamentaram a sua releitura. Posteriormente, no subcapítulo intitulado, *A importância do significante como articulação do inconsciente no ensino de Jacques Lacan*, ele mostra-nos que o axioma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, faz o seu ensino inaugurar uma nova interpretação da obra de Sigmund Freud, pois Lacan inova o que Saussure havia construído em sua teoria sobre a linguagem e coloca a Psicanálise no bojo dessas inovações, produzindo uma releitura original acerca da obra de Freud na qual a Psicanálise constitui-se com avanços significativos de uma releitura necessária. A visão lacaniana sobre o inconsciente distancia-se da percepção biologizante do ser, e este passa a ser visto como condição da linguagem. Lacan definiu o inconsciente dessa maneira: “a partir de Freud, é na cadeia de significantes que em alguma outra parte se repete e insiste em interferir nos cortes que lhe brinda o discurso efetivo” (LACAN apud LEITE, 2001, p. 35). A linguagem passa a ser sustentada por uma cadeia de significantes e é pensada dentro de uma operação significante, diferente do que propõe Saussure, ou seja, não se trata de uma sucessão de palavras como pensavam os linguístas. Para Jacques Lacan, “o inconsciente é um saber posto em situação de verdade, o que não se concebe senão numa estrutura de discurso” (LACAN apud LEITE, 2001, p. 35). A segunda parte do segundo capítulo, intitulada, *A importância do significante como articulação do inconsciente no ensino de Jacques Lacan,* mostra-nos a discussão presente no ensino de Lacan a partir de seis características que constituem a operação significante, contribuindo-nos para uma reflexão em torno do trabalho do historiador que não pode abrir mão, como pesquisador, desses elementos inconscientes que carregamos cotidianamente e constitui-nos como sujeitos, sendo assim, não podemos fugir à regra, estamos o tempo todo comandados pelo inconsciente que apresenta-se na operação da cadeia dos significantes.

Embora os dois autores possuam interesses comuns, quando afirmamos que ambos estudaram a linguagem, verificamos que são dois caminhos distintos percorridos. São duas grandes divergências, pois Koselleck remete-nos ao léxico, ao conteúdo histórico e social que os conceitos vão ganhando ao longo do tempo, e Lacan fica na via do inconsciente, naquilo onde o inconsciente é sustentado e constitui o gozo para o sujeito através da operação presente na cadeia dos significantes.

A metodologia empregada para analisar as obras dos dois autores abordados foi a análise comparada, pois ao longo das leituras realizadas percebemos as divergências, os elementos comuns e as influências que ambos os autores tiveram em suas trajetórias. Apontamos diferenças e semelhanças existentes entre eles ao longo da explanação das ideias trabalhadas, destacando-se mais as diferenças. Esta pesquisa possui um caráter conceitual, e mais conceitual ainda é compreender como os autores analisados vêem o que é o conceito e como o conceito é concebido por cada autor estudado. Dentre os elementos comuns, destacam-se as aproximações em torno das discussões que envolvem a linguagem, pois não há como abordar a temática da História dos Conceitos sem mencionar a importância dos estudos sobre a linguagem e, a Psicanálise lida com a linguagem inconsciente que constitui o sujeito. Curiosamente, ambos os autores trazem uma influência da teoria do *Dasein* de Heidegger que torna a discussão caminhando por uma via de mão dupla, pois Koselleck enfatiza o *Dasein* presente na obra *Ser e Tempo* [1929/1986/2005], a partir da necessidade de o homem registrar a existência humana porque passa a ter certeza de sua finitude, e a História torna-se um instrumento fundamental para o registro da presença do homem na Terra, pois as lembranças registradas pela História são capazes de tornar o homem imortal. Lacan vê de uma maneira diferente o pensamento de Heidegger, a frase “o homem habita a linguagem”, faz Lacan elaborar suas reflexões em torno da linguagem e, baseado nessas reflexões trazidas por Heidegger, ele constitui seu ensino, pois, para Lacan a linguagem existe antes de o homem existir e nela ele se sustenta. Os estudos que Jacques Lacan formula coloca-nos a relação entre o inconsciente e a linguagem e investiga como a linguagem fundamenta e constitui a estrutura dos sujeitos, ele parte de Heidegger por meio da obra *A caminho da linguagem* [1959/2003], pois Heidegger afirma que a linguagem é a morada do ser e com essa afirmação Lacan segue sua releitura da obra de Freud.

O subcapítulo intitulado O léxico sobre a História dos Conceitos - *Geschichtliche Grundbegriffe* (GG), mostra que no Brasil a historiografia brasileira ainda lida com a História dos Conceitos de maneira modesta pois não temos a obra de Koselleck completa traduzida para o português. Os oito

volumes da *Geschichtliche Grundbegriffe*[4] ainda não foram traduzidos para a língua portuguesa, recentemente, em 2013, o verbete de *História* foi traduzido para o português. O projeto do grande léxico trata-se de um dicionário que analisa os conceitos fundamentais inerentes à linguagem política e social pensado, inicialmente, por Koselleck e editado por 1.500 autores entre os anos de 1972 a 1992 (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.22). O projeto de pesquisa que compôs esse dicionário erudito pode contribuir com discussões voltadas à historiografia, nele temos um projeto que estende, aproximadamente 130 conceitos, descritos em mais de sete mil páginas; cujos conceitos são descritos em cinquenta páginas e, há alguns que alcançam mais de cem páginas. Esse empreendimento intelectual revela-nos citações de fontes originais sobre os estudos dos conceitos acerca dos usos no passado, caracterizando como a linguagem registrou os processos de mudanças existentes em conceitos que foram construídos na segunda metade do século XVIII até o século XIX e possibilita-nos um entendimento de como a linguagem política e social foi e é usada (RICHTER, apud JASMIN & JÚNIOR, 1994, p. 42). A proposta do GG tem o intuito de levantar questões acerca dos conceitos analisados a partir do que o próprio conceito pode indicar-nos sobre os elementos históricos, sociais e políticos em uma relação com a temporalidade histórica na qual ele foi empregado, empreendido e apreendido, ou seja, o conceito carrega consigo elementos fundamentais capazes de mostrar o momento histórico no qual ele foi criado.

O método da História Comparada possibilita-nos escolher um campo de observação a partir de um duplo objeto ou múltiplos objetos ao mesmo tempo. Nesse caso, escolhemos o duplo objeto a partir do que é a concepção de linguagem para os dois autores, Jacques Lacan e Koselleck, porque ambos trazem a discussão da linguagem para os seus ensinos. Lacan considera o que seja linguagem dentro de um viés contemporâneo e faz Freud ganhar um novo estatuto paradigmático na contemporaneidade através de uma leitura inovadora do pensamento de Saussure. Ambos discutem a linguagem, Koselleck possui bases na Filosofia hermenêutica de Gadamer e mostra-nos como o conceito é compreendido historicamente e socialmente. Vimos,

[4] A sigla que define esse projeto que resultou no dicionário criado na Alemanha é o GG, e vai ser citada algumas vezes neste estudo.

portanto, que o trabalho do historiador, ao propor uma questão inicial, que era analisar o conceito de repetição, citada anteriormente, leva-nos para outro caminho na pesquisa e, de acordo com José D'Assunção Barros, no livro *História Comparada* [2014], o objeto histórico constituído pelo historiador no processo de sua pesquisa e reflexão historiográfica, chama para "certa conexão de campos históricos, inscreve-se nesta ou naquela conexão singular, que pode ser só sua" (BARROS, 2014, p.p 67- 68).

Concluímos, portanto, que a História dos Conceitos é iluminada a partir de um olhar atento à leitura lacaniana sobre a operação significante que faz-nos enxergar as semelhanças e as diferenças existentes entre os dois autores estudados, pois aqui temos a iluminação do olhar psicanalítico sobre o objeto estudado, confrontamos os temas abordados, nesse caso, com a iluminação recíproca, pois ambos os autores foram elucidados de modo que possamos compreender, segundo Barros:

> Realidades ainda não conhecidos de modo a que traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mutua presença de algum elemento em comum (BARROS, 2014, p.p 17-18).

Portanto, entre os dois campos investigados, chegamos a conclusão que podemos elaborar uma leitura lacaniana para uma análise comparativa em uma relação com o trabalho do historiador dos conceitos, pois é possível trazer a Psicanálise para o centro da discussão historiográfica, pois a historiografia pode ser beneficiada ao empregarmos categorias lacanianas em nossas investigações. Marc Bloch em *Os Reis Taumaturgos* [1924/1999], diz-nos que podemos construir uma história comparativa com a qual as semelhanças e as diferenças são possíveis para que estabeleçamos uma História Comparada. Da mesma maneira, Charles Tilly (1929-2008) mostra uma tipologia para a metodologia da História Comparada ao propor uma tipologia comparativa que é caracterizada por ele como: individualizadora, diferenciadora, e universalizadora, a primeira nos auxilia, identificando os elementos comuns, ou seja, as semelhanças presentes nos objetos investigados, depois, a diferenciadora, encontra os elementos que faz cada objeto ser destacado, nesse caso, a operação significante e o projeto do grande léxico ficam

expostos, sendo questionados com um paradoxo provocado pelo ensino lacaniano e, por fim, a tipologia universalizadora, que estabelece traços em comum. Nesse caso, podemos afirmar que não há traços em comum entre os autores, embora, verificamos que ambos, lidam com a linguagem, e compreendem o que é a letra fonematicamente, embora de maneira distinta, mas há uma preocupação, em ambos, em ver os rumos que a linguagem toma ao estabelecer conexões entre a palavra e o conceito. (TILLY apud BARROS, 2014, p.p 78-80). Colocamos na pauta dos estudos históricos as discussões em torno da linguagem, de como o historiador deve posicionar-se teoricamente e, portanto, conceitualmente, sobre o objeto de pesquisa investigado, afinal de contas o trabalho do historiador envolve a reflexão e a escrita.

Barros fala sobre o duplo recorte que os estudos comparativos podem contribuir com as análises históricas, nosso objeto de estudo possui dois planos diferentes que assentam-se nas bases teóricas de Lacan e de Koselleck, cujos pensadores compõem o campo contemporâneo de reflexões em torno da linguagem, porém em espacialidades distintas, dando-nos o caráter de uma investigação interdisciplinar e elaboram conexões intradisciplinares quando sustentam-se e refutam a Filosofia hedeiggeriana por exemplo (BARROS, 2014, p. 56). Barros afirma que a História Comparada pode ser articulada com diversos campos metodológicos por permitir se imbricar em conexões interdisciplinares, contribuindo com questões sobre duas ou mais realidades sociais ou nacionais de uma maneira analítica, elaborando interconexões entre diversas áreas, possibilitando-nos criar ferramentas para o trabalho do historiador, pois a Psicanálise pode ser mais um instrumental de pesquisa que contribue com reflexões para o campo historiográfico (BARROS, 2014, p. 115). Elaboramos uma abordagem multidimensional, pluralista, ao analisar os dois autores, pois entre eles não há influências, não há percepções recíprocas nem simétricas e nem assimétricas porque não se constituem um com o outro (BARROS, 2014, p. 122).

Nossa discussão está centralizada no campo da historiografia que direciona-nos para uma questão metodológica e prática presentes no discurso dos sujeitos que escrevem a história; compreendemos que esta escrita pode ser desenvolvida com a contribuição de vários campos de conhecimentos, dentre eles temos, Michel de Certeau, que ao declarar a frase seguinte, alerta-

nos para um olhar interdisciplinar: “desvios metodológicos (semióticos, psicanalíticos, etc) que introduziram outras possibilidades teóricas e práticas no funcionamento ocidental da escrita” (CERTEAU, [1975], 2011, p. XII). Isso significa que nossa pesquisa estabelece uma relação entre dois campos de conhecimentos que lidam com discussões que valorizam os estudos sobre a linguagem e coloca a Psicanálise lacaniana como campo de reflexão aos trabalhos dos historiadores.

A Psicanálise tem como regra fundamental a associação livre das ideias com a qual o sujeito deve falar tudo que lhe vem à mente sem que haja censura. Com Koselleck há uma semelhança com Freud quando ele afirma:

> Solo puede descubrirse *post eventum*, mediante testimonios linguísticos, qué estaba entretejido *in eventu*. En función del tipo de transmisión linguística con la que se trabaje, tradición oral o escrita, algunos gêneros, diversos entre si, se aproximarán mientras que otros se distanciarán (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 17).

Isso que só pode ser descoberto pós evento, nós temos na Psicanálise um aspecto semelhante, que é o elemento recalcado que vem à tona quando o inconsciente deixa à mostra por meio de atos falhos, sonhos e lapsos. O ato de fala ou escrita que surge na enunciação do discurso inconsciente ou do discurso historiográfico presente na História e na Psicanálise, torna a História escrita com novas significações, ambos os campos permitem que isso aconteça, e segundo Koselleck, “esto es precisamente lo que hacen las historias que utilizan discursos, verdaderos o fingidos, para valorar adecuadamente los acontecimientos dignos de ser recordados, o que hacen uso de las palabras plasmadas en un texto escrito, que demuestran el entrelazamiento de discurso y acción” (KOSELLECK, [2006] 2012, p.17). Como exemplos temos “el mito y los cuentos de hadas, el drama, la epopeya y la novela se caracterizan por presuponer y tematizar la relación originaria entre el discurso y la acción, entre el padecimiento, el hablar y el calar” (KOSELLECK, [2006] 2012, p.17).

Entretanto, a Psicanálise pensa diferente essa articulação entre a língua falada e o que escreve-se sobre ela quando o agente que escreve é o próprio sujeito. Javier na entrevista presente no livro *História dos Conceitos: Debates e Perspectivas* [2006] pergunta a Koselleck sobre a necessidade de termos que

articular o pensamento histórico a outros campos de conhecimento; aqui sugerimos a Psicanálise, ao que ele responde:

> Teoricamente, podem ser dadas duas respostas extremas neste ponto, e qualquer uma delas reduz a linguagem a uma reação ante os acontecimentos. Assim, para uns, a linguagem seria meramente um espelho, e um espelho deformador, à maneira marxista: o ser é o guia da consciência, e mais forte do que ela. Portanto, a consciência não seria verdadeiramente consciente. Esta é uma posição que expressa a prioridade radical do "real". Para outros, pelo contrário, tudo está linguisticamente mediado e, portanto, a prioridade reside na interpretação linguística dos fatos. O que são ou não são tais fatos depende da interpretação linguística dos fatos. Qualquer um pode escolher entre estas duas posições extremas. Ambas podem ser aplicadas metodologicamente. Pode-se defender, como bom marxista, a dependência absoluta das ideologias e mentalidades às condições reais da produção, por que não? Ou, ao contrário, podemos seguir Gadamer quando diz que tudo está linguisticamente determinado. No entanto, ao meu modo de ver, essas duas posições não bastam para desenvolver uma investigação adequada, não havendo convergência possível entre estes extremos. Sempre teremos que optar entre uma ou outra direção, e tal decisão depende da propria pergunta que incialmente havíamos feito (KOSELLECK, 2006, p. 146)

Concluímos, portanto, que nossa discussão está centrada entre dois campos distintos, entre a Psicanálise lacaniana e a História dos Conceitos empreendida por Koselleck. A abordagem sobre a linguagem no campo das ciências humanas faz-nos elaborar muitas questões complexas sobre a metodologia historiográfica, no contexto apontado aqui, traçados interdisciplinares e sua prática.

Estudar conceitos tomados historicamente como parâmetros dinâmicos de reprodução da vida social e como portadores de densos conteúdos relacionados a formas de representação e transformação do mundo, pode implicar, em alguma medida, comparar conceitos ou colocar-nos dentro do universo do campo da cadeia dos significantes.

Por se tratar de uma questão comparativa sobre como Lacan e Koselleck compreendem a linguagem, e ilustrando com o que são definidos como conceito e como palavra, Koselleck sendo o maior representante da História dos Conceitos, concordamos com ele quando nos fala que esta pode ser compreendida e, como a reconstrução de determinados conceitos sofrem ao longo do tempo e coloca-se como problemática indagar a partir de quando

determinados conceitos são resultados de um processo de teorização (KOSELLECK, 1992, p. 136).

Para finalizar, em relação à base documental, a História dos Conceitos garante a utilização dos textos teóricos, como os de Lacan e os de Koselleck como fonte histórica de pesquisa. Koselleck indica-nos que há um grupo de fontes que:

> Diz respeito àqueles textos que permanecem inalterados no decorrer de suas sucessivas edições: é o caso, por exemplo, da obra de Kant, do texto bíblico, da obra poética, enfim aplica-se aos chamados textos clássicos dos diferentes campos de saber (KOSELLECK, 1992, p. 141).

Concluímos que a articulação da História com a Psicanálise e vice-versa - ambas lidam com a produção sobre o passado - é de grande contribuição para os estudos da História Comparada porque a Psicanálise vem desde o século XIX demonstrando ser um instrumento essencial para a investigação do passado humano e, portanto, do histórico.

1- Esboços sobre a vida e as influências no pensamento de Koselleck para uma compreensão sobre o surgimento da História dos Conceitos

Koselleck mostra-nos, a partir de sua obra, que o historiador e a história não se separam. As experiências as quais o historiador alemão vivenciou, foram importantes para o desenvolvimento de suas reflexões que culminaram com a proposta do projeto de uma História dos Conceitos na contemporaneidade. Reinhart Koselleck é um dos nomes expoentes que se destaca quando pensamos sobre a História dos Conceitos. Sua obra completa, escrita em alemão, não possui tradução para o português, por isso, encontramos dificuldades em ter acesso a sua obra, porque nas universidades brasileiras, são poucos os pesquisadores que possuem familiaridade com a língua alemã[5].

Ao longo de seu estudo, Koselleck, se dedicou às pesquisas que enfocam a trajetória dos conceitos que são formadores da linguagen político-social moderna e contemporânea (ASSIS & MATA, [1975], 2013, p.10).

São raros os livros publicados que particularizam a sua biografia, o livro de Niklas Olsen intitulado, *History in the plural: an introduction to the work of Reinhart Koselleck*[6] [2012], mostra-nos uma mistura sobre os aspectos doutrinários de seu legado intelectual com a sua história de vida. Ambos, não podem ser vistos separadamente, porque vida e obra caminham juntos e fazem-nos identificar que o historiador é rebento de seu próprio tempo.

Koselleck nasceu em 1923, na cidade de Görlitz, em uma família tradicional alemã, e aos dezoito anos, em maio de 1941, foi recrutado para compor a frente de batalha de artilharia do exército nacional-socialista alemão. Entretanto, depois que um carro blindado passou por cima de seu pé, ferindo-o, ele foi transferido para o centro de operações de suporte da Alemanha e da França que ficava em Stalingrado. Essa ferida no pé, o retirou da artilharia lhe possibilitando fugir dos embates dos horrores da guerra. O prefácio do livro, *O*

[5] Dentre os livros publicados no Brasil, temos *Futuro Passado: Contribuição semântica dos tempos históricos* ([1979], 2006), sua tese de doutorado *Crítica e crise* ([1959], 1999), o verbete do projeto da História do Conceito, *O Conceito de História* ([1975], 2013) e o mais recente, *Estratos do tempo: estudos sobre a história* ([2000], 2014).

[6] Traduçao pessoal: *História no plural: uma introdução ao trabalho de Reinhart Koselleck* [2012].

Conceito de História [1975/2013], que traz a questão sobre o verbete história; revela-nos que em maio de 1945, Koselleck foi capturado pelo exército soviético, após o trabalho de desmontagem de instalações da planta da *IG-Farben*[7] que ficava nos arredores do campo de concentração de *Auschwitz*. Estando em mãos do exército soviético, "foi enviado para um *Gulag*[8] no Cazaquistão, de onde escaparia, depois de 15 meses, com a ajuda de um médico que fora amigo de um dos seus tios-avôs"; cuja ajuda, baseava-se no diagnóstico de que ele estava incapacitado para o trabalho, por causa de seu ferimento no pé (ASSIS & MATA, [1975], 2013, p.21).

A vida do historiador alemão, Reinhart Koselleck, foi marcada pelas experiências obtidas em sua participação na Segunda Guerra Mundial e da derrota da Alemanha na mesma. A sua família sofreu as consequências provocadas pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial com a morte, em combate, de seu irmão mais velho, que também fora recrutado para servir ao exército alemão e, o seu irmão mais novo que faleceu em decorrência de um bombardeio. Além dos seus irmãos serem mortos, diretamente relacionados à Guerra, sua tia, que era esquizofrênica "foi vítima do programa nacional-socialista de eutanásia" (ASSIS & MATA, [1975], 2013, p. 21).

Corrobora essa visão apresentada por Niklas Olsen [2012], Javier Sebastián, no artigo *Acontecer, experiencia y teoría de la historia: Recordando a Reinhart Koselleck* [2009], mostrando-nos que a primeira juventude de Koselleck foi marcada pelos "horrores de una época de insólita crueldad, sufrimiento e intensidad emocional, como lo fue el régimen hitleriano y la Segunda Guerra Mundial" (SEBASTIÁN, 2009, localização[9]:1324). Vimos anteriormente, que ao se tornar prisioneiro em um *Gulag*, em Karaganda (República do Cazaquistão), foi liberado, em outubro de 1945, para o campo de

[7] A *IG-Farben* trata-se de uma abreviatura da palavra alemã (Interessen-Gemeinschaft Farbenindustrie AG) e que é traduzida do alemão por (Associação de Interesses das Indústrias de Tintas SA), foi uma associação de indústrias químicas do ramo da tinturaria, óleo, borracha, pesticidas, formado em 1925, e teve o monopólio da produção química na Alemanha nazista, tornando-se a quarta maior empresa do mundo, ficando atrás apenas das seguintes organizações: *General Motors, U.S. Steel* e *Standard Oil Company*.

[8] Os *Gulags* eram campos de trabalhos forçados que arregimentavam criminosos, políticos e cidadãos em geral, que fossem opositores ao regime político da antiga União Soviética.

[9] Localização é uma expressão que tem sido usada por pesquisadores que elaboram leituras de livros *e-books* do aplicativo *kindle*, alguns livros *e-books* não possuem numeração como os livros comuns, portanto, localização tem substituído a sigla (p. ou p.p) que significa página.

concentração de Auschwitz, vendo todo o cenário de “pesadilla, símbolo y cifra del Tercer Reich, le tocó desmontar algunas instalaciones en aquellos barracones donde cientos de miles de seres humanos se habían hacinado poco antes a la espera de ser exterminados” (SEBASTIÁN, 2009, localização: 1324).

Niklas Olsen [2012], no livro supramencionado, também relata sobre essa visão acerca da juventude de Koselleck que é, igualmente apontada por Javier Sebastián, revelando-nos que, depois dessa experiência no Cazaquistão, ele conseguiu fugir caminhando para o campo de *Auschwitz*, e mostra-nos que essas experiências na Guerra, durante o seu recrutamento na artilharia, comprometem o seu estado psicológico com fortes emoções que se resvalam em medos e inseguranças provocadas na mocidade do futuro pesquisador, e esses abalos afetivos e morais, foram importantes para o que ele desenvolveria mais tarde, em 1947, ao escolher, profissionalmente, a História, para obtenção de uma formação acadêmica e, posteriormente, tornar-se uma das maiores referências entre os historiadores da História dos Conceitos. Jasmim em sua apresentação à obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* ([1979], 2006) compreende que a História dos Conceitos desenvolvida por Koselleck, vai além da pesquisa etimológica ou filológica do conceito, para ele: “ela é uma pesquisa da consciência humana no seu enfrentamento com as condições de possibilidades da existência, daquilo que se é, e daquilo que se pode vir a ser” (JASMIM, 2006, p.12).

Olsen [2012] também afirma, que a formação acadêmica de Koselleck e as experiências vividas durante a II Guerra Mundial, resultam em uma identidade particular de seu trabalho que o insere no universo de intelectuais alemães, que pertencem a geração descrente do pós-guerra e é sinonimizado de *forty-fivers*[10] por Dirk Moses [1999], pois, ele concebe a ideia de esta ser uma geração cética por causa da concepção duvidosa, desses intelectuais, para qualquer ideia de progresso, possibilitando uma espécie de mediação

[10] Dirk Moses em seus estudos, *The Forty-Fivers: A Generation Between Fascism and Democracy* [1999] e em *German Intellectuals and the Nazi Past* [2007] aponta que a concepção de *forty-fivers* compõe a geração de intelectuais alemães nascidos entre 1922 e 1933 que presenciaram o regime nazista fortemente em suas vidas. Esses pensadores passaram a juventude sob as trevas do caos do holocausto e têm a preocupação de compreender como as tradições intelectuais na Alemanha possibilitaram a inserção do nacional-socialismo alemão causando uma grande catástrofe na Alemanha e no Ocidente.

entre a geração dos mandarins decadentes do pós-guerra e os revolucionários de 1968.

A questão biográfica para Olsen [2012], ao abordar a figura de Koselleck, sugere que há uma ausência de estudos que dêem conta da questão sobre a luta pela identidade que a profissão história possui, na Alemanha, nas últimas décadas do século XX, por se tratar de ser uma disciplina tida como instrumento de grande importância para a construção da identidade nacional alemã, a partir da atribuição de responsabilidades a respeito do holocausto, porque através das experiências na guerra, Koselleck pode observar, e leva essas experiências dos traumas sofridos por ele, para o campo da reflexão dos estudos históricos, dos estudos sociais, dos estudos filosóficos e do direito, que o motivaram para entender as razões as quais levam o homem a praticar barbáries como o holocausto, e surge, nessa atmosfera pós-horror, como um intelectual com uma posição crítica e desconfiada a longo prazo, em torno dos rumos, que um planejamento social na Alemanha pode estabelecer para a constituição de um novo momento histórico, pronto para implementar novas políticas sociais, científicas e culturais para a sociedade alemã e para o mundo ocidental.

Para Olsen [2012], Koselleck revela seus sentimentos sobre o período de reclusão e de participação na Segunda Guerra Mundial, em várias entrevistas que ele dá, depois de ter se tornado um pesquisador de grande reconhecimento no campo dos estudos da teoria da história, mostra-se um intelectual que valorizou novas abordagens para os estudos historiográficos, pois sua preocupação girava em torno de questões pelas quais a sociedade alemã não pudesse mais cometer os mesmos erros perpretados durante a II Guerra Mundial, como o holocausto, e com as propostas de terror propagadas pelo nacional-socialismo, vemos em Olsen, sobre os anseios e os receios de Koselleck:

> In many later interviews and writings, Koselleck described his experiences as well as his reactions and emotions during and especially after the war. Among the central elements in these accounts is the immense fear that he and his fellow German soldiers felt during and after their capture by the Soviets in May 1945; the state of existential insecurity during the demanding walk to Auschwitz; the shocking confrontation with the – at first unbelievable – information about the German mass killings that had taken place there the renewed fear when transported to the Soviet Union; and the

> conditions of hunger and suffering in the camp in Karaganda. Koselleck's accounts of these experiences are narrated as a long series of extreme experiences, which made a deep and permanent impression on his mind. "There are experiences"- he once said of his war experiences – "that flow into the body like redhot lava and petrify there. Irremovable, they can be retrieved at any time whithout changing[11] (OLSEN, 2012, localização: 307).

Essas experiências na artilharia do exército alemão, durante a II Guerra Mundial, revelam os motivos pelos quais levaram o jovem Koselleck a estudar a história e apontam os seus interesses nos estudos sobre temas que envolvem crises, conflitos, nação, pátria, heroísmo, morte, Olsen enfatiza essa discussão:

> In line whith this, Koselleck often emphasized how his decision to study history, as well as his scientific interests and beliefs, were deeply influenced by what he experienced in World Warr II and in Russian captivity between 1941 and 1946. That is to say, he presented his work as personally motivated attempts to grasp the historical background of the modern world, in particular World War II, including how it was experienced, and how it could be understood and coped with. With reference to these experiences, he also explained his fixation on topics such as "crisis", "conflict" and "death", as well as his aversion to pathos-ridden notions such as "nation", "fatherland", and "heroism", as well as his skepticism regarding all talk of progress in modern society, its politics, and its science[12] (OLSEN, 2012, localização: 323).

Além de suas experiências na guerra e da prisão no Gulag que são fundamentais para uma compreensão sobre a sua formação acadêmica

[11] Tradução pessoal: Em muitas entrevistas e escritos, Koselleck descreveu suas experiências, bem como suas reações e emoções, durante e sobretudo depois da Guerra. Entre os elementos centrais dessas citações está o imenso medo que ele e seus colegas soldados alemães sentiram durante e após as capturas pelos soviéticos em maio de 1945; o estado de insegurança existencial durante a caminhada forçada para Auschwitz; o confronto chocante com as inacreditáveis primeiras informações sobre os assassinatos alemãs em massa que ocorreram; o medo renovado quando transportados para a União Soviética; e as condições de fome e sofrimento no campo de Karaganda. Os relatos de Koselleck dessas experiências são narradas como uma longa série de experiências extremas, que causou uma profunda e permanente impressão na mente dele. "Existem experiências" – ele disse uma vez sobre sua experiência de Guerra - que fluem no corpo como lava incandescente e lá se petrifica. Irremovíveis, eles podem ser recuperados a qualquer momento sem mudança.

[12] Tradução pessoal: Nesse sentido, Koselleck frequentemente enfatiza como sua decisão de estudar História, bem como seus interesses científicos e crenças, foram profundamente influenciados pelo que ele experimentou na Segunda Guerra Mundial e no cativeiro russo entre os anos de 1941 e 1946. Isto quer dizer, ele apresentou o seu trabalho como motivações pessoais nas tentativas de compreender o contexto histórico do mundo moderno, em particular a Segunda Guerra Mundial, incluindo como ele vivenciou, e como ele poderia lidar e ser compreendido por isso. Com referência a esses experiências, ele também explicou sua fixação por temas como "crise", "conflito" e "morte", bem como sua aversão a noções [montadas na tristeza] tais como "nação", "pátria" e "heroísmo", bem como seu ceticismo em relação a todo assunto de progresso na sociedade moderna, sua política e sua ciência.

erudita, temos também a participação frequente de cursos pertencentes às diversas áreas do conhecimento, tais como: História Social, História Política e do pensamento, Hermenêutica Filosófica, Semântica Histórica, Direito Público, Ciência Política, Filosofia, Sociologia, que Koselleck vai buscar nas Universidades de Heidelberg e de Bristol durante os anos de 1947 a 1953. Quando ele inicia seus estudos acadêmicos, aos vinte e quatro anos de idade, passa a frequentar cursos de intelectuais como o tio de Max Weber [1864-1920], o sociólogo, Alfred Weber [1868-1958], o jurista Ernst Forsthoff [1902-1974], o médico Viktor Von Weizsäcker [1886-1957], os filósofos Hans-Georg Gadamer [1900-2002], Karl Jaspers [1883-1969] e Karl Löwith [1897-1973] e dos historiadores Johannes Kühn [1887-1973] e Hans Rothfels [1891-1976]. Para Niklas Olsen, há cinco estudiosos que se destacam na formação do pensamento de Koselleck, temos: "five scholars – whom Koselleck referred to and/or honored in various texts and interviews – were the historian Johannes Kühn, the jurist Carl Schmitt, and the philosophers Karl Löwith, Hans-Georg Gadamer, and Martin Heidegger"[13] (OLSEN, 2012, localização: 457). Portanto, tratam-se de vários teóricos pertencentes a campos de conhecimento diversos que influenciam na formação do pensamento de Koselleck, possibilitando a construção de interesses, em perspectivas históricas do mundo moderno de uma maneira erudita e complexa. Embora ele tenha tido essa formação complexa, segundo Assis & Mata [1975/2013], a principal referência sobre o pensamento do jovem Koselleck, é o jurista Carl Schmitt [1888-1895], que orientou sua tese de doutorado intitulada *Crítica e Crise* [1959/1999] (ASSIS & MATA, [1975], 2013, p. 21). Dessa maneira, vemos a influência de pensadores que fundamentam as raízes que sustentam o pensamento de Koselleck, ou seja, a tradição intelectual que sustenta as bases da Historia dos Conceitos por ele desenvolvida. Essa formação multidisciplinar ajuda-nos a compreender que a obra de Koselleck é de difícil classificação porque, além de ser erudita, é uma obra "cuya catalogación supone un desafío para quien se empeñe en encajarla en un único gremio, especialidad o área de conocimiento" (SEBASTIÁN, 2009, localização:1343).

[13] Tradução pessoal: Esses cinco estudiosos – aos quais Koselleck se referiu ou homenageia em vários textos e entrevistas são o historiador Johannes Kühn, o jurista Carl Schmitt e os filósofos Karl Löwith, Hans-Georg Gadamer e Martin Heidegger.

Em 1947, depois de ter passado pela prisão no cativeiro russo, Koselleck, através de contatos da família, vai para a Universidade de Heidelberg, cuja Universidade é polo importante que abrigava personalidades da intelectualidade alemã, inclusive, a maioria dos intelectuais citados anteriormente, que discutiam os rumos do conhecimento histórico em meio à reconstrução da Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial, e aos julgamentos da ocupação aliada no país. Como professor, participou do *Arbeitskreis für Moderne Sozialgeschichte*[14], que foi um movimento importante que contribuiu para novas reflexões em torno do nacional-socialismo e desse ambiente, nasceu o projeto do GG, o surgimento do grande dicionário, tornou-se um professor engajado com os ideais políticos e educacionais que pensava uma escrita historiográfica através da linguagem político-social do mundo moderno e contemporâneo e que o transforma em um nome de grande projeção dentro do meio acadêmico.

Niklas Olsen, mostra-nos que Koselleck ingressou na Universidade de Heidelberg sendo assessor de Johannes Kühn [1887-1973], que era, contudo, o seu tio, e lá desenvolveu suas pesquisas que o lançariam, em 1966, ao cargo de professor do Departamento de Ciência e Política da Universidade de Bochum e depois, em 1968, torna-se professor do Departamento de História na Universidade de Heidelberg, e aqui forma um grupo de estudos que discute os rumos sobre a profissão de historiador e teve a contribuição de dois historiadores que, mais tarde, assumiram com Koselleck, os estudos sobre vários verbetes presentes no projeto do GG, Werner Conze e Otto Brunner, e inclusive, trabalharam conjuntamente o verbete de História, publicado recentemente no Brasil [2013]. Esses dois pensadores são figuras importantes para a constituição do projeto do GG, e juntos com Koselleck, formam o projeto do legado do grande léxicon, que passa a analisar as mudanças do mundo moderno a partir dos conceitos político-sociais.

[14] Segundo Jürgen Kocka no livro, *Werner Conze e da história social da república Federal da Alemanha* [1986], esse movimento *Arbeitskreis für Moderne Sozialgeschichte*, é traduzido por Grupo de Trabalho para a História Social e Moderna, que se constituiu como um centro de pesquisa historiográfica e que hoje em dia é uma associação que aborda questões da História social moderna e contemporânea na Alemanha e na Europa. Esse grupo foi criado na Universidade de Heildeberg em 1957 por Werner Conze e foi importante para Koselleck pensar, posteriormente, o projeto do GG.

Em 1973, é transferido para a Universidade de Bielefeld ficando até a sua aposentadoria, que ocorreu em 1988, e ocupa a única cadeira da disciplina de teoria da história existente nessa Universidade, desenvolvendo trabalhos sobre diversos temas enfocando questões em torno da relação entre a linguagem e a história social, além de temas como mundo moderno, tempo histórico, consciência histórica humana.

Temos inúmeros ensaios que ele escreveu abordando temas variados e que, segundo Olsen, são ensaios republicados em coleções e são caracterizados pelo uso "of a wide range of source material, including paintings, recorded dreams, and war memorials, as well as theories and methods from severals disciplines, including linguistics, sociology, and philosophy"[15], (OLSEN, 2012, localização: 75) enfatizando a complexidade e erudição de seu pensamento.

A Universidade de Bielefeld se converteu em um ambiente propício para o diálogo e investigacão interdisciplinar entre as ciências humanas e sociais, e recebeu Koselleck, oportunamente, por causa de sua personalidade interdisciplinar que possuia a formação de filósofo, jurista, sociólogo e historiador.

Para Olsen, é a partir disso, que o historiador alemão "continually reflected on the role of history in modern society and diagnosed the political conditions of his time, whithout committing himself to a fixed mode of historical writing or to a clearly defined ideological camp"[16] (OLSEN, 2012, localização: 87). Em Bielefeld, Koselleck tornou-se um historiador reconhecido e se estabelece como um estudioso influente e famoso; criou o centro de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Bielefeld, e sua formação revela a ampla capacidade técnica investigativa alcançada por ele, ao longo de sua vida de pesquisador, por causa de sua formação acadêmica e das experiências pessoais pelas quais vivenciou durante a II Guerra Mundial. Ainda com Niklas Olsen, na supracitada obra, revela-nos que a vida e a obra de

[15] Tradução pessoal: De uma grande variedade de fontes de material, incluindo pinturas, sonhos gravados e memoriais de guerra, bem como teorias e métodos de várias disciplinas, incluindo filosofia, sociologia, e linguística.

[16] Tradução pessoal: Continuamente refletiu sobre o papel da história na sociedade moderna e diagnosticou as condições políticas de seu tempo, sem comprometer-se com o modo fixo da escrita histórica ou um campo ideológico claramente definido.

Koselleck caminham juntas e assim, podemos compreender melhor como foi desenvolvido o pensamento de Koselleck:

> Koselleck as an agent of his own formation, by means of the interpretations through which he attempted to grasp what was happening to himself. While Koselleck's academic identity was being shaped, he was also shaping himself. While Koselleck's academic identity was being shaped, he was also shaping himself[17] (OLSEN, 2012, localização: 234).

Koselleck cria o projeto de uma História dos Conceitos e, cujo modelo comparativo, traz a marca da valorização dos estudos sobre a linguagem a partir dos conceitos e com ele, cria o léxico, e coloca a História dos Conceitos como uma incipiente prática disciplinar de grande valia para os estudos teóricos históricos na contemporaneidade. Com a História dos Conceitos vemos que a história jamais se esgota na linguagem.A teoria da História dos Conceitos de Koselleck é objeto de amplas discussões dentro dos estudos sobre a teoria da história, pois, atualmente, os conceitos estão na pauta do dia, quando abordamos reflexões sobre a função e os efeitos políticos que a linguagem provoca, em debates sobre a importância da linguagem para os estudos históricos.

Sua obra é reflexiva e filosófica, apesar de trazer questões em torno do social, do político, que, segundo Jasmin [2006], no prefácio do livro, *História dos Conceitos: debates e perspectivas* [2006], Koselleck dedica-se "ao estudo da linguagem, assinala e conforma as transformações que formaram a modernidade europeia na passagem do século XVIII para o século XIX" (JASMIN, 2006, p. 9).

Koselleck, ao criar seu método comparativo da História dos Conceitos, leva em consideração os aspectos históricos, a semântica dos conceitos, e traz à luz a re-significaçao de termos tradicionais adaptados ao novo tempo, como, por exemplo, república, revolução, crise, nação, sociedade e história, e os compreende a partir da invenção de neologismos, tais como: socialismo ou comunismo, que foram criados para nomear as novidades das experiências política e social contemporâneas. A sua proposta de pesquisa se destaca, por

[17] Tradução pessoal: Koselleck como um agente de sua própria formação, por meio de interpretações através do qual ele tentou entender o que estava acontecendo para si mesmo. Enquanto a identidade acadêmica de Koselleck foi sendo moldada, ele também foi se moldando.

trazer inovações metodológicas para o campo dos estudos históricos e aborda questões que provocam uma renovação intelectual, hoje em dia, em relação aos estudos sobre a teoria da história e da historiografia, apontando novos horizontes para o desenvolvimento de uma história intelectual. Segundo Francisco Caspistegui, no artigo *El primer Koselleck* [2009], presente na coletânea da *Revista Anthropos* [2009] que traz uma homenagem à Koselleck, com vários artigos sobre sua vida e obra; vê Koselleck como "una de las figuras más relevantes de la historiografia contemporánea, con una sensible influencia en otras ciencias humanas y sociales" (CASPISTEGUI, 2009, localização: 1594).

A posição que Koselleck ocupa no meio historiográfico é de grande destaque porque sua figura se projeta adquirindo consistência dentro do horizonte da virada linguística[18]. Apresenta-se como um articulador da História dos Conceitos, na contemporaneidade, pois favorece-nos uma nova compreensão sobre a historicidade dos conceitos e dos discursos contribuindo para uma interpretação fundamental em torno das transformações sociais e políticas da modernidade. Patxi Lanceros, citado no editorial da *Revista Anthropos* [2009], afirma que Koselleck se destaca por ser um grande historiador e mais, especialmente, um extraordinário "teórico de la historia y del lenguaje y de las estructuras sociales y políticas" (LANCEROS, 2009, localização: 223). Mais, ainda, "sus investigaciones se centraron en conocer al hombre y su passado a través de los conceptos" (LANCEROS, 2009, localização: 230). Koselleck se destaca por buscar a base do conhecimento histórico, na natureza humana, e essa base ele encontrou na linguagem.

[18] A expressão virada linguística ou *linguistic turn* surge com Richard Rorty nos EUA no início dos anos 80, ele aborda essa questão no livro The linguistic *turn: Essays in philosophical method* [1992], e mostra que esse movimento surge com o intuito de provocar as reações da história intelectual americana que buscava visibilidade acadêmica desde os anos de 1960. Os teóricos que se destacam dentro desse movimento são Hayden White [1928-], Jacques Derrida [1930-2004], Michel Foucault [1926-1984], Roland Barthes [1915-1980]. Esses pensadores buscavam na teoria sobre a linguagem de Saussure, suas influências, e com ela elaboram reflexões sobre o social a partir de reflexões em torno da linguagem, tendo como característica primordial, a relação entre a filosofia e a linguagem onde prevalece a ideia de que todo conhecimento humano se origina de uma explicação elaborada pela linguagem.

As experiências vivenciadas por Koselleck mostra-nos que a história é personagem coadjuvante dos determinismos de sua época porque, como sabemos, o século XX aponta perspectivas de uma nova produção sobre o fazer histórico, a partir das observações lançadas pelo olhar de um sobrevivente da II Guerra Mundial, que se torna um pesquisador preocupado com os rumos que a humanidade estava tomando. Ele inova os estudos históricos, segundo, Javier Sebastián, ele aponta, alternativamente, que foi ator e vítima da história, agente e paciente, sujeito e objeto da mesma, mostrando-nos, portanto, que a história acompanha o seu próprio tempo:

> Historiador, <<historizador>> del linguaje, historiógrafo, <<historiósofo>>, historiólogo, inevitablemente también ahora <<historiador historiado>>, todos los ángulos, todas las perspectivas del concepto de historia fueron experimentadas y exploradas a fondo por el professor Koselleck, cuya hermenêutica del mundo histórico, tanto de la história vivida como de la historia em tanto que saber con pretensiones de verdad, sigue representando para nosotros una fuente inagotable de sugerencias e incitaciones intelectuales (SEBASTIÁN, [2009], localização: 1362)

Lucian Hölcher, no artigo *Lección Cnmemorativa de Reinhart Koselleck (1923-2006)*, publicado na *Revista Anthropos* [2009], revela que foi aluno de Koselleck na Universidade de Heidelberg e o conheceu no ano de 1970 na cidade de Colonia; em 1976, tornou-se um secretário do grupo de Investigação Interdisciplinar criado por Koselleck. Ao proferir uma palestra no dia 06 de fevereiro de 2006, três dias depois da morte de Koselleck, ele dirigiu-se aos alunos e prestou a seguinte homenagem:

> Quiero dirigirme en especial a vosotros para contaros algo sobre este hombre, que a mi modo de ver fue uno de los más importantes historiadores del siglo XX – junto a March Bloch y Lucien Febvre, probablemente el más importante historiador europeo de todo el siglo XX (HÖLCHER, 2009, localização: 1161).

Para Hölcher, depois da morte de Koselleck, vê que a importância de Koselleck para as ciências históricas vai mais além do campo temático que ele desenvolveu e, com seu método investigativo adquirimos uma imagem e um conceito de historiografia inovador para um entendimento da história como conceito.

Javier Sebastián e Juan Fuentes em uma entrevista apresentada na *Revista de Libros*, em 2006, pouco antes da morte de Koselleck, mostram-nos a impressão que eles têm do historiador alemão:

> Apesar de sua idade avançada, Koselleck mantém um pensamento vivo e inquiridor, assim como um invejável senso de humor. A sagacidade e a fina ironia com que aborda os temas mais abstrusos não o impedem de, a qualquer momento, sacar historietas saborosas, de alguém que já viveu muito, e nos rever episódios, antes e depois da entrevista, durante as muitas horas que desfrutamos de uma conversa agradável (SEBASTIÁN & FUENTES, 2006, p.136).

Ao longo do tempo, Koselleck recebeu muitas homenagens e prêmios, além dessas homenagens, é importante levarmos em consideração que toda a sua atividade intelectual foi dedicada às memórias das pessoas que morreram durante a Segunda Guerra Mundial, e seu trabalho é visto como um campo paradigmático inovador e relevante dentro dos estudos das ciências humanas e sociais.

Além do mais, para concluir, Javier Sebastián no artigo supracitado, mostra que Koselleck era um homem que desfrutava dos momentos com as pessoas, tinha uma capacidade de recordação que o deixava abismado, pois mesmo já velho, ele considerava a memória de Koselleck, impressionante; Javier chama a atenção para o interesse que era despertado em Koselleck porque ele tinha interesse em conhecer “cada detalle de la arquitectura, la historia o el arte de los lugares que visitamos” quando ele esteve em companhia de sua filha, Katharina, visitando a Espanha (SEBASTIÁN, 2009, localização: 1548).

Depois da morte de Koselleck, em 2006, sua obra continua exercendo uma influência crescente entre os historiadores alemães e não-alemães. Ainda com Sebastián, ele se vê convencido de que a obra de Koselleck exerce essa influência no meio historiográfico e filosófico porque possibilita uma reflexão acerca da linguagem em uma relação com a política e o social, em uma obra que empreendeu quatro décadas de compreensão sobre os conceitos a partir de uma atenção à linguagem e a historicidade dos conceitos que atravessam o tempo, formando a escrita da história e, a história propriamente dita. Para Sebastián, na Espanha e nos países iberoamericanos, por exemplo, trata-se de um autor citado a cada dia que se passa e, não apenas no meio historiográfico,

mas também no meio filosófico hermenêutico, por tratar de questões que estão na fronteira transdisciplinar, entre os estudos sobre a linguagem e os estudos sobre a história social-política, e por sua obra estar “a mitad de camino entre la historia y la filosofia, parece augurarle asimismo una influencia profunda y perdurable entre los filósofos, en particular entre los más atentos a las corrientes de la hermenéutica” (SEBASTIÁN, 2009, localização: 1555-1561).

1.1 - **Considerações sobre a linguagem na obra de Reinhart Koselleck**

Entender o que é a linguagem[19] na obra de Koselleck é de fundamental importância para uma compreensão sobre a construção de sua teoria da História dos Conceitos, porque ele a valoriza, tornando-a elemento imprescindível para a estruturação de sua metodologia historiográfica. A História dos Conceitos manifesta-se, a partir da relação história-linguagem, e ela só é possível porque o discurso confere às experiências humanas um entendimento transmitido pela linguagem, quer seja, falada, escrita, pensada.

Para o historiador alemão, a história é idealizada quando passa a ser refletida pela ótica da produção discursiva que as sociedades elaboraram por meio de conceitos que foram construídos no decorrer da história e vice-versa. Koselleck, afirma, que os conceitos são elaborados e transmitidos pelos sujeitos através de um sentido histórico-social ou político que são atribuídos pelos sujeitos através das experiências vivenciadas por eles no decurso da história. Koselleck enxerga em sua teoria sobre o significado dos conceitos, na historiografia, que os aspectos extralinguísticos da experiência histórica existem, afirmando que mudanças estruturais de longo prazo não podem ser identificadas, descritas ou explicadas por teorias do discurso que excluam a referência a algo externo ao sistema de signos constitutivos da linguagem, pois, para ele, Saussure[20], exclui esses elementos extralinguísticos, restringindo-se apenas aos aspectos semânticos[21] existentes na linguagem.

---

[19] Na introdução do livro sobre o verbete do GG, o *Conceito de História* [1975/2013], Arthur Assis e Sérgio da Mata nos mostra que os estudos sobre linguagem se tornou um dos mais privilegiados campos da análise histórico-social para a geração dos pesquisadores e intelectuais que viveram a ascensão e a queda do nazismo. Esse movimento se estendeu aos críticos do regime nacional-socialista que figuram, dentre eles, os precursores da conhecida crítica da linguagem: Victor Klemperer [1927-], Dolf Sternberger [1907-1989], Eugen Seidl [s/d] e Ingeborg Seidel-Slotty [s/d], "e cujas obras, por razões óbvias, só puderam ser publicadas depois de 1945" (ASSIS & MATA, [1975], 2013, p. 34).

[20] Ferdinand de Saussure, linguísta suíço, elaborou cursos, entre os anos de 1906 a 1911, sobre a teoria da linguagem que resultou na publicação da obra, *Curso de Linguística Geral* [1916/2006]. Esse livro não foi escrito por ele; trata-se de textos recolhidos pelos alunos, Charles Bally [1865-1947] e Albert Sechehaye [1870-1946], com a colaboração de A. Ridlinger que compilaram os seus textos proferidos nos cursos realizados na Universidade de Genebra.

[21] A expressão semântica foi criada pelo linguísta Michel Bréal [1832-1915] com a obra, *Ensaio de Semântica* [1904/1992], esse ensaio investiga como os sentidos das palavras são determinados e as alterações que ocorrem com as palavras e que formam outros sentidos. Ele foi o primeiro estudioso a analisar, cientificamente, a polissemia existente nas palavras.

Para Saussure, os signos são os resultados da combinação entre conceito e imagem acústica, dando-nos a compreensão do que seja significado e significante, respectivamente. Koselleck, vai além do aspecto semântico presente nos conceitos; ele compreende os aspectos extralinguísticos que condicionam os sentidos sobre a história, proporcionando-nos uma compreensão acerca das experiências dos sujeitos que determinam os rumos de sua própria historicidade.

Não há como falar de conceito sem antes analisar a importância da linguagem para a teoria koselleckiana. O conceito está presente como parte constitutiva da linguagem, é comum conceituarmos tudo desde as primeiras sílabas pronunciadas pelo bebê, já identificando quem é a mãe e o pai, por exemplo. A linguagem contribui para uma elaboração dos conceitos quando desenvolvemos a teoria da Historia dos Conceitos, passando por questões semânticas em torno da nomeação de artigos, substantivos, predicados, locução adjetiva ou verbal; indo além desses aspectos semânticos; chegando às questões que revelam os elementos históricos dos conceitos presentes na semântica histórica que são constitutivos da modernidade e da contemporaneidade elaborada no projeto do léxico. É nessa corrente de percepção sobre a historicidade dos conceitos que Koselleck cria sua metodologia e desenvolve o projeto do GG.

O estudo da semântica dos conceitos faz-nos pensar que sem as formações sociais e seus conceitos, nenhuma história é possível sem atos da linguagem, ela só torna-se possível porque a linguagem contribui para uma investigação das ideias ou da semântica:

> Sin formaciones sociales y sus conceptos, mediante los cuales las primeras – reflexiva o autorreflexivamente – definen e intentan solucionar los desafios a los que se enfrentan, no hay ninguna historia, no puede experimentarse ni interpretarse, no puede describirse o narrarse. En este sentido, la sociedad y el lenguaje forman parte de los requisitos metahistóricos sin los cuales ninguna historia [*Geschichte*] y ninguna Historia [*Historie*] son concebibles." (KOSELLECK, [2006] 2012, p. 12). Ni la concepción linguística alcanza a representar lo sucedido o lo que realmente fue ni nada sucede sin que su elaboración linguística lo modifique (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 12)

Com relação a semântica, esta passa a ser definida pela História dos Conceitos, como aquilo que impõe as posições políticas e sociais em virtude

das definições que estão presentes em todas as épocas de crise, registradas em fontes escritas e que determinam os acontecimentos históricos em sua historicidade (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 102).

Na introdução do livro de Koselleck, *Los estratos del tiempo: estúdios sobre la historia* [2000]*,* escrita pelo historiador argentino, Elías Palti, aborda a questão sobre a linguagem, afirmando-nos que a "El lenguaje <<es la primera interpretación global del mundo [...] el mundo es siempre un mundo interpretado en el lenguaje>>", (PALTI, 2001, p.p 14-16), aqui, ele retrata que a linguagem é o "factor principal sin el cual ningún recuerdo ni ninguna transposición científica de este recuerdo son posibles". Nesse livro, supramencionado, e recentemente publicado no Brasil, temos vários artigos de Koselleck mostrando-nos suas reflexões em torno da historiografia contemporânea articulando a importância da História dos Conceitos para a atualidade, a partir dessa relação com a linguagem e a história, fazendo-nos questionar que a linguagem está presente na vida das pessoas, desde sempre, tornando-se indispensável, e a ela devemos, como estudiosos, pensar, analisar e confrontar os estudos das ciências humanas.

No artigo *Historia social e historia de los conceptos* [2006/2012], Koselleck mostra que tudo o que existe só é possível pela via da linguagem:

> Ninguna actividad social, ningún enfrentamiento político y ningún intercambio comercial son posibles sin un discurso y una respuesta, sin una planificación dialogada, sin un debate público o una conversación privada, sin una orden – y su obediencia -, sin el consenso de los implicados o el disenso articulado de los partidos en conflicto. Toda historia cotidiana depende en su desarrollo del lenguaje en acción, del discurso y del habla, del mismo modo que ninguna historia de amor es concebible sin al menos tres palabras: tú, yo, nosotros. Todo hecho social y la diversidad de sus relaciones se basan en premisas comunicativas y en la aportación de la comunicación lingüística. Las distintas instituciones y organizaciones, desde la asociación más pequeña hasta la ONU, dependen de ellas oralmente o de forma escrita (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 13)

O projeto do GG funda as bases metodológicas desenvolvidas pela História dos Conceitos, Marcelo Jasmin e João Peres Júnior, em *História dos Conceitos: debates e perspectivas* [2006], elucidam-nos que esse método está indissociavelmente relacionado à linguagem, indicando-nos que os conflitos políticos e sociais que ocorreram no passado devem ser interpretados pela via do universo conceitual que lhes são coetâneos "e em termos dos usos

linguísticos, mutuamente compartilhados e desempenhados pelos atores que participaram desses conflitos" (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 23).

Elías Palti, na introdução supramencionada, sustenta que o projeto historiográfico de Koselleck é baseado na experiência histórica em uma relação com a linguagem e as possibilidades interpretativas que essa mesma experiência pode contribuir com uma reflexão através da formulação de conceitos oriundos das experiências sociais dos sujeitos e as transformações históricas, políticas e sociais vivenciadas por eles.

Reinhart Koselleck analisa a linguagem a partir de uma visão sobre as "estruturas temporais numa investigação acerca da linguagem do passado" e como essa linguagem é compreendida no presente (MOTZKIN apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 81). Ele nos esclarece como determinados fatos históricos podem ser compreendidos levando em consideração a mudança histórica, a partir das transformações ocorridas nas concepções internas dos conceitos que foram elaborados por meio das metamorfoses sociais vivenciadas pelos sujeitos, mostrando-nos que a historiografia em uma relação com o estudo sobre a linguagem, assinala e conforma as transformações que formaram a modernidade europeia na passagem do século XVIII para o século XIX. Os seus estudos sobre a semântica dos conceitos contribuíram para a investigação científica sobre os significados dos termos decisivos que constituíram a gênese da modernidade burguesa e extrapola os limites interpretativos empreendidos pela Semântica Linguística, criando a Semântica Histórica (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 09).

A tese de doutoramento de Koselleck, *Crítica e Crise* [1959/1999], já ensaiava essas questões. Mais adiante, com a contribuição de Otto Brunner [1898-1982] e Werner Conze [1910-1986], Reinhart Koselleck constitui o GG e analisa, através da História dos Conceitos, como a sociedade chega ao universo burguês no século XVIII. Assim, ele aponta-nos:

> Ao investigar o que é manifesto pela linguagem, pretendeu também compreender os modos pelos quais o mundo moderno tomou consciência de sua (s) própria (as) modernidade (s), orientando a pesquisa histórica para o pensamento do mundo contemporâneo e indagando em que medida estamos ou não, ainda hoje, experimentando o mesmo universo de significados (KOSELLECK, [1979], 2006, p.10).

Koselleck percebe a linguagem como contribuição importante para a criação de seu método historiográfico, porque ela passa a investigar as possibilidades de compreensão sobre as experiências entre os sujeitos, indicando-nos que a análise sobre essas experiências é inesgotável porque "la diferencia entre lenguaje y realidad sigue siendo inagotable, como para procesar metodologicamente nuevas experiências en cualquier momento" (KOSELLECK, [2000] 2001, p. 74). Em *Crítica e Crise* [1959/1999], o pesquisador alemão fornece-nos um modelo de análise dos conceitos, discutindo a crítica da razão histórica cujas bases estão no Iluminismo Francês[22]. A sua História dos Conceitos não é indissolúvel as relações sociais, um não existe sem o outro; ele pergunta: "La investigación de lós conceptos y de su historia linguística forma parte de las condiciones mínimas necesarias para poder comprender la historia del mismo modo que su definición implica las sociedades humanas" (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 9). Koselleck valoriza a investigação que perpassa pelos liames da linguagem:

> Os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos da linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem. Mas nem os acontecimentos nem as experiências se reduzem à sua articulação linguística. Pois em cada acontecimento entram numerosos fatores que nada têm a ver com a linguagem, e existem estratos da experiência que se subtraem a toda comprovação linguística e os modos de comportamento, dependem da mediação da linguagem. Mas não se restringem a ela. As estruturas pré-linguísticas e a comunicação linguística graças à qual os acontecimentos existem, permanecem entrelaçados, embora jamais coincidam inteiramente (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 367).

Koselleck não faz referências às teorias da linguagem apresentadas pela Linguística, mas a semântica estrutural que se desenvolveu no pensamento de Saussure deve ter sido fonte de inspiração para ele, ao elaborar sua teoria historiográfica, que gira em torno de uma compreensão sobre os aspectos semânticos da temporalidade histórica; embora ele se distancie de Saussure quando se refere à constituição dos conceitos porque,

[22] O Iluminismo se exprime pela ideia que defende a utilização do conhecimento científico e do uso da razão contra qualquer concepção que considera a fé, a superstição ou o dogma religioso como àquilo que explica, totalmente, a existência do sujeito no mundo, também leva em conta às discussões em torno das liberdades individuais e dos direitos do cidadão contra o autoritarismo que se desenvolveu no século XVIII, embora, segundo Sérgio Paulo Rouanet, em *As Razões do Iluminismo* [1987], apresenta-nos que não temos uma identidade conceitual clara sobre esse movimento.

para ele, os conceitos possuem elementos extralinguísticos que são os elementos produzidos pela intervenção histórico-político-social nos quais os sujeitos estão implicados.

De acordo com Elías Palti, na introdução do livro supramencionado, ele reflete que a perspectiva da História dos Conceitos traz uma nova interpretação sobre os conceitos de diacronia e sincronia em Saussure, pois, para ele, Koselleck, entende que há uma implicação mútua entre os dois conceitos, pois os considera possuírem aspectos e dimensões da língua que são realizadas, simultaneamente que se acumulam no tempo e, portanto, na história. Quando Koselleck se refere à noção do simultâneo no não-simultâneo, ele valoriza as origens ou as raízes diacrônicas pertencentes à riqueza semântica dos discursos que apresentam-se nos conceitos e revelam-nos os conteúdos que mobilizam as estruturas sociais e linguísticas que se cristalizaram no tempo através da longa reiteração dos fatos e das palavras semelhantes que se constituíram em diferentes contextos (SEBASTIÁN, 2009, localização: 1465). Os elementos de diacronia e sincronia que Saussure desenvolveu em seu *Curso de Lingüística Geral* [1916/2006], apresenta-nos que o primeiro, aspecto, a diacronia, leva em consideração as mudanças que ocorrem na língua através do tempo, possui uma dinâmica, muda e permanece estável em um certo momento porque possui uma fase de evolução, ele se apresenta como um estado da língua. Sincronia, ocorre ao mesmo tempo, possui períodos regulares que apresentam-se no tempo, mas permanece estático e é homogêneo e não leva em conta o passado que constitui a palavra e o conceito. Koselleck, reúne ambos os conceitos, e os adjudica, transformando-os em dimensões da língua que são fundamentais para um entendimento sobre a diversidade contextual presente na temporalidade histórica acumulada nos conceitos que sustentam a história e vice-versa. Para concluir a ideia de sincronia e diacronia, Saussure afirma que a sincronia está relacionada “com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que se diz respeito às revoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, [1916], 2006, p. 96).

A influência no pensamento de Koselleck possui base no movimento do Giro Linguístico[23] (GL) que se assenta nas premissas da teoria da linguagem da linguística estrutural saussuriana. No artigo, *Más allá del <<giro linguístico>>: Koselleck y los nuevos horizontes de la historia intelectual* [2009], escrito por Juan María Sánchez-Prieto, mostra que a linguagem constitui a relação da consciência humana e da produção social sobre o significado e valoriza a compreensão sobre o mundo a partir dessa relação com a linguagem, pois, sem ela, nada seria possível:

> Nuestra percepción del mundo passa por la lente de las percepciones precodificadas del lenguaje. La idea de un universo objetivo, independiente del discurso y universalmente comprensible por encima de la pertenencia a un sistema dado de lenguaje, se considera una ilusión (PRIETO, 2009, localização: 776).

A escrita historiográfica desenvolvida por Koselleck orienta-nos para um campo de conhecimento que enfatiza o sentido e o significado sobre a realidade histórica; valorizamos a contribuição que o GL teve para a historiografia, e esta é superada, há quem critique os postulados empregados pelo GL, e essa crítica, ainda, com relação ao artigo de Juan María Sanchez-Prieto, mostra-nos que temos uma análise sobre a importância dada à linguagem para a compreensão sobre o social, mas, levando em consideração, o desenvolvimento de novas concepções que ajudem-nos a interpretar a história social, por exemplo, o modelo proposto por Koselleck:

> Insatisfación creciente respecto a los postulados del enfoque linguístico ha conducido a un movimiento de rehabilitación de lo social que resulta paradójico, puesto que es defendido en Estados Unidos por quienes unas décadas antes habían procedido al enterro de la

[23] A expressão giro linguístico ou *linguistic turn* surge com Richard Rorty [1931-2007] nos EUA no início dos anos 80, ele aborda essa questão ao organizar o livro *The linguistic turn: Essays in philosophical method* [1992], e mostra que esse movimento surge com o intuito de provocar às reações da história intelectual americana que buscava visibilidade acadêmica desde os anos de 1960. Os teóricos que se destacam dentro desse movimento são Hayden White [1928-], Jacques Derrida [1930-2004], Michel Foucault [1926-1984], Roland Barthes [1915-1980]. Esses pensadores buscavam na teoria sobre a linguagem de Saussure, suas influências, e com ela se destacam por trazer reflexões sobre o social a partir de reflexões sobre a linguagem, tendo como característica primordial, a relação entre a filosofia e a linguagem onde prevalece a ideia de que todo conhecimento humano se origina de uma explicação elaborada pela linguagem. No movimento do giro linguístico, as obras de Wittgenstein [1889-1951], *Tratado lógico-filosófico* [1922] e *Investigações Filosóficas* [1953], são paradigmáticas e precursoras em relação aos estudos sobre a linguagem; pois afirma que a linguagem representada pelas palavras representa algo que vai ficar eternizada, pois a considera uma atividade humana situada cultural e historicamente.

> historia social, viéndose ahora forzados a reconocer los problemas y excesos de GL, aunque sin abdicar completamente de sus postulados, o aporta realmente alguna novedad y conduce a una nueva dirección (PRIETO, 2009, localização: 958).

Juan María Sánchez-Prieto, no artigo citado anteriormente [2009], afirma que Reinhart Koselleck possui, dentro do campo historiográfico, uma posição única, ousada e que os seus estudos alcançam projeção no meio acadêmico adquirindo "en el horizonte de la historiografia post-giro linguístico, presentando-se como el principal valedor de um campo de estúdio que va mas allá de una historia social de las ideas" (PRIETO, 2009, localização: 592). Para ele, Koselleck favorece uma nova maneira de compreender a historicidade dos conceitos e dos discursos e, também, da questão em torno da temporalidade histórica, cuja questão é fundamental para a explicação sobre as transformações sociais e políticas da modernidade (PRIETO, 2009, localização: 601).

Koselleck na entrevista com Javier Fernández Sebastián e Juan Francisco Fuentes apresentada no livro *História dos Conceitos: Debates e Perspectivas* [2006], mostra-nos que a linguagem:

> Qualquer que seja a opção escolhida, quer se incline por uma postura de tipo materialista ou idealista, essa decisão só pode ser tomada, inescapavelmente, no terreno da linguagem. No meu ver, o âmbito no qual o debate se desenvolve é o da linguagem, de maneira que, tanto se você sustenta que a base de tudo é a economia, ou se você crê, pelo contrário, que o essencial se encontra no fator linguístico, ou mesmo se você não tem preferência entre os argumentos linguísticos ou não-linguísticos, o campo de batalha é a linguagem (KOSELLECK, [1979] 2006, p.p 146-147).

A produção do trabalho do historiador não existiria sem a linguagem; faz-se necessário que a história deva se aproximar do campo da Linguística, da Semiótica, da Psicanálise, da Filosofia, da Hermenêutica, para investigar e compreender, interdisciplinarmente, como esses campos de conhecimentos podem contribuir para uma escrita da história, porque todos eles lidam com questões relacionadas à linguagem. Koselleck, afirma que ambas, a linguagem e a História são dependentes, embora nunca cheguem a se coincidir inteiramente pois, ambas são diferentes, cabendo ao historiador traçar essas diferenças:

> Sempre existe uma dupla diferença: a diferença entre uma história em curso e sua possível tradução linguística, e a diferença entre uma história que já passou e sua reprodução por meio da linguagem. Determinar estas diferenças é também uma produção linguística, que é parte integrante da atividade do historiador (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 267-268).

A história possui um dilema que nenhum método pode resolver porque a história em si é diferente da escrita sobre ela, é diferente porque a linguagem, representada na escrita, não representa o que a história de fato foi, ou é. No trecho abaixo, vemos a responsabilidade que a escrita histórica possui ao se amparar na metodologia da História dos Conceitos, e esta passa a ser concebida como prioritária para uma compreensão sobre os fatos históricos, embora, enfatize, que por mais que a escrita histórica dê conta de alguma questão, ela não poderá ser articulada toda por essa escrita:

> É algo diferente do que sua articulação linguística consegue nos transmitir; mas isso só pode ser percebido por intermédio da linguagem. Portanto, a reflexão sobre a linguagem histórica, sobre os atos linguísticos que ajudam a criar acontecimentos ou a constituir uma narrativa histórica, não podem reivindicar nenhuma prioridade concreta em relação às histórias com que se ocupa (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 268).

Koselleck fundamenta a teoria acerca do seu método historiográfico, a partir de uma releitura de *Ser e Tempo* [1926/2005], obra escrita pelo filósofo Martin Heidegger[24] [1889-1976] e a abordagem hermenêutica de Hans-Georg Gadamer [1900-2002] em *Verdade e Método* [1960/1999], e *História e Hermenêutica* [1987/1997]. A análise do *Dasein* por Heidegger tematiza para Koselleck, a certeza da finitude humana e a experiência de vida, e o que ocorre entre o nascimento e a espera da morte, configurando a estrutura ontológica do ser. Em *Ser e Tempo* [1926/2005], Heidegger faz uma crítica à Linguística, pois

[24] Sua crítica supera a discussão do "esquecimento do ser" que se configura na tradição filosófica essencialista que confundia o *ser* com o *ente*, resultando na divisão do ser em substância e acidente, e nessa crítica a questão do sentido do ser é retomada. Resumidamente, a questão sobre o ser na filosofia ocidental é descrita da seguinte maneira por Heidegger; com Platão [428/427-348/347 a. C.], divide o ser do homem e o coloca no mundo das ideias, para Hegel [1770-1831], o ser é merammte uma lógica, e Nietzsche [1844-1900], sai da esfera do pensamento abstrato e cria uma concepção sobre o super-homem que, soberanamente, encontra a verdade na História. A questão sobre a recuperação do sentido originário do ser sobre o ser, surge desde os filósofos pré-socráticos com a releitura heideggeriana, principalmente, de Heráclito [535-475 a.C] e Parmênides [530-460 a.C], passando por obras dos poetas Hölderlin [1770-1843], Novalis [1772-1801] e Rilke [1875-1926].

afirma que a gramática se fundamenta no que foi simplesmente dado, devendo questionar “as formas fundamentais em que se funda a possibilidade semântica da articulação do que é susceptível de compreensão e não apenas dos entes intramundanos conhecidos teoricamente e expressos em sentenças” (HEIDEGGER, [1926], 2005, p. 224-225). Para Heidegger, a Linguística, torna o ser obscuro e, a Filosofia deve renunciar a “uma filosofia da linguagem a fim de poder questionar e investigar “as coisas elas mesmas” e deve colocar-se em condições de trazer uma problemática clara, do ponto de vista dos conceitos” (HEIDEGGER, [1926], 2005, p. 225-226). É nessa perspectiva que Koselleck constitui sua teoria historiográfica, levando em consideração os aspectos histórico-social-político dos conceitos, como já foi dito anteriormente.

Koselleck elabora uma leitura original e polêmica sobre o *Dasein* heideggeriano; em *Ser e Tempo* [1926/2005] vemos a necessidade que a história possui de registrar a existência humana por ter certeza de sua finitude, e apresenta-se como condição primordial, como narração, como ciência e como realização histórica real, que ela pode deixar as marcas da passagem humana no mundo como *ser-aí* e tornando-se imortal por meio da lembrança. Nessa leitura de Koselleck, ele vai formando seu projeto teórico-metodológico para a criação de sua historiografia e procura compreender o saber que a história realiza através da historicidade do *Dasein* (ser-aí), por meio de seu próprio saber, levando em consideração a ideia de finitude. Em *Ser e Tempo* [1926/2005], Heidegger expõe uma síntese de sua teoria sobre a ontologia existencial que se fundamenta na ideia de finitude, representada pelo *Dasein,* configurando os limites existentes entre o nascer e o morrer, levando em consideração a temporalidade que o fundamenta estruturalmente. O pensamento de Heidegger contribuiu para o desenvolvimento de uma teoria da história, em Koselleck, que o permitiu inferir sobre as possibilidades de criar uma escrita da história a partir de uma abordagem imprescindível sobre a finitude e a historicidade que se configura na ideia da temporalidade do ser a partir da certeza de que o homem é um *ser-para-a-morte*. Koselleck examina a analítica existencial de Heidegger para compreender o que tornam possíveis as histórias acontecerem. Heidegger elucida a discussão sobre a possibilidade do *não-ser* na antecipação da morte, pois, sua análise sobre a finitude humana, orienta-nos para uma questão sobre a ontologia, que parte de uma

compreensão sobre o que é o ser através da existência humana, que tem como dilema a certeza do seu fim por meio da morte. *Dasein* é uma palavra composta (*da-sein*) que significa estar-aí e que é interpretada por pré-sença. Trata-se de uma análise sobre o ser a partir do não-ser e o não-ser se sustenta na certeza da finitude humana. Em sua trajetória, Heidegger investiga que o *Dasein* nos faz compreender sobre a estrutura fundamental que restringe toda a possibilidade do ser-no-mundo por causa da ideia de finitude. A ideia do *Dasein* como o ser-para-a-morte nos faz entender a relação concreta com o sentido do ser em geral. A concepção sobre o *Dasein* orienta-nos para a ideia do ser-para-a-morte que nos dá a fórmula sobre a finitude do ser, revelando a questão sobre a temporalidade do ser, porque essa é sua condição existencial impossível de evitar, pois, segundo Heidegger "com a morte, a pré-sença completou o seu curso" (HEIDEGGER, [1926], 2005, p. 25). O *Dasein* aponta-nos a certeza da finitude do ser a partir da consciência do ser-para-a-morte, pois, para Heidegger, a morte é a possibilidade mais concreta, real, incondicionada e insuperável do ser, é a última possibilidade da existência do ser. O *Dasein* (*ser-aí*) viver para a morte é encontrar o mais autêntico sentido da existência. Embora, seja apresentada toda essa concepção existencial do ser e a certeza de sua finitude, é importante destacarmos que mesmo, o sujeito, sentido angústia, diante da certeza de sua finitude, ele procura dar um sentido de plenitude a sua existência por meio da ideia de um ser-possível que realiza os seus projetos voltados para o presente que se reflete no futuro, pois, sabe sobre a sua condição de fragilidade e finitude que nos constitui como *Dasein* e, a história possibilita essa construção, amenizando a angústia humana diante de sua única certeza. O homem encara a morte aceitando a condição finita de sua existência e constitui-se como ser-no-mundo encarando esse dilema existente entre o ser e o não-ser.

A obra de Heidegger é importante para ser discutida porque nos direciona para uma compreensão sobre a hermenêutica de Gadamer, pois, nela vemos uma atribuição importante aos conceitos pré-linguísticos que devem ser abordados em sua teoria da história porque ele afirmava que [25] "o

[25] Sobre o conceito de pre-conceito de Gadamer e sua função hermenêutica, ver: GADAMER, Hans-Georg, *Verdad y Método*. Salamanca, 1987, p. 331 e seguintes ou a versão em português pulicada pela Editora Vozes em 1997 e 1999.

pre-conceito é necessário para entender qualquer coisa" (GADAMER, [1987],1997, p. 331). Koselleck afirma que Gadamer entendia que o pre-conceito era derivado através da inserção de cada um em uma tradição, e isso era uma precondição essencial para um entendimento sobre as linguagens do passado. Para ele, essa dialética específica no movimento acerca da compreensão do pre-conceito que elucida o presente pelo passado do conceito, contribui-nos para uma análise sobre "dois planos que não podem ser taxativamente, porque a relação entre esses dois planos depende das diferenças, e estas constituem o fundamento, a implicação elementar, de qualquer análise do passado" (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 165-166). Para Koselleck, Gadamer não aceitava esta ambiguidade da linguagem:

> Para ele, que seguia os passos de Heidegger, a linguagem trazia com ela, implícita, a totalidade da experiência. É indubitável que, ao traduzir muitos conceitos da língua grega à linguagem filosófica alemã, a filosofia hermenêutica de Gadamer fez da linguagem a chave de toda a realidade humana; um argumento muito forte, mas, para mim, como historiador, impossível de aceitar como a única e exclusiva verdade (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 168-169).

A linguagem é sempre ambígua, diz Koselleck, porque a considera receptiva e produtiva, pois, por um lado, indica as mudanças sociais e, por outro, revela o fator essencial que permite tomar consciência dessas mesmas mudanças na realidade. Koselleck comenta, discordando de Gadamer, "como historiador, não posso manter-me apenas no nível linguístico; preciso me ocupar também do que (linguisticamente) poderia ter dito" (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p. 168-169)

Koselleck defende sua teoria, argumentando que ela vai além das interpretações linguísticas empreendidas por Heidegger e Gadamer, pois, ele é consciente de que "para os que reduzem tudo à linguagem, a concentração exclusiva do estudo em certos conceitos básicos (*Grundbegriff)* poderia provocar o silêncio de outras experiências" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 167). Koselleck afirma que as experiências vão além da interpretação linguística, pois atenta para que não haja uma abordagem reducionista que configura tudo no campo da linguagem, pois preocupa-se em provocar um silenciamento de outras experiências, pois considera que o silenciamento pode

ter sequelas graves para uma compreensão sobre os fenômenos sócio-históricos. Segue o exemplo:

> Algo parecido ocorre com os monumentos aos mortos nas guerras, que mostram e silenciam os vencidos, e aqueles que rememoram os vencidos omitem os vencedores. O que gera, evidentemente, um problema moral. Assim, pois, a relação entre silêncio e manifestação na linguagem e/ou nos símbolos reproduz um problema perene que implica sempre em nos perguntarmos sobre os conceitos políticos silenciados, que, dessa forma, seriam aqueles que não são considerados conceitos fundamentais (os "não-*Grundbbrieff*"). (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 168).

Em *Verdade e método* [1960/1999], a questão central dessa obra trata da relação entre hermenêutica e tempo. A referência ao tempo é fundamental para uma compreensão sobre o desenvolvimento da hermenêutica gadameriana porque ela busca um sentido para o projeto existencial humano iniciado por Heidegger. Gadamer transpõe a questão iniciada por Heidegger, em torno de seu projeto existencial ontológico e fundamenta sua hermenêutica pensando sobre o tempo, que deixa de ser uma sucessão linear e passa a conferir sentido à experiencia do homem. Gadamer sugere que a teoria da história contribui para que o homem possa compreender a sua existência. O homem foi projetado para compreender e sua única opção é assimilar a história, hermenêuticamente. A Filosofia hermenêutica elaborada por Gadamer faz-nos questionar porque queremos compreender as condições históricas nas quais estamos inseridos e, na mesma medida, por que queremos vivê-las, ou por que as vivenciamos. Para Koselleck, a hermenêutica de Gadamer tem a ver com o que a ciência histórica reivindica para si como teoria da história e tenta elucidar as "condições de possibilidades das histórias, levando em conta as aporias da finitude do homem em sua temporalidade" (KOSELLECK, [2000], 2014, p.p 91-92).

A hermenêutica existencial de Gadamer engloba a narrativa histórica e questiona quais as condições de possibilidades da história sem reconhecer as experiências empíricas da história. Koselleck pergunta: "Será que essas condições se esgotam na linguagem e nos textos? Ou será que existem condições extralinguísticas, pré-linguísticas, mesmo que tenhamos de usar a linguagem para nomeá-las?" (KOSELLECK, [2000], 2014, p. 92). Koselleck responde a essa pergunta através de sua leitura acerca das obras de

Heidegger e Gadamer. Koselleck afirma que Gadamer parte de Heidegger e vai além dele, afirmando que a existencia humana é um *Dasein* histórico:

> Porque desde sempre exigiu a compreensão de um mundo que é, ao mesmo tempo, apreendido e constituído pela linguagem. Remeter toda experiencia à sua significação no mundo é tao originário quanto o ato de interpretá-la e expressá-la linguísticamente. Antes de quaisquer diferenciações científicas ou procedimentos metodológicos está a hermenêutica, a teoria da integração existencial naquilo que podemos chamar de história [*Geschichte*], possibilitada e transmitida pela linguagem (KOSELLECK, [2000], 2014, p. 103).

A hermenêutica, para Koselleck, em sua leitura sobre a obra gadameriana supracitada, possui um estatuto histórico-ontológico e a linguagem é o modo de execução próprio da hermenêutica e não se reifica pelo recurso a um método. Gadamer ultrapassa o pensamento de Heidegger, afirmando que os aspectos pré-linguísticos do mundo, ou seja, essa relação existente entre prévia de experiência do mundo é anterior a todas as formas de ciência. Desse modo, a relação entre hermenêutca e teoria da história aparece sob uma nova perspectiva. Gadamer, segundo Koselleck, vai em busca de constituir uma teoria hermenêutica capaz de encontrar uma "ordem racional no caos de diagnósticos e previsões históricas" (KOSELLECK, [2000], 2014, p. 105), fazendo-nos interpretar que a relação entre a hermenêutica e a teoria da história são possíveis porque ambas são exequíveis pela linguagem. Koselleck concorda com Gadamer quando afirma que nosso mundo de experiência é viabilizado pela linguagem, "mas nunca é apenas um processo linguístico nem se esgota na linguagem" (KOSELLECK, [2000], 2014, p. 105).

Gadamer comenta acerca do texto de Koselleck, *Teoria da história e hermenéutica* [2000], sobre a sua interpretação de *Ser e Tempo* [1926/2005] escrita pelo filósofo Heidegger no artigo *Teoria da historia e linguagem: Uma réplica de hans-Georg Gadamer* [2000/2014]:

> Não foi à toa que Reinhart Koselleck partiu de Ser e Tempo, de Heidegger, para demonstrar como, do ponto de vista do historiador, é preciso ampliar e modificar as estruturas fundamentais da analítica existencial de Heidegger. De certa forma, isso corresponde às minhas próprias motivações filológicas-estéticas, a partir das quais tentei desenvolver de uma forma própria as teses iniciais de Heidegger e o impulso que dele recebi (GADAMER, [2000], 2014, p.111).

Gadamer, no artigo supracitado acima, diz que o olhar do historiador busca o sentido em meio à irracionalidade dos acontecimentos e da história, e ele é motivado pelos horizontes de expectativa, de esperança, de ousadia e de perseverança, pois o homem possui a capacidade de resistir e permanecer incansavél na busca do intelegível e do sentido, e para sua busca, ele é dotado de razão[26] que se reflete na linguagem. Para Koselleck, a linguagem não é somente um "intercâmbio de signos, como o canto de cortejo ou o grito de alarme dos animais". Sua diferença se assenta na apresentação de estados de coisas a si mesmo e aos outros (KOSELLECK, [2000], 2014, p.p. 113-114).

Gadamer entende que a leitura de *Ser e Tempo* [1926/2005] realizada por Koselleck é feita com o propósito de desvelar o conteúdo antropológico para descobrir as categorias sobre a historicidade, mesmo sendo diferente do que Heidegger elaborou, Gadamer conclui que a concepção koselleckiana procurou elaborar a historicidade do *Dasein* e não as estruturas fundamentais da historia e do seu conhecimento. O *Dasein* heideggeriano foi compreendido como um "fenômeno histórico ou, pelo menos, um fenômeno da história contemporânea" (GADAMER, [2000], 2014, p. 115). Para Gadamer, a teoria da história empreendida por Koselleck representa uma teoria que articula o campo de estudo sobre o conhecimento humano, embora, essa teoria não pretenda legitimar o interesse pelo mundo objetivo da história e das histórias. "Mesmo assim, todo conhecimento histórico abarca também um "compreender" (GADAMER, [2000], 2014, p. 115).

Gadamer afirma que a hermenêutica não lida apenas com a hermenêutica textual; ela se refere também à condição fundamental de todas as ações e criações humanas, pois lida com a linguagem, e essa ferramenta dá conta de tudo aquilo que compõe o universo humano através da fala, portanto, a linguagem é a condição fundamental humana que possibilita ao homem a capacidade de raciocinar. A abordagem heideggeriana do *Dasein* como ser-para-a-morte, é vista aqui como uma relação existente entre o tempo e o futuro e, a certeza da morte dá-nos a chance de narrarmos as histórias, de

[26] Aqui Koselleck faz alusão à ideia de homem, animal racional, criada por Aristóteles em a *Política*. Nesse texto de Aristóteles [384-322 a.C.], o que está em pauta não é a razão, mas a linguagem, porque Aristóteles define que o homem é um animal racional que fala e pensa e, por esse motivo, é capaz de transformar o mundo em que habita. A obra *Política* foi escrita aproxidamente entre os anos de 332-322 a.C.

transformá-las em fatos narrados que são garantias ilusórias, para enganar a nossa consciência, em torno da concepção de que nossa finitude existe (GADAMER, [2000], 2014, p. 116).

A semântica e a linguagem tornam-se elementos fundamentais para uma compreensão sobre os fenômenos históricos. Koselleck aponta que nem sempre tudo é passível de compreensão, nem sempre a língua indica-nos possibilidades de interpretação, ele mostra sobre a possibilidade de um hiato que existe entre os fatos e o uso linguístico a ele relacionado:

> As alterações de sentido linguístico e as alterações dos fatos, as alterações das situações políticas e históricas e o impulso para a criação de neologismos que a elas correspondam relacionam-se entre si das mais diversas maneiras (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 110-111).

A História dos Conceitos apropria-se das linguagens das fontes e da linguagem científica, e elabora a mediação entre as premissas teóricas que devem ser consideradas, também, por uma história social relacionada ao "conteúdo material da história" que é a palavra, a semântica, o conceito (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 115). A linguagem, nessa teoria, aponta para o sentido do significado e a História dos Conceitos exerce uma importância na contemporaneidade como um método inovador:

> Os estudos linguísticos têm por fundamento universal a constatação de que cada significado lexical tem um alcance que ultrapassa aquela singularidade que, por sua vez, pode ser atribuída ao acontecimento histórico. Cada palavra, mesmo cada substantivo, comprova as suas possibilidades linguísticas para além do fenômeno particular que ela caracteriza e/ou denomina em certo momento. Isso vale igualmente para os conceitos históricos, ainda que eles sirvam, em um primeiro momento, para unir conceitualmente, em sua singularidade, experiências complexas. Uma vez cunhado, um conceito passa a conter em si, do ponto de vista exclusivamente linguístico, a possibilidade de ser empregado de maneira generalizante, de construir tipos ou permitir ângulos de vista para comparação (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 115).

Koselleck levanta a questão de a historiografia ser articulada por meio de dois níveis: primeiro, ela examina fatos articulados linguisticamente e a segunda, "reconstrói fatos não articulados linguisticamente no passado, mas, com a ajuda de determinados métodos e a coleta de indícios, podem ser de alguma maneira recuperados" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 116). O primeiro caso revela-nos que os conceitos recebidos da tradição servem de acesso

heurístico para compreender a realidade passada. No segundo caso, a história [*Historie*] se serve *ex post* de categorias acabadas e definidas, que são aplicadas sem que possam ser identificadas nas fontes (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 116). Essa relação é viável a partir da transformação que ocorre na linguagem e a inserção disso na estrutura do discurso histórico. O autor orienta-nos para uma reflexão sobre as transformações que ocorrem no decurso da história por meio de uma perspectiva que aborde a História dos Conceitos, pois, a análise sobre as mudanças que ocorrem, na semântica, leva-nos a uma compreensão para entender os motivos pelos quais temos a "re-significação de termos tradicionais adaptados ao novo tempo" (KOSELLECK, [1979], 2006, p.10). Ou mesmo a invenção de neologismos (socialismo, cesarismo, comunismo) "são criados para nomear as novidades da experiência contemporânea" (KOSELLECK, [1979], 2006, p.10).

A linguagem é pragmática, singular, e circunstancial, pois, segundo Koselleck, ela gera eventos e a eles se refere para poder expressar o conteúdo daquilo que existe na história real, ela apresenta-se numa ideia de movimento e ação que registra os acontecimentos para possibilitar ao homem a certeza de sua presença no mundo, deixando rastros de sua existência. A semântica é diferente, ela persiste, e insiste em uma longa duração, é pouco variável e nos dá possibilidades de interpretação que são duradouras. Koselleck atenta ainda, que, a gramática e a sintaxe, possuem estruturas que mudam de maneira mais lenta e que é difícil influenciá-las diretamente. Ele conclui que a argumentação divergente em relação a Hans-Georg Gadamer, ocorre, porque Gadamer não acredita na tese de que a apreensão linguística do mundo se desvia da chamada história real, pois Koselleck acredita que a linguagem, ao mesmo tempo, condiciona e possibilita a história acontecer.

Para Marcelo Jasmin [2006] em sua apresentação à *Obra Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos* [1979/2006], a linguagem mostra-nos as mudanças que surgem na vida social e também se torna arma fundamental para gerir as mesmas mudanças. Com os estudos sobre o tempo histórico, Koselleck sugere uma semântica dos conceitos; em *História Magistrae Vitae: Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento* [1979/2006], as historias (*Historie*) no plural, ensinam-nos como comportar-mo-nos; esta exercia uma moral a ser seguida a partir dos exemplos

que a história doutrinava-nos para que não cometêssemos os erros que a própria história mostrou-nos. Para Koselleck, em *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos* [1979/2006], o estudo sobre a semântica dos conceitos, contribuiu para uma análise sobre a constituição linguística das experiências temporais, históricas de longa duração, assim temos:

> As análises ampliam-se cada vez mais, seja com o intuito de esclarecer o contexto histórico-social, seja para acompanhar o traçado da orientação linguístico-pragmática ou linguístico-política dos autores ou oradores, ou ainda com o intuito de fazer deduções, a partir da semântica dos conceitos, sobre a dimensão histórica e antropológica inerente a toda conceitualidade e a todo ato de linguagem (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 17).

Com a investigação no campo da semântica dos conceitos, Koselleck afirma-nos que no campo semântico de cada um dos conceitos "principais revela um ponto de vista polêmico orientado para o presente, assim como um componente de planejamento futuro, ao lado de determinados elementos de longa duração da constituição social e originários do passado" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 101). Koselleck sugere que a observação sobre a semântica é importante porque, através dela, a história acontece como característica fundamental, trazendo para o conceito a multiplicidade cronológica presente na semântica dos conceitos e a ele garante sua consistência que consegue ultrapassar os fenômenos da historicidade e se firmar como conteúdo que pertenceu a um determinado momento. Esse aspecto semântico que Koselleck atribui como importante, em sua forma de investigação da linguagem, é o que ele entende sobre o que a teoria da História dos Conceitos orienta-nos, para o que ele chama atenção, quando diz que:

> O interesse especial pelo emprego de conceitos político-sociais e a análise de suas significações ganham, portanto, uma importância de caráter social e histórico. Os momentos de duração, alteração e futuridade contidos em uma situação política concreta são apreendidos por sua realização no nível linguístico (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 101).

A *história mestra da vida* ensinou-nos que a história somente se tornou disponível ao homem quando de um ponto de vista histórico-linguístico as várias histórias (*Historie*) transformaram-se em uma única história (*Geschichte*), o que indicaria um "novo espaço de experiência e um novo

horizonte de expectativas"[27]. Nesse sentido, a história reunia a soma de todas as histórias individuais dentro de uma história geral, mais universal, oferecendo um maior grau de abstrações, reunindo em um único conceito uma realidade e a reflexão sobre essa realidade.

Com a subordinação à história sacra nos idos do medievo no qual o *topos* ciceroniano[28] era levado em consideração, os eventos eram vistos como produto dos olhos divinos e da repetividade das reações humanas. Essa configuração modifica-se e, a reflexão sobre a história exige um olhar para dentro de si, com isso, surge uma mudança significativa na configuração interna da própria história que se converte em seu próprio sujeito.

Koselleck dá o exemplo acerca do conceito de história, que revela a mutação semântica existente dentro de seu próprio conceito, que orienta-se pela linguagem e vê como o próprio conceito de história que, até a metade do século XVIII, o termo história (*Historie*) era usado no plural para designar as múltiplas narrativas particulares que a historiografia tradicional havia acumulado, por exemplo, a História da Guerra do Peloponeso, a História de Roma, a História de Florença, a História dos Gregos, e que depois dessa nova configuração moderna, a história passa a ser designada no plural, passa a orientar sobre os possíveis erros cometidos pelos homens no passado e, com isso, guardavam lições que serviam de conduta para as ações do presente. Essas histórias eram indicadoras de um movimento que as histórias poderiam sugerir como possibilidades de modelos para outras histórias. A história no singular (*Geschichte*) designava uma dimensão inescapável do próprio devir, obrigando toda ação social a assumir horizontes de expectativa futura que a inscreveram como um desdobramento consoante com o processo temporal (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 11). Koselleck alerta-nos sobre seu método:

> La Historia [*Historie*] como ciencia remite, de forma obligada, al uso de las palabras descollantes en cada campo temático. Ninguna investigación histórica debe reducir el tratamento de la expresión

[27] "Espaço de experiência" e "horizonte de expectativa": duas categorias históricas é o último capítulo do livro *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos* [1979/2006] escrito por Reinhart Koselleck.

[28] Cícero [107-43 a.C.], na Antiguidade Clássica, desenvolveu a ideia de *Topos* com o intuito de ver a história como exemplo a ser seguido, ou seja, a História como *Magistra Vitae*. Para ele, a História tinha a finalidade de educar os homens, para quando eles fossem desenvolver suas atividades políticas, não caíssem nos erros cometidos de outrora.

> linguística y de la autointerpretación de épocas passadas o presentes a una simple fase transitória de dicha investigación. (...) Las fuentes linguísticas de los períodos tratados en cada caso son en su conjunto una única metáfora de la historia acontecida [*Geschichte*], acerca de cuyo conocimiento se trata. Por esa razón el léxicon se limita a aquellas expresiones cuya importância y cuyo uso permiten compreender estructuras y el contexto de grandes acontecimentos (KOSELLECK, 2009, localização: 2810-2826).

Na teoria da História dos Conceitos, Koselleck chama a atenção para os conceitos que constituem ideias centrais, palavras-chave sobre todas as formas de organização, presente nos níveis político, econômico e social, são os conceitos-guia que revelam os “movimientos políticos y sus lugares comunes” (KOSELLECK, 2009, localização: 2810-2826); esses são conceitos que abrangem grupos específicos de uma representação na sociedade, quer sejam dominantes ou não-dominantes; conceitos nucleares que perpassam ideologias, suas estruturas, campos de ação que analisam o mundo do trabalho (KOSELLECK, 2009, localização: 2826). A discussão sobre a formação dos conceitos, a estruturação sobre o método da História dos Conceitos será esclarecida, com detalhes, no tópico seguinte sobre a História dos Conceitos.

Ainda compreendendo sobre a discussão em torno da semântica do conceito da palavra história; ela vista no singular (*Geschichte*) se ocupa de outras tarefas:

> De modo confluente, tanto a sequência unificada dos eventos que constituem a marcha da humanidade, como o seu relato (a História da civilização ou dos progressos do espírito humano). A essa “singularização” semântica da história, que expressa a inclusão de toda a humanidade em um único processo temporal, corresponde a sua transformação em objeto de teorias políticas e filosofias que imaginam poder apreender o passado, o presente e o futuro como uma totalidade dotada de sentido e previamente definido (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 11).

Nesse sentido percebemos as relações inerentes da linguagem nessa relação com a mutação existente entre a linguagem e o mundo. Como pensar essa articulação, se a história possui essa dinâmica cujo sentido de transformação e de mudança é perceptível no próprio sentido do termo História? De uma maneira objetiva, a linguagem está presente nas relações sociais, na escrita entre os povos, nos acordos entre países, ou seja, tudo depende da linguagem para que haja comunicação:

> Ninguna actividad social, ningún enfrentamiento político y ningún intercambio comercial son posibles sin un discurso y una respuesta, sin una planificación dialogada, sin un debate público o una conversación privada, sin una orden – y su obediência – sin el consenso de los implicados o el disenso articulado de los partidos en conflicto. Toda historia cotidiana depende en su desarrollo del lenguaje en acción, del discurso y del habla, del mismo modo que ninguna historia de amor es concebible sin al menos três palavras: tu, yo, nosotros. Todo hecho social y la diversidad de sus relaciones se basan en premisas comunicativas y en la aportación de la comunicación linguística. Las distintas instituciones y organizaciones, desde la asociación más pequeña hasta la ONU, dependen de ellas oralmente o de forma escrita (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 13).

Há uma relação entre a linguagem, entre o eu e o outro porque cada um constrói a história conforme o que vive e o que pensa. A linguagem escrita ou falada sobre um fato não representa o que pode ser compreendido sobre esse fato. Resta alguma coisa que indetermina essa significação porque, por exemplo, “el grito elemental de matar no son idênticos a la violencia propia de matar. (...) Las normas escritas de una organización o sus acciones linguísticas no son idênticas a la acción y actividad de la organización em sí misma”. (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 14) O que é construído pela via da escrita é diferente do que é a história em ato. “Ningún acto linguístico es la acción misma que ayuda a preparar, provocar y ejecutarse” (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 14) Entretanto, há uma relação de ambiguidade entre a história escrita e a história real, tal como pode ser pensada pela historiografia: “Una historia no se lleva a cabo sin el habla, pero nunca es idêntica a esta, no se puede reducir a ella” (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 14).

Além da linguagem falada, temos os signos[29] que não são representados por alfabetos, que são os gestos e, “consiste precisamente en demonstrar que puede prescindirse del lenguaje hablado y provocarse mediante señales o símbolos las correspondientes acciones o controlar actitudes y modos de comportamiento” (KOSELLECK, [2006], 2012, p. 14).

As linguagens escrita e oral são fundamentais para a compreensão dos fenômenos históricos sociais e fenômenos individuais (dos sujeitos) e são próximos porque revelam o que de fato realmente aconteceu através da

[29] Os signos gestuais são interpretados pela luz da semiótica com Charles Sanders Pierce [1839-1914], Émile Benveniste [1902-1976], Roman Jacobson [1896-1982], Roland Barthes [1915-1980]. O artigo *História Comparada: Olhares Plurais* [2007], escrito pelas professoras Neyde Theml e Regina Maria da Cunha Bustamante, mostram as várias perspectivas para uma historiografia interdisciplinar. Nesse artigo há uma nota de rodapé explicativa sobre quem são os teóricos da semiótica de uma maneira revisada.

transmissão oral ou escrita por meio de testemunhos linguísticos, porque somente as fontes linguísticas são capazes de fazer-nos compreender sobre o passado e através dele, “debe contabilizar-se como <<linguística>> y cuál como lo <<realmente>> acontecido” (KOSELLECK, [2006], 2012, p.17).

Reinhart Koselleck utiliza em sua estrutura teórica, a semântica, e diz que o que é decisivo é que o uso pragmático da língua é sempre único, e o que se repete são estruturas linguísticas semânticas, todavia, esse uso pragmático indica-nos que a semântica é fundamental para a comunicação linguística, pois com ela fazemos política, exercemos influência e fazemos revolução. Todos esses usos pragmáticos articulados a uma língua, ou que pela língua são indicados, vivem na verdade de uma semântica que é pré-existente e nos é dada. Como exemplo, cita Koselleck, que na Alemanha Oriental, a utilização de expressões como “nós somos um povo” ou “nós somos o povo” vive de uma semântica que pressupõe o conhecimento por cada um do que seja um povo, (...) essa expressão pragmática “nós somos um povo” e seu uso político, alteraram a situação. Ele salienta que há “o elemento de continuidade semântica” e o fato de que, mesmo quando há a tentativa de explicar algo claramente único, de comunicar uma mensagem única ou um ato de fala único, um mínimo de consenso sobre o significado das palavras faz-se necessário, pois, uma semântica preexistente é necessária.

A semântica pode ser definida como a possibilidade de repetição porque temos estruturas linguísticas que se repetem e são necessárias para que o conteúdo seja compreensível, ainda que uma única vez e só podemos ser compreendidos se um mínimo de repetição da semântica estiver pressuposto. Koselleck, citando Kornmann, indica-nos que a “nossa história contemporânea é uma repetição dos fatos e acontecimentos de alguns milênios – só que em um período de tempo dramaticamente reduzido”, percebemos isso através das estruturas semânticas que os conceitos trazem ao longo do tempo. (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 80). Para compreendermos sobre o que é a semântica em Koselleck, por exemplo, a palavra *“table”*, pode “estar me referindo à tábula dos romanos, ou a *“table”* dos britânicos ou dos franceses, sem que tal conceito [mesa, em espanhol ou português] implique em grandes matizes ou mudanças temporais em seu estilo e ou função” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 148).

Apreendendo a semântica a partir de um exemplo histórico, Motzkin ao usar as categorias de Koselleck, afirma que Hitler, em sua operação linguística, elabora alguma coisa diferente com a metáfora e esta passa a operacionalizar um sentido literal que muda as condições históricas reais pelas quais a sociedade alemã concentrava as suas situações de vida através dos entraves históricos promovidos pela Segunda Guerra Mundial. Motzkin afirma que o que Hitler fez:

> Foi algo diferente de operar a metáfora como tal ou literalmente. Em vez disso, a linguagem metafórica, através de um processo de intensificação, torna-se a realidade linguística controladora, que deve se realizar por um processo de intensa aceleração. Hitler acreditou não apenas que os judeus fossem insetos, mas que ele não tinha mais tempo (MOTZKIN apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 79).

O que ocorreu com a Alemanha de Hitler, convida-nos para uma reflexão sobre as diferenças entre metáfora e realidade, e o que configura o conceito sobre a realidade acaba se misturando entre um e outro; nessa compreensão de elaboração e sugestão empregada por Hitler e que faz a Alemanha ser devorada pelos ideais nazistas. Motzkin conclui que “a fome metafórica por realidade devora a realidade ao tomar seus objetos – neste exemplo, os judeus perseguidos – e realocá-los numa consciência metafórica que busca vigorosamente realizar-se” (MOTZKIN apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 79). Ambas se confundem, a realidade e a metáfora, e nesse viés complexo existente entre elas, cabe compreender e analisar como:

> A metáfora se torna realidade e como também esta será estruturada como realidade metafórica. Os judeus de Hitler tiveram que ser inventados para que fossem destruídos. O mundo deve tornar-se uma metáfora real, e o modo de realizá-la é ser intenso (MOTZKIN apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.p 79-80).

Koselleck afirma que alguns colegas o consideram um teórico dos absurdos linguísticos por considerarem que ele não elabora uma discussão sobre a realidade, ele enfatiza, que os considera ingênuos, ao pensarem que a realidade é independente da linguagem. (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 146). Para ele, tudo vai depender da perspectiva historiográfica abordada pelo historiador, por exemplo, ao abordar a economia, o historiador pode pensar que a linguagem é apenas um apoio, entretanto, valoriza a linguagem:

> Muito bem, mas, para o meu objetivo, a linguagem é simplesmente um apoio, uma vez que são basicamente as necessidades econômicas e a pressão produzida por elas que faz as pessoas reagirem e o que põe em movimento a sua imaginação linguística (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 146).

Por mais que a nossa pesquisa acabe em um campo teórico analisado, abordado, escolhido por nós, quer seja uma pesquisa com o viés idealista, darwinista, materialista, naturalista, freudiano, lacaniano, linguísta, cabe destacar que ele não escapa ao terreno da linguagem, Koselleck afirma:

> O âmbito no qual o debate se desenvolve é o da linguagem, de maneira que, tanto se você se sustenta que a base de tudo é a economia, ou se você crê, pelo contrário, que o essencial se encontra no fator linguístico, ou mesmo se você não tem preferência entre os argumentos linguísticos ou não-linguísticos, o campo de batalha é a linguagem. (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 145-146].

Na entrevista de Koselleck a Javier e Juan [2006] apresentada no livro *História dos Conceitos: debates e perspectivas* [2006], eles conduzem a pergunta da professora da Universidade de Buenos Aires do Instituto Emilio Ravignani, Noemi Goldman, que diz sobre uma ambiguidade que constitui o trabalho do historiador, que fica entre a interpretação e a descrição sobre a realidade histórica:

> Em sua reflexão sobre a conexão empírica entre a realidade e o "discurso", onde e como se localiza o trabalho de interpretação/descrição do historiador com relação aos recursos conceituais próprios dos sujeitos da história? Em outros termos, qual é a relação entre presente (do historiador) e passado (das ações discursivas dos atores) no processo de compreensão histórica, tendo em conta que o historiador está obrigado a falar (escrever) em duas "línguas" ao mesmo tempo, e a ser consciente deste gesto e dessa dualidade? (JAVIER & JUAN, 2006, p. 165).

Para Reinhart Koselleck não há uma ambiguidade real, o que ele constata é que cada um fala sua própria língua. Há uma compreensão sobre o aspecto ambíguo do uso da linguagem porque ele afirma que a linguagem é, ao mesmo tempo, receptiva e produtiva, porque, por um lado, indica as mudanças sociais e, por outro, a própria linguagem é um fator essencial que permite tomar consciência dessas mudanças na realidade. Em Koselleck, a linguagem não cria nada sem uma ideia anterior, sem voltar-se para o *Corpus* estabelecido da linguagem que utiliza os recursos linguísticos que são criados diacronicamente no passado recente, ou mais remoto e são compartilhados por todos os falantes e ouvintes (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 102).

A introdução de *Esbozos Teóricos* [2010/2013], um livro publicado em 2013 pela editora Escolar Y Maio, traz seis artigos de Koselleck até então, inéditos na língua espanhola, mostra-nos uma introdução escrita por José Luis Villacañas que faz uma ressalva ao analisar o esforço que Koselleck teve de apresentar “la historia dentro de una teoría general de la racionalidad científica” (VILLACAÑAS, [2010], 2013, p. 20), colocando as questões sobre os conceitos, portanto, sobre a linguagem, na pauta do dia.

A introdução no editorial da *Revista Anthropos: Huellas del conocimiento* publicada em 2009, homenageando Koselleck, mostra que sua dedicação ao estudo da linguagem e da historicidade dos conceitos, é chave importante para que possamos alcançar o verdadeiro significado dos conceitos constituídos pela história, pois ele cria um método para compreender, historicamente, os conceitos, com o intuito de transformar o olhar do historiador, ao formular questões sobre a sociedade e o tempo pela via do conceito.

Koselleck diz, em *Uma resposta aos comentários sobre o Geschichtliche Grundbegriffe* [2006], que as fontes para o estudo da linguagem escrita são inesgotáveis e, sugere que essas fontes devam ser estudadas, pois existem métodos capazes de fornecer-nos respostas bem documentadas, capazes de propor questões sobre a linguagem na história, embora conceba que a realidade não pode ser abarcada completamente pela linguagem, pois haverá sempre uma distância entre os fatos e os conceitos (KOSELLECK, 2006, p. 97).

A seguir, abordamos o que é a História dos Conceitos em Koselleck, como ela se estrutura nessa relação com a semântica e com a linguagem, e o que é o conceito propriamente dito, em sua teoria historiográfica; depois, trazemos uma breve exposição sobre o método empreendido pela História dos Conceitos no projeto do grande léxico, e por fim, identificamos o que é palavra a partir da teoria empreendida por Koselleck.

1.2 – A metodologia da História dos Conceitos e a compreensão sobre o que é o conceito na obra de Reinhart Koselleck

Vimos anteriormente que o estudo sobre a linguagem em Koselleck é de fundamental importância para a construção de sua teoria sobre a História dos Conceitos. O termo história conceitual procede de Hegel[30] e dos intelectuais que pertenciam ao círculo do pensamento que desenvolveu o idealismo alemão[31] e que analisou os movimentos e as transformações que surgiram no advento da modernidade[32], ao elaborar sua teoria sobre a ciência lógica, conservando um lugar na História da Filosofia, nas Histórias da Linguagem, e na Lexicografia Histórica. O pensamento de Hegel influenciou a criação do método histórico-filológico que Koebner aprendeu em Berlim, Breslau e Genebra e foi importante para que ele desenvolvesse um método de investigação para uma compreensão sobre o significado e o uso antigo das palavras (KOSELLECK, 2006, p. 28). As disciplinas que lidam com o método histórico-filológico se sustentam através da valorização do estudo das fontes mediante a abordagem hermenêutica. Antes de Hegel, com a obra *Léxico*

[30] Os trabalhos de Hegel [1770-1831] nos quais encontramos a questão sobre o conceito são: *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* [1817/2005], *Fenomenologia do Espírito* [1807/1992] e *Ciência da Lógica* [1830/]. Nesse último, o espírito, apresenta-se isento de qualquer determinação, embora seja, ao mesmo tempo, o fundamento de qualquer determinação na apreensão da coisa mesma, ou seja, a estrutura da coisa propriamente dita. O conceito só se torna conceito, quando em algum momento, o conteúdo, que é externo, torna-se algo intrínseco a ele. O conceito corresponde, na teoria lógica hegeliana, à própria totalidade do espírito que passa a ser autoconhecimento ou reflexão sobre o espírito da coisa que se dá pela via do conceito. O conceito não trata de ser uma forma pura que é separada de qualquer conteúdo, mas é essa forma pura que pressupõe o conteúdo como um momento do desenvolvimento do espírito. Um livro que mostra essa discussão sobre o conceito em Hegel é a obra de Gerard Lebrun, *A paciência do conceito: ensaio sobre o discurso hegeliano* [2006].

[31] O idealismo alemão foi uma corrente da filosofia que surgiu no século XIX e pensa a consciência como não passividade do ser, mas como algo que representa a realidade do ser em uma ideia de totalidade. Os representates desse movimento são: Kant [1724-1804], Fichte [1762-1814], Hegel [1770-1831] e Schelling [1775-1854]. As ideias são vistas em um compreensão ontológica, epistemológica e ética.

[32] Entende-se aqui, o que é a modernidade, a partir da ideia defendida por Koselleck, a *Sattelzeit*, cuja tradução é vista como *tempo de sela*. Koselleck mostra que o período entre 1750 à 1850 demarca novidades, que surgem na História da humanidade, através do processo de industralização, por exemplo, também, inova nos vocabulários políticos e sociais alemães que transformaram a linguagem, pois passam a conceituar as rápidas mudanças que ocorrem nas esferas e estruturas governamental, social e econômica, e, consequentemente, ajudaram a produzir determinadas reações a essas mudanças. Esse período também e visto como o segundo momento da tópica moderna, pois o primeiro momento, aparece nos idos do século XVI até meados do século XVIII.

Filosófico [1726], o teólogo protestante luterano, Johann Georg Walch [1693-1775], foi o primeiro pensador a atribuir importância ao caráter histórico dos conceitos, pois ele afirmava, que os conceitos deveriam ser estudados, separadamente, do seu caráter ortodoxo dogmático, para que eles pudessem elucidar os conceitos filosóficos. (WALCH apud KOSELLECK, [1975], 20013, p. 23).

A História dos Conceitos ganha relevância em países de língua alemã desde 1770, Koselleck observa que os usos frequentes da ressignificação dos termos, além da observação da criação de neologismos, transformaram o campo da experiência política e social que definia os novos horizontes de expectativas e, a partir disso, a ênfase pelos estudos do emprego dos conceitos adequados ganha relevâncias social e política.

De um ponto de vista histórico, apenas na segunda metade do século XX, a História dos Conceitos adquire o estatuto de disciplina autonôma, e torna-se, ao longo de sua existência, um instrumento heurístico[33] necessário ao desenvolvimento de uma teoria filósofica da história. Na década de 1960, a teoria da História dos Conceitos se expande, diz-nos Assis & Mata, no sentido de "uma metaforologia[34], seja de uma tópica histórica ou uma história dos conceitos científico-naturais" (ASSIS & MATA, 2013, p. 23). De acordo com Koselleck, o enfoque heurístico do estudo do léxico se baseia na suposição de que, desde a metade do século XVIII, tem-se produzido uma profunda transformação dos *Topoi* clássicos, de que as palavras antigas têm obtido novos significados e não necessitam de nenhuma tradução.

A História dos Conceitos surge como projeto de uma metodologia inovadora e faz-nos enxergar a importância dos estudos da linguagem para a prática histórica. Entre os anos de 1950 e 1960, temos um alargamento de

[33] O enfoque heurístico traz as discussões que implicam em entender sobre as consequências da formação que um determinado fato possui, através de uma investigação histórica acerca da duração ou da sobrevivência que esses fatos têm, em seus sentidos originais e, também, tenta entender as transformações ou as mudanças bruscas que esses fatos tiveram e que foram provocados pelo movimento revolucionário do *sattelzeit*.

[34] De acordo com o *Dicionário de Argumentos da Consciensiologia* [2014], a metaforologia é a ciência aplicada aos estudos das ideias metafóricas e ou das metáforas e da designação de objeto ou qualidade mediante a palavra que designa outro objeto, como ocorre no fenômeno da metáfora, ou a qualidade que tem com o primeiro determinada relação de semelhança, estabelecendo conotação.

interesses nos estudos sobre a História dos Conceitos; Hermann Lübbe, em 1965, por exemplo, em seu estudo sobre a história do conceito de secularização, defende que o uso das palavras na história, com o método da análise sobre o conceito, passa a influenciar na reflexão das questões que enfatizavam as crises recorrentes na História da Filosofia e das Ciências Humanas, pois se tratavam de situações "caóticas" quando determinados conceitos eram empregados. A História dos Conceitos passa a ter uma função de "controle e de antídoto em épocas de anomia conceitual" (ASSIS & MATA, 1975, 2013, p. 30).

O momento que aproximou a ciência histórica e a História dos Conceitos ocorreu, segundo Koselleck, ao longo da década de 1930, com os estudos de Erich Rothacker na Filosofia, de Otto Brunner na História, de Carl Schmitt na Ciência do Direito e de Jost Trier na Lingüística, esses teóricos mostram-nos uma relação de dependência mútua entre a História Social e a História dos Conceitos. Esses teóricos que influenciaram essa virada teórico metodológica, propulsionada pela disciplina que enfatiza os conceitos, aproximaram-se do espectro conservador da política alemã que apresentava-se no sistema político nacional-socialista. Para esses intelectuais, que vivenciaram o clima de tensão do período entreguerras, viam que os estudos sobre os conceitos, confirmaram as transformações recentes dos novos fatos, como também mostraram as estruturas determinantes que os criaram no passado (ASSIS & MATA, [1975], 2013, p. 31). Os estudos que enfocam a temática sobre os conceitos tornaram-se objetos de muitas discussões e, as abordagens em torno dos conceitos, refletem o momento político no qual foram criados.

A metodologia da História dos Conceitos trabalha com a história dos termos, das ideias, das palavras, dos conceitos, mas, não devemos confundí-la como se ela fosse uma história dos termos ou uma história das ideias, alerta Koselleck. Ele critica e entende que a função e os efeitos políticos da linguagem nos termos de uma análise sobre os conceitos de movimento e dos conceitos antitéticos elaborados por Carl Schmitt, limitou o uso que se pode fazer dos conceitos, ao tratarmos de uma abordagem racional de realização de prognóstico em torno das experiências e das expectativas que surgiram no ambiente da modernidade (MEHRING, 2010, p.p 17-18).

A obra empreendida por Koselleck torna-se um modelo para o uso dos conceitos, mediado pela reflexão histórica, e abre novas perspectivas para um entendimento acerca da função política dos conceitos, tornando a História dos Conceitos uma política dos conceitos possível pela reflexão histórica e vice-versa. A teoria desenvolvida por Koselleck faz-nos enxergar novas alternativas conceituais e investiga a História dos Conceitos mostrando-nos que os conceitos analizados, atestam novas situações em uma relação de mudança que se deu por meio do movimento da modernidade, que transforma a natureza e a história, o mundo e o tempo e, cujas mudanças se dão pela evidência das transformações que são produzidas nesse movimento e são refletidas linguísticamente nos conceitos (KOSELLECK, 2009, localização: 2865).

Em *Crítica e Crise* [1959/1999], sua tese de doutorado, Koselleck, ao analisar o surgimento das Filosofias modernas da história e ao mesmo tempo, ao investigar a crise do Absolutismo, chega à conclusão que ambos foram necessários para indicar os motivos determinantes do nascimento do movimento da modernidade no período oitocentista. Elías Palti alerta-nos: “Las premissas de la crítica ilustrada que llevaría a la crisis y disolución del Estado absolutista se encuentran, paradójicamente, en la propia estructura del absolutismo”. (PALTI, [2000], 2001, p. 24). A partir disso, concluímos, que a escrita histórica acompanha a sua própria história.

Koselleck articula ambos os campos, a História dos Conceitos e a História Social, e talvez seja, por isso, que observamos um silenciamento em sua doutrina, nas questões em torno da ontologia e do essencialismo. A semântica histórica desenvolvida por Koselleck não trata de ser uma hermenêutica da linguagem, apesar de ter influências do pensamento de Gadamer, e nem se trata de ser uma análise empírica da realidade, mas propõe uma forma de escrita historiográfica que contrapõe o complemento lógico da História Social que é o conceito.

Desde os anos cinquenta a História dos Conceitos remete-se ao campo da investigação dos estudos sobre a linguagem não considerando que o ser determina a consciência, como afirmava Karl Marx em sua obra a *Ideologia*

Alemã[35] [1846/1932/2001], mas a considera como uma metodologia que contribui com uma interpretação de conhecimento de mundo e da sociedade. A História dos Conceitos não é materialista e nem idealista, afirma Koselleck, ela questiona como as experiências e os estados de coisas são refletidas em determinados conceitos, e reflete como essas experiências e o estado de coisas são compreendidas. A Historia dos Conceitos designa que o estudo sobre a língua indica-nos dados sobre a realidade previamente dada e, também, é um fator dessa mesma realidade. Um de seus objetivos consiste na análise sobre as convergências, abordagens e discrepâncias existentes na relação entre o conceito e o estado de coisas que surgem na realidade histórica estudada (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 45).

A História dos Conceitos investiga os conceitos pela via da história lingüística possibilitando condições mínimas necessárias para fazer-nos compreender a história, ao mesmo tempo em que, sua definição consiste, na compreensão sobre as sociedades no decurso da história. Koselleck afirma, que toda interpretação acerca do presente, implica em uma História dos Conceitos, pois é comum, termos exemplos mútuos, que harmonizam a análise sócio-histórica e o campo da História dos Conceitos com abordagens histórico-conceituais. Essa relação de mutualidade existente entre a História Social e a História dos Conceitos, dão-se no campo da investigação sobre a Antiguidade e a Idade Média e tornou-se necessária quando as fontes foram se tornando escassas e difusas e não atendiam ao modo em que se abordava, conceitualmente, o estado de coisas no passado e no presente (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 10-11).

A História dos Conceitos ensina que, nela, estão contidos os instrumentos linguísticos que instrui-nos sobre a compreensão de mundo ou quem quer influenciá-lo. Nessa metodologia, os processos de permanência, transformações, alterações e inovações são compreendidos, diacronicamente ao longo da sequência de significados e dos usos de um determinado termo, conduzindo-nos para uma compreensão sobre a estrutura profunda e a consolidação dos significados dos conceitos, cujos significados só podem tornar-se social e historicamente relevantes, se a História dos Conceitos for

[35] A obra *A Idelogia Alemã* foi escrita por Karl Marx [1818-1883] e Friedrich Engels [1820-1895] entre os anos de 1845-1846, mas só foi publicada pela primeira vez no ano de 1932.

isolada e destacada como disciplina autonôma no seu modo de operacionalizar (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 107).

A História dos Conceitos trata de ser um método rigoroso, consistente e, para que não confunda o pesquisador, além de ser um método baseado em conteúdos extralingüísticos que são as abordagens sobre o social, o político, são, também, os fatores geradores das transformações oriundas do processo de modernização. Koselleck chama-nos a atenção, em sua metodologia, para a diferenciação entre o que seja palavra e conceito, pois, sua teoria se instaura, a partir das relações existentes entre significante (designação), significado (conceito) e coisa, existe uma diferença sutil, alerta-nos Koselleck, de um ponto de vista pragmático:

> A terminologia social e política da língua que se examina conhece uma série de expressões que, por causa da exegese da crítica de fontes, podem ser caracterizadas como conceitos. Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palabra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contem uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos. A par disso, são entendidos pelas ciências históricas sempre como palavras, pura e simplesmetnte (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 108).

Embora tenhamos uma abertura, nesse momento do capítulo, para uma distinção entre conceito e palavra, é necessário enfatizarmos, por ora, que o que está sendo definido, é a questão em torno do que é a proposta metodológica de Koselleck, e, depois, traçamos o que seja o conceito na teoria koselleckiana e como ele é constituído a partir da metodologia supracitada e, em seguida, traremos a discussão sobre o que é o projeto do GG no empreendimento intelectual de Koselleck, para depois, elaboramos, ao final, o que é palavra na teoria de Reinhart Koselleck.

A metodologia da História dos Conceitos interpreta a história através dos conceitos por um viés histórico, converge a questão em torno do conceito e da história, cuja convergência não se entende aqui como identidade de conceito e da história e nem trata, superficialmente, o sentido e o significado dos conceitos. Muitos conceitos que fundamentam a História dos Conceitos, propagados pelo projeto do grande léxico, o GG, conservam as suas características que se originaram, desde a formação, na Antiguidade e se estruturam ainda, na atualidade, revelando significados modificados dentro das especificadades do vocabulário político-social que o constituem. A experiência

histórica, em tempo passado ou presente, leva em consideração a amplitude das fontes pelas quais os conceitos são determinados e realizam uma seleção de conceitos presentes no projeto do léxico e revelam-nos os elementos dos significados e dos sentidos dos conceitos pesquisados (KOSELLECK, 2009, p. 334).

A História dos Conceitos se baseia nos aspectos sociais, históricos e políticos que constituem o significado original e autêntico que os conceitos possuem, para que sua história possa ser conceitualizada, descrita, pensada, levando em consideração a realidade na qual o conceito foi concebido. A metodologia sobre o conceito investiga o significado que os conceitos possuem e a história do significado que eles apresentam, pesquisa também, o início do significado histórico das palavras que começam a se tornar conceitos modernos como, por exemplo, classe social, progresso, revolução, história, sociedade e democracia (KOSELLECK, [1979], 2009, localização: 2843).

No artigo, *História dos Conceitos e História Social* [1979/2006], escrito por Koselleck, a metodologia empregada pela História dos Conceitos mostra uma precisão em sua maneira de elaboração, que a fundamenta teoricamente, pois em decorrência da possibilidade de tratar, em conjunto, espaço e tempo, através da perspectiva sincrônica da análise sobre o conceito, significa que a História dos Conceitos investiga os significados do passado sob a perspectiva do presente, surgindo assim uma primeira etapa do processo investigativo. (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 104). Além da análise sincrônica dos conceitos, uma outra etapa é criada, nessa etapa, os conceitos são separados de seu contexto situacional, e os significados lexicais são investigados ao longo de uma sequência temporal, para, posteriormente, serem ordenados uns em relação aos outros, proporcionando uma compreensão de como as análises históricas de cada conceito, isoladadamente, contemplam àquilo que vai definir a ideia fundamental, da história do conceito, propriamente dito. Por fim, em uma última realização, como terceira característica da etapa empreendida por Koselleck, o método histórico-filológico se sobressai por seu caráter histórico-conceitual; pois a História dos Conceitos “perde seu caráter subsidiário em relação à história social e, passa, de igual forma, a aumentar o rendimento social e histórico da investigação” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 105). Por outro lado, na perspectiva diacrônica, ao analisarmos sobre a duração e a

transformação dos conceitos, a relevância histórica e social dos resultados que constituem o seu método, Koselleck enfatiza a seguinte pergunta e a responde ao mesmo tempo:

> Por quanto tempo permaneceu inalterado o conteúdo suposto de determinada forma lingüística, e quando ele se alterou, de modo que, ao longo do tempo, também o significado do conceito tenha sido submetido a uma alteração histórica? É apenas por meio da perspectiva diacrônica que se pode avaliar a duração e o impacto de um conceito social ou político, assim como das suas respectivas estruturas (KOSELLECK, [1979], 2006 p. 105).

O método apresentado pela História dos Conceitos não tem como objetivo elaborar uma história das palavras, nem muito menos, elaborar uma história dos acontecimentos ou factuais, ou uma história das ideias ou dos problemas; ele contribui para uma investigação histórica que tem como um dos objetivos, obter um conhecimento prévio dos fatos ou dos acontecimentos históricos, abordando questões que chegam, em primeiro lugar, pela via das palavras, e dos conceitos, cuja investigação deve ser realizada, na análise dos textos e vocábulos, deduzindo a partir deles, a existência dos fatos e das dinâmicas que não estão presentes nos próprios textos, mas são identificados através da utilização das palavras e dos conceitos que os definem.

O método desenvolvido pela História dos Conceitos se origina da história da terminologia filósofica, da gramática e da filologia[36] histórica, e, por fim, das análises semasiológica e onomasiológica. O conceito possui uma multiplicidade de conteúdos que estão além do que a linguagem pode enunciar, e só podem ser esclarecidos se alternarmos esses dois tipos de análise: semasiológica e onomasiológica. A primeira trata do estudo acerca de todos os significados de um termo, de uma palavra ou do conceito, propriamente dito. A segunda, a onomasiológica, abrange o estudo que envolve todos os nomes ou termos para a mesma coisa, palavra ou conceito

[36] Trata-se de uma ciência que estuda a linguagem e relaciona-se com várias campos de conhecimento tais como a Gramática, a História, a Poética, a Literatura. Estuda o grau de conhecimento e de civilização de um povo por meio dos monumentos literários, e apreende a concepção de palavra desde os Vedas com o *Sânscrito* [1500 a.C], Erastótenes da Escola de Alexandria [276-195 a.C.], Aristóteles com o *Organon* [384-322 a.C.], Platão em *Crátilo* [V a.C] e a *República* [380 a.C]. Nos séculos XV e XVI a filologia se preocupa em estudar os textos antigos com o intuito de investigar a origem de todas as línguas. Na contemporaneidade, a filologia, de acordo com Saussure [1916/2006], é a ciência que estuda os textos antigos e tudo quanto seja necessário para torná-los acessíveis e compreensíveis, não apenas nos aspectos linguísticos mas em todo o universo cultural que uma determinada língua representa.

(KOSELLECK, [1979], 2006, p. 102). Os resultados apresentados pelo método desenvolvido por Koselleck podem ser comprovados pela retomada de uma interpretação pela exegese textual histórico-crítico, remontando sempre de volta a ela, mas indo além dela (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 97).

Koselleck afirma que as sociedades não podem existir sem os conceitos, “não existe sociedade sem conceitos”, e eles são fundamentados em sistemas político-sociais complexos. A História dos Conceitos contribui para uma investigação sobre a História Social, fornecendo-lhes subsídios e constituindo-se como uma disciplina autonôma que possui uma metodologia própria, cujo conteúdo e alcance estão definidos, colateralmente à História Social.

Koselleck, em uma entrevista concedida aos pesquisadores espanhóis Javier Fernández e Juan Fuentes, para a *Revista de Libros* [2006], e traduzida para o português, pelos pesquisadores Marcelo Jasmim e João Júnior no livro, *História dos Conceitos: debates e perspectivas* [2006], afirma que o seu “projeto do léxico está baseado em quatro hipóteses, a saber”:

> Em certo momento (1) a linguagem se democratizou e (2) se politizou, ao mesmo tempo em que se produzia (3) uma forte inclinação ideológica e (4) uma temporalização interna dos conceitos. Desse modo, a temporalização entre o passado e o futuro vai se implantando pouco a pouco, enquanto se desenvolve gradualmente uma nova estrutura da linguagem política. Esta nova estrutura termina por afetar todos os conceitos (KOSELLECK, 2006, p. 142).

De acordo com Marcelo Jasmim e João Feres Júnior, a linguagem política passa por essas quatro grandes transformações que constituem o limiar da modernidade. A história na modernidade tornou-se um conceito reflexivo com a insurgência da Filosofia da História pois, ela contribuiu com questões metodológicas para uma compreensão sobre o fazer histórico. Nesse universo moderno, que constitui a reflexão sobre a produção da ciência histórica, na contemporaneidade, temos três observações metodológicas sobre os conceitos: primeiro, a relação entre conceito e história que mostra a polissemia existente nos conceitos e as múltiplas possibilidades de interpretações dos historiadores em relação a esses conceitos que enfatizam as diferenças para que os historiadores não incorram nos erros de confundir história política com linguagem conceitual. O segundo ponto e terceiro tratam acerca dos aspectos histórico e estrutural existentes nos conceitos antitéticos, respectivamente, ele nos indica sobre a ênfase que dá, não apenas aos

conceitos isolados e aos conceitos antagônicos, de pares que “dividem a humanidade inteira em dois grupos diferentes e contrários”, como pobres e ricos, burguesia e operários, helenos e bárbaros, cristãos e pagãos (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 193-194) e sugere aos historiadores, que elaborem uma leitura sobre determinada realidade com um viés dualista. Os conceitos antitéticos indicam grupos afetados e violentados e constituem um dinamismo que exige do pesquisador uma investigação sobre os usos dos termos no passado. (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 193-194).

A proposta metodológica de Koselleck, pressupõe uma história constituída a partir de um trabalho realizado pela História dos Conceitos, considerando que as expressões e proposições desenvolvidas no passado, necessitam de ser compreendidas em seus termos próprios, deixando mais claras as “circunstâncias intencionais contemporâneas em que foram formuladas”. (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.23). Esse método proposto pelos historiadores que compõem o grupo de analistas dos conceitos, e que seguem os pressupostos koselleckianos, levam-nos à uma reflexão acerca dos conceitos e orienta-nos para o que o historiador alemão reivindica:

> A necessidade de estabelecer os conceitos que constituem vocabulários específicos - campos semânticos ou domínios linguísticos – da linguagem política e social, relacionando os conceitos usados na discussão política, social e econômica com os grupos que os sustentam ou os contestam (RICHTER apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.124).

A reflexão desenvolvida pela História dos Conceitos faz-nos pensar as relações recíprocas existentes entre continuidades, mudanças e inovações presentes nos significados e nas aplicações dos conceitos políticos e sociais que constituíram a modernidade. De acordo com Christian Nadeau em *Étude critique de Maurice Lagueux: Actualité de la philosophie de l’histoire* [2001], cujo artigo foi apresentado no capítulo sobre a história como construção social e política: uma leitura combinada de Reinhart Koselleck e Quentin Skinner [2009], o autor afirma que Koselleck se interesa pela criação do uso dos conceitos como instrumentos que revelam a sociedade concreta por ela mesma, pois afirma que os conceitos são grande evolutivos das sociedades e, a investigação acerca deles, exige uma reflexão sobre o trabalho intelectual que será realizado através de uma ideia de que o conceito usado para ler uma

época determinada, pode ser amplamente tributário do que esta época diz sobre o conceito.

Um conceito opõe resistência de sua apropriação por um grupo social, sobretudo em razão dos usos precedentes do mesmo, seja por outras sociedades ou pelo mesmo grupo social que tenha utilizado o conceito no passado, pois, de acordo com Wittgenstein, em seu *Tratado Lógico-Filosófico* [1921/1968] os usos de um conceito determinam seu sentido porque os usos dos conceitos, no passado e no presente, determinam seus usos possíveis. Toda a vida humana está constituída por experiências e os conceitos são relevantes porque revelam os significados dessas experiências que se diluem no tempo; eles contribuem para entender e registrar o que de fato ocorreu, conservando-as no passado por meio de nossa linguagem. Os acontecimentos pela via da linguagem fazem-nos entender as ações que movimentam os homens na história, uma integração entre os conceitos e os acontecimentos, porque registram o ocorrido através das narração das próprias experiências.

Outra peculiaridade presente na teoria da História dos Conceitos é a relação temporal entre os conceitos e o estado das coisas por elas mesmas. Para Prieto, no artigo *Más allá del <<giro linguístico>>: Koselleck y los nuevos horizontes de la historia intelectual* [2009], a teoria da História dos Conceitos desenvolvida por Koselleck, em sua semântica histórica, percebe o uso dos conceitos e as concepções acerca do passado que integram as experiências vividas e são reveladas pelas capacidades linguísticas e do comportamento.

Ao elaborar sua metodologia, Koselleck faz uma distinção do que seja conceito e palavra, afirmando-nos que todo conceito político e social está associado a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Fiquemos, por agora, apenas, em torno da acepção do que seja a metodologia da História dos Conceitos, depois formulamos o que é a palavra para a teoria koselleckiana.

A teoria metodológica historiográfica que baseia-se em uma análise a partir dos aspectos conceituais, considera a investigação epistemológica que se baseia em uma pesquisa histórica que lida com o conceito de maneira isolada, pois abrange o conteúdo e o quadro linguístico que lhes são inerentes. Para Jasmim & Júnior [2006], ao analisar o *Corpus* científico que constitui a História dos Conceitos, identificam que a questão em torno dessa metodologia,

envolve a relação existente entre os significados presentes nos conceitos e as mudanças existentes em seus contextos, cujos aspectos são identificados através da apreensão que se apresenta inscrita em um contexto abrangente por meio da totalidade de um texto ou de vários textos (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 24).

Outro aspecto coetâneo à pesquisa da Histórica dos Conceitos diz respeito à legitimidade da noção de mudança que pertence aos conceitos e são subjacentes à *Begriffschichte* (traduzida por História dos Conceitos na língua alemã); cuja questão Koselleck trata, por meio de sua formulação do "triângulo linguístico" que é representada pelo tripé - palavra-significado-objeto - ou realidade (sejam estes ideológicos ou empíricos). O que importa, afirma, "é que tão logo uma palavra seja usada com um significado específico e com referência a uma realidade específica, ela é única" e pode tornar-se conceito". (KOSELLECK apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.8). Para elucidar essa questão, temos o exemplo sobre a república e a política na Antiguidade Clássica (VIII a. C - V d.C.):

> A *res pública* de Cícero se refere à sociedade romana, e o significado deste conceito está intimamente ligado à concepção romana de homem. A *koinonia politike* ("sociedade civil") de Aristóteles só pode ser compreendida em relação com a forma política de organização de seu tempo, a *polis* grega (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 25).

Vemos aqui que a perspectiva do pensamento de Koselleck funde-se com a ideia de uma elaboração teórica voltada para o sentido sobre a realidade histórica, levando em conta os aspectos dos conceitos históricos-sociais sobre a realidade histórica investigada. Por exemplo, quando no texto há referências sobre a *Koinonia Politike* grega, ou a *Res publica* romana, sabemos que a alusão à essas duas expressões só condizem com as realidades históricas que lhes pertencem. Também, percebemos que os conceitos sofrem mudanças sociais, temporais e espaciais. Isso é possível porque a estrutura temporal do conceito, ocorre, vemos isso, com o exemplo da *Koinonia Politike* de Aristóteles, porque a expressão analisada, nesse caso, sofreu alterações ao longo do tempo e, nas línguas europeias, possui o significado de "sociedade civil", entretanto, em Roma com as *Societates Civiles* dos juristas e políticos "se referiam às situações em que uma grande parte da população, os escravos, por exemplo, estavam excluídos da sociedade". (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p.

28). Essa definição de sociedade civil que surge na Antiguidade Clássica, passa por alterações que decorreram com as transformações sociais, culturais, econômicas que pertenceram a Revolução Francesa e com o Iluminismo. Apesar de haver mudanças estruturais nos conceitos, alguns elementos do conteúdo do conceito, permanecem, a exemplo disso, a ideia de *Koinonia Politike* que possuía o significado da distribuição de riqueza como sendo uma das "condições necessárias para a estabilidade de uma boa sociedade" que dava a impressão que a sociedade grega, do período, já tinha resolvido todos os seus conflitos sociais. Haja vista, que a *Koinonia Politike*, exprime a ideia de comunhão, onde todos os cidadãos possuíam uma vida em comum, partilhadas por todos os membros que lá habitavam.

Marcelo Jasmim e João Feres Júnior, na obra *História dos Conceitos: Debates e perspectivas* [2006], sugere que a teoria da História dos Conceitos possui uma relação ampla e complexa que oferece-nos uma compreensão sobre a realidade histórica-social-política, afirmando-nos que os conceitos, nos fazem compreender sobre essa realidade, contribuindo para uma análise, a partir do conceito, levando em consideração as especificidades linguísticas que são historicamente produzidas/construídas:

> Na relação complexa entre conceitos e realidade, entre dogmata e pragmata, a separação entre linguagem e história não implica a recusa *tout court* do caráter linguístico constitutivo da realidade social e política, mas a busca de um modelo teórico no qual os significados linguísticos criam, ao mesmo tempo em que limitam, as possibilidades da experiência política e social (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 27).

Elías Palti, na introdução do livro *Los estratos del tiempo: estúdios sobre la historia* [2000/2001], remete-nos sobre a contribuição do pensamento de Koselleck para a construção do método historiográfico, ao abordar a História dos Conceitos, ele diz que quando um termo ou ideia traz uma série de conotações diversas se converte naquilo que ele chama de conceito, já palavra, é diferente.

Koselleck, nessa relação com a História dos Conceitos e com a História Social, fornece-nos um método de pesquisa que por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem, contribui para a elaboração de uma metodologia que fica atenta em relação ao emprego dos

termos relevantes que surgem para a construção da reflexão histórica e analisa as expressões que sustentam o conteúdo social e político da história. A História dos Conceitos também atenta às questões em torno da História Social, pois, como afirma Koselleck, a semântica se relaciona a conteúdos que estão para além da dimensão linguística. Koselleck faz uma ressalva aos estudos sobre a posição que a semântica ocupa porque a considera marginalizada quando a inserimos no *Corpus* dos estudos das ciências da linguagem e a considera, generosa, quando contribui aos estudos históricos. Koselleck afirma que a análise linguística pela via dos conceitos, permite que antigas proposições se tornem mais precisas, pois considera que a análise empreendida pela via da linguagem, torna-se mais clara e compreendida.

Após a Segunda Guerra Mundial foi levantada a questão se a historiografia de afirmação de um passado nacional baseava-se em temas que orientavam-se para a procura dos motivos da catástrofe mundial, e a história passa a ser vista como arma para uma crítica da situação presente. O historiador alemão afirma que os estudos sobre a linguagem contribuem para o desenvolvimento das pesquisas humanas, ou, pesquisas que enfatizem a contribuição que a História dos Conceitos tem para oferecer em relação aos temas estudados, pois, a História dos Conceitos, torna a análise possível e inovadora.

O artigo, *A intuição de Koselleck acerca do tempo na história* [2006], escrito por Gabriel Motzkin, deduz que todo o trabalho realizado por Koselleck, na História dos Conceitos, aponta para dois aspectos centrais; o primeiro, trata da ideia da descontinuidade histórica que pode ser localizada por meio da análise dos conceitos, mostrando-nos que a história é caracterizada por rupturas e descontinuidades, e ambos, são refletidas na linguagem e, segundo; a questão em torno da sensação de aceleração do tempo que foi motivada pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial pois, segundo Koselleck, essa ideia de aceleração é o “substituto moderno para noções mais antigas e messiânicas do fim dos dias” (MOTZKIN, 2006, p. 78). Essa ideia de aceleração só pode ser compreendida quando a inserimos no contexto de um futuro infinito e aberto que priva a aceleração de uma ameaça finalista. A aceleração reflete o poder histórico temporal que apresenta-se como um dos hábitos mentais presentes na modernidade e isso reflete na constituição do

pensamento de Koselleck, que vai em busca pela intensidade histórica, pois, o conceito, além de variar com seu campo semântico, varia, também de acordo com os conteúdos que apresentam determinadas épocas (MOTZKIN, 2006, p. 78). Motzkin quando aborda a característica sobre a aceleração da modernidade, com a qual Koselleck se refere, indica que trata-se de uma aceleração que revela a intensidade como um ideal regulador existente na própria modernidade porque, para ele, o moderno não vê que o tempo, a experiência e a aquisição de conhecimento estão se acelerando, mas ambiciona que esta aceleração continue para sempre (MOTZKIN, 2006, p. 79).

Para Koselleck, os conceitos não possuem uma história autônoma, não existem aleatoriamente, eles carregam consigo elementos de significados transmitidos historicamente. Não há contextos originais nos conceitos. Cabe a História dos Conceitos, elaborar registros sobre como esses conceitos foram criados, alterados ou transformados no decurso da história (KOSELLECK, 2006, p.102).

Dentro desse movimento de aceleração do tempo que é marca presente e constante da História Moderna, Koselleck traz a obra de Lorenz Stein, A *Constituição Municipal da França* [1843], pois ele afirma, a partir desse texto, que não conseguimos mais acompanhar o movimento temporal, no qual a história e a historiografia se inserem, e, Koselleck conclui, o que ocorre é o oposto porque todas as diferentes formações surgiram, de repente, e elas podem ser abarcadas numa única visualização, e a mais importante diferença em relação ao período anterior, é que ele dependia do conhecimento histórico e nesse movimento da modernidade, depende-se muito mais da posição que ele ocupa.

> Da mesma forma como todas aquelas diferentes formações surgiram, de repente, elas podem ser abarcadas numa única visualização. E a mais importante diferença desse período em relação ao anterior, é que nele o juízo correto depende muito mais da posição, e no anterior dependia muito do conhecimento histórico. (STEIN apud KOSELLECK, [1975], 2013, p.p 200-201).

Sobre a História dos Conceitos no artigo *História dos Conceitos e História Social* [2006/2012], Koselleck menciona a frase do filósofo, Epiteto [55-135 d.C.], que diz “não são os fatos que abalam os homens, mas sim o que se escreve sobre eles”, essa oração revela, em uma primeira perspectiva, as relações existentes entre a história e o que se escreve sobre elas, se formos ao

campo da exegese textual, vemos que o que é dito sobre a história, trata, meramente, de uma interpretação superficial. Essa frase faz parte da tradição estóica[37] que se ocupa do questionamento acerca da relação entre as palavras e as coisas, entre o espírito e a vida, entre consciência e existência, linguagem e mundo (KOSELLECK, 1975, p. 97). Esse pensamento faz-nos refletir sobre a força peculiar que as palavras possuem e que não devemos deixar-nos irritar pelas palavras, pois sem elas o fazer e o sofrer humanos não se experimentariam nem, muito menos, seriam transmitidos. Koselleck lança a discussão em torno dos argumentos estóicos da Antiguidade Grega que ligava a linguagem a um contexto específico de ação e nos guia até Saussure e Wittgenstein alcançando discussões elaboradas pelo movimento do *linguistic-turn*.

Para Koselleck há uma articulação entre a História Social e a História dos Conceitos, pois, ele indica, a partir da frase de Hardenberg:

> Acima de tudo deve existir uma hierarquia racional que não favoreça uma ordem de prejuízos das outras, mas sim que indique aos cidadãos de todas as ordens o seu lugar, determinado conforme a hierarquia de classes e de acordo com as verdadeiras necessidades do Estado, de modo algum considerando suas necessidades como supérfluas (HARDENBERG apud KOSELLECK, 1979, p. 99).

Koselleck analisa que o sentido contido nessa frase só é possível quando organizamos todos os elementos presentes em seu contexto. Para ele, a multiplicidade cronológica do aspecto semântico reside, portanto, a força expressiva da história. Na investigação da exegese do texto, o interesse pelo emprego dos usos dos conceitos politíco-sociais e a análise de suas significações ganham uma importância de caráter social e histórica. Os momentos de duração, alteração e futuridade contidos em uma situação política concreta são apreendidos por sua realização no nível lingüístico, pois as circunstâncias sociais e as alterações nela embutidas, são problematizadas no próprio instante da realização linguística (KOSELLECK, [1979], 2006, p.

[37] O estoicismo foi uma escola filosófica que predominou durante o helenismo (séc. IV a.C. até o século III d.C.). Dentre os estudos valorizados destacam-se questões em torno da linguagem em uma relação de diferenciação entre significante e significado. O estudo sobre o significante apresenta importância porque com ele, projetam no ocidente, o interesse pelas pesquisas referentes à gramática. Dentre os filósofos estóicos destacam-se Zenão de Cítio [333-263 a.C], Cleantes [331-232 a.C.] e Crisipo [280-206 a.C.].

101). Reforçando a tese de Koselleck, é necessário destacarmos a exigência fundamental de sua metodologia: “a obrigação de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 103).

A abordagem sobre a História dos Conceitos mostra-nos um universo complexo que se consolida nos estudos sobre a linguagem pela via dos conceitos, pois sem eles não pode haver a sociedade e nem unidade de ação política. Os conceitos possuem fundamentos que sustentam complexos sistemas políticos-sociais e, através deles, compreendemos como a sociedade se caracteriza, historicamente, e como a eles, estão relacionados. (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 98).

A proposta metodológica de Koselleck estabelece uma ligação entre a História dos Conceitos e a História Social, pois, não há como não perceber que há uma relação intrínseca entre ambas. Os conceitos e o social são possíveis, através dessa relação intercambiável, que ambos os métodos desenvolvem, porque os conceitos instruem-nos sobre o caráter singular dos significados passados, e contêm possibilidades estruturais que não podem ser depreendidas por meio da sequência dos acontecimentos na história. (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 116). Koselleck atesta que os conceitos só podem ser pensados e falados uma única vez, isso significa dizer que sua formulação teórico-abstrata, relaciona-se a uma situação concreta que é única, mas, isso não significa dizer que não possa surgir novos conceitos, articulados a conteúdos, que são produzidos/pensados, mesmo que as palavras utilizadas sejam as mesmas.

A Historia dos Conceitos pode ser realizada através do estudo da recepção que determinados conceitos possuem, quando são traduzidos e utilizados pela primeira vez no passado, e são postos em uso pelas gerações posteriores. Portanto, a singularidade histórica dos atos de fala, que parecia tornar qualquer Historia dos Conceitos impossível, cria a necessidade de se reciclar as conceituações passadas. O registro de como os seus usos foram mantidos, alterados ou transformados, pode ser chamado, apropriadamente, de História dos Conceitos (KOSELLECK, 2010, p. 101).

A História dos Conceitos faz-nos perceber como os conceitos são produzidos e contribuem para uma compreensão de como os sujeitos que presenciaram a formação histórica do mundo moderno da Europa germanófona, conceituaram essas grandes transfomações, como as incorporaram às suas teorias políticas e sociais e, como agiram diante desses múltiplos entendimentos que consolidam as bases da modernidade.

A História dos Conceitos é um método especializado na crítica das fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e analisa as expressões fundamentais que constituem os conteúdos sociais e políticos que estruturam a História. A análise histórica dos conceitos deve remeter nao só à história da língua, mas também à dados da História Social, pois a semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão lingüística. No emprego da análise lingüística dos conceitos, as antigas proposições tornam-se precisas e os fatos históricos e as relações entre eles tornam-se mais claros e precisos através dos estudos de sua constituição lingüística semântica que se dá pelo emprego dos aspectos onomasiológicos e semasiológicos. A teoria da História dos Conceitos apresentada por Koselleck torna relevantes os resultados obtidos a partir da investigação histórica de um ponto de vista intelectual e material.

A História dos Conceitos está relacionada à acontecimentos e às situações políticas e sociais que envolvem as palavras e as tornam conceitos, ela interpreta a história por meio dos conceitos que são utilizados no passado e fundamentam a história sem se desprender dos fatos. Percebemos que, ambas, não são dissociadas e, do ponto de vista da epistemologia, segundo Koselleck, a história não poderia ser pensada, refletida, compreendida, analisada, investigada, não poderia tornar-se história.

A compreensão da história, a partir dos conceitos que a fundamentam, como identidade entre um '*Zeitgeist*[38]', linguisticamente articulado, e as circunstâncias nas quais se deram os fatos, causaria um curto-circuito irreversível de um ponto de vista teórico. Koselleck chama a atenção para uma observação em torno de uma tensão que é estabelecida entre os conceitos e

[38] Esse termo foi empregado pela primeira vez pelo escritor Johann Gottfried Herder [1744-1803] e significa espírito de época, ou seja, é uma palavra alemã que designa àquilo que determinada época está pensando.

os fatos, cuja tensão dá-se por meio de um hiato existente entre os fatos sociais e o uso lingüístico a eles relacionados. As alterações das situações políticas e históricas e o impulso para a criação de neologismos, que a elas correspondam, relacionam-se entre si de maneiras diversas (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 110-111). A investigação de um conceito não deve ser conduzida apenas, de um ponto de vista semasiológico, restringindo-se aos significados das palavras e às modificações que nelas ocorrem.

O método da História dos Conceitos prioriza a decifração do conteúdo contido na historicidade dos conceitos, que é realizado pela alternância das análises, sincrônica e diacrônica, como também, torna perceptível as separações entre os antigos significados lexicais que se referem a um fato ou às circunstância que não existem mais, assim como, podem surgir novos significados da mesma palavra no decurso da história. Por meio desse método, também é possível detectar a existência de significados sobressalentes, que não correspondem mais à nenhuma realidade factual e, pode-se verificar, as razões que levam alguns fatos deixarem transparecer como um conceito permanece inconsciente ao usuários padrão da língua. A contribuição diacrônica oferece acesso a camadas de significados que permanecem escondidas no uso espontâneo da língua (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 114-115).

A História dos Conceitos coloca em evidência as camadas dos significados de um mesmo conceito existente em épocas diferentes, ela ultrapassa a relação existente entre diacronia e sincronia e passa a remeter à possibilidade de simultaneidade da não-simultaneidade que pode estar contida em um conceito (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 115). Ela problematiza questões que fazem parte das premissas metodológicas e teóricas da Historia Social que se baseia nas avaliações de curto, médio, ou longo prazos quando trata de avaliar as diferenças existentes entre os acontecimentos e as estruturas. O conceito possui uma profundidade histórica que não se identifica à sequência cronológica de seus significados e, ganha com isso, uma exigência sistemática, na qual toda investigação de cunho social, político e histórico deve ser levado em conta. A História dos Conceitos confronta a permanência e alteração, tendo esta como referência daquela. O pressuposto que reflete as premissas teóricas que consideram a História Social, são as

linguagens (das fontes e a científica) que está relacionada ao “conteúdo material da história” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 115). Temos, portanto, uma tensão entre a realidade e o conceito que aparece no nível da língua-fonte (língua-padrão), e na linguagem científica (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 115).

Passamos a uma análise sobre o que é o conceito na teoria koselleckiana e a relação dessa descrição com a metodologia da História dos Conceitos. A relação entre conceito e história mostra-nos que a história só torna-se possível, ou seja, só pode ser escrita, porque ambos, possuem “zonas de delimitação mútua das unidades de ação, que se articulam conceitualmente”. (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 194). A escrita histórica acontece quando o conteúdo, conceitualmente, foi apreendido e questionado em relação à sua correspondência com o conteúdo real, que dele decorre metodologicamente. Entretanto, essa correspondência, infinitamente diversificada, “não deve ser entendida como identidade, pois do contrário toda fonte conceitualmente clara já seria a história a cujo conhecimento se quer chegar” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 194) A história não é a soma das denominações e descrições que nela são depositadas e são transformadas em diálogos e discussões teóricas dos diferentes campos de conhecimento. Ela, também, não se esgota nos inúmeros conceitos que a incluem. Koselleck chama a atenção para que evite-se o erro de confundir história política e história social com linguagem conceitual (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 194).

Vemos que o conceito não surge apenas como uma construção social, mas atua sobre a sociedade e impõe limites semânticos aos usos que damos aos conceitos, também ocorrem em tempo e espaços precisos, pois segundo, François Dosse, no artigo *Reinhart Koselleck: entre semántica histórica y hermenéutica crítica* [2009], os conceitos registram os fatos sociais que estamos produzindo e ao mesmo tempo, o conceito torna-se um fator do fato social e não apenas um reflexo que atua sobre ele que possui um caráter retroativo.

Ao tratarmos um conceito, construímos uma reflexão de caráter ideológica, pois, Koselleck afirma que a História dos Conceitos “surgiu de um duplo impulso crítico referido à transferência descuidada para o passado de expressões modernas, contextualmente determinadas, do argumento constitucional” e à prática da história das ideias trata de como as ideias são

articuladas em figuras históricas diferentes, embora, sejam elas mesmas, fundamentalmente imutáveis, o que ocorre com a História dos Conceitos é um movimento inverso, pois as ideias que representam os conceitos modificam, conforme o tempo vai passando, como constatou Koselleck, ao analisar o conceito de história, que antes era tido como a reprodução das várias *Histories* que passa a representar apenas uma concepção de história, a *Geschichte*, que torna a história o produto reflexivo da modernidade.

No bojo da formulação sobre a História dos Conceitos, Koselleck constrói a concepção de conceito fundamental a partir da teoria de Schmitt [1888-1985], pois retoma a questão sobre o caráter polêmico da formação dos conceitos políticos. Koselleck ressalta que os conceitos são os guias dos movimentos históricos e também são os promotores e os fatores que tornam a história possível.

Desse modo, compreende o editorial da *Revista Antrhopos: Huellas del conocimiento* [2009], afirmando que a linguagem social e política possui um bom número de conceitos-guia, palavras-chave ou lugares comuns e são assim definidos: os conceitos fundamentais não devem ser vinculados a ideias ou questões atemporais, mesmo que possam aparecer estratos de significados recorrentes. Inicialmente, a História dos Conceitos questiona quando, onde, para quem e por quem e como se concebem determinadas intenções ou estado de coisas. Uma palavra perde a capacidade de representar um conceito fundamental quando não é mais capaz de ligar novas experiências e de capturá-las em um conceito comum junto com as expectativas que essas palavras tem para cumprir, por exemplo, elite passa a ser susbstituída por aristocracia, agricultor por camponês, ou, obreiro por trabalhador e sociedade por Estado. Temos, portanto, novas formulações que não resolvem os problemas expressados nos conceitos, mas que só se reformulam e redefinem novas concepções que a nova realidade histórica determina (KOSELLECK, 2006, p. 38).

A noção de conceito fundamental surge com a teoria schmittiana sobre o caráter polêmico da formação dos conceitos políticos, sociais e jurídicos. Koselleck ressalta que os conceitos-guia do movimento histórico, são também promotores e fatores da história. Os conceitos fundamentais surgem, como, conceitos de movimento, de ações e de conceitos polêmicos, a partir do

espaço de experiência histórico e formulam um horizonte de expectativa configurando a temporalidade histórica com uma compreensão singular. José D' Assunção Barros, em seu artigo, *Koselleck, a história dos conceitos e as temporalidades* [2016], informa-nos a importância do tempo para o historiador alemão:

> O esforço de compreender o tempo em suas múltiplas facetas, históricas e historiográficas, foi de fato um ostinato na produção intelectual de Reinhart Koselleck. O historiador alemão desenvolveu uma singular perspectiva sobre o Tempo que chama atenção para o fato de que cada Presente não apenas reconstrói o Passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade –tal como, aliás, já propunham os Annales e outras correntes do século XX– mas também de que cada Presente ressignifica tanto o Passado (referido na conceituação de Koselleck como "campo da experiência") como o Futuro (referido conceitualmente como "horizonte de expectativas"). Mais ainda, cada Presente concebe também de uma nova maneira a relação entre Futuro e Passado, ou seja, a assimetria entre estas duas instâncias da temporalidade, e não é por acaso que o título de sua mais conhecida coletânea de ensaios é Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos (1979) (BARROS, 2016, p.p 44-45).

Além de Koselleck lidar com a questão sobre o tempo, ele discute temas voltados à Filosofia da História e coloca em relevo sobre a procedência e o surgimento dos conceitos, questionando se devemos aprofundar as expectativas sobre o futuro a partir de argumentos baseados em uma teoria que analisa o conceito acerca do conhecimento histórico. A teoria histórica que Koselleck promove, trata de construir a teoria dos tempos históricos baseada nos conceitos, substituindo a Filosofia da História tradicional pela incorporação da análise do conceito que se dá através da comprovação histórico-conceitual da historicidade presente em toda a experiência humana. Também, mostra-nos, como lidar de maneira crítica e historicamente informada, com a semântica política e, aponta-nos questionamentos sobre as novas bases que condicionam a temporalização moderna e a capacidade didática que a história possui (MEHRING, 2010, p. 168). A História dos Conceitos investiga, interdisciplinamente, a escala dos diferentes entrelaçamentos sincrônicos e diacrônicos presentes nos conceitos.

Dependendo de como a questão é tratada, a sincronia e a diacronia entrelaçam na produção do método sobre os conceitos, explicando-nos porque todos os conceitos possuem uma estrutura temporal. Em função da quantidade de conteúdos da experiência que se vão se acumulando nos conceitos em

função das expectativas, um conceito terá distintas valorizações temporais. Há conceitos orientados no passado que conservam as experiências antigas e que se fecham frente às mudanças que os significados dos conceitos possuem quando antecipam o futuro, cujas antecipações evocam um futuro novo ou diferente, pois as experiências evocam novas mudanças nos espaços de expectativas para construir o futuro.

A diacronia permite que a História dos Conceitos seja um campo de pesquisa que deve, do ponto de vista da metodologia, não apenas, deixar de considerar os conteúdos extralingüísticos, que são vistos como conteúdos que pertencem ao campo específico da História Social. Os processos de permanência, alteração ou ineditismo que formam os significados lexicais, devem ser compreendidos, afirma Koselleck, antes que esses significados possam ser tomados como indicadores dos conteúdos extralinguísticos que recobrem, antes que possam ser empregados na análise das estruturas sociais ou de situações de conflito político (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 106). Koselleck orienta-nos que a permanência e a alteração dos significados das palavras correspondam à permanência e, a alteração das estruturas por elas sejam designadas.

Os conceitos surgem a partir do espaço de experiência histórica e formulam um horizonte de expectativas e, isso torna-se possível através dos argumentos baseados no conhecimento histórico. Eles revelam a época na qual foram criados e possibilitam-nos investigações sobre as condições que esse pensamento teve levando-nos para uma compreensão sobre o nosso próprio tempo e lugares (MEHRING, 2010, p. 167).

Os conceitos sociais e políticos são generalizáveis e possuem significados diversos, são polissêmicos. Por outro lado, o conceito ligado a uma palavra é sempre mais o que a palavra significa. A palavra fica contida, já, os conceitos, possuem inúmeros significados, porque além de serem polissêmicos, são ambíguos. Concluímos, temporariamente, que o conceito, para Koselleck, possui imbricações sociais e políticas, presentes em sua historicidade, porque o tempo transforma o conceito, e além disso, são ambíguos e polissêmicos.

Ao analisar um conceito, Koselleck afirma, que todo conceito é “portador de muitas camadas temporais”. Hoje, por exemplo, pode-se usar a expressão

sociedade civil que possui alguns traços do significado aristotélico, que tornam-se ainda presentes e ainda compreensíveis, a partir das especificidades criadas na Antiguidade. Também, muitos significados do termo, tal como usado na Antiguidade, na Idade Média, e no início da Modernidade, terão desaparecido. O conceito tem várias camadas temporais, e os seus significados tem diferentes *durées* (KOSELLECK apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 29).

A Psicanálise, veremos no segundo capítulo, volta-se para outro aspecto, o da realidade inconsciente, que não possui um nexo sobre o sentido ou sobre o significado, mas leva em consideração a elaboração em torno do significante. O sentido para a Psicanálise encontra-se na produção sobre um não-sentido em torno da realidade inconsciente dada. Koselleck lida com a produção sobre o sentido e sobre o significado, quando sugere que o conceito fornece-nos elementos para uma compreensão em torno de uma realidade histórico-social dada. Lacan lida com o conceito, em uma outra perspectiva, a perspectiva do não-sentido produzida pela operação significante. Concluímos, nesse primeiro momento, que Koselleck, elabora o sentido sobre o significado pela via do conceito e, Lacan, constitui a operação significante na formação inconsciente do sujeito. A concepção sobre o significante está presente em todo o ensino de Lacan e será detalhado adiante, no próximo capítulo. Mas de antemão é necessário que tenhamos em mente que ele é, como afirma, Clara de Góes, “o pulo do gato de Jacques Lacan” (GÓES, 2012, p. 56).

Voltando à discussão sobre os conceitos, vemos que eles modificam porque a realidade histórica também é modificada constantemente pelos sujeitos e vice-versa, Koselleck sugere quatro características presentes nos conceitos que ajudam-nos para compreender essa afirmação:

> 1) O estado de coisas e o conceito permanecem estáveis ao longo de um período de tempo; 2) Conceito e realidade se transformam simultaneamente, de modo harmônico; 3) Conceitos mudam sem que haja uma mudança concomitante da realidade, ou seja, a mesma realidade é conceituada de modo diverso; 4) O estado de coisas muda, mas o conceito permanece o mesmo, como no caso do conceito marxista ortodoxo de capitalismo (KOSELLECK apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 9).

O texto *História dos Conceitos e História Social* [1979/2006], escrito por Koselleck, mostra os conceitos sob a perspectiva temporal, classificando-os em

três grupos: Primeiro, os conceitos tradicionais possuem significados que persistem, mas que, mesmo no contexto da modernidade, eles retêm uma validade empírica, como o exemplo anterior sobre a política em Aristóteles; segundo, os conceitos, cujos conteúdos semânticos, mudam radicalmente, como é o caso da palavra história (*Historie e Gechichte*), possuem significados difíceis de serem comparados; terceiro, a construção de neologismos possibilitam registros e provocam novidades nas circunstâncias pelas quais eles são criados, como é o caso das palavras comunismo e fascismo (KOSELLECK apud JASMIM & JÚNIOR, 2006, p. 28).

O conceito libera-se, parcialmente, da palavra e expressa-se em termos ou ideias diversas entre si. Na teoria da semântica histórico-conceitual, o conceito condensa-se em uma experiência histórica e o articula em redes semânticas; Koselleck fornece-nos vários exemplos de conceitos analisados; destacamos aqui o exemplo do conceito Estado, que integra e compreende um conjunto de noções, tais como domínio, território, legislação, administração, impostos, judiciário, e tudo isso, atribui um significado plural a Estado (PALTI, [2001], 2000, p.p 14-15). Elías Palti entende que, com cada conceito, devemos estabelecer determinados horizontes e, também, limites para a experiência possível e para a teoria elaborada. Os conceitos fornecem aos atores sociais, as ferramentas para compreender o sentido de suas ações, elevando a experiência crua e a pura percepção dos fatos e acontecimentos da experiência vivida (PALTI, [2000], 2001, p.16). Continuando com o exemplo do conceito Estado, quando Koselleck analisa o conceito de Estado, no contexto da Alemanha do século XVII que se originava da palavra latina *Status*, cuja palavra significava “estado, ordem” (*Stand*) e “Estado” (*Staat*). Com a mudança da política alemã no século XIX, *Stand* foi subordinada a Estado, “ou mesmo, em algumas situações, posto em oposição a Estado. Qualquer arranjo temático dos conceitos (ao invés de alfabético) distorceria a transformação diacrônica destes conceitos” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 105). Koselleck afirma que a tensão subjacente ao conceito e ao estado de coisas que se referem a palavra *Staat* [Estado] constitui sobre o desenvolvimento que diverge da história da palavra e da história factual. Koselleck analisa que a História dos Conceitos alemã que parte atrasada, em cem anos, e alcança a História dos Conceitos francesa, para depois se separar dela. Koselleck analisa a palavra Estado em

todas as suas acepções a partir da nomenclatura semântica que compõe vários países, indicando-nos que a história da formação do Estado alemão, propriamente dito, não transcorre em conformidade e nem em paralelo à História dos Conceitos que se refere a ela, Koselleck nos apresenta três exemplos que confluem para a concepção em torno da produção do conceito de Estado:

> 1. Durante el siglo XVII, y prolongándose durante el siguiente siglo hasta bien entrado el XIX, *Staat* coincidió con estamento [*Stand*]. El estamento del príncipe era su Estado. En el lenguaje de la teoría del derecho, heredera del derecho natural, se llevó a cabo en pocas décadas un giro de 180 grados. Estamento se convirtió entonces en un factor que obstaculizaba la formación del estado: <<Estado>> y <<Estamento>>, dotados al principio con un contenido semántico indéntico, se convirtieron en conceptos rígidamente opuestos (…). 2. *Status*, hasta entonces un concepto que se refería a una sociedad plural, se convirtió en un concepto fundamental y como *Staat* reclamó un derecho absoluto sobre cierto número de significados. En lugar del príncipe, el Estado mismo se convirtió en <<soberano>>, el lugar del <<jefe del Estado>> lo ocupó el <<Estado en general>>. El Estado concentró todos los derechos de soberanía relativos a la legislación, las finanzas, los impuestos, la escuela, la Iglesia y le ejército. Consideró ciudadanos del Estado a todos los que hasta entonces habían sido súbditos divididos en Estamentos. Y todo esto en un territorio exactamente delimitado hacia el exterior.En esta medida, *Staat* se transformó en uno de los muchos singulares colectivos de la modernidad [*Neuzeit*], que agrupan de forma abstracta muchos significados. 3. El Estado unificado excluyó desde entonces todos los otros significados antes habituales de *Staat*, lo que contrasta con los Estados occidentales vecinos en los que aún hoy puede hablarse de *state of affairs o de état des choses*, expresiones que han desaparecido en alemán. Sin embargo, nada más convertirse *Staat* en un concepto fundamental, con una pretensión de exclusividad antipluralista, también pasó a ser cuestionado (KOSELLECK, 2006, p.p 34-35).

Vemos, portanto, que a história da formação do conceito de Estado transcorre como um conceito fundamental dotado de uma elaboração complexa que é apreendido através da realidade social e política; o conceito que antes do início do século XVIII possuía uma concepção plural, passa a se tornar um conceito no qual as múlptiplas atribuições dadas a ele, tais como Estado monárquico, Estado social, Estado cristão, Estado de direito, Estado do bem-estar, Estado popular, Estado federal, Estado-nação, essas combinações de palavras que variam ao longo da história, constituem a semântica do Estado em geral (KOSELLECK, 2006, p.p 34-35).

Depois da pesquisa sobre o conceito de Estado e as representações que nele se configura, Koselleck chega a conclusão de que o significado das

palavras e o uso que fazemos delas nunca possuem uma relação com àquilo que chamamos de realidade, pois ele vê que ambos, conceito e realidade, mesmo que um remeta a outro, não condizem com àquilo que, efetivamente, tentam mostrar porque cada um possui sua própria história, pois, embora um remeta ao outro, se modificam de maneiras diferentes. Koselleck ressalta: “a veces es la conceptualización de la realidad la que va por delante de esta y otras veces es la realidad la que va por delante de la conceptualización” (KOSELLECK, 2006, p. 36) Outra conclusão que Koselleck chega ao analisar o conceito de Estado, aponta para uma compreensão sobre a realidade e o conteúdo a que ela se refere:

> No solo todos los conceptos fundamentales son insustituibles, y por eso mismo polémicos, sino que también poseen una estructura temporal interna. Todo concepto fundamental contiene elementos de significados pasados en estratos situados a distinta profundidad y expectativas de futuro de distinta importancia. Con ello estos conceptos generan, en cierta forma en un proceso inmanente al lenguaje, un potencial de movimiento y de modificación temporal con independencia de su contenido de realidad (KOSELLECK, 2006, p. 37).

O conceito apresentado tem uma estrutura polissêmica que possui vários significados que consolidam-se no decurso da história, faz-se necessário compreender como determinado conceito, na teoria de Koselleck, ganha destaque; como e quais os motivos são norteadores no trabalho do historiador que levam em consideração a apreensão sobre o conceito. É importante enfatizar o questionamento sobre o produto que é realizado pelo trabalho do historiador na escolha pelo estudo de determinado conceito. Quando um pesquisador decide e/ou opta por analisar algum conceito, ele carrega consigo elementos inconscientes que norteiam o trabalho a ser pesquisado. Essa percepção que é inerente ao trabalho do historiador se relaciona à elementos inconscientes que a ele estão vinculados inexoravelmente. Na História dos Conceitos não levamos em consideração sobre esses aspectos inconscientes, mas a Psicanálise, com a operação significante, lida com esses elementos que são fundamentais para compreendermos os motivos que os historiadores têm nas escolhas dos seus conceitos estudados. Voltando à questão em torno do conceito Estado, podemos inferir que ele possa ser um significante[39], pois,

[39] Esse conceito será detalhado, minuciosamente, no segundo capítulo.

como estamos no campo da historiografia, essa palavra pode ser destaque para um fenômeno histórico ou torna-se um significante para aquele que decidiu pesquisá-lo. Nessa relação com o significante psicanalítico, questionamos com Koselleck, o que torna um conceito possível de análise, nessa busca de compreensão, quando um historiador decide pesquisá-lo? É destacável apenas os aspectos polissêmicos dos conceitos e das palavras? E o conteúdo inconsciente que se apresenta como elemento significante diante daquele que decide pesquisar um determinado conceito? Como compreendê-lo? Para responder a essa pergunta, o segundo capítulo, desta pesquisa, trata das peculiaridades que envolvem o universo da operação significante na Psicanálise lacaniana. Voltemos às discussões em torno da metodologia da História dos Conceitos.

Que elementos estão incluidos na palavra “Estado” para que ela se torne um conceito? O que são os conteúdos diversos, com sua terminologia própria, mas também com sua qualidade conceitual, estão integrados no conceito “Estado” e abrigam-se sob um conceito comum. Na investigação sobre o conceito Estado, concluímos que eles são vocábulos nos quais se concentram uma multiplicidade de significados. O significado e o significante de uma palavra podem ser pensados separadamente. Cabe elucidar aqui, que o significante trabalhado por Koselleck não se remete ao significante da Psicanálise, esse significante, ele toma emprestado da teoria de Saussure que o define como conceito, propriamente dito, ao conceber os fonemas e as alocuções que lhes são pertinentes. Na História dos Conceitos, significado e significante coincidem, na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser conservado e compreendido por meio dessa mesma palavra. Uma palavra contém possibilidades de significado, um conceito reúne em si diferentes totalidades de sentido. Essa questão sobre a palavra será detalhada adiante na terceira parte deste capítulo. O conceito arregimenta em si a diversidade da experiência histórica assim como a soma das características objetivas, teóricas e práticas de uma circunstância, na qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio desse mesmo conceito (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 109).

A variação no tempo, no qual o conceito foi concebido e transformado, indica-nos uma complexidade que leva-nos para uma compreensão sobre os aspectos extensos e intensos da semântica, e condizem com a formação dos conceitos, cujas características revelam as transformações sociais-históricas-políticas que definiram a historicidade presente na capacidade elaborativa que os conceitos possuem. De acordo com Motzkin [2006], essa variabilidade temporal na qual o conceito é concebido e produzido não está contida somente no contexto da inflexão verbal, “mas também em dois outros aspectos: na extensão e na intensidade” (MOTZKIN, 2006, p. 78). O primeiro aspecto diz respeito à extensão temporal, ou seja, trata-se de um movimento de duração ou durabilidade dando significação ao conceito que presentifica-se como indicador de uma longa *dureé*, ou seja, “um conceito carrega consigo uma referência ao intervalo de tempo que ele projeta” (MOTZKIN, 2006, p.78). Essa característica ajuda-nos a pensar em como os conceitos afetam o mundo que estão para além dos conceitos e pelos quais os “conceitos políticos e sociais supõem como seu referente. O chamado à ação, que está algumas vezes implícito num conceito, é frequentemente mediado pelo senso de temporalidade que ele comunica à sua audiência” (MOTZKIN, 2006, p. 78). O segundo aspecto, intensidade, mostra como as experiências variam, intensamente, da mesma maneira que a experiência temporal entrelaçada à experiência histórica, também varia em intensidade (MOTZKIN, 2006, p. 78). Haja vista que intensidade é a variável presente nos conceitos e nas estruturas linguísticas relacionadas à produção de intensidade, e na qual os conceitos, “podem variar no grau em que evocam a sensação de intensidade ou de pouca espessura da experiência temporal a eles associada” (MOTZKIN, 2006, p. 79).

A percepção de analisar determinados conceitos, como por exemplo, os conceitos de Estado, Revolução, Sociedade, Democracia, remete-nos para uma larga escala de tempo que podem ser concebidos entre séculos ou milênios. Um conceito que surgiu na Grécia Antiga, por exemplo, democracia; remete-nos ao estudo de como ele é visto na contemporaneidade. Analisar esses conceitos posterga-nos para uma temporalidade extensa (larga duração) e isso contribui-nos para uma investigação sobre os conceitos no decurso da história. Koselleck pensa a modernidade de uma maneira *Sui Generis* e esta acontece, submetendo a temporalidade e a experiência vivida à

acontecimentos frequentes. As transformações e mudanças advindas com a modernidade impulsiona-nos a pensar que esse movimento de mudanças não é novo em nossa cultura, embora, seja necessário, compreendermos algumas questões em torno da temporalidade do conceito. A Idade Moderna apresenta-se com grandes novidades, apontando um novo tempo, traz também mudanças no campo dos conceitos com o surgimento de "nuevas palabras y significados, testigos de una nueva aprehensión del mundo, que terminan por afectar a todo el lenguaje" (KOSELLECK, 2009, localização: 2868-2876).

A análise histórica sobre o conceito pode apresentar o contexto histórico-social-político que representa a origem de uma descontinuidade histórica que se reflete entre os acontecimentos e se estende para as instituições. Como exemplo, *Gabriel Motzkin no artigo A intuição de Koselleck acerca do tempo na história* [2006], traz o conceito *volk* que é concebido no início do século XIX remetendo-nos à ideia de futuro. O que ocorre com o vocábulo *Volk* que passa a conotar uma ideia diferente sobre o passado, sugere-nos que se trata de uma concepção na qual o conceito é re-concebido, possui uma alteração que é invocada por uma transformação no qual o vocábulo dá um salto diferencial sobre uma concepção renovada e que sugere uma nova construção mental e social sofrida pelas alterações próprias da história ao longo do tempo (MOTZKIN, 2006, p. 78). Compreendemos que a teoria koselleckiana consegue enfatizar o conceito a partir de uma temporalidade histórica e, este é concebido, através das particularidades que envolvem as acepções históricas, políticas e sociais que orientam o movimento interno do conceito, proporcionando os significados que lhes são atribuídos nas circunstâncias históricas que lhes são determinadas.

Koselleck traz a ideia de conceitos básicos que são importantes para a constituição do projeto do grande léxico. Para a História dos Conceitos, é importante diferenciarmos conceitos de conceitos básicos; o primeiro, é tratado em termos de significados que não possuem ambiguidade, por outro aspecto, os conceitos políticos e sociais são produzidos por um processo semiótico[40] de

[40] A semiótica estuda os símbolos e vê os fenômenos da cultura através dos sistemas de significação e do significado. Foi utilizada pela primeira vez por John Locke, ele usou os termos *Semeiotike* e *Semeiotics* no livro 4, capítulo 21 da obra, *Ensaio acerca do entendimento humano* [1670], com o intuito de interpretar os sinais que identificavam várias doenças trazidas pelos doentes. De um ponto de vista da linguagem, trata-se da ciência que investiga os signos

longa duração que abrange múltiplas experiências contraditórias. Além disso, evocam reações e expectativas complexas e conflitantes (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 102).

O conceito básico trata de constituir uma parte insubstituível do vocabulário político e social, eles combinam experiências e expectativas multiformes que tornam-se indispensáveis para qualquer formulação dos temas mais urgentes de um determinando tempo. Os conceitos básicos são complexos, controversos e devem ser interpretados de modo a colocar em ordem os seus múltiplos significados, as suas contradições internas e suas aplicações variáveis nas diferentes camadas sociais e temporais. Nenhuma ação política, nenhum comportamento social, pode ocorrer sem um estoque mínimo de conceitos básicos que persistiram durante longos períodos; que subitamente apareceram e reapereceram; ou que foram trasformados rápida ou lentamente (KOSELLECK, 2010, p. 103). Os conceitos básicos apresentam-se no interior dos discursos, eles são os pivôs em torno dos quais os argumentos giram e onde os discursos são possíveis de serem proferidos. Sem eles não conseguimos expressar as ideias mais tolas ou mais profundas. Essa característica dos conceitos básicos, de eles serem aplicados à diferentes circunstâncias políticas e sociais, atesta que eles possuem estruturas de duração longa. Também permite a recepção e a adaptação de conceitos básicos de línguas estrangeiras que são incorporados à outras línguas, indicando-nos analogias estruturais ou equivalentes funcionais em diferentes formas de governo e de sociedades. A exemplo disso, temos a tradução e a adaptacão realizada a longo prazo de *Koinonia Politike*, *Societates Civilles* ou *Res pública*. Concluímos que alguns conceitos básicos tem sido aplicados, repetidas vezes, em circunstâncias diferentes e Koselleck ressalta que apesar da variabilidade da mudança histórica extra-linguística, os conceitos básicos, aqui expostos, são repetidamente reintegrados, através das estruturas e classificações que os determinam pela historicização presentes nos conceitos.

Com a proposta da História dos Conceitos aqui apresentada, temos a chave para desenvolver um método, cuja sugestão investiga os aspectos sociais, políticos e históricos através de análises de conteúdos linguísticos que

---

e foi criada pelo estudioso Charles Sanders Peirce [1839-1914].

pertencem aos conceitos, Koselleck diz-nos que seu método diferencia o que seja, conceito e palavra, para tanto, faz-se necessário compreender que os conceitos políticos e sociais exigem uma generalização, na mesma medida, em que são polissêmicos e, para as ciências históricas, podem ser vistos apenas como palavras. Koselleck afirma que todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 108). Os conceitos possuem elementos estruturais que possibilitam a construção de significados, cuja compreensão revela-nos que o universo da semântica histórica mostra que todo conceito constitui parte de uma narrativa ou de uma representação, por exemplo, Estado, Democracia, Exército, Partido, Sociedade Civil, pois possibilitam uma interpretação inteligível dentro dos contextos apresentados, e esses não são reduzidos à sua singularidade histórica. Os conceitos instruem-nos sobre as possibilidades estruturais que nele estão contidos e indicam-nos sobre as concepções que envolvem os traços contemporâneos no que é não-contemporâneo e não se reduz a uma simples, série histórica temporal (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 142).

O conceito em Koselleck, conduz o trabalho do historiador para a elaboração de uma escrita sobre a realidade, de modo que essa escrita só pode ser desenvolvida a partir de uma verdade, na qual a história só pode ser inferida quando o conteúdo é apreendido, conceitualmente, e questionado em relação à sua correspondência com o conteúdo real que dele decorre metodologicamente (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 194).

No artigo *Historias de los conceptos y conceptos de historia* [2006], Koselleck compreende essa relação entre a realidade e o que é dito sobre ela, e afirma que os conceitos são importantes porque sem eles não haveria experiência e sem experiências não haveria conceitos (KOSELLECK, 2006, p.p 31-32), além de considerar a linguagem como elemento imprescindível para uma compreensão acerca da realidade, pois entende que nenhuma realidade pode reduzir-se a seu significado e estruturação lingüística, e sem a linguagem, a realidade não existiria. A partir dessa relação ambígua que é inerente ao conceito, Koselleck fornece-nos quatro formas pelas quais podemos articular a transformação correlacionada ao conceito e ao estado das coisas, são essas: primeira; o significado de uma palavra assim como o estado das coisas, permanecem iguais sincrônica e diacronicamente. Koselleck compreende:

> En primer lugar, es extremadamente raro que el significado de las palabras y los estados de cosas se correspondan a largo plazo, y más aún lo es que se modifiquen uniforme y paralelamente. Sin duda hay un grupo importante de significados de palabras y de los estados de cosas correspondientes que no han cambiado a lo largo de siglos. Durante mucho tiempo esto fue válido para los conceptos que captaban la naturaleza y para el mundo de los campesinos y artesanos, es decir, para aquellos ámbitos que se caracterizaban por una constante repetición. No obstante, estos ámbitos también se modifican y diluyen cuando tienen lugar transformaciones económicas, sociales, políticas y mentales bruscas (KOSELLECK, 2006, p.p 32-33).

O segundo aspecto leva-nos para um entendimento sobre o significado de uma palavra que permanece o mesmo, mas o estado das coisas se modifica, e a realidade mudada deve ser captada e compreendida linguísticamente de novo. Koselleck dá o exemplo do que ocorre com o marxismo soviético na última fase do capitalismo que previa que a revolução da luta de classes iria acontecer, cuja etapa traria à humanidade liberdade e autodeterminação para sua emancipação como classe operária. Entretanto, o fascismo e o nacional-socialismo não permitiram que a revolução fosse possível. Terceira; o significado de uma palabra muda, mas a realidade permanece igual, e a semântica passa a necessitar de encontrar novas formas de expressão lingüística para ajustar-se a realidade mudada. A exemplo disso, o que ocorre com a história da revolução, na qual o conceito é modificado, mas a sucessão de acontecimentos se repete de maneira semelhante. Até o século XVIII revolução indicava o retorno ao “largo plazo de lo idéntico” (KOSELLECK, 2006, p. 33) e passa a ser concebido de maneira inovadora, pois revolução faz referência a um processo único caracterizado por um poder decrescente que produzirá um futuro completamente novo de auto-organização pacífica dos povos (KOSELLECK, 2006, p.p 33-34). E, por fim, a quarta forma indica-nos que o estado das coisas e dos significados desenvolvem-se de maneira separada de modo que a relação que existia antes já não é mais compreendida. Koselleck diz que apenas a História dos Conceitos permite identificar como e com qual conceito se capturava antes a realidade.

Conclui-se, portanto, que o que é estrutural aos conceitos, na teoria koselleckiana, e que é articulado na semântica política dos discursos históricos investigados, revela-nos um aspecto divergente do que é estrutural na teoria psicanalítica. A Psicanálise lida com estruturas assim definidas: neuroses,

psicoses e perversões. Entretanto, ambos os campos, produzem o histórico pela compreensão acerca do passado. Na Psicanálise, elaboramos uma compreensão sobre uma realidade inconsciente pela via do passado através de angústias delineadas por um sujeito; esse sujeito, faz e elabora, ao longo de sua análise, um trabalho analítico, cujo resultado é percebido através das mudanças que surgem na cadeia dos significantes do seu discurso. Na Psicanálise, o estrutural aponta para uma escrita que se constitui como uma construção histórica que é delineada pela fala do analisante, ele tece a história a partir de suas lembranças e de como essas lembranças são importantes para a elaboração de sua história configurada na escrita inconsciente. Na historiografia também percebemos que a experiência histórica permanece e, mesmo que os nomes e palavras sejam diferentes, a estrutura da argumentação permanece a mesma (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 195), pois devemos levar em consideração que o trabalho historiográfico é exercido por um sujeito que pensa que é o agente que se dispõe à escrita histórica; por outro lado, a própria história leva o sujeito a construção de caminhos nos quais ele não sabe a onde pode chegar; o trabalho do historiador é realizado com surpresas, igual ao trabalho do psicanalista. Koselleck aponta-nos que não há limites porque "os homens determinam o campo em que a disposição da história é livre" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 234), com o conceito de história proposto por Koselleck nessa sua invenção e investigação sobre a semântica da modernidade; ele indica-nos que a partir de 1780, pudemos imaginar que fosse possível fazer a história, pois, antes, ela era contada, descrita, narrada; na modernidade houve uma mudança: "nós somos capazes de planejar e realizar a história" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 235). Koselleck fornece-nos um novo conceito de produção histórica que resulta em reflexões teóricas sobre o Iluminismo, porque antes, existia uma história que tinha como sujeito a humanidade, e agora ela passa a ser refletida como sujeito de si própria (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 234).

No artigo, *Historia Magistrae Vitae* [1979/2006], Koselleck indica-nos sua proposição de história como campo de construção de conhecimento que analisa as diferentes elaborações do discurso histórico até concluir, com sua ideia de história reflexiva, que surge na modernidade. A tópica que era uma disciplina de estudos na Antiguidade, um método de investigação de problemas

que tinha uma função retórica e Cícero, sendo o principal articulador, com sua *Tópica* (44 a.C/) e com *Do Orador* (32 a.C/1992), vai buscar premissas úteis para argumentar que a arte da invenção, muito valorizada pelos juristas romanos, e isso, se posterga ao longo do medievo, via a história como mestra da vida. A história mestra da vida, cunhada por Cícero e depois pelos historiadores voltados à tradição cristã e, por defensores de uma história profana de tradição humanista, indicava-nos os erros para que não caíssemos neles próprios, depois. As transformações decorrentes do movimento Iluminista e da Revolução Francesa, tornam o conceito de história como um "moderno conceito mestre", pois as ações que se iniciam no advento da modernidade, influenciam as mudanças e transformações que estão presentes no universo interno do conceito (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 185).

A elite culta pertencente ao ambiente catedrático que configurava a *Bildungsburgertum*[41], construía reflexões em torno da história com artigos em revistas e livros, foram aumentando no final do século XVIII e início do século XIX. A ciência histórica surge em meio a essa classe intelectual que se ligava ao desenvolvimento de uma consciência histórica que se apropriava de sua identidade, e coincide com sua função social e política – sem naturalmente se limitar a ela. A ciência histórica, portanto, torna-se autonôma, reflexiva que envolve as mudanças em torno da história em si e para si. A história passa a estabelecer relações entre o futuro e o passado através de sua legitimação e fundamentação que surge nesse mundo intelectual de uma burguesia culta e erudita. A história ultrapassa os limites de uma concepção descritiva e restritiva aos fatos registrados na memória sobre o passado e, torna-se um conceito envolvente em uma concepção científica com teoria e método próprios que assume funções de responsabilidades políticas e sociais que influenciam a forma como são percebidas (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 188). A História dos Conceitos ultrapassa, com seu método, a linguagem presente nos textos e possibilitam outras formas de significação simbólica e da materialidade que pertencem as imagens, aos monumentos, como Koselleck identificou.

[41] A *Bildungsbürgertum* foi formada por uma elite culta que tinha conhecimento em várias áreas, dentre elas Literatura, Humanidades e Ciências e se destacou na Alemanha em meados do século XVIII. Valorizavam os bens intelectuais aos bens materiais. O escritor Thomas Mann [1875-1955] e a família *Weizsäcker*, são nomes que são relacionados à essa elite culta.

O conceito moderno de história implica uma inovação e uma nova relação entre passado e futuro. Até meados do século XVIII o termo *Historie* era compreendido no plural, (as histórias) e ele designava narrativas, várias histórias, depois esse conceito modificou e ficou sendo um. Sobre o conceito de história, Koselleck mostra-nos que as histórias no plural, que eram as histórias de todo o tipo, que ocorriam e podiam servir de exemplos para os ensinos moral e teológico, para o direito e para a Filosofia, ou seja, elevar a história para uma condição conceitual universal, passou a nos orientar diante da condição de experiência e de expectativa possíveis. Essa nova concepção, que foi criada a partir de 1780 indo até 1850, em torno do conceito moderno de história, indicava-nos que já poderíamos falar sobre uma "história em geral", ou uma "história em si e para si", ou, sugere Koselleck, uma "história como tal", pois, mostrava que, qualquer que fosse a nomenclatura dada a ela, indicava-nos que o novo conceito, que se remete a si próprio, acabava com o sentido tradicional dado à história até então (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 235).

No artigo a *""História" como conceito mestre moderno"* [1975], apresentado no projeto do grande léxico, traduzido para o português em 2013, Koselleck concebe essa ideia de a história como conceito mestre, pois a História Moderna mostra a ambivalência pela qual ela é marcada e instaura a própria história como restrições que podem ser levantadas contra ela. A história através do seu sentido plural, entre o movimento factual e as relações de superpoderes, abre uma perspectiva para uma discussão ideológica (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 222). No ambiente que instaura a história como conceito mestre da modernidade, Koselleck faz uma leitura sobre a obra escrita por Marx e Engels, *A Ideologia Alemã* [1846/1932/2001], nessa obra, Marx considerava a Alemanha inferior que ficava "abaixo do nível da história" (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 207), e ela passaria a se recuperar quando a Filosofia da História se concretizasse; pois, Marx deslocou a ruptura entre passado e futuro para o futuro, para quando alcançássemos as condições de ausência e de dominação pela via da ideologia comunista que se instalaria na classe proletária. Portanto, a sociedade alcançaria um *status* de identificação com sua história que culminaria na escrita da Pré-história da humanidade. Marx e Engels, em A *Ideologia Alemã* [1846/1932/2001], analisam que o homem na Revolução Comunista conseguiria se libertar e se impor através das condições

transformadoras da própria história, passando a construir a sua história universal, mundial. No *Manifesto do Partido Comunista* [1848/2003], Marx avaliava que o comunismo, traria a libertação para o homem de suas condições escravas de trabalho que se configuraram no universo do mundo do trabalho proletário; em outra análise sobre a realidade material, a classe proletária se estabeleceria com a sociedade pós-revolução industrial, e nos *Manuscritos ecômicos-filosóficos* [1844/2008] também elaborados por Marx, apresenta-nos que o comunismo, como uma solução para a classe trabalhodora, falhou, porque o projeto criado com proposta do materialismo histórico faz-nos enxergar, segundo Koselleck, que "a expectativa engoliu, por completo, a experiência" (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 207).

Ainda com *A Ideologia Alemã* [1846/1932/2001], o homem produz a si mesmo, socialmente, e o trabalho satisfaz e aumenta as suas necessidades. Para Marx, a consciência é um produto social, e a História elaborada por esses "fabricadores de Histórias", que querem escrever a história a partir de ideias mestras ou dominantes, mostram-nos que conceitos dominantes, indicam classes dominantes (KOSELELCK, [1975], 2013, p. 215). Koselleck mostra que Karl Marx fazia uma crítica à uma história elaborada pela via do conceito, por pressupor que, teoricamente, "um conceito processual de História, que requer invariavelmente um preenchimento empírico, no qual forças produtivas, condições sociais e consciência precisam ser colocadas numa relação recíproca variável" (KOSELLECK, [1975], 2013, p.p 215-216). Para o historiador alemão, Marx reúne dois elementos importantes, "a factibilidade da história, por um lado, e o superpoder que exerce sobre os homens, por outro lado" (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 216).

Koselleck conclui sua reflexão em torno da teoria marxista, com um exemplo sobre Hitler, quando o *Füher* alemão e seus adeptos utilizavam a palavra História, era vista como destino factível, mas a ideologia que os fascistas empregavam, mostravam o conteúdo ideológico apresentado por eles, de acordo com Gerhard Weinberg, no livro *Hitlers Zweittes Buch*[42] [1961],

[42] Gerhard Weiberg é o nome de nascimento de William Rand Kenar Júnior [1928-], professor emérito de História da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, estuda, desde sempre, a política externa da Alemanha nacional-socialista e a Segunda Guerra Mundial. Em 1958 descobriu o *Segundo Livro de Hitler* entre os arquivos alemães encontrados, esse livro foi

mostra que nos arquivos encontrados de Hitler, ele havia escrito, que “os valores eternos de um povo somente sob o malho da História mundial se transformam naquele aço e ferro com que então se faz História”. Outro escrito, que revela um discurso de Hitler, proferido em 4 de abril de 1933 na cidade de Detmold, mostra-nos que as concepções ideológicas forçadas possuem seu sentido prognóstico, pois, disse-nos Hitler: “Em última instância, é indiferente quantos por cento do povo alemão fazem História. O que importa é que os últimos que fazem História na Alemanha somos nós”[43]. Segundo, Koselleck, “não havia forma melhor para formular os ultimatos sob cuja coerção Hitler fazia política e, com isso, imaginava fazer História. E ele, de fato, fez História – mas diferente do que ele imaginava” (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 221).

A História Moderna surge reflexiva a partir de sua posição frente a situação presente sobre a realidade que a circunda. Torna-se, sob a perspectiva de uma crítica ideológica, na qual Koselleck emprega aqui o conceito da Escola de Frankfurt, de 1971, escrito por Habermas em sua obra *A pretensão à universalidade da hermenêutica* [1970]*.* Aqui, a história em sua reflexividade, além de possuir uma compreensão política-social da linguagem transformadora do movimento histórico ao qual ela pertence, também nasce com o intuito de provocar e promover a ação social e política (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 212).

A teoria materialista marxista é o resultado da nova configuração da história, pois, torna-se instrumento fundamental para a ação humana, diante das transformações que surgem com a consolidação do sistema capitalista na terceira fase da Revolução Industrial em 1850. Koselleck conclui que Marx, ao elaborar uma teoria sobre a situação presente, “produziu uma crítica ideológica que decifrava a utilização linguística dominante a partir de uma teoria própria da História” (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 214). Em uma ironia que Marx faz a Bruno Bauer [1809-1882], um dos discípulos do idealismo hegeliano[44], que

---

publicado em 1961, com o título de *Hitlers Zweittes Buch* que é traduzido por *Segundo Livro de Hitler*.

[43] Discurso de Hitler registrado na obra *Reden un Proklamationen* 1932 bis 1945 por Marx Domarus publicado em 1965.

[44] Hegel constrói um sistema que abrange temas complexos da tradição filosófica como ética, metafísica, natureza, filosofia do direito, lógica, estética. Dá importância à temas voltados à consciência e à História, pois afirma que a reflexão filosófica deve ocorrer a partir de um exame

apontava a consciência como solução para os conflitos humanos, elabora a pergunta se a história seria essa “para que a verdade atingisse a consciência”. (MARX apud KOSELLECK, [1975], 2013, p.p 214-215).

A escrita histórica, viabilizada pela análise marxista sobre o universo capitalista que se configurava no perído pós Revolução Industrial, passa a compreender as classes sociais, além de definir concepções do homem em sua totalidade e, de um ponto de vista do conteúdo, a historiografia materialista, conflui para aspectos até então, não considerados pela ciência histórica, pois passa a investigar as causas do desenvolvimento e mudanças na sociedade, os meios pelos quais os homens produzem, socialmente, as necessidades de sua sobrevivência. Nessa concepção, as classes sociais e as relações estabelecidas entre elas, fundamentam-se pela atividade econômica na qual estão inseridos, e a partir disso, estabelecem as estruturas políticas e as formas de pensar de uma dada sociedade.

A partir de uma leitura sobre Marx, Koselleck faz-nos pensar como as mudanças decorridas com a industrialização podem instruir a classe proletariada que através dos fracassos das revoluções anteriores, habilita essa classe no novo espírito da nova linguagem que se configura no novo mundo buguês. Refletimos com Koselleck:

> Assim, nossa ciência vai conquistando sua posição e sua tarefa naquilo que está surgindo; aquilo que acontece ao nosso redor e conosco não é outra coisa que o presente da História, a História do presente”. Ou, numa formulação singela de Schopenhauer: “Somente através da História um povo vem a se tornar plenamente consciente de si mesmo” (KOSELLECK, [1975], 2013, p. 190).

François Dosse no artigo supracitado, concorda com Koselleck quando afirma que os conceitos históricos, que são portadores da experiência e da expectativa, não são “simples epifenômenos linguísticos que se opõem à historia verdadeira” (DOSSE, 2009, localização: 4119), para ele, os conceitos possuem uma relação específica com a linguagem a partir da qual influenciam sobre cada situação e acontecimento ou reação. Os conceitos não se reduzem a uma figura retórica, nem a uma simples utilização que tenha como objetivo a classificação em categorias. Os conceitos se ancoram no campo da

---

do processo da formação da consciência, pois através da consciência crítica, ao percebemos as condições históricas nas quais estamos inseridos, podemos compreender o processo histórico, e através dessa percepção, compreenderemos o sentido e a direção que poderemos tomar para transformar essa realidade.

experiência de onde surgiram para subsumir uma multiplicidade de significados. Dosse questiona se os conceitos conseguem saturar o sentido da história até permitir uma fusão total entre história e linguagem? (DOSSE, 2009, localização: 4119).

Entre o acontecer e o produzir a história, Koselleck orienta-nos para uma discussão sobre como os acontecimentos históricos e sua constituição linguística estão entrelaçados, porque não podemos ver essas duas coisas separadamente (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 236). O decurso das ocorrências históricas não coincide com a possibilidade de sua elaboração linguística. Entre os dois, pelo contrário, existe uma tensão que se modifica continuamente e essa tensão torna a história possível. É importante analisar a particularidade de como os acontecimentos passados são levados a "falar" e como os acontecimentos futuros passam a ser esperados. Em outras palavras: do que se está realmente falando quando se diz, por exemplo, que "se pode fazer história"? (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 236). Para Reinhart Koselleck, fazer história, implica na observação de que "os homens são responsáveis pelas histórias em que estão envolvidos, não importando se têm ou não têm culpa nas consequências de suas ações" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 245). Essa constatação apontada pelo historiador alemão, orienta-nos para duas questões fundamentais que estão em jogo: a primeira, se os homens realizam a sua história; como compreender essa história, nesse processo de construção solitária se há, também, o processo de construção coletiva, pois, ambos, homem e sociedade compõem o todo. Ao mesmo tempo, os homens realizam a história a partir de apropriações de métodos investigativos que culminam em perspectivas historiográficas. Temos, portanto, duas formas de realizações da história: a história construída pela ação de todos os homens e a história realizada pela escrita individualizada de alguns historiadores, ou seja, a escrita histórica nas mãos de poucos homens e, a história que está aí no mundo para que possamos apreendê-la reflexivamente. Como pensar essa escrita levando em conta essas duas proposições?

Essa questão ambivalente que concerne esse tema da Filosofia da História, indica-nos que os conceitos também são guiados por essa dúvida. Ela é indicadora de uma compreensão, por ela própria e dela própria, tentando dar conta de fatores que lhe são internos e externos, embora não possamos

resolver essa questão de maneira simples. No artigo de Christian Nadeau *La Historia como construcción social y política: una lectura combinada de Reinhart Koselleck y Quentin Skinner* [2009]*,* publicado na revista *Anthropos: Huellas del Conocimiento* [2009], a terceira parte do artigo intitulado, *El uso social de los conceptos: el programa metodológico de Reinhart Koselleck*, o autor faz uma observação para que haja uma verificação sobre as mudanças políticas e sociais que derivem dos conceitos pela concepção da História dos Conceitos. Nadeau concorda com Koselleck, ao afirmar, que o uso social dos conceitos existe, desde sempre, *ex nihilo*, porque, ambos sugerem, Nadeau e Koselleck, que o estudo dos conceitos, configure um debate complexo sobre as razões que levaram as sociedades pré-modernas não terem sido capazes de usar os conceitos, pois, é possível mostrar, historicamente, e com o apoio de provas, como determinados conceitos aparecem no momento pelos quais são reivindicados por determinadas sociedades (NADEAU, 2009, localização: 4982).

Para Nadeau, os discursos não revelam aspectos presentes da sociedade, às vezes eles apontam questões opostas ao que uma determinada sociedade emprega. Para ele, com o exemplo do termo onanismo, este não surge na sociedade medieval e nem foi apropriado pela teologia cristã, mas nasce no século XVIII, onde os discursos científicos e econômicos promovidos pela Ilustração[45] e pelo Iluminismo foram determinantes para a concepção castradora do que poderia significar o termo onanismo, Nadeau comenta:

> El historiador Thomas Laqueur ha demostrado recentemente como el onanismo nace propriamente en el siglo XVIII, en el momento en que es condenado no por los teólogos, sino por cierto discurso científico y económico próprio de la Ilustración¡ que veia en la masturbación una perdida económica y una enfermedad peligrosa¡ (NADEAU, 2009, localização: 4916).

[45] Iluminismo e Ilustração são expressões que podem remeter-nos à mesma ideia que configura o momento filosófico racional que inicia-se na França, na Inglaterra e na Holanda durante os séculos XVII e XVIII. A Ilustração trata de uma tendência intelectual que não se limita a nenhuma época específica, sua marca principal é combater o mito que se apresenta em épocas diversas e questioná-lo por meio da racionalidade que se apresenta como crítica às concepções religiosas diversas que se apresentam e são generalizantes em relação as suas explicações sobre a realidade. O conceito de Iluminismo já foi apresentado na nota de pé de página de número 22.

O método comparativo, criado por Koselleck, preocupa-se com os usos dos conceitos e como eles são criados e utilizados por uma sociedade que pensa a realidade a partir de exemplos concretos. Esses conceitos propagnam concepções sobre os usos possíveis que podemos fazer dos conceitos para que possamos elaborar uma compreensão sobre o passado e o presente. Ao utilizar a metodologia proposta pela História dos Conceitos, o pesquisador deve compreender o sentido e o uso possíveis dos conteúdos históricos existentes nos textos. O trabalho de pesquisa é carregado de concepções conceituais que estão arraigadas na mente do historiador, para que o pesquisador possa identificar qual a questão de saber o que significa X, e como esse X é apresentado por um determinado autor (NADEAU, 2009, localização: 4940).

Para reforçar a ideia aqui apresentada, os conceitos são ferramentas da história, construídos dependentemente dos fatos históricos e em diálogos permanentes com eles (NADEAU, 2009, localização: 4956-4965). Concordamos que o pensamento de Nadeau coaduna com o pensamento de Koselleck, pois, Nadeau define que a história é parte da obra das sociedades, e os historiadores não escapam da influência daquilo que as sociedades do passado definem. Para Nadeau, os conceitos servem de ferramentas básicas ao trabalho do historiador, por exemplo, as categorias históricas, como modernidade, história e experiência, são, ao mesmo tempo, devedores da maneira em que tem sido formulados no passado e trata-se de “um duplo processo de historicidade ou de um duplo historicismo: a história, como construção social, está unida a suas origens, isto é, a seus modos de produção” (NADEAU, 2009, localização: 5021-5030).

Os conceitos possuem uma dinâmica própria, vemos que eles produzem significados para a história e são indicadores do que podemos apreender acerca dos fatos históricos, eles instruem-nos para um entendimento sobre o futuro, por exemplo, citando Koselleck, os “privilégios políticos ainda por serem conquistados foram formulados primeiro na linguagem, justamente para que pudessem ser conquistados e para que fosse possível denominá-los” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 102). Assim, foi possível que se diminuísse o conteúdo empírico existente no significado de vários conceitos, enquanto aumentava proporcionalmente a exigência de realização futura contida neles. Os exemplos de neologismos sobre os conceitos que configuram os “ismos”,

mostram-nos que eles serviram como conceitos que se agrupam e são articulados para organizar e mobilizar as massas estruturalmente desorganizadas, a exemplo disso, as expressões conservadorismo, liberalismo, socialismo, fascismo, homossexualismo[46], patriotismo (KOSELLECK, [1979] ,2006, p. 102).

Koselleck indaga quando determinados conceitos são resultados de um processo de teorização. Para ele, todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também indicativo de algo que se situa para além da língua e, a partir de um fato linguístico, é que se pode atuar sobre a realidade de forma concreta. Prieto, no artigo *Más allá del <<giro linguístico>>: Koselleck y los nuevos horizontes de la historia intelectual* [2009], aponta que existe uma conexão entre realidade e discurso, entre conceitos e fatos históricos, entre linguagem e mudança sociopolítica. Ele também sugere que há uma relação entre conceitos (linguísticos) e história (extra-linguística), e essa relação é o fator fundamental que devemos investigar. Para Prieto, a História dos Conceitos baseia-se em qualquer coisa que possa e deva ser conceitualizada, e ela encontra-se fora dos conceitos, mas ambos, conceitos e realidade, possuem suas próprias histórias (PRIETO, 2009, localização: 1059). A relação existente entre os conceitos e a história contribui para a reflexão sobre a realidade e escrita que se faz sobre essa realidade. Ambos, a História dos Conceitos e conceitos de história, estão conectados, interligados.

Koselleck diz que os conceitos estão interligados em redes conceituais, isso significa que o importante é saber qual o grau de precisão que a História dos Conceitos nos oferece quando analisamos os conceitos. Para responder a essa pergunta, ele afirma que o método diacrônico que envolvem os conceitos,

[46] A palavra homossexualismo, por exemplo, antes dos movimentos reivindicatórios dos direitos LGBTTs (Lésbicas, gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis) nos anos de 1990 em diante, era uma expressão utilizada no meio acadêmico e pelas pessoas em geral, que definia os homens e mulheres que possuem a livre orientação sexual, homoafetiva. Hoje em dia essa expressão não é mais utilizada no meio LGBTTs, porque nos manuais de psiquiatria, desde o final do século XIX a homossexualidade era vista como um patologia de distúrbio mental, sendo retirada dos manuais de psiquiatria por recomendação da Organização Mundial de Saúde apenas em 1990. A palavra homossexualismo é considerada doença e nos remete à ideia de preconceito que vem junto com o preconceito sofrido pelos grupos dos homossexuais. A mudança que ocorre no universo de aplicabilidade dos termos que garantem os direitos LGBTT e as novas transformações sociais e políticas que daí derivam, também vieram junto, às necessidades de um nova aplicabilidade de novos conceitos que foram incoporados às reinvindicações do movimento LGBTT, contestando expressões que antes demarcavam um universo de preconceito e de limitações sociais frente às condições pelas quais os gays e lésbicas eram vistos e aceitos socialmente.

e as unidades textuais que fazem-nos analizar as frases, os parágrafos, os capítulos, os livros e os correspondentes dos textos que as contradizem, ou se o vocabulário linguístico fáctico o virtual se investiga em conjunto com os correspondentes equivalentes de outras línguas. Se, de fato, temos o interesse em comprender a história, “nenhuma ampliação ou limitação da investigação pode ignorar a atividade criadora do sentido e progressiva dos conceitos em sua transformação” (KOSELLECK, 2006, p.p 47-48), Koselleck chama-nos a atenção para uma análise que podemos elaborar em torno da história como produto da reflexividade moderna:

> Hay una aporía permanente que obliga a una constante reflexión y reescritura: la historia siempre es más o menos de lo que conceptualmente puede decirse sobre ella. Del mismo modo que la lengua siempre produce más o menos de lo que está contenido en la verdadera historia (KOSELLECK, 2006, p.p 47-48).

Os conceitos podem tornar-se antiquados, ultrapassados quando os contextos nos quais se constituíram deixarem de existir, portanto, concluímos, embora os conceitos envelheçam, isso significa que eles não possuem uma historia autônoma. Por exemplo, o conceito de *Politeia* não pode ser separado da prática da cidadania presente nas *Poleis* gregas; o conceito de *Res publica,* em Cícero, depende da ordem política de Roma republicana do século primeiro depois de Cristo. Metodologicamente, a análise dos conceitos, exige, para qualquer análise adequada, entender como a linguagem está enlaçada aos contextos sociais, históricos e políticos.

Elías Palti analisa que na perspectiva da Historia dos Conceitos se “proyecta una nueva luz sobre la distinción saussureana entre sincronía e diacronia” quando tratamos de compreender as implicações mútuas dos aspectos dos conceitos e suas implicações que se dão através de uma noção de temporalidade existente que é uma:

> <<simultaneidade de lo no contemporâneo>> que pone de manifiesto las raíces diacrônicas de la riqueza semântica de los conceptos, y muestra que los sucesos y los discursos, por únicos e irrepetibles que nos parezcan, <<contienen>> y movilizan estructuras sociales y linguísticas cristalizadas a través de la larga reiteración de hechos y palabras similares en diferentes contextos” (KOSELLECK, 2006, localização: 1456-1464).

Reinhart Koselleck no quarto ponto elaborado no artigo *Cambio de experiência y cambio de método/ Un aponte histórico-antropológico* [2000], sugere uma proposta de método historiográfico com as seguintes características *Registrar, continuar y reescribir la historia: observaciones metodológicas mínimas* (KOSELLECK, [2000], 2001, p.56), cujos aspectos, o autor estabelece-nos que o registro é o primeiro passo da escrita, um ato único que busca em fontes diversas, desde testemunhos visuais, orais, escritos a partir de experiências pessoais através de perguntas como porque sucedeu assim determinado fato, como ocorreu, como foi possível. Chamamos a atenção para uma investigação sobre o terceiro ponto que trata da *reescritura da história* na qual Koselleck, em sua leitura pormenorizada dos trabalhos de Tucídides [460 – 395 a.C] expõe-nos que foi com ele que a história pode ser reescrita e refletida a partir de um ponto existente entre um ato de fala não dito, entre a experiência histórica vivida e o que pode ser dito sobre essa mesma experiência, ele apresenta-nos uma tensão comum entre a linguagem e a realidade e isso institui o que Koselleck chama de hiato inerente entre os acontecimentos que constituem a história e o que é dito sobre essa história:

> Tucídides fue el primero en conocer la contradicción que aparece siempre entre la historia efectiva y su interpretación verbal, hasta el punto de que precisamente esa distinción es constitutiva para la experiencia de la historia (..) La estabilidade antropológica de todas las premisas históricas que Tucídides trataba de mostrar reside – visto el assunto desde la perspectiva metodológica – en la tensión reflexiva que impera entre decir y actuar, entre hablar y opinar, entre lenguaje y realidade, de tal modo que sólo así, y ningún otro modo, se constituye la historia. En la medida en que Tucídides escribe su historia de la guerra del Peloponeso, ya la há <<reescrito>>; sus condiciones a largo plazo, las estructuras a médio plazo y las a corto plazo, los acontecimentos únicos. Ha articulado la experiência antropológica originária de que existe un hiato entre todos los acontecimientos que constituyen una historia y lo que acerca de ello se dise cuando se articula esa historia (KOSELLECK, [2000], 2001, p.p 72-73).

Koselleck entende, quando ele nos mostra que o que se escreve sobre a história não “coincide plenamente” com o que foi escrito sobre a realidade histórica e vice-versa, revela que o texto escrito diz mais ou menos o que pode ser dito efetivamente sobre àquilo que se pretende dizer. Ele alerta-nos que não conseguimos retratar a realidade tal como foi concebida e/ou até mesmo realizada.

De um ponto de vista atual a História dos Conceitos ainda necessita de ser praticada pelos historiadores brasileiros, ainda é uma novidade na academia brasileira, embora José D'Assunção tenha-nos dito, no artigo supramencionado, que a "História dos Conceitos – esta que é uma das modalidades historiográficas mais cotejadas da última década – situa-se em uma confluência particularmente rica de campos históricos" (BARROS, 2016, p. 42). A História dos Conceitos tem renovado a história intelectual e supera os enfoques baseados na História Social demonstrando o movimento de reabilitação do social empreendido pelos antigos defensores do giro linguístico (PRIETO, 2009, localização: 804-814).

Ao escolhermos um conceito contido em um fenômeno histórico, por exemplo, Estado, como foi apresentado anteriormente, temos que "fazer escolhas linguísticas ao longo de um eixo que pressupõe, todos os Estados em sua materialidade linguística. Uma História dos Conceitos induz questões estruturais que a história social tem de responder" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 116).

Koselleck em *Nuevos horizontes de innovación intelectual: el devenir histórico de los conceptos y el sentido de sus diversas culturas políticas: Un proyecto de investigación de la história de los conceptos y su significado en el conjunto de las ciencias sociales* [2009], publicado na Revista *Anthropos Huellas del conocimiento* [2009], aponta um aspecto importante sobre a História dos Conceitos, vejamos a propositura:

> <<La historia conceptual remite [...] sus respectivos procesos de avance y retrocesso, a unos ideales regulativos prévios>>. Se enfrenta, pues, el autor en su investigación a <<una teleologia histórica en sí misma aberta y en permanente revisión crítica de sus respectivas formas institucionales de realización, tanto a nivel global como individual, incluyendo ahora también a la família en sus diversas configuraciones jurídicas y sociales (KOSELLECK, 2009, localização: 243).

O conceito é definido quando tratamos dos respectivos significados dos termos individuais que descrevem um mesmo estado de coisas que se agrupam e se reflete sobre eles em seu contexto. Na história de um conceito não só o significado da palavra movimenta outro, mas todo o complexo que passou a formar parte da palavra se modifica em sua combinação e referência.

A História dos Conceitos revela-nos que os conceitos sempre guardam um processo de muitos componentes que pertencem aos conceitos que vão sendo investigados, analisados.

Nesse primeiro momento concluímos que mediante a utilização da linguagem sempre se diz mais ou menos àquilo que tem ocorrido na história real e, a história contém mais ou menos o que se pode expressar mediante a linguagem (KOSELLECK, 2006, p. 38).

Aqui foi exposta a metodologia da História dos Conceitos elaborada por Koselleck e as implicações desse método para a teoria da história, compreendemos também o que é o conceito para a teoria koselleckiana, para em seguida abordarmos o que é o projeto do grande léxico, e posteriormente, no final do capítulo, compreenderemos o que é palavra para a História dos Conceitos em Koselleck.

1.3 - O léxico sobre a História dos Conceitos - *Geschichtliche Grundbegriffe* (GG)

Para dar conta dos conceitos estudados na ambição erudita do projeto do GG, o projeto do grande léxico, foi realizado através da utilização da metodologia da História dos Conceitos com o propósito de elaborar o *Geschichtliche Grundbegriff*, pois, segundo Melvin Richter, *no* artigo intitulado *Avaliando um clássico contemporâneo: o Geschichtliche Grundbegriff e a atividade acadêmica futura* [2006], trata de:

> Reunir sistematicamente extensas citações de fontes originais, fornecer , pela primeira vez, informação confiável a respeito dos usos passados na (Alemanha) de conceitos políticos e sociais; caracterizar os modos pelos quais a linguagem tanto deu forma como registrou os processos de mudança que transformaram cada área da vida política e social alemã, de aproximadamente meados do século XVIII até meados do século XIX; tornar mais aguçada para os dias de hoje a consciência de como é usada a linguagem política e social (RICHTER, 2006, p. 42).

Além de referir-se a esses aspectos levantados por Richter, o projeto ambicioso do léxico ocupa-se do aspecto central dos conceitos da modernidade fazendo referência à Antiguidade, à Idade Média, ao Renascimento Cultural, à Reforma Protestante e "la tanto en cuanto la historia terminológica de los conceptos proceda de esas épocas" (KOSELLECK, 2009, localização: 2859-2868). O projeto do GG é definido pela elaboração do grande léxico que investiga conceitos históricos, políticos e sociais, pela análise de 1500 autores que contribuíram para a produção desse empreendimento intelectual durante 25 anos e, construíram a história de 130 conceitos históricos fundamentais[47], que se exprimem em mais de 7 mil páginas.

Segundo Koselleck, em seu artigo, *Introducción al Diccionario histórico de conceptos político-sociales básicos en lengua alemana* [2009], a estrutura do léxico está organizada em ordem alfabética e possui uma sistematização que agrupa conceitos por temas, que vão desde política, economia, dimensões

[47] Exprime-se aqui uma compreensão elaborada por Luis Fernández Torres em sua leitura sobre o artigo de Koselleck intitulado *Introducción al Diccionario histórico de conceptos político-sociales básicos en lengua alemana* [2009], publicado na *Revista Anthrophos: Huellas del conocimiento* [2009], que diz que os conceitos fundamentais tratam de serem conceitos-guia do movimento histórico, ao longo do tempo e constituem o objeto da investigação histórica (KOSELLECK, 2009, localização: 2805).

temporais que envolvem conceitos tradicionais que transformam-se em uma totalidade, como a palabra Estado, ou neologismos, como os conceitos de fascismo, comunismo, cesarismo. Os conceitos são elaborados em formatos de artigos que dividem-se em três partes: primeiro, uma parte preliminar que trata da abordagem da origem da palavra que surge na Antiguidade até o início da Modernidade, depois, a parte central, traz o desenvolvimento dos conceitos modernos e elabora uma visão geral referindo-se ao uso que se faz do conceito numa acepção atual, a partir de elementos sincrônicos e diacrônicos da palavra, para, obtermos respostas às questões que vão desde a duração, as mudanças e as novidades que podemos captar cronologicamente, para posteriormente, apartir disso, compreendermos o significado histórico da palavra que configura o terceiro aspecto, aqui abordado.

O dicionário possui várias funções e a primeira delas trata de informar, mostrar-nos e fazer-nos compreender sobre o significado político e social existente nos campos semânticos dos conceitos históricos elucidados; mapeando os conceitos para formar glossários especializados que configuram o universo que pertence aos campos semânticos ou aos campos linguísticos que compõem a linguagem política e social referente à Europa alemã. Ele auxilia na compreensão, para que os estudiosos possam realizar consultas, por causa das referências e citações, que lá existem, contribuindo, também, para uma análise, não apenas no que diz respeito a História dos Conceitos, mas, também contribui para uma investigação dos estudos das ciências sociais, das ciências linguísticas e das ciências humanas em geral.

Melvin Richter no artigo supracitado, mostra-nos uma preocupação que gira em torno dos trabalhos dos intelectuais, de modo que eles não descrevam o GG como um léxico elaborado por diversos autores, para ele, isso significa subestimar a originalidade de seu programa e a alta qualidade de sua execução. Ele enfatiza a questão mais importante que envolve a “relação entre os conceitos individuais e a linguagem política – ou as linguagens políticas – no âmbito no qual são empregados” (RICHTER, 2006, p.p 41-42). A contribuição histórica do léxico está para além do que os dicionários dos campos filosóficos e filológicos nos apresentam; ele está para além de uma simples sistematização ou acréscimo de fontes de dados históricos. Trata-se da realização de uma abordagem interpretativa que se consolida na compreensão

e decodificação permeada pelas reivindicações teóricas contidas e inerentes aos conteúdos históricos pertencentes aos conceitos.

Koselleck contribuiu com a elaboração do projeto do GG através de suas hipóteses e indagações historiográficas estabelecendo uma correlação entre os conceitos políticos e sociais e a construção de ideias que enfatizaram os aspectos de continuidade e descontinuidade das estruturas políticas e sociais que eram referentes à sociedade alemã no pós-guerra. Todavia, a história que resulta do grande empreendimento do GG vai além da interpretação histórica social, isso significa que nem todos aqueles que viveram as mudanças rápidas e sem precendentes que a Historia Moderna trouxe, experimentaram, compreenderam e conseguiram conceituar as transformações estruturais que estavam ocorrendo no mundo. O que restou ao mundo no período pós-guerra, recentemente desvastado com os efeitos da Guerra, diz respeito a uma falta de prognósticos que se refletia em alternativas que dependia dos conceitos disponíveis. O que eram esses conceitos e como foram debatidos e articulados e, em que medida tornaram-se constantes, foram alterados ou re-criados, são temas que compõem o projeto erudito do GG. Para dar conta deles, o GG utilizou a História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) e a História Social. Seu programa é anti-reducionista, e presume uma interligação e interdependência com esses dois tipos de escrita histórica, essa relação de interdependência é vista como uma tensão ou conflito fecundo e irredutível.

A História dos Conceitos formulada por Koselleck recusa ver a formação dos conceitos e a linguagem como acessórios que são determinados pela forças externas da realidade histórica. Koselleck entende, que ambas, apresentam-se em um contexto específico de ação, com o qual a palavra, por exemplo, passa a ter um significado na natureza da sua utilização, ou seja, não há separação entre os conceitos e a linguagem, o que ocorre é uma relação intrínseca dentro do movimento de construção histórica pela via dos conceitos e vice-versa. Ele rejeita a ideia de que as linguagens políticas e sociais são discursos autônomos e discretos que estão imunes a qualquer coisa extralinguística. Trata-se de uma crítica de Koselleck ao historiadores que trabalham com teorias sociais e os historiadores que trabalham com teorias intelectuais, e por causa dos seus preconceitos em relaçào à História dos Conceitos, eles acabaram por não concordar com os preceitos propostos pelos

historiadores que compõem o *Corpus* da análise dos conceitos, e se mantêm no universo de suas análises voltadas às hiper-simplificações profissionais; os primeiros ignorando os conceitos, os segundos, as estruturas (RICHTER, 2006, p. 44).

Além dessas disposições executadas pelo projeto do GG, ele propõe um conjunto de hipóteses sobre como, particularmente, durante o período do *Sattelzeit* (1750 à 1850), os vocabulários políticos e sociais alemães foram transformados a partir de uma velocidade acelerada que culminou em direções específicas. Essas mudanças originaram-se no campo da linguagem que passaram a conceituar as rápidas transformações que ocorreram nas estruturas governamental, social e econômica e contribuíram com a produção de reações à essas transformações pela via dos estudos que começaram a questionar o Estado, a sociedade, a economia. Segundo Melvin Richter, no artigo citado anteriormente, “o GG combina o estudo das linguagens utilizadas para discutir estado, sociedade e economia com identificações dos grupos, estratos, ordens e classes que utilizaram ou contestaram esses conceitos” (RICHTER, 2006, p. 44).

Dentre as características marcantes do projeto do GG, para a sua realização, era necessário que os autores colaboradores voltassem seu olhar para trás, partindo desde a Antiguidade Clássica, chegando até o tempo presente, para que houvesse uma análise em torno dos usos conceituais de nosso próprio tempo. Seu objetivo é identificar os tipos de conceitos políticos e sociais que demarcavam os termos do uso na língua alemã nos dias de hoje, por exemplo, o conceito de “democracia”, cujo signifiado pode ser alcançado e compreendido pelos que falam a língua hoje; conceitos como “sociedade civil” e “Estado”, cujos significados primitivos foram suprimidos e que hoje só podem ser comprendidods após uma reconstrução erudita de seus significados anteriores. Outros exemplos que ajudam na realização da construção da compreensão dos conceitos, são os neologismos, tais como “cesarismo”, “fascismo”ou “marxismo”, que formaram-se durante as transformações revolucionárias que ajudaram a dar forma e interpretação a eles (RICHTER, 2006, p. 44).

Melvin Richter questiona o que compreendemos acerca da linguagem política e social após a conclusão do grande projeto empreendido e que

consolidou o GG, que antes não sabíamos? E qual a relevância ao adquirirmos esse conhecimento? Ele mesmo, responde:

> Talvez a resposta mais importante consistiu em contrastar os conceitos políticos e sociais criados pelo advento da modernidade com aqueles que os precederam. (…) O GG foi pensado para ajudar-nos a compreender por que e quando originalmente surgiram as ideologias, de maneira a combater o pensamento ideológico em nossos próprios tempos e lugares. Além disso, ao especificar alternativas excluídas por ideologias, o GG pode sugerir categorias de pensamento e padrões de ação até então desconhecidos ou indisponíveis. Vimos recentemente como a recuperação do conceito de sociedade civil revelou-se de grande valor para aqueles que deixaram para tás o cenário de repressão do antigo bloco soviético (RICHTER, 2006, p.p 45-46)

Além dessas respostas que refletem a valorização desse projeto, ele afirma que o GG ajuda aos acadêmicos e os capacita para uma compreensão de evitar o anacronismo e, também, ajuda a aprofundar nos significados originais dos textos que lêem, assim como ajudam a perceber os objetivos práticos de seus autores. Melvin Richter afirma que as “definições de termos-chave não necessitam mais ser estabelecidas anistoricamente, tampouco permanecer num nível de abstração que torna difícil ou impossível o entendimento” (RICHTER, 2006, p. 46). Outra questão que ele chama a atenção é a importância que a História dos Conceitos tem em relação aos estudos sobre a Filosofia Política que passa a perceber a relação entre os usos pretéritos e atuais dos conceitos, também torna-se valoroso para os estudos dos tradutores do pensamento político e social alemão (RICHTER, 2006, p. 47).

Um fator que não foi resolvido pelo GG é a questão de que a obra não possui nenhuma análise sobre as suas descobertas, isso significa que não há como confirmar as hipótesis desenvolvidas pelos seus estudiosos, salienta Koselleck, mas isso não significa que a metodologia da História dos Conceitos não possa ser levada à sério em relação às pesquisas que envolvem os usos dos conceitos na história. Sua contribuição possui grande relevância teórica e metodológica.

Um aspecto importante na elaboração do método, apontado por Koselleck, é a possibilidade de realização de um “controle semântico do atual uso linguístico e examinar as transferências involuntárias ou deliberadas sobre

os sentidos atuais e significados passados das palavras" (KOSELLECK, [1979], 2009, localização: 3000). Com essa característica, esclarecemos as transformações históricas dos significados das palavras-chave e das expressões utilizadas hoje em dia. O erudito projeto do GG caracteriza-se, também, pelos:

> Modos pelos quais a linguagem tanto deu forma como registrou os processos de mudanças que transformaram cada área da vida política e social alemã, de aproximadamente meados do século XVIII até meados do século XIX; tornar mais aguçada para os dias de hoje a consciência de como é usada a linguagem política e social (RICHTER apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 42).

Além disso, o GG sugere categorias de pensamento e padrões de ação até então desconhecidos ou indisponíveis (RICHTER, apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 44). O projeto do GG está relacionado à investigação comparativa. Na Holanda, por exemplo, alguns historiadores estão desenvolvendo uma pesquisa sobre uma história dos conceitos políticos, sociais e culturais nos Países Baixos:

> A necessidade de estudos comparativos e transnacionais das linguagens e dos esquemas conceituais criados pelos europeus, que tiveram enormes consequências para o resto do mundo. A perspectiva de se juntar esses vocabulários especializados holandeses aos vocabulários da Europa francófona e germanófona chama a atenção para uma necessidade adicional: preencher aquela que será a grande lacuna remanescente em nosso conhecimento sobre a linguagem e a cultura, qual seja, o estudo aprofundado das formas – culturas e linguísticas, políticas e sociais – das principais categorias conceituais desenvolvidas nas sociedades anglófonas (RICHTER, apud JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 51).

O léxicon refere-se ao período que aborda os anos iniciais de 1700 até os nossos dias, e cujo aspecto principal de suas investigações são os conceitos que surgiram na Modernidade, e os processos que compreendem a consciência que esses conceitos oferecem-nos para um entendimento acerca das mudanças que ocorreram no mundo Moderno.

Para finalizar, Koselleck, no último volume do dicionário dos conceitos, apresenta uma espécie de resumo de suas principais críticas ao projeto do GG. Nele, temos a valorização de ser uma abordagem inovadora para os estudos em geral, a interdisciplinaridade que se inicia desde o grupo de pesquisa criado na Universidade de Bielefeld, em 1976, uma preocupação com a estética da memória quando ele refere-se aos cuidados em relação aos monumentos, e

inclui os conceitos centrais fundamentais que são: as palavras-chave da organização política, econômica e social, as definições de ciências dada aos conceitos, conceitos-guia de movimentos políticos e seus clichés e os nomes de grupos profissionais-chave e estratos sociais que incluiam os conceitos nucleares, ou chave, as ideologias e as questão que envolviam o mundo do trabalho (KOSELLECK, 2009, localização: 2815). Seus cuidados em torno das investigações que envolviam os conceitos chamava a atenção para o surgimento de novas palavras e novos significados que atestaram um novo entendimento do mundo, no mundo novo e que afetaram a linguagem, significando que expressões antigas são enriquecidas com novos conteúdos no movimento de transformação que se estende para a atualidade.

1.4 – A definição de palavra para a teoria Koselleckiana

Neste subcapítulo vamos abordar qual a concepção de palavra para a teoria koselleckiana, porque falar sobre conceitos remete-nos à palavra, pois, podemos confundir o que seja um ou outro. Não há como teorizar sobre o que seja conceito sem que façamos uma refêrencia ao termo palavra, ou seja, definirmos sobre o que é a palavra para a teoria aqui compreendida.

Diferentemente de conceito, a palavra não possui ambiguidade, ela contém significados distintos em sua historicidade, isso significa que se determinadas palavras tiverem significados diferentes, em momentos diferentes, passam a ter significados distintos daquilo que essas palavras significam ao serem questionadas, temos que levar em consideração a realidade histórica dada. As palavras possuem uma dinâmica na qual o tempo se responsabiliza pelos significados que elas vão ganhando, pois, de acordo com Koselleck, essa dinâmica na qual estão inseridas, elas mesmas, produzem mudanças constantemente (KOSELLECK, 2009, p. 227).

Para Juan María Sánchez-Prieto, no artigo supramencionado, a palavra possui um significado e um uso que nunca se estabelecem por uma exata correspondência daquilo que chamamos de realidade, elas transformam-se de diversas maneiras, mudam de acordo com ritmos e velocidades diferentes, pois, para Prieto, o que expressamos linguisticamente é sempre, mais ou menos, aquilo que está ou esteve presente na história real e, o que a história contem é sempre mais ou menos o que pode ser dito linguisticamente pela via da palavra. A palavra reporta-nos à ideia de ação, ou seja, ela é utilizada sempre em um contexto específico de ação, pois o seu significado começa na natureza de sua utilização. Na teoria da História dos Conceitos vimos que cada conceito possui uma história, a palavra é diferente, a palavra pode conter múltiplos significados que vão se adequando à realidade mudada (PRIETO, 2009, localização: 1065).

No artigo, *Introdução ao Diccionario histórico de conceptos políticos sociales básicos en lengua alemana* [2009], escrito por Koselleck em 1975, e traduzido por Luis Fernández Torres, evidencia que a análise sobre a história das palavras serve como acesso para uma investigação sobre o conteúdo inerente às palavras, mas que possibilita a descrição sobre o contexto político-

social relevante para o que corresponde às experiências, pensamentos ou teoremas que foram elaborados naquele momento histórico investigado. Aqui, chama-nos a atenção a abordagem sobre o que é, de fato, a palavra e não o método da História dos Conceitos, já abordado anteriormente, enfatizamos o que é palavra, e como ela adquire determinados significados no decurso do tempo.

O significado de uma palavra, além de trazer com ela seu sentido, também é realizado no contexto oral no qual ele é empregado e o seu significado reflete a situação que a ele se refere. Na História dos Conceitos, durante a elaboração do projeto do GG, os pesquisadores deram conta que a análise dos textos revelaram os significados das palavras, além de produzirem os significados dos conceitos pesquisados. A investigação em torno da apreensão sober o uso e o significado que determinada palavra possui, dá-se através da análise das situações concretas que as palavras se originam, historicamente, e dos significados sociais e políticos que são atribuídos aos fatos. Essa metodologia empregada na análise da descoberta do que são as palavras, encontramos no método histórico-crítico[48], cuja acepção baseia-se, inicialmente, nas investigações sobre os textos bíblicos. O método histórico-crítico tradicional verifica a força da vinculação e da criação ou de ruptura das palavras e dos conceitos (KOSELLECK, [1975], 2009, localização: 3024).

Koselleck orienta-nos que, ao questionarmos acerca do significado das palavras e sobre seu conteúdo social ou político, para saber sobre as intenções que há por trás de seu conteúdo, podemos utilizar a metodologia histórico-filológica tradicional. As palavras que apresentam-se no antigo contexto social e político, ao serem investigadas, oferecem-nos uma compreensão sobre a relação entre palavra e estado de coisas, cuja ideia central, nessa percepção, revela-nos o que podemos atribuir àquilo que definimos como conceito que

[48] Esse método surge a partir do método gramático-crítico tradicional que assenta-se nas premissas do movimento liberal teológico para investigar os textos bíblicos com uma influência do racionalismo filosófico e no deísmo que vê a questão da crença racional na existência de Deus. Essa teoria resolve o conflito existente entre a palavra de Deus e a escritura bíblica indicando-nos uma suposição científica que define a verdade do erro, da fé e da superstição por meio da razão. Anne Marie no livro *Bíblia e hermenêutica hoje* [2004/2006] enfatiza que a pesquisa sobre a exegese bíblica deve ser explicada à luz da sintaxe, levando em consideração o seu contexto e o universo histórico no qual estão inseridos, apresenta uma crítica às fontes, às formas e ao desenvolvimento do método histórico-crítico.

pertence ao universo da palavra (KOSELLECK, [1975], 2009, localização: 3024).

No método histórico-crítico tradicional, elaboramos uma retradução de antigos conteúdos que pertencem às palavras para que haja uma compreensão linguística recente, isso significa que não construímos uma compreensão sobre o que é a palavra a partir de suas particularidades concebidas, historicamente, o que seria para nós, uma investigação que levaría-nos para o campo do conceito. Compreender as palavras pela via interpretativa da situação histórica dada, apartir de um olhar atual, do pesquisador, é algo diferente daquilo que a História dos Conceitos empreende. No método histórico-crítico a análise das palavras e dos conceitos elabora uma investigação dos significados antigos e a relação que esses significados tem para nós, mostrando-nos que no princípio diacrônico, a soma da análise concreta dos conceitos transforma a recompilação de dados históricos em uma História dos Conceitos, atribuindo às palavras uma compreensão conceitual. Em um segundo momento da metodologia investigativa empreendida por Koselleck, as palavras passam a se desligar de seu contexto, atual, e levam-nos a uma compreensão de como elas foram obtendo os significados através do tempo, para depois, classificá-las, relacionando esses significados, do presente e do passado, entre uns e outros. Aqui, Koselleck chama-nos a atenção, pois afirma que é neste nível que o método histórico-filológico é superado pela História dos Conceitos, porque passamos a observar, por exemplo, sobre a duração social de um significado e as estruturas correspondentes que neles são sustentados. Para Koselleck, o que vai determinar uma diferença importante, entre ambos os métodos, é a estruturação diacrônica do conceito, que permite deduzir as modificações estruturais de longo prazo, pois as palavras que têm-se conservado não são em si mesmas, um indício suficiente de situações que têm-se mantido iguais (KOSELLECK, [1975], 2009, localização: 3032).

Koselleck afirma, ambos, palavra e conceito possuem “um impulso diacrônico contra qualquer um que busque um novo significado que precisa operar” (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 102), mesmo o conceito sendo novo, ele só opera por causa de algum elemento recorrente, e alguma referência a um significado já aceito e não questionado anteriormente. Com a compreensão

em torno dos significados das palavras, verificamos os deslocamentos que surgem entre os antigos significados que elas possuem e os novos conteúdos que apresentam-se nelas mesmas. Corroborando com essa ideia, Koselleck afirma:

> Ainda, o que é novo só pode ser compreendido pela primeira vez por causa de algum traço recorrente, alguma referência a um significado aceito, não questionado anteriormente. Mas é este aspecto da linguagem que nos permite falar de algumas ideias durando no tempo (KOSELLECK, 2010, p. 102).

No artigo *Un texto fundacional de Reinhart Koselleck: Introducción al Diccionario histórico de conceptos político-sociales básicos en lengua alemana* [2009], Koselleck afirma que o conceito é relacionado à palavra e, ao mesmo tempo, é mais do que a palavra significa, pois, a diferença entre palavra e conceito, leva-nos a questionar lexicalmente, o que é cada uma, de maneira pragmática. A investigação, para responder a essa questão, é mediada pelo tripé significante-significado-coisa em suas variações distintas, para o significante temos a designação e, para o significado, temos o conceito, respectivamente.

Koselleck diz, que a história demonstra que a maioria das palavras que compõem a terminologia social e política diferenciam-se dos conceitos e dos conceitos históricos fundamentais já elucidados anteriormente. Palavra e conceito possuem uma pluralidade de significados de maneiras diferentes; o significado de uma palavra sempre se refere ao significado de um pensamento ou de uma coisa e está relacionado à palavra e o mantém unido e se alimenta do pensamento, do contexto escrito ou falado, sobre a situação social. Uma palavra pode ser unívoca, polissêmica, mas o contrário, o conceito deve conservar a a sua equivocidade para poder ser, de fato, um conceito. Uma palavra converte-se em conceito, segundo a História dos Conceitos, quando o conjunto de um contexto de significados sócio-políticos nos quais, pelos quais e para os quais, são utilizados e compõem tudo àquilo que envolve a palavra. Por exemplo, de acordo com a formação da palavra Estado, ela converte-se em conceito histórico quando vários elementos se juntam a ela, tais como, poder, território, cidadania, legislação, jurisprudência, administração, impostos, exército. Todas essas coisas, formam àquilo que determina, em sua própria terminologia, a palavra Estado, se referindo ao conceito histórico que enseja no

que é Estado, significando que os conceitos possuem múltiplos conteúdos significativos que cercam os conceitos e os constituem historicamente. Uma palavra possui múltiplas possibilidades de significação, o conceito unifica em si o conjunto dos significados possíveis. Os significados das palavras só podem ser determinadas por meio de definições, os conceitos só podem ser interpretados. Além dessas características, as palavras adquirem significados opostos e que podem não estar relacionados entre si.

As escolhas realizadas pelos estudiosos da História dos Conceitos durante a preparação do projeto do grande léxico indica-nos que ele não foi construído a partir de palavras escolhidas arbitrariamente, mas de escolhas que se referiam a uma terminologia política e social, indicando para nós o que seriam os conceitos analisados, portanto, não seriam palavras. Baseado no texto de Koebner, *Semantics and historiography* [1953], Koselleck mostra-nos que o estudo sobre as palavras são capazes de fazer-nos entender as palavras e as ações que elas significam se influenciando recíprocamente, pois para ele, palavra é ação!

Um exemplo que ajuda-nos a compreender sobre o fenômeno em torno das palavras que se transformam em conceitos é o livro *O mito do Estado* [1946/2003] de Ernst Cassirer, quando afirma que com um livro na mão, ele já não entende mais o idioma alemão, significa que novas palavras foram cunhadas, produzidas e, as antigas passam a empregar um sentido novo, cujos significados sofreram mudanças profundas, afirmando-nos que a mudança que o conceito de história (*Historie*) obteve ao se transformar em uma outra escrita (*Geschichte*) e concepção, revela-nos que “as palavras que antes eram usadas num sentido descritivo, lógico ou semântico, se empregam agora como palavras mágicas, destinadas a produzir determinados efeitos e a estimular determinadas emoções” (CASSIRER apud KOSELLECK, [1975], 2013, p. 33). Concluímos, portanto, quando uma palavra se converte em um conceito, alcançamos a significação totalizadora, plena que há no contexto político-social que o significado da palavra possui e, a experiência na e para o qual uma palavra é usada, pode estar nela condensado. “Uma palavra pode ser, em seu uso, não-ambígua; um conceito não” (JASMIN & JÚNIOR, 2006, p. 24). Ainda sobre a questão da transformação da palavra em conceito, o artigo *História dos Conceitos e História Social* [1979/2006], Koselleck chama a

atenção para essa questão, afirmando-nos que a polissemia provoca um caráter homogeneizante entre elas, segue:

> A transformação de uma palabra em conceito pode, também, ter um caráter homogeneizante, conforme seu uso na língua examinada. Isso se deve, primeiramente, à ocorrência de polissemia, da qual compartilham tanto as palavras quanto os conceitos – quando entendidos "apenas" como palavras. Reside aí também sua qualidade histórica comum. Contudo, pode-se entender a polissemia de maneira diferente, dependendo da possibilidade de se compreender ou não uma palavra como conceito. Ainda que os significados abstratos e concretos estejam associados a seus significantes (as palavras), eles se nutrem também do conteúdo suposto, do contexto falado ou escrito e da situação social. Isso vale inicialmente para ambos, palavras e conceitos. O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 108-109).

Vemos, portanto, que as palavras e conceitos são divergentes e que seus significados são atribuídos pelos usos que lhes são inerentes, ou seja, o sentido que é dado à palavra é determinado pelo uso que fazemos dela, e é aqui que determinamos o caráter de ação que as palavras carregam em sua totalidade. O conceito é diferente, como vimos, para que ele torne-se um conceito é necessário que ele mantenha-se polissêmico, e mesmo que ele esteja relacionado à alguma palavra, ele representa mais do que essa palavra pode significar. Elías Palti, na introdução supracitada, concorda com Koselleck, e afirma que a palavra só se converge em conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais forem integradas à ela, ele afirma-nos que uma palavra se converte em um conceito "si la totalidade de un contexto de experiência y significado sociopolítico, en el que usa y para el que se usa esa palabra, passa a formar parte globalmente de esa única palabra" (PALTI, [2000], 2001, p. 15).

O que observamos quando analisamos a palavra Estado? O que faz ela tornar-se um conceito? Quais são os elementos que estão contidos na palavra Estado para que ela se torne um conceito? A palavra Estado possui conteúdos diversos que a tornam um conceito com bastante expressividade nos estudos que a ela se referem. As palavras dominação, território, burguesia, legislação, jurisdição, administração, impostos, exército, integram o conceito de Estado e

nele constituem a concepção do conceito do que seja Estado no decurso da história, essas palavras dão qualidade integradora ao conceito de Estado e abrigam-se sob ele um conceito comum, indicando-nos que o conceito é um vocábulo que concentra uma diversificação de significados. A partir do tripé estabelecido entre significante-significado-coisa, refletimos que o significado (designação) e o significante (conceito) de uma palavra são pensados separadamente. No conceito, significado (designação) e significante (conceito) coincidem, ao mesmo tempo em que "a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser conservado e comprendido por meio dessa mesma palavra" (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 109).

A palavra possui múltiplas possibilidades de significados, o conceito é diferente, ele constitui em si, distintas totalidades de sentido, além de arregimentar para si a variedade da experiência histórica e a soma das características objetivas, teóricas e práticas em uma única circunstância, com a qual só pode ser dada como tal e realmente experimentada por meio dele próprio. O conceito não fica preso à esses elementos que o constituem como conceito, pois ele não indica, apenas, os conteúdos que lhes são inerentes, ele, também indica, os fatores que lhes constituem. Para Koselleck, o conceito abre "determinados horizontes, na medida em que atua como limitador das experiências possíveis e das teorias" (Koseellck, [1979], 2006, p. 109).

As palavras que trazem em sua nomenclatura a mesma composição escrita homônima, tais como burguês, *Bürger*, *Stadt-burger*, por exemplo, permanecem as mesmas, não apontam um indício de que o conteúdo delas permanecem os mesmos, pois, a palavra homônima "burguês" [*Bürger*] é vazia de significado. Koselleck afirma que devemos examinar através da perspectiva da mudança do sentido que está presente no conceito, pois, por exemplo, por volta de 1700, [(*Stadt-) Bürger*] significava, cidadão ou morador da cidade; por volta de 1800, [(*Staats-) Bürger*] significava, cidadão do Estado e, em 1900, a palavra, [*Bürger*], se transforma em burguês no sentido de não-proletário (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 105). Portanto, concluímos com Koselleck, que as mudanças estruturais presentes nas palavras, a longo prazo, só podem ser apreendidas através de uma investigação diacrônica que forma a estrutura profunda dos conceitos. Outro exemplo, a lenta mudança do significado

empregado para *Societates Civiles* e que constituiu a definição de “sociedade burguesa”, que era concebida como uma sociedade separada do Estado, é um conhecimento relevante do ponto de vista social e histórico que só pode ser alcançado no nível de reflexão da História dos Conceitos (KOSELLECK, [1979], 2006, p. 106).

As palavras são necessárias porque tudo que envolve a linguagem só é possível pela via da palavra, sem ela não podemos comunicar e nem elaborar os elementos que constituem as fantasias inconscientes dos sujeitos. O projeto do GG pressupõe que palavra e significado, palavra e conceito, palavra e ideia não coincidem (KOSELLECK, [1979], 2006, p.102).

A História dos Conceitos entra no universo da palavra de um modo particular e inovadora, abrangendo conceitos que permeiam a longa duração nessa busca de assimilar, com clareza, como o universo da linguagem contribui para uma reflexão sobre a política, sobre o social e, sobre as mudanças que ocorrem na história por ela desenvolvida.

Reinhart Koselleck chama a atenção para os aspectos das palavras que podem aplicar a determinadas situações concretas e únicas e por elas terem essa característica que trazem ao longo de séculos, é que possibilitam a utilização com que as traduções das múltiplas línguas existentes que vão desde o espanhol, o latim, o alemão e o inglês, “apresentem também diferentes matizes, e que, por exemplo, a estrutura das frases possa variar, com níveis variáveis de profundidade e de extensão” (KOSELLECK, [1979], 2006, p.p 144-145.) Ele sugere que analisemos as origens da língua e o ritmo lento das transformações que ocorrem como uma *longue dureé* e, também “a linguística aplicada a situações concretas, transformações que às vezes permitem o surgimento de algo novo” (KOSELLECK, [1979] 2006, p.p 144-145). E foi nesse movimento de construção de um método novo para os estudos históricos, que Koselleck descobriu a importância de algo que sempre existiu, na história da humanidade, a palavra, e fez dela um empreendimento intelectual significativo, na atualidade, para uma compreensão sobre o político, o social, e o histórico pela via da linguagem.

A seguir, vamos abordar a teoria da linguagem em Jacques Lacan para uma compreensão sobre a operação significante em seu pensamento, pois remeter até aqui, a teoria da História dos Conceitos e a complexidade do

método desenvolvido por Koselleck nos dá uma ideia de como deve ser concebido o conceito, a palavra, na teoria do inconsciente porque, ambos, a Psicanálise e a História dos Conceitos lidam com a linguagem, embora de maneiras distintas. Se para compreender a história valemos-nos de algo que sempre esteve presente na história que é a linguagem, elaboramos uma discussão com o que Lacan construiu para definir sua compreensão acerca do inconsciente. Valemos-nos da premissa de que a realidade e o discurso são indissociados, e portanto, se assim são constituídos, questionamos, que entre a realidade e o discurso há sempre a determinação do sujeito inconsciente que elabora o discurso sobre a realidade estudada. Destacamos aqui, que o inconsciente, tal como a linguagem, sempre nos dá pistas de sua presença nas cadeias significantes que o trabalho do historiador não identifica e nem valoriza por não ter aproximações com o discurso da Psicanálise.

2- Jacques Lacan e sua contribuição para uma leitura sobre a linguagem

Jacques Lacan elaborou uma releitura de Freud que proporcionou um estilo próprio dentro do arcabouço hermético da composição "teórica" que ocupa o discurso psicanalítico na contemporaneidade.

Lacan divulga as ideias freudianas na França através de seus *Seminários* que surgem durante os anos de 1953 e 1954 com o tema, *Os escritos técnicos de Freud*, e perdura até o *Seminário XXVI: A topologia e o tempo*, entre os anos de 1978 e 1979, próximo de sua morte em 1981. Além dos *Seminários* proferidos ao longo do tempo, ele também elaborou seus *Escritos* [1966] que são textos e artigos que constituem seu discernimento sobre a argumentação dos textos freudianos de maneira renovada. O Escrito é o efeito entre o psicanalista que escreve e o teórico que dialoga seus ensinos e o expõe para o público que deseja ouvi-lo.

Lacan põe em questão a tradição psicanalítica ao elaborar o retorno a Freud e a formação do analista. "Trata-se de saber como ler Freud. Uma interação entre leituras freudianas e leituras literárias fará entender, de umas para outras, a relação de uma voz com o texto" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 215). Para Michel de Certeau o "operador dessa troca é o *Seminário* – uma *lectio* (no sentido medieval do termo) graças à qual a conexão equívoca entre duas espécies de textos mediatiza a relação oral entre o Mestre e os discípulos" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 215).

De acordo com Slavoj Žižek em *Como Ler Lacan* [2006/2010], ele elabora um retorno à obra de Sigmund Freud, trazendo consequências para uma nova maneira de implementar o tratamento psicanalítico. Lacan surge como um pensador que é submergido em polêmicas, controvérsias e escândalos ao longo de seus oitenta e um anos de idade; dentro de sua carreira como psicanalista e continuador da obra de Freud.

Entre as polêmicas, destaca-se seu desligamento da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), em 1963, porque o consideraram provocativo. Pensadores marxistas e feministas, por exemplo, foram bastantes críticos em relação às suas reflexões. Dentre as suas afirmações, a de considerar a mulher não existente, ou não há relação sexual porque a mulher

não existe (LACAN [1972-1973], 2008, p. 87). Jacques Lacan acabou sendo mal-interpretado em seus *Seminários* e *Escritos*.

Sua concepção, cuja característica assentava-se na autocrítica constante, proferida na segunda metade do século XX, o coloca dentro do *hall* de pensadores que são rotulados como sendo pós-modernistas e ou desconstrucionistas pelos membros da academia ocidental. Žižek afirma que "ele foi superando rótulos associados a seu nome: fenomenologista, hegeliano, hedeggeriano, estruturalista, pós-estruturalista" (ŽIŽEK, [2006], 2010, p. 11).

Em 1932 inicia sua análise com Rudolph Loewenstein e defende sua tese de doutorado intitulada *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*. Nesse período chama a atenção dos colegas e professores por desenvolver uma tese com um discernimento original. Sua tese já mostra um "problema do estilo" que revela um conjunto de questões "sempre insolúveis para qualquer antropologia que não venha libertar-se do realismo ingênuo do objeto": início de sua polêmica "literária" contra o objeto (CERTEAU, [1987], 2011, p. 214).[49]

Desde o início de suas publicações, o seu estilo já mostrava um aspecto original de sua compreensão sobre as doenças psíquicas. Em 1932, no estudo sobre a "esquizografia"[50], Lacan desenvolve uma teoria sobre essa doença e percebe que ela se assemelha aos devaneios da criação poética, cuja criação revela a estrutura psíquica do sujeito e isso vai influenciar mais tarde sobre sua releitura em relação às estruturas psíquicas elaboradas por Freud. Lacan possui influência de Delacroix[51] em seu livro sobre a afasia intitulado *No limiar da Linguagem* [1930]. De acordo com Roudinesco, Delacroix detêm uma base

[49] Seu analista, Rudolph Loewenstein, um alemão exilado nascido em Lodz, na Polônia com formação em Zurique e Berlim, era um "representante exemplar da famosa psicanálise judaica e errante, sempre em busca de uma terra prometida" (ROUDINESCO, 1993, p. 102). Seu analista irá exilar-se – desta vez, nos EUA, em 1942 – para salvar a vida, tendo continuado a exercer sua profissão do outro lado do Atlântico (ROUDINESCO Apud CERTEAU, [1987], 2011, p. 22).

[50] Lacan emprega a palavra esquizografia cuja característica da doença está concentrada em uma perturbação da linguagem escrita, pois esta se manifesta incompreensível e o autor forma palavras inventadas, embora expresse a língua falada de modo natural.

[51] Henri Delacroix foi um psicólogo e filósofo francês que nasceu em Paris no ano de 1873 e morreu em 1937 e escreveu alguns trabalhos sobre a afasia. Dentre os seus artigos destacam-se *A linguagem e o pensamento* [s/d].

de pensamento que absorveu ideias sobre o *Curso de Linguística Geral* [1916/2006] de Ferdinand de Saussure publicado em Genebra em 1916. A partir de Delacroix, Lacan conhece as ideias de Saussure e essa descoberta vai ser importante para o que Lacan vai desenvolver depois sobre sua teoria do significante. (ROUDINESCO, [1993], 1994, p. 43).

Em uma ocasião Henry Wallon e Lucien Febvre pediram um texto a Lacan para inserir no volume *VIII da Encyclopédie Française* [1938] cujo compêndio iria tratar sobre a vida mental; Lacan elaborou um texto sobre o Édipo[52] freudiano e Febvre, ao tomar conhecimento sobre o texto escrito pelo psicanalista francês, falou naquela circunstância que Lacan havia "progredido no sentido de uma melhor legibilidade". (ROUDINESCO, [1993], 1994, p. 154). Febvre viu que ainda existiam três páginas ilegíveis sobre o complexo de Édipo e Lacan não dava conta de construir um texto legível tal como pedira a redação da *Encyclopédie Française.* Lucien Febvre fez o seguinte comentário: "o estilo do dr. Lacan não é um mal "estilo" – é um sistema extremamente pessoal de palavras tomadas em certos sentidos, de tal modo que é preciso ou reescrever tudo após haver compreendido, ou rogar ao autor que tente de novo e reveja o texto". (...) Ainda com Elizabeth Roudinesco: "Todos faziam troça da ilegibilidade do estilo de Lacan" (ROUDINESCO, [1993], 1994, p. 154).

No capítulo *Lacan: uma ética da fala/palavra [parole]*, elaborado pelo historiador Michel de Certeau na obra *História e Psicanálise* [1987], este antropólogo francês mostra-nos a importância dos pontos de vista de Lacan como relevante paradigma dentro do campo psicanalítico:

> Ele fala – aos clientes, aos membros de sua École, ao público do Seminário e um pouco por toda a sua parte. Esse é, diz ele, seu ofício de analista, transformando essa postura na maneira de se esquivar. É o ato de sua teoria, o gesto que a constrói; é também, o paradoxo de uma vida. Ele atrai porque se retrai. As partidas escandem sua carreira: sucessivamente, ele deixa, em 1953, a Société de Paris e, em 1963, a Association Psychanalytique Internationale. Em 1980, é a

[52] Para Elizabeth Roudinesco (1944-) e Michel Plon (s/d) no *Dicionário de Psicanálise* [1997/1998], o Édipo foi criado por Freud a partir do vocábulo *Ödipuskomplex* ligado ao personagem Édipo escrito por Sófocles (495-405/406 a.C) na Grécia. Para a psicanálise, o complexo de Édipo representa, inconscientemente, o desejo "sexual ou amoroso que a criança, entre os três e cinco anos, tem pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. A palavra Édipo substitui complexo de Édipo que é considerado o mito fundador no qual respousa a psicanálise como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica" (ROUDINESCO & PLON, [1997], 1998, p. 166).

> vez da École Freudienne de Paris, fundada havia dezesseis anos pelo “ato” que a instituía em nome de uma solidão: “Fundo – tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica” (CERTEAU, [1987], 2011, p. 207).

Lacan polemiza, critica a universidade, critica a ciência. Mostra-se um sujeito que constrói uma imagem de si vista pelos outros, como alguém escandaloso, que funda um arcabouço teórico de intrincada compreensão. Seus *Seminários* eram frequentados por um restringido grupo de intelectuais com os quais faz “escutar o que ele impede de compreender; dispõe de uma audiência – aliás, não desejada por ele – que irrita as leis aparentes da publicidade. (...) Ele cria a fala tal como teoriza a seu respeito e a torna suporte do ato” (CERTEAU, [1987], 2011, p. 208).

Seus *Seminários* são difíceis de serem lidos; sua compreensão sobre a fala o torna sujeito de construção de sua própria “teoria”, ou seja, de sua própria escuta. Lacan teoriza sobre aquilo que sua fala diz, ele teoriza o que o seu inconsciente sugere no ato próprio da fala. Seu discurso é uma armadilha que o torna refém de si mesmo. Para Certeau, que tinha formação em Psicanálise, e participou de vários *Seminários* proferidos por Jacques Lacan, o jornal *Libération*, em 11 de setembro de 1981, dois dias depois de sua morte, mostra uma nota escrita por Lacan em 15 de janeiro de 1980, dizendo que quando ele falecesse; “ele é o Outro, tal como assina este testamento de 1980”: Lacan continua: “Se ocorrer minha partida, estejam certos de que o objetivo é o de ser, finalmente, Outro. É possível contentar-se em ser Outro como todo o mundo, após uma vida passada a pretender isso, apesar da Lei”. Para Michel de Certeau, essa foi “a melhor das homenagens prestadas a Lacan após seu falecimento” (CERTEAU, [1987], 2011, p. 208).

Jacques Lacan dedicou sua vida ao retorno a Freud, tem essa obstinação na vida. Lacan analisando a tragédia do desejo de Shakespeare em *Hamlet* [1603/2000] compreende a concepção do nome-do-pai e constitui a ideia da lei pela morte do pai, dando grande contribuição para uma releitura contemporânea sobre o legado de Sigmund Freud. Freud atribuíra importância a essa obra de Shakespeare, na qual, concebe a ideia de que o pai surge como o rei que é assassinado pelos familiares. Lacan observa no personagem de *Hamlet*, a própria morte que configura o homem como sendo o ser para a morte, isto é, a mortalidade presentifica-se como certeza da finitude humana,

ou seja, a plena realização do ser-para-a-morte (CERTEAU, [1987], 2011, p. 221). Por ter essa certeza, o homem passa a elaborar sua lei: “sem a mínima hesitação relativamente à justiça do assassinato que ele deve executar, transformando-a em toda a sua lei, ele segue por via transversas, “zanza”” (CERTEAU, [1987], 2011, p. 222).

Para Elizabeth Roudinesco, apesar de tecer críticas ao psicanalista francês em sua obra *Jacques Lacan: história de uma vida, história de um sistema de pensamento* [1993/1994]; Lacan ao elaborar, inicialmente, questões em torno dos três elementos (a função paterna, o eu e o sujeito) do sistema de pensamento qualificados como um freudismo[53] ortodoxo no livro *História da Psicanálise na França* [1986/1989], passa a conceber um quarto elemento “parceiro” que define a *experiência da morte* “constitutiva de todas as manifestações da condição humana” intrínseca à estrutura das neuroses. A psicanalista e historiadora francesa destaca:

> Nessa expressão entravam ao mesmo tempo a noção freudiana de pulsão de morte, a concepção hegeliano-kojèviana da luta até a morte e uma visão heideggeriana do ser para a morte. Mas era a Freud, homem das luzes e grande leitor de Goethe, que Lacan homenageava por ter sabido anunciar a finalidade trágica da condição humana (ROUDINESCO, [1993], 1994 p. 223).

No artigo *Função e campo da fala e da linguagem* [1953/1966/1998], Lacan, ao refletir sobre os princípios nos quais Empédocles de Agrigento[54] situava sua Filosofia, mostra-nos uma abertura para o que ele teorizaria em torno da questão sobre a repetição em Freud em *Mais além do princípio do prazer* [1920/1992]. Jacques Lacan aponta que a ideia acerca do automatismo

[53] De acordo com o *Dicionário de Psicanálise* [1997/1998], elaborado por Elizabeth Roudinesco [1944-] e Michel Plon [s/d], freudismo é a escola de pensamento que baseia-se nas ideias de Sigmund Freud e que foi fundada por ele. Tratam-se de correntes de pensamento da Psiquiatria, da Psicologia e Psicanálise que recorrem às ideias de Freud. Dentre as pessoas que destacam-se, temos: Winicott [1896-1971], Melanie Klein [1882-1960], Jacques Lacan [1901-1981], Anna Freud [1895-1982].

[54] Foi um filósofo grego (484 - 421 a.C) pré-socrático da fase pluralista que escreveu sobre a doutrina dos *4 elementos* (fogo, ar, terra e água) no poema *Da natureza* [s/d]. Esses 4 elementos são refletidos como raízes de todas as coisas e a combinação entre eles resulta a pluralidade do mundo natural tornando-o dinâmico, a exemplo disso, o nascer e o morrer não existiam se nós os compreendermos através da concepção da finalidade do ser. Temos a negação e a afirmação sobre o ser: ele é e ele não é. Dessa maneira, não existe o nascimento e a morte de algo, o que existe, com a ideia do nascer e do morrer é apenas a separação de algumas substâncias indestrutíveis e iguais.

de repetição “visa outra coisa senão a temporalidade historicizante da experiência da transferência, a pulsão de morte exprime essencialmente o limite da função histórica do sujeito”. (LACAN, [1966], 1998, p. 319). Para ele, a morte aqui apresentada não trata-se de dar por terminada a vida do sujeito a partir da certeza de sua finitude, mas como uma ideia de morte alicerçada em Heidegger [1889-1976] que ele vê como:

> Possibilidade absolutamente própria incondicional, insuperável, certeira e, como tal, indeterminada do sujeito, quer dizer, do sujeito definido por sua historicidade. Com efeito, esse limite está presente a cada instante no que essa história tem de acabado. Ele representa o passado sob sua forma real, isto é, não o passado fictício, cuja existência é abolida, nem o passado épico, tal como se aperfeiçoou na obra da memória, nem o passado histórico em que o homem encontra e garante seu futuro, mas o passado que se manifesta revertido na repetição (LACAN, [1966], 1998, p. 319).

Lacan interpreta Freud com a preocupação de permanecer-lhe “fiel”. Seu interesse em transmitir o seu ensino era a formação do analista e para isso fundou a sua *École* como uma espécie de garantia da transmissão do ato analítico. Seus debates levaram em consideração um controle rígido sobre seu ensino, pois ele afirmava que a instituição deve responsabilizar-se sempre pelos déficits da teoria. O ensino de Lacan orienta-nos para uma discussão com a qual os seus textos proporcionam o que constitui no psiquismo um retorno incessante do Outro que designa “o sujeito como relação a um objeto impossível. Nesta hipótese, os “doentes”, à semelhança de espectros, ainda fazem entender ao analista o que fala no discurso freudiano”. (CERTEAU, [1987], 2011, p. 224).

Em *O triunfo da religião* [2005/2005] alguém pergunta a Lacan sobre seus *Escritos* afirmando a seguinte frase:

> Seus Escritos são muito obscuros, muito difíceis. Quem quiser compreender seus próprios problemas lendo-os, vê-se num profundo desvario, mal-estar. Tenho a impressão de que o retorno a Freud é problemático, pois sua retomada dos textos freudianos torna a leitura de Freud ainda mais complicada. (LACAN, [2005], 2005, p. 70).

A resposta obtida de Lacan foi a de que ele não havia desenvolvido os seus *Escritos*:

> Para que fossem compreendidos, escrevi-os para que fossem lidos. (...). É um fato que, ao contrário do que aconteceu a Freud, há um bocado de gente que, apesar de tudo, os lê. Eles certamente têm

> mais leitores do que Freud teve em quinze anos. No final, claro, Freud teve um enorme sucesso de livraria, mas teve que esperar muito tempo. Foi para mim uma surpresa total que meus escritos se vendessem. Nunca compreendi como isso se deu. Em contrapartida, constato que, mesmo não sendo compreendidos, eles provocam alguma coisa nas pessoas. Observei isso com frequência. Elas não compreendem nada daquilo, isso é absolutamente verdade, durante certo tempo, mas aquilo lhes provoca alguma coisa. E é por essa razão que eu seria levado a crer que, ao contrário do que se imagina do lado de fora, eles são lidos. Imagina-se que as pessoas compreendam meus Escritos e não os abrem. Isso é um erro. Eles são abertos e, inclusive, trabalhados. São até mesmo desancados. Evidentemente, quando se começa meus Escritos, o que de melhor se pode fazer é tentar compreendê-los. E, como não são compreendidos, continua-se a tentar. Não fiz de propósito para não serem compreendidos, foi uma consequência das coisas. Eu falava, dava aulas, bastante concorridas e compreensíveis, mas como só as transformava em escrito uma vez por ano, isso dava um escrito que, em relação à massa do que dissera, era um concentrado incrível, que convém colocar na água com as flores japonesas para ver desdobrar-se (LACAN, [2005], 2005, p. 70).

Jacques Lacan estabelece suas bases reflexivas para a releitura de Freud a partir do comentador da obra de Hegel, Alexandre Kojève, cuja característica marcou o conteúdo e o estilo dos seus *Seminários*. Esse autor influenciou o pensamento lacaniano que assenta-se em fundamentos de desenvolvimento de uma escatologia histórica fundamentada em uma ontologia negativa cuja característica mostra o ser humano como resultado da sociedade decadente e agonística. Lacan era visto como um "participante assíduo"[55] de seus *Seminários*.

Jacques Lacan preocupa-se em criar uma teoria sobre a Ética; ele refaz, ao mesmo tempo, uma análise crítica sobre o *Moisés e a religião monoteísta* [(1939) 1934-1938)/1992] e a Fenomenologia, e realiza uma leitura original sobre ambas através da ênfase empregada por intelectuais que pensaram a ética tais como Aristóteles, são Paulo, Sade [1740-1814], Kant [1724/1804], dentre outros, cujo pensamento leva à questão sobre o desejo às vias ambíguas entre realidade e prazer; tal como Freud havia esclarecido em sua obra. Elizabeth Roudinesco certifica que o convívio com Alexandre Koyré [1892-1964], Henry Corbin [1903-1978], Alexandre Koyève [1902-1968] e Georges Bataille [1897-1962] permitiu que Lacan pudesse iniciar-se em uma

[55] Alexander Koyré foi obrigado a ausentar-se em 1933 de seu Seminários no *café d'Harcourt*, que era um lugar emblemático por fazer discussões com pensadores de diferentes áreas de conhecimentos, Kojève o substitui e passa a ministrar cursos sobre a Filosofia de Hegel todas as segundas-feiras durante seis anos. "A partir de 1934-35 e até 1936-37, Lacan esteve inscrito nesse seminário na lista dos "ouvintes assíduos"" (ROUDINESCO, [1993], 1994, p. 114).

“modernidade filosófica que passava pela leitura de Husserl, Nietzsche, Hegel e Heidegger. Sem essa iniciação, a obra de Lacan teria permanecido para sempre prisioneira do saber psiquiátrico ou de uma apreensão acadêmica dos conceitos freudianos” (ROUDINESCO, [1993], 1994, p. 102).

Para Michel de Certeau, Lacan analisa e identifica na obra de Freud, “uma erótica ou em uma estética, a “ascese” de amparar o desejo que não é apoiado por nenhum ato. Para Kant, por sua vez, o imperativo categórico não se preocupa com o possível: é incondicional”. (CERTEAU, [1987], 2011, p.p 227-228)

Para Lacan, a ética, cujo tema é definido nos *Seminários* proferidos nos anos de 1959 e 1960 e que constitui-se em *A Ética da Psicanálise*, esta passa a ser vista como sendo a própria relação com o impossível; no homem, ela coincide com “a demanda derradeira de ser privado de algo de real” ou com “essa essência falante” que o acasala à morte (CERTEAU, [1987], 2011, p.p 227-228)

A sua Escola possui traços marcados pela ambição de compor “as instâncias institucionais a partir da ética do sujeito falante. Ela é a escola do desejo instaurado por um objeto que nunca é “isso” ” (CERTEAU, [1987], 2011, p.p 230-231). Lacan cria mecanismos para um funcionamento no qual o seu ensino vai ser possível como uma via deliberada pela ética do discurso que o sujeito profere e que legitima e fundamenta seus preceitos a partir do ato da fala. Cria a relação com o Mestre, surgem os grupos ou cartéis que farão a transmissão da Psicanálise através de seus testemunhos com a finalidade de garantir a continuidade do saber analítico, existente entre quatro ou cinco psicanalistas que lidam com os procedimentos da transferência pela passagem do passe e no passe. Este dispositivo baseia-se “em “experimentar” e em “controlar” o estilo analítico dos candidatos, as assembleias e a fundação da “sede” que visam contrariar, a partir de cenas e por confrontos públicos, a lei tribal dos sectarismos formados entre colegas da mesma geração ou entre “descendentes” do mesmo analista” (CERTEAU, [1987], 2011, p.p 230-231).

Os *Seminários* e os congressos serão importantes porque conduzirão os saberes da prática analítica através da transmissão do ensino, fundamentando o discurso do sujeito suposto saber, cujo tema será discutido mais adiante. “No interior, a *École* é, portanto, a cura enquanto ela nunca “tem fim” e nunca

alguém chega a terminá-la até que faltem forças" (CERTEAU, [1987], 2011, p.p 230-231). A *École* possui a função de fazer funcionar o sujeito suposto saber como uma maneira de recomendar juridicamente como uma profissão voltada para uma instituição séria e que seus membros pagam um preço alto porque possibilita o acesso ao simbólico cujo agente é a análise, ou seja, a ética proferida pelo discurso da fala. Essa é uma das críticas sofridas pela *École* que perdia a legitimidade porque opunha-se em relação às associações psicanalíticas predominantes e passava a expor um problema que constituía na própria fala dos seus membros que, ocultando-lhe seus problemas, torna a Escola uma instituição a mais, como as outras, "entregue aos debates concernentes ao "lugar" dos analistas, às relações de força entre eles e, também – problema político, igualmente – ao "fantasma de onipotência" que os habita" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 231).

Com a implantação da Universidade de Paris VIII – Vincennes (1968), a *École* passou a sofrer exigências em relação às estruturas jurídicas que eram independentes da experiência analítica e isso marca um começo de uma revisão torturante que colocava em causa a questão da formação do analista e a ética que configurava o discurso difundido pela *École*. Na Psicanálise não há como separar a prática e a teoria. "Mas como tratar essas questões em nome de uma experiência que, para sua regulamentação, havia considerado "inúteis" os expedientes jurídicos?" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 231).

Lacan sempre foi polêmico e a composição de seu ensino não foi tarefa fácil porque estava submergida no próprio ato de fala que integrou sua ética, a ética da Psicanálise, ou seja, a ética da fala. Jacques Lacan pensa sobre ele mesmo, em que se reconhece no ato de sua fala, a repentina experiência do inconsciente. Diz que recorre ao texto de Freud para testemunhar essa experiência que é concebida entre o dizer de Freud e a Coisa que ele descobre sobre nós (LACAN, [2005], 2005, p. 42).

Além de ter formação em Medicina, Lacan tinha conhecimento em diversas áreas, conhecia vários idiomas e diz que quando procurava ler um filósofo, por exemplo, ele lia o filósofo na língua em voga da época. Isso significa que ele leu, por exemplo, pensadores como Aristóteles [384-322 a.C.], Platão [428-347 a.C.], Santo Agostinho [354-430d.C.], Spinoza [1632-1677], todos eles lidos, no idioma em voga. A língua não foi para ele um entrave para

uma compreensão sobre o que necessitava investigar; essa sua facilidade para compreender vários idiomas e dominá-los possibilitou a construção da teoria sobre o significante na Psicanálise.

Para confirmar sua concepção sobre a leitura que ele realizava a partir da escrita original, em voga, dos pensadores, ele afirma:

> Para lhes dizer tudo, tomei mesmo cuidado muito recentemente em procurar uma edição original – vocês podem pensar que eu sou bibliófilo, mas só os livros que eu tenho vontade de ler é que eu procuro no original. Eu revi nessa ocasião, domingo passado, esse *Minute Philosopher*, esse mínimo filósofo, Alciphron como o chamam também. É certo que se Berkeley não fosse de minha refeição mais antiga, muitas coisas provavelmente, inclusive minha desenvoltura em me servir de referências linguísticas, não teriam sido possíveis (LACAN, [1975], 2008, p 110).

Lacan controverso certifica que os seus *Escritos* eram impróprios para teses, impróprios porque possuem a antítese como característica de seu pensamento, porque ou o sujeito os lê envolvidos ou deixa-os de lado. Em *Prefácio a uma tese* [1970/2001/2003], enfatiza que não há saber sem discurso, pois o saber que ele trata em sua reflexão é o saber do inconsciente, cuja posição desse saber é sempre posto em condição da verdade. Esse saber que ensina-se pela via da verdade só pode ser construído por uma metade, por um semi-dito porque a verdade é semi-dita, e esse semi-dizer existe porque há o impossível que é o fundamento no real. “De um real a partir do qual se julga a consistência dos discursos em que a verdade claudica, e, justamente por claudicar abertamente, julga-se a inanidade, ao contrário, do discurso do saber, quando, ao se afirmar por seu fechamento, ele faz os outros mentirem”. (LACAN, [2001], 2003, p.p 389-390). Essa discussão sobre o saber será exposta mais adiante no segundo ponto deste capítulo.

O ensino de Lacan não tem a pretensão de mostrar condutas e procedimentos técnicos referentes a uma experiência que volta-se aos problemas psíquicos que estruturam a vida. A marca indelével que fundamenta o traço de seu ensino é “que as pessoas acabam se dando conta de que trombetearam besteiras anos a fio” (LACAN, [2005], 2006, p. 82). A Psicanálise lida com o discurso, com o discurso do inconsciente. Com o fundamento proposto por Freud e por Lacan mais tarde, o discurso passa a ser concebido de uma maneira diferente, pela via do inconsciente. Lacan afirma,

diferentemente da história, que “alguma coisa começou a tomar forma de fato, e um fato é sempre fato de discurso” (LACAN, [2005], 2006, p. 83). Na Psicanálise os fatos são sintomas e, Freud e Marx são iguais quando afirmam que os fatos são sintomas (LACAN, [1971], 2009, p. 23). A história trata do fato. O que é o fato para o trabalho do historiador? Aqui, o fato para ambos os campos se coadunam. Na Psicanálise, a existência do significante está ligada ao fato. O discurso existe e é introduzido no mundo sobre um fundo, cujo fundo está ligado a uma experiência da morte.

A Psicanálise propõe um discurso desconhecido que leva-nos a repensar questões complexas em torno da linguagem. Ela incita-nos, por exemplo, a interrogar o fenômeno constituído pelo surgimento de uma lógica presente no discurso que faz-nos revelar verdades proferidas pelo sujeito no semi-dito da fala. Dessa maneira, ela contribui para uma compreensão sobre os fenômenos da linguagem a partir de uma ética que configura-se no ato próprio da fala. Não seria a história desenvolvida por um discurso que se configura na trama textual da fala que a escreve? Para compreender essa questão em que se desenvolve o discurso, elaboramos esta discussão em torno da composição dos argumentos de Lacan em sua construção sobre o que vem a ser a linguagem.

No texto *O artista precede* [1987/2011], Certeau mostra um Lacan que construiu um estilo para divulgar seu ensino. O historiador francês comenta que, ao remontar o percurso lacaniano “desde seu fim teatral até seus começos psiquiátricos, (...) essa teoria do ato psicanalítico elabora uma estética, se entendermos por isso o que os significantes “operam” ao transmitirem coisas que eles têm o aspecto de significar”. (CERTEAU, [1987], 2011, p. 213). Ele soube interpretar Freud alcançando uma compreensão sobre a formação da rede existente na cadeia discursiva da fala através dos significantes que a constituem. Lacan singra na trama ““poética da obra freudiana” penetrando o sentido que forma os significantes” (LACAN, [1966], 1998, p. 317).

Lacan lê Freud através dos textos mais literários: *A interpretação dos sonhos* [1899/1992], *O chiste* [1905/1992], *Psicopatologia da vida cotidiana* [1900-1901/1992]. Ele se atém a comentar as obras literárias, dentre elas temos: Sófocles [497/496-406-405], a poesia trovadoresca, Margarida de Navarra [1492-1549], Willian Shakespeare [1564-1616], Marquês de Sade

[1740-1814], Jammes Joyce [1882-1941]. Seu discurso é entremeado com trechos de poemas que vão de Paul Éluard [1895-1952] à Louis Aragon [1897-1982], cuja característica, ele via na poesia, a capacidade do inaudito ser dito através da possível expressão da linguagem que a poesia permite, cria. Seu nome é vinculado ao surrealismo, à retórica, à dialética (no sentido aristotélico), à gramática (CERTEAU, [1975], 2011, p. 214).

Lacan apropria-se do texto literário, como fez com James Joyce, e Freud fez com Schreber[56], deduz dele, ouve os sons do texto. Para Certeau, a escuta lacaniana em relação ao texto mostra-nos um aspecto fundamental de seu ensino: ele percebe a ""função poética" que "enfatiza o lado palpável dos signos" e procura neles o que "ressoa melhor"" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 216). Essa valorização da musicalidade textual em suas paronomásias, aliterações e rimas, mostra o sentido articulado ao significante e o emancipa em relação ao significado. Para Certeau, Lacan revela a dança dos significantes no interior do texto. Os significantes separam-se do significado, proliferam, "nas frestas do sentido, os ritos de endereços ou respostas – a qual Outro? Desse ponto de vista, é "literária" a linguagem que faz escutar algo diferente do que ela diz; reciprocamente, a psicanálise é uma prática literária da linguagem" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 216). Passemos agora para uma compreensão sobre o que é a linguagem em sua articulação com o significante no ensino lacaniano.

[56] Schreber nunca foi paciente de Freud. Freud leu as *Memórias de um doente dos nervos* [1903] e criou sua teoria sobre a psicose a partir da leitura deste texto escrito por Daniel Paul Schreber. Ver a obra SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Paz e Terra, [1903], 2006.

2.1 A importância do significante como articulação do inconsciente no ensino de Jacques Lacan

Neste capítulo vamos elaborar uma discussão em torno do modo de produção do significante, como ele opera na teoria lacaniana, pois a questão acerca da compreensão sobre a História do Conceito, o conceito e a palavra, em Koselleck, já foi elucidada anteriormente no primeiro capítulo. Aqui, faz-se necessário estabelecer o que é a linguagem como articulação do significante a partir de uma compreensão lacaniana sobre a linguística, pois as reflexões em Jacques Lacan são possíveis porque ele se apoia em uma crítica constante, dentro de seu ensino, ao que foi proposto pela linguística moderna através de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson.

Em *Meu Ensino* [2005/2005] Lacan mostra que a sua transmissão da Psicanálise lida com a linguagem desde o início quando ele propõe a fazer uma releitura da obra freudiana. Concorda com Heidegger [1889-1976] quando afirma que o "o homem habita a linguagem"[57]. Ele pensa com Heidegger [1889-1976] que formula a teoria do *Dasein.* Essa discussão foi difundida anteriormente em uma articulação com a teoria da História dos Conceitos de Koselleck no primeiro capítulo.

A frase "o homem habita a linguagem" aponta para a questão sobre a linguagem existir mesmo antes de o homem ser, ou seja, de o homem ser constituído por ela, de ser invadido por ela. Para Lacan, o homem nasce na linguagem precisamente como nasce no mundo, como também nasce pela linguagem. Isso é a origem para ele; enxerga que sua percepção original sobre as primeiras obras de Freud indica-nos para uma observação até então desconhecida:

> Ninguém antes de mim parece ter dado importância ao fato de que, nos primeiros livros de Freud – os livros fundamentais, sobre os sonhos, sobre o que chamamos de psicopatologia da vida cotidiana, sobre o chiste -, encontramos um fato comum, proveniente dos tropeços da fala, furos no discurso, jogos de palavras, trocadilhos e equívocos. É isso que vem em apoio às primeiras interpretações e descobertas inaugurais sobre aquilo de que se trata na experiência psicanalítica, no campo por ela determinado. Abram em qualquer

[57] No livro, *A caminho da linguagem* [1959/2003], Heidegger afirma que o homem encontra na linguagem sua morada e possui a essência originária sobre a verdade que dá sentido ao homem. Martin Heiddeger aponta aproximações existentes entre o pensamento, a linguagem e a realidade.

> página o livro sobre o sonho, que veio primeiro, vocês só verão falar de coisas que envolvem palavras (LACAN, [2005], 2006, p. 38).

Essa questão em torno da linguagem torna-se o primeiro passo para o que Lacan vai elaborar acerca de sua teoria sobre o inconsciente a partir de sua releitura de Freud; ele formula a relação do inconsciente e a linguagem e inicia uma investigação sobre os pormenores inerentes à língua através de questionamentos sobre a função que ela exerce no sujeito e assim, inaugura sua construção teórica sobre o significante.

Essa concepção sobre a linguagem direciona-nos para o oposto elaborado pela teoria da História dos Conceitos proposta por Koselleck. O conceito aqui não possui ligação com o significado que atribuímos a ele por meio da significação tal como ocorre com a percepção dada aos significados das palavras em dicionários e vocabulários e ou como foi produzido pelo projeto do grande léxico.

Ao longo de sua obra, Jacques Lacan afirma que o "inconsciente é estruturado como uma linguagem", ele diz que quando afirma isso é "para tentar restituir a verdadeira função a tudo o que se estrutura sob a égide freudiana, e isso já nos permite vislumbrar a um passo. É porque na linguagem, como todos podem perceber, é que há verdade" (LACAN, [2005], 2006, p. 38).

O que é o inconsciente? Ele se manifesta com a linguagem é isso que Freud reconhece em sua teoria, é nisso que fundamenta todo o discurso psicanalítico. Freud traduz o inconsciente onde ninguém ousou fazê-lo, no ponto radical do sintoma histérico cuja natureza é da ordem do decifrável, "onde o sintoma só é representado no inconsciente caso se entregue à função daquilo que se traduz". (LACAN, [2005], 2005, p. 561). O discurso da histérica ensinou a Freud a girar no quarto-de-volta que o fez fundar o discurso analítico, causando uma subversão dentro dos estudos sobre a linguagem. O discurso do inconsciente sustenta a emergência da função do significante (LACAN, [1971], 2009, p. 21).

O discurso da Psicanálise estabelece-se na contramão do discurso universitário e do discurso da Filosofia. Não trata-se de uma gênese. O que possibilita a imersão no discurso lacaniano é a linguagem. A Psicanálise lacaniana sustenta a teoria sobre o significante e vê que ele é constituído com letras e algarismos, e Lacan concebe a ideia de que foi com essas ferramentas

próprias do discurso, que construímos “máquinas que andam, que voam, que se deslocam no mundo e que vão bem longe. (...) O que acaba por resultar como sua essência mesma, a saber, nossos famosos computadores de diversas espécies, eletrônicas ou não, é isso a organização da ciência” (LACAN, [2005], 2006, p. 41).

A ciência vai por outra via, a Psicanálise estabelece-se com base no discurso do inconsciente. Para Lacan, tudo que é instalado no mundo sugere a ordem do nosso pensamento e só torna-se possível porque a linguagem possui efeitos que fazem-nos operar máquinas e resolver problemas diversos. Entretanto, compreender a vida pela competência da linguagem movimenta-nos para as questões em torno do inconsciente (LACAN, [2005], 2006, p. 41).

No texto *Radiofania* [1970/1966/1998] alguém pergunta a Lacan: “Nos *Escritos* [1966], o senhor afirma que Freud antecipa, sem se dar conta disso, as pesquisas de Saussure e as do Círculo de Praga[58]. Poderia explicar-se a respeito disso?” (LACAN, [2001], 2003, p. 402). Lacan responde que ambos, Saussure e o Círculo de Praga, não possuem nada em comum com sua teoria. A linguística e o Círculo de Praga edificam-se através de um corte ou barra colocada entre o significado e o significante. Na obra de Lacan, essa concepção é mostrada através do algoritmo $\frac{S}{s}$. Saussure e o Círculo de Praga assentam-se na premissa sobre o significado, ou seja, estabelece uma compreensão sobre um determinado objeto a partir do que seja uma palavra e o que é definido sobre ela. Nessa visão temos uma compreensão que aproxima-se do ponto de vista da hermenêutica gadameriana e koselleckiana, pois ambas estão no campo do significado com o qual a possibilidade de interpretação do conceito sugere um conteúdo e possui influências em bases de reflexões que sustentam-se na linguística de Saussure. Uma leitura correta sobre o algoritmo é discorrermos que o significante está sobre o significado.

[58] Também conhecido pelo nome de Escola de Praga foi um grupo de intelectuais voltados à critica sobre a Literatura e de linguistas que constituíram o movimento chamado Formalismo Russo que se instalou na cidade de Praga. Seus estudos semióticos e de análise estruturalista ocorreram durante os anos de 1928 a 1939. Dentre os estudiosos que compunham esse círculo destaca-se Roman Jakobson [1896-1982], Nikolai Trubetzkoy [1890-1938], Sergei Karcevskiy [1887-1955], René Wellek [1903-1995] e Jan Mukařovský [1891-1975].

Esse sobre ou barra que separa os dois elementos devemos a Ferdinand de Saussure que redigiu esse signo assim representado $\frac{S}{s}$.

Saussure faz-nos pensar as diferenças entre o significante e o significado e Lacan retoma essa concepção desenhada pelo algoritmo saussuriano e elabora uma leitura a partir do inconsciente freudiano e que é inexistente em Ferdinand de Saussure. Lacan inverte a fórmula saussuriana e traz para seu o ensino a concepção sobre o significante a partir de uma leitura que faz avançar o que Saussure não conseguiu ir adiante. Para Jacques Lacan, Freud antecipa o que Saussure refletiu ao abordar sua teoria sobre a metáfora e a metonímia que será discutida mais adiante. Essa fórmula revela a articulação entre o significado e o significante, entre os dois S e s, há a barra, $\frac{S}{s}$. A barra suporta a escrita, ela dá oportunidade para que haja a produção do escrito. Se não existisse a barra não haveria a articulação discursiva entre o significante e o significado. A barra fura o discurso. A barra evita que a gente fale desmedidamente como papagaios (LACAN, [1975], 2008, p. 40).

A linguística leva em consideração aspectos do pensamento em sua vinculação com a fala e com a comunicação, não há furo entre eles, estão colados. Na Psicanálise o sujeito que fala está marcado por uma barra representado pelo algoritmo supracitado, ele é cindido pelo recalque[59] que é representado pela barra no algoritmo lacaniano. A linguística ganha *status* de objeto científico pois torna-se referência em relação aos estudos das línguas

[59] Esse conceito clínico freudiano indica-nos que o sujeito guarda conteúdos presentes na consciência do paciente e faz com que ele se mantenha afastado dela. O caso do *Homem dos Lobos - História de uma neurose infantil* [1918/1992] exposto por Freud aponta que um garoto sofre de uma histeria de angústia na forma de uma fobia em relação a um animal. A criança aos dois anos de idade presencia uma relação sexual dos pais que, segundo Lacan, isso não provocou um trauma e sim uma inscrição inconsciente no sujeito. O trauma surge depois, quando a criança pode significar o ocorrido na inscrição de sua fala. Essa compreensão só ocorre através do ingresso no sistema simbólico com a aquisição da fala. Portanto, a psicanálise desempenha um papel fundamental no qual o paciente passa a elaborar associações em torno dos elementos recalcados os tornando possíveis para uma censura do sistema pré-consciente e consciente e a partir disso possamos reconstituir os elementos recalcados e reduzir o sofrimento do sujeito que procura o tratamento psicanalítico. A relação do sujeito com o recalque mostra um aspecto importante para a psicanálise, pois com ele o sujeito elabora sua fala presente na cadeia dos significantes. O recalcado retorna e os seus efeitos são percebidos na formação substitutivas dos sintomas. Compreender sobre os conteúdos latentes que foram recalcados e a maneira como esses elementos retornam ao consciente, permite ao analista junto com seu paciente, possibilidades de caminhos que possibilitam ao paciente entender seus sintomas e elabora-los de uma maneira capaz de trazer-lhe menos angústia.

levando em consideração a sua estrutura e as leis que a regem (LACAN, [1966], 1998, p. 499).

No artigo, *A psicanálise e seu ensino* [1957/1966/1998], Lacan elucida que Freud antecipa algumas questões com as quais Saussure vai trazer à tona mais tarde em seu *Curso de Linguística Geral* [1916/2006] ao abordar a discussão em torno da metáfora e da metonímia e, que de acordo com a teoria linguística, ele abre o movimento dos estudos sobre a linguagem denominado linguística moderna, embora Saussure não tenha enfatizado as questões em torno do inconsciente a partir das figuras de linguagem.

Para Lacan, Freud antecipou Saussure quando trata da metáfora e da metonímia. Saussure não destaca as questões acerca do inconsciente porque não é analista, "não torna públicos os anagramas[60] que decifrou na poesia natural, é porque estes aniquilam a literatura universitária" (LACAN, [2001], 2003, p. 402). Freud descobre na poética da trama discursiva os segredos revelados pelo inconsciente.

Ao longo da explanação em torno do que concebemos sobre o que é o significante para a teoria lacaniana, enfocamos aqui, seis aspectos da operação significante que consideramos importante destacar, são essas as características: primeira, a questão da supremacia do significante em relação ao significado; segunda, o significante é uma unidade que simboliza ausência; terceira, o significante opera segundo as leis da cadeia significante; quarta, o significante desfila na cadeia dos significantes; a quinta característica; o significante tem o caráter de duplicidade quando opera na cadeia dos significantes e, por fim, a sexta característica; o significante produz neologismo.

No que diz respeito à primeira característica, que é a supremacia do significante em relação ao significado, remetemo-nos à descoberta de Freud ao elaborar a Psicanálise a partir de sua teoria sobre o recalque, e que Lacan, interpretando Freud, vê que o psicanalista alemão desvenda um fenômeno que estrutura e revela a verdade subjacente ao diálogo do sujeito pela via do inconsciente. Com essa concepção sobre a teoria do recalque, e esse será representado no algoritmo lacaniano como a barra que fura a operação existente entre o significante e o significado, temos uma novidade para uma

[60] *Os Anagramas* [1906-1909] de Saussure surgem concomitantemente ao *Curso de Linguística Geral* [1916/2006] durante os anos de 1906-1909.

compreensão aos estudos sobre o sujeito. É aqui que Freud funda o recorte paradigmático de sua teoria no final do século XIX. Com o recalque, o sujeito encontra a dificuldade presente em sua fala, ele não consegue seguir adiante e nisso ele é marcado por uma "espécie de discordância entre o significado e o significante" que é determinada pelo recalque. "A verdade só pode ser comunicada, nesse caso, nas entrelinhas" (LACAN, [1966], 1998, p. 373).

É necessário ir a Freud e ver como ele concebe a ideia de condensação e de deslocamento para compreender o pensamento de Lacan. Sigmund Freud elabora sua técnica terapêutica sobre *A Interpretação dos sonhos* [1901/1992] e propõe no capítulo intitulado *O trabalho dos sonhos*, uma orientação de como deve ser realizado esse desenredamento do sonho que passa a tornar-se material analítico. Esses dois elementos presentes nos sonhos serão fundamentais para a construção da técnica psicanalítica e contribuirão para uma investigação acerca dos fenômenos oníricos existentes no inconsciente e contribuem o entendimento de Lacan para o que ele passa a construir a teoria sobre o significante e como ela se estabelece no inconsciente do sujeito. Segue um comentário lacaniano sobre a condensação:

> Respecto de la inmensa mayoría de las masas de pensamento descubiertas por el análisis debe admitirse que ya estuvieron activas en la formación del sueño; en efecto, cuando se reelabora una cadena de esos pensamientos que parecen situarse fuera de la trama de la formación del sueño, se tropieza de pronto con un pensamiento que tiene su sub-rogado en el contenido del sueño, es indispensable para la interpretación de este e inalcanzable por otra vía que aquella cadena de pensamientos" (FREUD, [1901] 1992, p. 288).

O *Sonho da monografia botânica* [1901/1992] é um exemplo que ajuda-nos a compreender o fenômeno da condensação cujo conteúdo onírico é descrito dessa maneira por Freud: "Tengo escrita una monografia sobre una variedad (indeterminada) de planta. El libro yace frente a mí, y estoy hojeando una lámina en colores doblada. Acompanha al ejemplar um espécimen desecado de la planta" (FREUD, [1901],1992, p. 290). Esse sonho revela-nos o processo de condensação onírico que o inconsciente estabelece no sujeito. Cada elemento apresentado é indicador de conexões possíveis existentes nos pensamentos oníricos. Além dos sonhos revelados pelas pacientes, Freud também constrói sua teoria a partir dos sonhos que ele teve e a eles faz referência para uma organização de suas ideias e consolida a teoria e técnica

psicanalíticas, afirma-nos em sua conclusão interpretativa sobre o sonho supracitado:

> A <<botánica>> corresponden las reminiscências de la persona del professor Gartner {jardineiro}, de su floreciente mujer, de mi paciente llamada Flora y de la dama [la señora L.] de quien yo conté la historia de las flores olvidadas. Gartner me lleva de nuevo al laboratório y a la conversación con Konigstein; a esta misma pertenece la mención de las dos pacientes [Flora y la señora L.] Desde la mujer de las flores se bifurca uma vía de pensamentos hasta las flores predilectas de mi mujer, cuya outra rama llega hasta el título de la monografia que vi de passada el día anterior. Además, <<botânica>> evoca un episodio de la escuela media y un examen de mi época universitária, y un nuevo tema tocado en aquella conversación, el de mis aficiones, se enlaza, por mediación de la que en broma llamo mi flor predilecta, el alcaucil, con la cadena de pensamentos que arranca de las flores olvidadas; tras <<alcaucil>> se oculta la reminiscencia de Italia, por un lado, y de una escena infantil con la que inaugure mis relaciones con los libros, que desde esa época se hicieron íntimas, por el otro. <<Botánica>> es, entonces, un verdadeiro punto nodal en que convergen para el sueño asegurarlo, com pleno derecho se entramaron con aquella conversación (FREUD, [1901], 1992, p.p 290-291).

Freud mostra-nos que os pensamentos oníricos apresentados pelo sujeito durante a sessão clínica apresentam pontos fundamentais que sobredeterminam múltiplos elementos possíveis de serem interpretados e revelam uma pluralidade de fatores heterogêneos sobre a vida do sujeito em análise:

> De un elemento del sueño, la vía associativa lleva a vários pensamentos oníricos, y de un pensamiento onírico, a vários elementos del sueño (FREUD, [1901], 1992, p. 292). El trabajo de condensación del sueño se muestra con la máxima evidencia cuando há escogido como objetos palavras y nombres. Las palavras son manejadas por el sueño con la misma frecuencia que las cosas, y experimentan idênticas urdimbres que las representaciones-cosa del mundo (FREUD, [1901] 1992, p. 302).

O deslocamento que é outro mecanismo descrito por Freud revela-nos elementos latentes que estão presentes nos conteúdos oníricos e que nem sempre são possíveis de serem vistos através de uma primeira observação. Esse mecanismo identifica que nem sempre os elementos presentes nos sonhos estão diretamente relacionados à eles e revelam-nos conteúdos ocultos; cabe ao psicanalista ao desenredar o sonho descobrir quais são esses conteúdos:

> El desplazamiento que sustituye el material psíquicamente importante por uno indiferente (tanto para el soñar cuanto para el pensar) ya se há producido en esos períodos tempranos de la vida y quedó desde entonces fijado en la memoria. Por tanto, aquellos elementos que originariamente fueron indiferentes ya no lo son desde que han tomado sobre sí, por desplazamiento, la valencia de un material que

> posce significatividad psíquica. Lo que há permanecido realmente indiferente ya no puede reproducirse en el sueño (FREUD, [1901], 1992, p. 198).

Jacques Lacan, em seu *Seminário V: Sobre as formações do inconsciente [1957-1958/1998/1999],* apropria-se da operação que Freud nomeou de condensação e de deslocamento e os define respectivamente de metáfora e metonímia. Antes disso é necessário que façamos uma compreensão histórica sobre essa operação e de como Lacan elabora essa assertiva em sua teoria.

Depois que Freud construiu o seu método de deciframento dos sonhos em *A Interpretação dos Sonhos* [1901/1992]; mais tarde Jakobson em seu livro *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias* [1956/1969] aponta que o recurso da linguística em metáfora e metonímia traz referências aos processos de condensação e deslocamento já empregados por Freud. Vemos que esses dois mecanismos para a Psicanálise são indicadores do conteúdo latente e manifesto do inconsciente do sujeito que ficam reprimidas sem que o sujeito as manifeste em seu cotidiano.

Roman Jakobson apropria-se desses mecanismos de deciframento dos sonhos e cria a sua maneira de compreender as afasias pois, para ele, elas eram causadas por lesões anatômicas no cérebro e revelavam uma deficiência de compreensão baseadas nas desordens que afetam a articulação e compreensão da linguagem, que passa a ter uma alteração de sua função, depois de ter sido adquirido de modo natural e não causada por um fator intelectual. Aqui, o sujeito encontra-se mergulhado em uma dissolução da linguagem e não obtém êxito em reconstituir o mecanismo de formação das figuras de linguagem e não consegue dominar os mecanismos de substituição e de associação proporcionados pela linguagem, tais como metáfora e metonímia. Ele circunscreve-se ao campo da semântica e não leva em consideração a técnica fundamental da Psicanálise que é associação livre que vai em busca dos elementos inconscientes presentes no enunciado da fala do paciente.

No *Seminário V: As formações do inconsciente* (1957-1958/1998/1999), Lacan propõe que os dois mecanismos de deciframento dos sonhos elaborados por Freud, condensação e deslocamento, coincidem com as

estruturas que se exercem na linguagem que são a metáfora e a metonímia. Ele segue outro percurso, uma outra trajetória, preocupado com o discurso e como ele é articulado, como a fala do sujeito surge a partir do que o inconsciente mostra, a partir das expressões que marcam o inconsciente do sujeito e o recalque que aí instala-se. Jacques Lacan foi responsável por introduzir os conceitos de metáfora e metonímia na Psicanálise; esses conceitos ultrapassaram uma simples categorização da retórica ou semântica. Lacan define a metáfora como um nonsense (não-sentido) da cadeia significante, que resulta da justaposição de significantes como veremos o exemplo da palavra *signo* em *Signorelli* mais adiante. De acordo com Lacan, os processos metafóricos e metonímicos não são separados. Metáfora e metonímia estão relacionados com conceitos elaborados por Freud, sendo eles deslocamento e condensação, que estão presentes em *A Interpretação dos Sonhos* (1901/1992). Através dessas duas operações, é possível interpretar os desejos inconscientes e como eles manifestam-se na cadeia dos significantes do sujeito.

O exemplo de um sonho de Freud descrito em *Psicopatologia da vida cotidiana* [1901/1992] elucida essa questão. Freud quando fez uma viagem à Bósnia-Herzegovina, falando com alguém, ele esquece o nome *Signorelli* que lhe escapa à memoria, e assim, outros nomes apresentam-se, inconscientemente, a ele: *Botticelli*, *Boltraffio*, *Trafoi*. Aqui vemos apresentar-se o mecanismo de fuga de nome. Para Lacan, *Signorelli* e a sequencia de nomes pronunciados são “palavras equivalentes, traduções umas das outras, metáfrases se quiserem, que a palavra está ligada à morte recalcada, recusada por Freud” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 272). *Signorelli* aponta para as palavras *Signor* e *Herr*, e *Trafoi* e *Boltraffio*, é a metonímia no deslizamento entre Herzegovina e Bósnia (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 272). Para Lacan, Freud encontra a linguagem “em sua prática médica, quando se deparou nesse campo em que são vistos os mecanismos da linguagem dominar e organizar sem o conhecimento do sujeito, fora do seu eu consciente, a construção de certos distúrbios que se chamam neuróticos” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 255). Fiquemos com Lacan ao comentar o exemplo:

> O signor do nome Signorelli, para Freud impossível de evocar como autor do célebre afresco do Anticristo na catedral de Orvieto, muito embora os detalhes e a própria figura do pintor ali inscritos só façam parecer voltar mais vivamente à sua lembrança. É que signor, juntamente com o Herr, o senhor, o Mestre absoluto, é aspirado e recalcado pela lufada apocalíptica que se ergue no inconsciente de Freud ante os ecos da conversa que ele está tendo: perturbação, insiste ele a esse respeito, de um tema recém-surgido por um tema precedente – que é, na verdade, o da morte assumida. (LACAN, [1957-1958],1998, 1999, p. 45).

Aqui vemos que o nome *Signorelli* aponta para a discussão em torno do recalcado que retorna e repete-se na letra enunciada, ou seja, há um conteúdo guardado na lembrança de Freud que revela uma situação anterior por ele privilegiada e que retoma algo que é articulado como novidade em uma situação atual.

Nesse texto sobre o deciframento dos sonhos Lacan diz que Freud descobre no significante o mistério que o sujeito carrega consigo e nem sequer sabe fingir que ali ele constitui-se e organiza-se como sujeito (LACAN, [1966], 1998, p. 629). A descoberta de Freud revela-nos que o inconsciente é uma cadeia de significantes que em algum lugar repete e insiste formando o sintoma do sujeito e nele mostra que alguma coisa não vai bem.

No escrito, *Situação da psicanálise em 1956* [1956/1966/1998], vemos a discussão em torno de uma característica do significante que é a supremacia do significante sobre o significado e nela Lacan afirma que mesmo elaborando uma crítica aos linguistas modernos, antes disso, já havia uma compreensão sobre o significante presente em pensadores como Baudoin de Courteney[61], Quintiliano[62] e Santo Agostinho[63], com eles já se fazia uma distinção entre o significante e o significado. Para Lacan:

---

[61] Foi um linguísta polaco (1845-1929) que escreveu o artigo *Algumas observações acerca da linguística da língua* [s/d] e nesse artigo aponta a importância da unidade do fonema para uma formação articulada da palavra. No artigo, *Ensaio acerca de uma teoria das alternâncias fonéticas* [1894], contribuiu com o entendimento acerca do fonema e viu que a unidade que forma as palavras é possível pelos fonemas que emitem o som das palavras e, isso ocorre porque a consciência do homem assim compreende os fonemas, não aos fluxos de sons emitidos pela fala. Ele precede Saussure ao elaborar as diferenças entre língua e fala.

[62] Marco Fábio Quintiliano [35-96 d.C.] foi um professor romano que estudou a retórica e deixou-nos como legado a obra *Institutio Oratoria* [s/d] que possui doze volumes e tem como interesse os estudos sobre a eloquência e os enfeites discursivos do bom orador, prevalecendo nessa ação retórica, o discurso belo, a atitude moral e a ética do bem.

[63] Santo Agostinho [354-430 d.C] foi um filósofo ainda voltado para os clássicos gregos [Platão, Aristóteles, por exemplo], mas com uma percepção filosófica em torno das questões de seu

> Somente a psicanálise está em condições de *impor ao pensamento* essa primazia, demonstrando que o significante prescinde de qualquer cogitação, até das menos reflexivas, para exercer indubitáveis reagrupamentos nas significações que subjugam o sujeito, e mais ainda: para se manifestar nele mediante a intromissão alienante da qual a noção de *sintoma* adquire na análise um sentido emergente – o sentido do significante que conota a relação do sujeito com o significante (LACAN, [1966], 1998, p. 470).

O aforismo “a linguagem é a condição do inconsciente” (LACAN, [2001], 2003, p. 402-403) orienta-nos para uma discussão que está para além do que a linguística situa-se e é sustentada. A linguística vai por outra via onde a linguagem torna-se importante, a Psicanálise com o significante, proporciona material de análise sobre o inconsciente, diz-nos Lacan sobre a linguística: “É que ela deixa em branco o que surte efeito nele: o objeto a, com o qual, ao mostrar que ele é o pivô do ato psicanalítico”. (LACAN, [2001], 2003, p. 407). Para Lacan, a linguística passa a ser considerada uma ciência, a ciência da linguagem, tal como ocorre com as ciências físicas, químicas e matemáticas, torna-se uma ciência piloto que carrega o sentido do indivíduo pela via do significado que sugere uma ideia sobre determinado objeto (LACAN, [2001], 2003. p. 229). A linguística refere-se ao sentido como uma maneira de pensar qualquer coisa, por exemplo, a religião que atribui um sentido às coisas que antes tidas como coisas naturais, passa a oferecer sentidos a essas coisas; às experiências vividas pelos homens e que “os cientistas começam a sentir uma ponta de angústia. A religião vai encontrar para isso sentidos truculentos” (LACAN, 2005, p. 66). Nas ciências humanas o interesse pela linguagem surge desde Rousseau com o seu *Ensaio obre a origem das línguas* [1759/1998] e, posteriormente pelo pesquisador Hermann Helmhotz[63] no final do século XIX (LACAN, [2005], 2006, p. 42).

Para a Psicanálise, a linguagem não é sinal, não é signo, nem sequer signo da coisa como realidade externa materializada em grafismos alfabéticos ou numéricos como argumentam os linguistas modernos. Para Lacan é pela via

---

tempo que fundamentam-se nos preceitos cristãos, ele contribui, decisivamente, para uma difusão e consolidação do pensamento cristão na Idade Média.

[64] Hermann Helmholtz nasceu em 1821 e foi influenciado pela Filosofia de Hermann Fichte [1796-1879] e Imannuel Kant [1724-1804]. Conviveu com os filósofos alemães Imanuel Hermann Fichte [1796-1879] e seu pai, Gottlieb Fichte [1762-1814]. Contribuiu com várias áreas de conhecimento como a Medicina, a Fisiologia, a Física e a Psicologia. Neste último campo, ele desenvolveu a teoria das representações psicológicas, as percepções. Essa teoria compreende que as experiências passadas formam premissas maiores de um silogismo.

do significante que o discurso acontece, ele desliza dentro da cadeia dos significantes. Diferentemente, para a linguística, o significado é encontrado quando há a possibilidade de constituir a denominação das coisas, ou seja, quando há um sentido atribuído a algum objeto ou coisa que necessita ser compreendido pela palavra a ele dado.

Em relação aos dois campos de conhecimento em questão, observamos diferenças entre o que seja o significado e o significante. O significado para a linguística é semelhante ao o que a gramática possibilita compreendermos quando atribuímos o substantivo, o adjetivo, o verbo ao abordamos os aspectos da semântica na linguagem. A teoria de Koselleck estabelece-se próxima do discurso da linguística, que profere uma compreensão entre aquilo que questiona e o significado consciente, social e político que o atribuímos. Os dicionários definem suas contribuições sobre o que sejam os significados diversos entre as palavras e as coisas e os sentidos que atribuímos-lhes; isso trata da relação estabelecida entre a coisa, o objeto e o significado a ele dado.

Lacan questiona e põe em relevo a teoria linguística quando argumenta que sua teoria sobre o significante trata de uma compreensão divergente porque o significante não designa-se a si mesmo como ocorre com o vocábulo ou com a palavra na teoria da História do Conceito. O significante sustenta-se porque está sempre remetido a outro significante. O significante representa um sujeito para outro significante que constitui a cadeia dos significantes e a letra passa a ser o suporte material que o discurso empresta da linguagem e com ela revela os elementos inconscientes que apresentam-se na fala através da repetição que sustenta a cadeia do discurso do sujeito, Lacan aponta:

> Na qualidade de tudo ou nada que alguma coisa é significante, é na medida em que algo que constitui um todo, o signo, está ali justamente para não significar nada. É aí que começa a ordem dos significantes enquanto ele se distingue da ordem da significação. (...) O mundo humano implica a ordem do significante (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 216).

Lacan questiona: o que são os elementos significantes? Responde:

> O exemplo mais puro do significante é a letra, uma letra tipográfica. Uma letra não quer dizer nada, vocês dirão. Não obrigatoriamente. Pensem nas letras chinesas. Para cada uma delas encontrarão no dicionário um leque de sentidos que nada tem a invejar daquele que corresponde as nossas palavras. O que isso quer dizer? O que pretendo ao lhe dar essa resposta? Não o que se crê, uma vez que isso quer dizer que a definição dessas letras chinesas, assim como a

> de nossas palavras, só tem alcance a partir de uma coleção de usos. Falando estritamente, um sentido só nasce de um jogo de letras ou de palavras na medida em que se propõe como modificação de seu uso já consagrado. Isso implica em primeiro lugar que toda significação adquirida por esse jogo participa das significações às quais ele já estava ligado, por mais estranhas que sejam entre si as realidades presentes nessa reiteração (LACAN, 2005, p.p 20-21).

Para a Psicanálise lacaniana o sentido insiste incessantemente na cadeia dos significantes e não leva o discurso do sujeito para o contexto da significação. Para Lacan, a concepção de Saussure sobre a cadeia discursiva é linear e torna-se possível através da emissão horizontal em que ela inscreve-se em nossa linguagem tonando-a insuficiente. Mas, para ele, essa concepção é limitada. O exemplo com a frase "Pedro surra Paulo" é diferente quando a invertemos, ou seja, "Paulo surra Pedro" não significa que "Pedro surra Paulo". Saussure apresenta que a cadeia do discurso por ele refletida só é orientada no tempo, "sendo até tomada como fator significante em todas as línguas em que "[Pedro surra Paulo]" reverte seu tempo ao inverter termos" (LACAN, [1966], 1998, p. 506).

Para Jacques Lacan, a teoria sobre o significante e o significado em Saussure, trata de um equívoco, no artigo *A instância da letra no inconsciente* [1957/1966/1998], Lacan apresenta o exemplo de duas crianças, um menino e uma menina, que estavam sentados de frente um para outro em um vagão de um trem e, passam a observar o que vêem, quando o trem para na estação de frente para duas portas de *toilettes,* e lá estava escrito a palavra homens e mulheres; segue a descrição:

> Um trem chega à estação. Numa cabine, um menino e uma menina, irmão e Irmã, estão sentados um em frente ao outro, do lado em que a vidraça dando para o exterior descortina a visão das construções da plataforma ao longo da qual o trem parou: "olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!"; "Imbecil!, responde a irmã, nao está vendo que nós estamos em Homens?" (LACAN, [1966], 1998, p. 503).

Lacan afirma, que o que se vê nessa experiência, indica-nos que a imagem das duas portas iguais paradas na estação do trem, "duplicando a espécie nominal" entre as palavras homem e mulher escritas nas portas dos *toilettes* da estação, "produz uma surpresa inesperada da precipitação do sentido" no qual as duas portas gêmeas simbolizam o significado atribuído por cada criança ao definir conscientemente seu gênero (LACAN, [1966], 1998, p.

503). Através das palavras homens e mulheres alcançamos como o significante entra no significado, ou seja, ele “entra de uma forma que mesmo não sendo imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade” (LACAN, [1966], 1998, p. 503). Pois, as crianças ao enxergarem as palavras homens e mulheres escritas nas portas dos *toilettes* da estação de trem, atribuiram o significante que lhes serviam de suporte como sujeitos naquela situação. Aqui, temos a discussão sobre qual o lugar que o significante ocupa quando ele opera? Os significantes homens e mulheres serão para essas crianças:

> Duas pátrias para as quais a alma de cada uma puxará sua brasa divergente, e a respeito das quais lhes será tanto mais impossível fazer um pacto quanto, sendo elas em verdade a mesma, nenhum deles poderia ceder da primazia de uma sem atentar contra a glória da outra. (LACAN, [1966], 1998, p. 504). O significante homem como o significante mulher, são coisas diferentes de uma atitude passiva e atitude ativa, atitude agressiva e atitude cedente, outra coisa que comportamentos (LACAN, [1955-1956] 2002, p. 226).

Lacan alerta para o que podemos pensar em relação à operação significante presente nos sujeitos em questão, entretanto, atenta que se as palavras homens e mulheres estivessem escritas em uma língua desconhecida do menino e da menina, a confusão seria apenas uma briga de palavras. Lacan reflete: “O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (LACAN, [1966], 1998, p. 508).

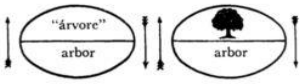
Ainda sobre o algoritmo que revela a barra existente entre o significante e o significado, vemos no exemplo dado, as crianças na estação do trem, que a estrutura do significante não mostra tratar-se de significação. No algoritmo $\frac{S}{s}$ o significante possui a função de só poder revelar uma estrutura de significante nessa transferência onde um significante remete-se para outro significante. A estrutura do significante indica que ele é articulado a partir de uma unidade e nela ele se compõe de letras que fornecem elementos pertencentes segundo as leis de uma ordem fechada, que está presente na cadeia dos significantes (LACAN, [1966], 1998, p. 505). Esses elementos podem ser confundidos com os atributos criados pela linguística que são os

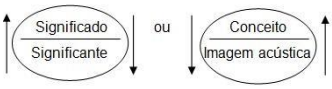
fonemas. A letra é o suporte material do significante (LACAN, [1966], 1998, p. 505). O algoritmo representado por $\frac{S}{s}$ mostra-nos a oposição lacaniana descrita em *A instância da letra no inconsciente* [1966] em relação à Saussure, pois a representação gráfica de Saussure 

indica-nos a relação existente entre o conceito que damos à palavra e a imagem acústica presente no significado a ela atribuída através dos sons.

O segundo aspecto em torno da teoria do significante que chama-nos a atenção é a característica que o significante, apontada por Lacan, possui, descrita em seus vários artigos compilados nos *Escritos* [1966/1998], é que, ele, o significante é unidade que simboliza uma ausência. Com o exemplo da *Carta Roubada,* [1844/2007] um conto de Edgar Alan Poe, Jacques Lacan analisa que as palavras carta e letra, escritas em francês com a mesma palavra, *letter*, mostram que ambas são escritas da mesma maneira, são idênticas e "é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar" (LACAN, [1966], 1998, p. 27) mostrando-nos o enigma presente no conto, e essa brincadeira com a letra revelando o significante no conto de Poe, Lacan conclui que só se pode falar sobre algo que falta quando esse algo muda de lugar. A palavra *letter* (pode significar carta e letra) que no caso da *Carta Roubada* [1844/2007] mostra-nos a que a palavra muda o significante, pois a palavra *letter* nos dá dois significantes, carta e letra, um no lugar do outro amarrado na cadeia dos significantes. Aqui a unidade que define a estrutura do significante revela que ele é articulado sem comportar a significação, vemos isso com o exemplo acerca das palavras carta e letra em francês.

O significante sempre se antecipa ao sentido e desdobra-se nisso indo além da dimensão que lhe cabe. "É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez..., Também..." (LACAN, [1966], 1998, p. p. 505) Mesmo se a frase não for completa, não significa que ela não possa fazer sentido, entretanto, elabora um sentido "ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar" (LACAN, [1966], 1998, p. 505)

O terceiro aspecto levantado nessa tese, é que o significante opera segundo as leis da cadeia dos significantes e, Lacan usa a seguinte metáfora para elucidar essa característica: “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (LACAN, [1966], 1998, p. 505) Trata-se de um emaranhado existente dentro da cadeia simbólica que leva a produção de outro e mais outro significante. (LACAN, [1966], 1998, p. 505). O significante mantém-se como condição de uma operação que constitui-se em uma cadeia e é nessa cadeia que ele faz-se presente a partir de uma ausência. A cadeia dos significantes torna a condição do significante possível e é nela que ele subsiste (LACAN, [1966], 1998, p. 665). A representação algoritma lacaniana dessa afirmação é a fómula $S_1 \rightarrow S_2$ cuja indicação remete-nos que um significante inicial, S_1, levano-nos a um outro significante, S_2. Esse terceiro aspecto mostra-nos que o significante é uma operação presente na cadeia dos significantes, e, diferentemente, a linguística não se atém ao gesto da fala espontânea, ela é sustentada pelo discurso linguístico que está implicado no significado e estabelece diferenças entre o significado e o significante a partir do que entendemos quando estabelecemos uma compreensão sobre o fonema, a exemplo disso a palavra árvore e o som a ele atribuído no algoritmo de Saussure 

assim definido 

em seu Curso de Linguística Geral [1916/2006].

O significante da teoria lacaniana vai na contramão do discurso da linguística, ele representa um sujeito para outro significante. O significante desfila na cadeia dos significantes. Portanto, vemos a insurgência da quarta característica do significante. Essa característica revela que ele garante a coerência teórica do conjunto como conjunto representado na fórmula $S_1 \rightarrow S_2$ (LACAN, [1966], 1998, p. 416). O significante desfila na cadeia pela ordem simbólica. Lacan afirma que o homem desde antes de nascer e para-além da morte está preso na cadeia simbólica e “nela antes que se bordasse a história; deve habituar-se à ideia de que é em seu próprio ser, em sua personalidade total, como se expressam alguns comicamente, que ele é efetivamente apanhado como um todo, só que à maneira de um peão, no jogo do

significante" (LACAN, [1966], 1998, p. 471). O sujeito cai na armadilha do significante mesmo antes de as regras do jogo serem colocadas à mesa.

Ao analisar o verso "Seu feixe não era avaro e nem odiento" do poema *Booz Adormecido* [1859/2002] escrito por Victor Hugo, Lacan mostra-nos que o significante possui exterioridade e desfila na cadeia dos significantes, cuja característica será exposta adiante quando tratarmos sobre a quarta característica. A exterioridade do significante só existe porque tem algo em sua operação que o torna possível. Essa metáfora revela que o verso de Victor Hugo não sinaliza claramente que um feixe possui os adjetivos avaro e odiento, entretanto, feixe remete a Booz, o personagem principal do poema, e cuja palavra é substituída por feixe, Lacan mostra-nos que "se o feixe remete a Booz, como efetivamente faz, no entanto, é por substituí-la na cadeia significante, no exato lugar que o esperava, por ter-se elevado em um grau mediante a remoção do entulho da avareza e do ódio" (LACAN, [1966], 1998, p. 511). Concluímos que Lacan parte do pressuposto de que como nenhum feixe manifesta sentimento, aqui Booz surge como similaridade a feixe porque este o substitui na cadeia significante. A partir de Booz vemos que feixe faz esse lugar vazio "rechaçado que ele fica desde então para as trevas do exterior em que abrigam a avareza e o ódio, no vazio da negação deles" (LACAN, [1966], 1998, p. 511).

Lacan questiona que no nível do significante, por exemplo, quando Schreber fala de *Nervenanhang*[1], da adjunção de termos, Schreber afirma que essa palavra foi dita a ele pelas almas examinadas ou pelos raios divinos (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 43). A significação está presente no texto de Schreber, cujo artigo mostra o caso da psicose analisada por Freud, e nela vemos que a palavra pesa sobre si mesma. A significação remete-se a ela própria (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 43).

O estudo do delírio de Schreber mostra-nos uma nova perspectiva de compreensão sobre o fenômeno da linguagem na Psicanálise ao examinar a língua fundamental na qual ele foi introduzido por sua experiência. A palavra domina a situação delirante e real da estrutura da psicose estudada por Freud. No caso de Schreber temos a relação da significação com a significação,

[65] A tradução que Freud dá a essa palavra é conexão nervosa que indica as vozes que Schreber ouvia em seu delírio psicótico.

elaborando um discurso delirante repleto de significação e que estrutura a psicose manifestada (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 44). Na psicose o sujeito não está na dependência do que é manifestado no nível das significações, também é marcado dentro do labirinto significante onde o sujeito situa-se de maneira fixa e perdida. O psicótico perde-se em meio aos significantes que lhe constituem como sujeito (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 228).

A significação, no ensino de Jacques Lacan, remete-nos ao *Seminário V: As formações do inconsciente* [1957-1958/1998/1999], pois aqui ela é produzida através de sua compreensão acerca da metáfora e da metonímia que são os processos primários do inconsciente vistos anteriormente. No supracitado *Seminário*, ele aborda a questão afirmando que a significação remete sempre a outra significação. Quando a paciente afirma que vem do salsicheiro: "eu venho do salsicheiro"[1] (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 60), a paciente indica-nos que isso remete a outra significação que nesse caso é porca. Esse é um pequeno exemplo de um caso clínico apresentado por Lacan em seu *Seminário III: Sobre as psicoses* [1955-1956/2002] no qual ele mostra quando a paciente afirma vir do salsicheiro, na verdade ela queria ter dito que era porca. Há uma troca inconsciente da palavra salsicheiro pela palavra porca. Nesse caso, o sujeito pensa a palavra porca e essa é arrancada no lugar do Outro que é a palavra salsicheiro. Na teoria lacaniana, ambos, porca e salsicheiro são elementos significantes presentes na cadeia dos significantes da paciente e se conectam. Quando a paciente pensa salsicha, ela ouve a palavra porca. No lugar do pensamento vem um significante que não explica o Outro, ele expõe a presença marcada do real que determina a estrutura do sujeito através da palavra porca.

Lacan conclui que a ideia sobre o significante não surge com Saussure, mas aparece desde os estóicos [300 a.C], passando por Santo Agostinho na obra *De Magistro*[67] – Do Mestre - [389 d.C]. O significante opera com leis

[66] Essa expressão foi analisada por Lacan em uma de suas consultas com uma jovem psicótica.

[67] Essa obra escrita por Santo Agostinho traz a primeira parte intitulada *Diálogos sobre a significação da palavra* [389 d.C] que Segundo Lacan, antecipa um milênio e meio o que ele elaboraria no século XX sobre a sua teoria do significante. Santo Agostinho questiona ao seu filho Adeodato: - "que te parece que pretendemos fazer quando falamos?". Adeodato responde: - "pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender". Essa discussão leva Santo Agostinho a compreender o conceito de intersubjetividade e de como ele chega a questão

próprias não limita-se ao suporte fonemático elaborado pela teoria de Saussure (LACAN, [1975], 2011, p. 25).

A palavra não funda o significante. A palavra, para o conhecimento da linguística alinha-se na lógica do dicionário, do vocabulário, da enciclopédia, da semântica e da História do Conceito. A ideia do conceito na teoria koselleckiana mostra o significado caminhando por outra via. Na palestra proferida por Koselleck intitulada *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos* [1992], o historiador alemão afirma que o conceito é compreendido por uma semântica que leva em consideração o conhecimento prévio do significado das palavras que ele utiliza e que sem isso, sua História dos Conceitos não seria possível.

Para o historiador alemão, a semântica é fundamental para a comunicação linguística e para o uso pragmático da língua. Cria o dicionário dos conceitos históricos no qual a palavra vai ganhando significação ao longo da trama histórica por meio de um conteúdo pré-estabelecido; cuja concepção é diferente quando trazemos a discussão acerca do significante na teoria lacaniana. Koselleck defende sua reflexão:

> É ainda imprescindível para que se possa fazer política, exercer influência social, exercer poder político, fazer revolução, enfim tudo aquilo que se possa imaginar como atos sociais e históricos. Todos esses usos pragmáticos articulados a uma língua, ou que pela língua são iniciados, vivem na verdade de uma semântica que é pré-existente e nos é dada (KOSELLECK, [1972], 1992, p.p 140-141).

Para Koselleck, a palavra indica-nos que ela sempre será remetida a um sentido dado, indicando-nos um conteúdo pré-estabelecido. Para a elaboração de seu projeto do GG e que culmina na realização do dicionário sobre a *História dos Conceitos* [1972], ele escolheu com critério as palavras que seriam analisadas, cujos sentidos assentavam-se em uma proposta de possibilidade teórica discursiva e reflexiva. Koselleck dá os exemplos:

> Tomemos, por exemplo, as palavras Estado (Staat), ou Revolução (Revolution), ou História (Geschichte), ou aasse (KIasse), ou Ordem (Stand), ou Sociedade (Gesellschaft). Todas elas sugerem imediatamente associações. Essas associações pressupõem um

---

sobre a verdade. Santo Agostinho questiona sobre o papel da linguagem e da comunicação nas relações de ensino e de aprendizagem e as discussões em torno da linguagem e do significado são vistas em grande parte de sua obra ocupando um lugar importante em suas reflexões. Sua teoria do signo possui influência nos estudos sobre a Linguística na modernidade.

> mínimo de sentido comum (Minimal Bedeutungsgehalt), uma pré-aceitação de que se trata de palavras importantes e significativas. A certa altura temos que nos interrogar acerca dos limites e fronteiras que separariam palavras em si teorizáveis, e acerca de que palavras seriam em si reflexivas. Trata-se na verdade de uma determinação aleatória. Pode-se eventualmente, através da (Begriffsgeschichte), indicar a partir de quando um conceito tornou-se fruto de uma teorização e quanto tempo levou para que isso acontecesse (KOSELLECK, [1972], 1992, p. 135).

Contrapondo o que a História dos Conceitos sugere, apontamos como a teoria lacaniana compreende a palavra pela via do significante; os exemplos mostrados anteriormente através das palavras salsicheiro e porca apresenta-nos uma proposta diferente à de Koselleck. Com a paciente delirante que diz a frase "eu venho do salsicheiro"; Lacan questiona por que ela fala *Eu venho do salsicheiro* e não *Porco*? (...) "Eu disse: - *eu venho do salsicheiro*, e então, ela solta, que foi que ele disse? Ele disse – *Porca*. (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 60). Vir do salsicheiro refere à ideia de porco. "Eu não disse porco, disse suíno. Ela estava bem de acordo, era o que ela queria que eu compreendesse. Era também talvez o que ela queria que o outro compreendesse" (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 60). Nesse caso não devemos fazer uma interpretação a partir de uma significação metafórica sobre o conteúdo exposto em primeira mão pela paciente. Para a Psicanálise cabe analisar o porquê a paciente não expunha claramente sobre o que desejava falar, mas remetia-se à uma alusão a porco e falou a palavra salsicheiro. Mais um exemplo presente na obra de Lacan, a expressão "à beça" fornece-nos elementos para um entendimento sobre o que é a teoria sobre o significante:

> Procurem, por exemplo, no dicionário, a expressão à beça, vocês me dirão coisas novas. Chega-se até inventar um senhor chamado Bessa, o qual, à força de o taxarmos de perdulário, acabou-se por se criar à beça. O que é que isto quer dizer, à beça? – e há bastante outras alocuções tão bem extravagantes. Elas não querem dizer outra coisa senão isto – a subversão do desejo. Taí o sentido de à beça. Pelo furo do barril em folha-seca do voo da significância corre, à beça, um caneco, um caneco cheio de significância (LACAN, [1975], 2008, p. 26).

A concepção lacaniana aponta-nos que o significado apresentado pela teoria linguística e pela teoria koselleckiana não têm nada a ver com o efeito que os causa. O significante em seu modo de operação possibilita o surgimento para a existência de outro significante dentro da cadeia dos significantes, com ele não há sentido do sentido, pois Lacan constata que "o

texto mais carregado de sentido se desfaz, nessa análise, em bagatelas insignificantes, só resistindo a ela os algoritmos matemáticos, os quais, como seria de se esperar, são sem sentido algum" (LACAN, [1966], 1998, p. 501). Sobre a operação do significante, Lacan provoca através do seguinte exemplo:

> Soubessem vocês que a fome e o amor são a mesma coisa, vocês seriam como todos os animais, verdadeiramente motivados. Mas, graças à existência do significante, a pequena significação pessoal de vocês – que é também de uma generosidade absolutamente desesperadora, humana, demasiado humana – arrasta vocês muito mais longe. Mas como há este baita sistema de significante a respeito do qual vocês ainda não puderam compreender, nem como ele está aí, nem como ele existe, nem para que ele serve, nem a que ele leva vocês, é por ele que vocês são conduzidos (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 66).

A linguagem de que trata Lacan opera na ambiguidade e, na maior parte do tempo, não sabemos nada sobre o que estamos falando. "Quando alguém diz que *a palavra me foge*, por exemplo, supõe em primeiro lugar que a palavra esteja ali" (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 138). Não sabemos sobre o que falamos porque o inconsciente age ali, o tempo todo. Nessa trama proferida pelo discurso falante, a rede dos significantes desempenha "um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental" (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 140).

O esquema de Saussure indica que o recorte de uma frase entre seus diferentes elementos semânticos comporta a junção de um conceito que é o significado e o liga a uma imagem acústica revelando o significante através da impressão psíquica sobre esse som. Essa imagem que fazemos do som é a materialidade das percepções psíquicas que temos quando observamos nossa própria linguagem, ou seja, nossa própria fala revelada em significados. Na teoria linguística saussuriana a língua é estruturada pelos signos e eles compõem a junção entre o significante que é a imagem acústica de um determinado signo, algum objeto e o conceito a ele atribuído. O significado que é sinônimo de conceito está relacionado a vários significantes, ou seja, liga-se a várias imagens acústicas que Saussure sugere serem os fonemas. Para uma compreensão acerca do que propõe Saussure, trazemos a palavra cavalo:

> Cavalo está ligado a diversos significantes (imagens acústicas). As palavras cavalo, cheval ou horse (português, francês e inglês) são

> formas gráficas com diferentes imagens acústicas (significantes) que remetem a um mesmo conceito (significado). Dessa forma, existem diferentes significantes que remetem a um significado semelhante (SAUSSURE, [1916], 2006, p. 80).

Observamos que a palavra cavalo, escrita em várias línguas, a partir do exemplo acima, faz-nos entender a linguística saussuriana sobre a ideia de signo linguístico aplica-se a todas as línguas existentes, com exceção de línguas como o japonês e mandarim, por exemplo, pois essas línguas tratam o signo através de ideogramas. Na teoria da História dos Conceitos, compreendemos que toda língua é estruturada por meio da relação existente entre as palavras e os conceitos que lhe são atribuídos através de significados que sofrem alterações sociais, econômicas, semânticas, políticas e históricas.

As relações entre significado e significante são distintas quando trazemos Lacan para essa discussão. Em Lacan, o que permite um entendimento sobre o que seja o significado e a operação significante é a barra existente entre eles cuja marca é definida pelo recalque. Para Jacques Lacan o esquema de Saussure é discutível (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 140). Jacques Lacan afirma que há um mal-entendido em Saussure, pois, Saussure sugere que há um resultado de causa e efeito na transmissão entre as mensagens emitidas entre o emissor e o receptor (LACAN, [1966], 1998, p. 297). Para Lacan, essa relação de causa e efeito não existe.

Em relação à teoria da História dos Conceitos em Koselleck, as palavras sofrem alterações ao longo do tempo revelando as transformações ocorridas na história e cujas mudanças são percebidas pela linguagem através dos conceitos. Os conceitos sofrem alterações, mas transformam-se porque todo o tempo, em sentidos diacrônicos, eles passam por desenvolvimentos e ganham sentidos de conteúdos históricos renovados e transformados em significações dadas pelos sujeitos que os proferem ao longo do tempo através de concepções políticas, sociais, culturais, históricas, econômicas nas quais os sujeitos estão inseridos.

Com a Psicanálise, essa questão acerca das palavras e seus conteúdos latentes, ganha um novo estatuto, “as significações humanas se deslocam, e modificam o conteúdo dos significantes, que ganham empregos diferentes” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 140). A palavra por si só não existe, o que

existe é o significante. No sistema do significante encontramos particularidades:

> Que especificam as sílabas, os empregos das palavras, as locuções nas quais elas se agrupam, e isso condiciona, até na sua trama mais original, o que se passa no inconsciente. Se o inconsciente é tal como Freud nos descreveu, um trocadilho pode ser em si mesmo a cavilha que sustenta um sintoma, trocadilho que não existe numa língua vizinha. Isso não quer dizer que o sintoma está sempre fundado em um trocadilho, mas ele está sempre fundado na existência do significante como tal, numa relação complexa de totalidade a totalidade, ou mais exatamente de sistema inteiro a sistema inteiro, de universo do significante a universo do significante (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 140).

A quinta característica do significante que nos chama a atenção é o aspecto de duplicidade que está presente na operação significante. Em Freud há duplicidade, ou ao menos dois conflitos que configuram-se em um conflito atual que faz menção a outro conflito antigo causando o sintoma. “Sem a duplicidade fundamental do significante e do significado, não há determinismo psicanalítico concebível”, não há sintoma (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 140). O funcionamento do sintoma revela-nos que o material significante que se liga ao conflito antigo é “conservado no inconsciente enquanto significante em potencial, significante virtual, para ser tomado no significado do conflito atual e servir-lhe de linguagem, isto é, de sintoma” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 140). O significante possui leis próprias, difíceis de serem isoladas e independe do significado e da significação.

O significante é constituído através de um “despertar da duplicidade oculta do segundo pela ambiguidade manifesta do primeiro” (LACAN, [1966], 1998, p. 542). Vemos que o significante, a partir dessa compreensão, trata-se de uma operação com a qual a deciframento produz algo novo. Nessa produção, o inconsciente estrutura-se através da linguagem que funciona segundo as leis presentes na cadeia dos significantes (LACAN, [1966], 1998, p. 600). Esse algo novo produzido surge a partir de uma menção sobre algo antigo em relação ao que estar por vir através de uma operação repetitiva presente na cadeia dos significantes.

O sexto aspecto presente na operação significante é a produção de neologismo. Em Freud com o sonho do *Autodidasker* percebemos que o significante determina o sonho. Essa palavra *Autodidasker* é um neologismo

que encontramos *Askel* e outras recordações de Freud. Para Lacan, a forma da palavra orienta-nos para a interpretação porque encontramos *Alex*, o irmão de Freud, pela via da fonética e do verbo de maneira modificada. Além disso, Freud se lembra da leitura do romance de Émile Zola – A Obra (*L'oeuvre*) [1886] no qual surge o personagem com o nome de *Sandoz*. Freud reconstrói, faz de *Sandoz* a partir de *Aloz*, anagrama de seu nome. *Al*, início de Alexandre pela segunda sílaba *sand*. Nessa linha de interpretação do sonho, Freud remete-nos à questão sobre a formação do sintoma. O sujeito fica implicado na linguagem significante que o faz operar dentro da cadeia dos significantes.

A linguagem para a Filosofia estruturalista saussuriana é impregnada da função do ser; igual à concepção estabelecida pela teoria koselleckiana, quando afirma que o conceito é àquilo que foi e o que é segundo as transformações sociais e políticas que ocorreram no decurso da história. Não vemos diferenças entre essas concepções porque mesmo que seja alterado o significado de uma palavra, a partir das transformações sociais, políticas e históricas, o conceito permanece ali, fechado, consubstanciado na lógica da significação atribuída pelo fonema. O conceito de massa amorfa que Saussure classifica, não é nada menos do que "massa sentimental da corrente do discurso, massa confusa em que as unidades aparecem, ilhotas, uma imagem, um objeto, um sentimento, um grito, um apelo" (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 297). Os modos de abordagem dos linguistas são diversos. Saussure define uma correlação entre o significado e o significante através do fonema e a Psicanálise aponta a letra como aquilo que constitui a operação do significante.

Compreender sobre o significante em Lacan orienta-nos para uma questão acerca do sujeito e sua função na linguagem. Para Lacan essa função é dupla porque temos um sujeito que é o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, ele sinaliza:

> Eu [*Je*] quer dizer aquele que está falando agora no momento em que digo *eu.* Mas o sujeito nem sempre é o sujeito do enunciado, pois nem todos os enunciados contêm *eu.* Mesmo quando não existe eu, mesmo quando vocês dizem "está chovendo", há um sujeito da enunciação, há um sujeito mesmo que não seja perceptível na frase. Tudo isso permite representar muitas coisas. O sujeito que nos interessa – sujeito não na medida em que faz o discurso, mas em que é feito por ele, e inclusive feito como um rato – é o sujeito da enunciação. (...) é uma definição do que é designado como "elemento" na linguagem. Isso sempre foi designado como "elemento", mesmo em grego. Os estóicos chamaram-no de "significante" (LACAN, [2005], 2006, p. 45)

O sujeito dispõe do material significante que é a sua “língua, materna ou não, e dela se serve para fazer passar no real significações” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 78). Essa postura da Psicanálise é divergente da que encontramos em Koselleck, cujo conceito é tomado pela significação com a intenção de expô-lo através de indagações sobre a sua origem e como este passou pelo processo de teorização. Koselleck afirma: “Todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também indicativo, imediatamente indicativo, de algo que se situa para além da língua”, como já discorremos anteriormente (KOSELLECK, [1972],1992, p.p 135-136). Essa percepção é semelhante ao que ocorre no universo da objetividade científica, no qual o sujeito “se perde sempre de vista, e acima de tudo comunicável, ele se encarna nas comunicações científicas” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 78).

A seguir, elaboramos uma discussão em torno do que é o conceito para o ensino de Jacques Lacan, porque a Psicanálise lida com conceitos fundamentais, quando ele propõe no *Seminário XI*, discutir os *Quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1998].

2.2 –Uma reflexão lacaniana sobre o conceito.

Como pensar sobre o que é o conceito a partir de toda essa discussão? A História dos Conceitos criada por Koselleck apresenta o conceito como fundador da trama histórica que constitui-se como representação da linguagem que altera-se conforme as mudanças históricas, sociais e políticas, que se enredaram ao longo do tempo. O que é um conceito para Lacan? Apontando para o significante no lugar da compreensão, é possível falar em conceito na abordagem sobre a operação significante elaborada por Jacques Lacan?

Lacan fala pouco sobre o que é um conceito em seus *Seminários* e *Escritos* [1966/1998]. Tratando da Psicanálise, ele diz que os conceitos são assimilados no campo da linguagem inconsciente e seus domínios se estendem na função do aparelho psíquico, são "uma miragem da consciência, um segmento do corpo ou de sua imagem, um fenômeno social ou uma metamorfose dos próprios símbolos que servem de material significante para aquilo que o sujeito inconsciente tem a expressar" (LACAN, [2001], 2003, p.p 146-147).

O *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1998] traz uma breve discussão em torno do que seja conceito. Para Lacan, ele questiona se Freud, de fato, concebe em seu ensino uma criação de conceitos propriamente ditos, Lacan afirma:

> Existem conceitos analíticos de uma vez por todas formados? A manutenção quase religiosa dos termos dados por Freud para estruturar a experiência analítica, a que se remete ela? Tratar-se-á de um fato muito surpreendente na história das ciências — o de que Freud seria o primeiro, e permaneceria o único, nessa suposta ciência, a ter introduzido conceitos fundamentais? (LACAN, [1964], 1998, p.p 17-18).

O supracitado *Seminário XI* [1964/1998] questiona se Freud trata propriamente de conceitos, se são conceitos em formação, em evolução, em movimento que necessitam ser revistos, pois Lacan questiona: "Poderemos dizer mesmo que se tratam, propriamente falando, de conceitos? Serão conceitos em formação? Serão conceitos em evolução, em movimento, a serem revistos?" (LACAN, [1964], 1998, p. 17-18). Essa discussão em torno do conceito para Lacan leva-nos, primeiro, para uma outra discussão polêmica

engendrada no meio psicanalítico, se trata, ser a Psicanálise, uma ciência ou não[69].

O *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1998] defronta-se com a questão se a Psicanálise se trata ser ciência ou não, cuja discussão é tema polêmico e não mostra um consenso entre os estudiosos da Psicanálise. Jacques Lacan questiona: "pode a psicanálise, sob seus aspectos paradoxais, singulares, aporéicos, ser considerada entre nós como constituindo uma ciência, uma esperança de ciência?" (LACAN, [1964], 1998, p. 25).

Antes de responder a essa questão polêmica temos uma sustentação dessa ideia, em Lacan, cuja concepção Roberto Harari, em uma nota de pé de página do livro *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1990], aponta que no *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1998], Lacan traz uma questão acerca do conceito e ele afirma que Lacan prefere usar a palavra fundamentos a conceito:

> Assim denominado no momento de seu aparecimento em forma escrita, em 1973, já que seu título original foi *Os fundamentos da psicanálise*. A respeito, J. Allouch opina que se encontra "longe de ser aceito que o conceito constitui, para Lacan, fundamento" (...). De maneira farta e menos maniqueísta, M. Marini sustenta que "Lacan ora fala de conceitos, ora se pergunta se os psicanalistas não vivem 'na impostura'e receia as relações entre psicanálise, religião e ciência (...) Pela via do nosso desenvolvimento, poderá "fundamentar-se"- esperamos – o porquê da opção abraçada (HARARI, 1990, p. 15).

A discussão presente no *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1998] traz os conceitos inconsciente, pulsão, repetição e transferência, articulados entre si, sustentando o campo operativo da Psicanálise. Para Lacan, a partir do entendimento de Harari, um dos requisitos possíveis para que haja ciência, é necessário que ela deva ser

[69] Essa também é uma discussão presente no pensamento freudiano e exposta em vários artigos, dentre eles temos as *Pulsões e seus destinos* [1915/1992], em a *Autobiografia* [1925/1992], em *A questão da análise por não-médicos* [1926/1992] e por fim, por ser um texto de 1932, já no período final de sua vida, Freud escreve as *Novas conferências de introdução à psicanálise* [1932/1992] e nela destaca-se a conferência intitulada *Sobre uma Weltanschauung* [1932/1992] cuja palavra alemã palavra significa "visão de mundo" e com ela Freud questiona sobre o que de fato trata seu ensino. Essa expressão para Freud, em *A questão de uma Weltanschauung* [1932/1933/1992/2006, "trata-se de uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra um lugar fixo" (FREUD, [1932/1933], 1992/2006, p. 155).

exercida por fórmulas capazes de engendrar o que propõe validar dentro de um determinado campo de conhecimento. Por outro lado, as fórmulas desenvolvidas por Lacan indicam-nos que determinado conhecimento não seja científico. Lacan faz de seus algoritmos uma maneira de expressar aquilo que está marcado no seu ensino e que é auxiliado por letras e números capazes de assegurar a transmissão integral do seu saber. Harari comenta que o algoritmo ou o matema criado por Lacan, é um vocábulo que traz elementos da matemática que são apropriados pela "psicanálise e que outorga a possibilidade de poder trabalhar com algumas letras, fazendo entre elas algum tipo de deslizamento regrado, e obtendo, por estas fórmulas, efeitos produtivos de conhecimentos" (HARARI, 1990, p. 18).

A palavra *fundamental* é questionada no *Seminário XI* [1964/1998] porque foi com os conceitos ali apresentados – repetição, pulsão, inconsciente e transferência – que Freud inicia sua construção sobre o saber psicanalítico. Fundamento nos dá a ideia de construção. A ciência para se tornar ciência, desde as concepções matemáticas de Nicolau Copérnico em seu tratado *Sobre a revolução dos orbes celestes*[70] [1543/1996], faz uma exigência na qual ela deve estar assentada sobre conceitos fundamentalmente claros e nitidamente definidos. Esse é o entendimento presente na concepção de ciência do filósofo René Descartes em sua obra, *Discurso sobre o método* [1637/2005], que mostra-nos a concepção racionalista presente em suas ideias e as elabora sugerindo um modelo científico preciso que fundamenta a ciência moderna. O século XVII foi muito importante para que houvesse o surgimento de novas concepções filosóficas e epistemológicas[71] para a constituição e fortalecimento

[70] Esse tratado de Copérnico foi realizado por meio de uma consulta entre o Papa Leão X e o Concílio de Latrão e visava uma reforma do calendário juliano que vigorava desde os romanos. Nicolau Copérnico refaz os cálculos de Ptolomeu sobre os movimentos do sol e da lua e desenvolve a tese heliocêntrica rompendo com o sistema aristótelico-ptolomaico e conclui que a Terra não é mais o centro do universo e sim o Sol. Essa teoria abala as crenças do homem medieval que concebia a ideia da Terra fixa no centro do universo. Destaca-se nessa nota de pé de página que, o Concílio de Latrão ocorreu cinco vezes na História, e foram realizados na basílica de São João de Latrão em Roma. Aqui referimo-nos ao último concílio que ocorreu durante o período de 1512 a 1517.

[71] Dentre esses filósofos destacamos: Francisco Suárez [1548-1617], João de São Tomás [1589-1647], René Descartes [1596-1650], Francis Bacon [1561-1626], Thomas Hobbes [1588-1679], John Locke [1632-1704], George Berkeley [1685-1753], Arnold Geulincx [1624-1669], Géraud de Cordemoy [1626-1684], Antoine Arnauld [1612-1694], Nicolau Malebranche [1638-

do saber científico porque esse passa a argumentar contrarrazões às influencias teológicas e escolásticas que surgiram na Idade Média.

O filósofo francês, René Descartes [1637/2005], elabora uma ideia de homem representada no *cogito* do *Penso, logo existo*, e nele aprofunda o corte dogmático existente entre a crença e a razão, por meio do qual, o filósofo, pretende desenvolver e criar um sistema seguro para a construção do conhecimento científico. O homem do *cogito* passa da esfera ontológica e ganha o estatuto subjetivo que se fortalece diante da certeza do seu existir, e concebe uma nova concepção de realidade através de um novo discurso, o da ciência, baseada em evidências claras e distintas que eram sustentadas através da racionalização.

A Psicanálise em Freud revela-nos que a dúvida compõe o texto inconsciente e põe em xeque a afirmação de Descartes em sua concepção sobre o *cogito*. A Psicanálise leva em consideração a dúvida, a incerteza, o erro porque o pensamento inconsciente está marcado na cadeia dos significantes. Para Freud e Lacan, o *eu penso, logo sou*, só funciona com a declaração inconsciente, revelada pelo sujeito, levando-nos para outro lugar, invertendo o *cogito*: *sou, onde não penso* (LACAN, [1964], 1998). Lacan não se reconhece pertencente ao campo científico por considerar a proposta elaborada por Freud, radicalmente subversiva, pois, a Psicanálise opera com o sujeito, o mesmo da ciência, embora a ciência não fale nada sobre ele.

Toda essa discussão sobre o sujeito da ciência remete-nos à outra ideia apresentada no ensino de Jacques Lacan e orienta-nos sobre a teoria do significante que leva-nos para o campo da operação significante que constitui o inconsciente do sujeito. Aqui, não trata-se de compreender, não trata-se de racionalizar, o que tratamos no pensamento lacaniano, é uma produção do saber como saber do significante e isso basta para um entendimento sobre o que é a cadeia dos significantes e a operação do significante que sustenta o discurso inconsciente do sujeito.

As ideias “precisas e distintas” para Psicanálise não funcionam. Na Psicanálise, o que encontramos é uma operação do significante. Não há abertura para uma compreensão sobre o que seja a palavra, propriamente dita,

---

1715], Blaise Pascal [1623-1662], Baruch Spinoza [1632-1677], Gottfried Wilhelm Leibniz [1646-1716].

ou até mesmo sobre o que é o conceito, como pensa Koselleck. A palavra não é pura, não possui sentido monolítico, nem estático, como ocorre com os significados atribuídos às palavras nos dicionários ou as palavras eventualmente fixadas, com aquilo que passa em e pela dimensão interlocutiva, evocativa, que pouco ou nada tem a ver com o que diz o dicionário como concebe Koselleck, em sua teoria sobre a História dos Conceitos. Embora compreendamos que Koselleck não sustenta seu discurso por meio de uma análise monolítica de seus conceitos. Atentemos para o detalhe acerca da compreensão, dos fenômenos da linguagem: “Uma coisa é a comunicação baseada no léxico, a outra coisa, o fenômeno da fala” (HARARI, 1990, p. 27). Para Lacan não há um conceito pronto, acabado e concluído, ele questiona isso o tempo todo em seu ensino. Harari chama a atenção afirmando que, se “a psicanálise se baseia constantemente na repetição gargaréjica, a ecolálica dos conceitos pontuais de Freud, eles passam a não servir para nada” (HARARI, 1990, p. 31).

No *Seminário I: Os escritos técnicos de Freud* [1953-1954/] Lacan, chama a atenção para uma ideia de Hegel, apresentada na *Fenomenologia do espírito* [1807] que diz “o conceito é o tempo da coisa”, (HEGEL apud LACAN, [1953-1954], 2009, p. 307), vale destacar que nesse momento de elaboração do seu primeiro *Seminário*, Lacan busca entender a atemporalidade do inconsciente freudiano, segue:

> Encontramo-nos aqui no coração do problema do que Freud avança quando diz que o inconsciente se coloca fora do tempo. É e não é verdade. Ele se coloca fora do tempo exatamente como o conceito, porque é o tempo de si mesmo, o tempo puro da coisa, e pode como tal reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material. Não se trata de outra coisa no automatismo de repetição. (...) Se efetivamente o conceito é o tempo, devemos analisar a palavra por andares, procurar os múltiplos sentidos dela entre as linhas (Lacan, [1953-1954], 2009, p. 276).

Lacan segue essa compreensão hegeliana sobre o conceito e afirma que a palavra não se institui como tal, na estrutura do mundo semântico que é o da linguagem. A palavra não é unívoca, nem monolítica e não possui um único sentido, um único emprego. Nem Jacques Lacan e nem Koselleck concebem a palavra e o conceito dessa maneira unívoca. Para Jacques Lacan:

> Toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções e envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado – se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão o conceito (LACAN, [1953-1954], 2009, p. 314).

Lacan remete-nos a frase de Hegel quando ele analisa sobre o que é um conceito, diz Hegel, o *conceito é o tempo da coisa* (HEGEL apud LACAN, [1953-1954], 2009, p. 317). Para Jacques Lacan, o conceito "não é a coisa no que ela é, pela simples razão de que o conceito está sempre onde a coisa não está, ele chega para substituir a coisa" (LACAN, [1953-1954], 2009, p. 314) O que é que pode estar aí, da coisa? Ou melhor, o que o conceito fala sobre a coisa? Lacan, responde fazendo menção à Hegel, por considerar a assertiva hegeliana rigorosa:

> O conceito é o que faz com que a coisa esteja aí, não estando. Essa identidade na diferença, que caracteriza a relação do conceito à coisa, é o que faz também com que a coisa seja coisa e que o *fact* seja simbolizado, como se dizia há pouco (LACAN, 1953-1954], 2009, p. 314).

No folheto, *Nomes-do-pai* [2005], temos compilações sobre duas intervenções de Jacques Lacan intituladas respectivamente, *O simbólico, o imaginário e o real* e *Introdução aos Nomes-do-Pai*, na primeira intervenção encontramos a menção à citação hegeliana na qual Lacan transmite a sua ideia de conceito, vejamos:

> O conceito é o tempo. Seria preciso uma conferência de uma hora para fazer a demonstração de que o conceito é o tempo. Coisa curiosa, o sr. Hyppolite, em sua tradução da *Fenomenologia do espírito*, contentou-se em colocar uma nota dizendo que esse era um dos pontos mais obscuros da teoria de Hegel. Porém, graças ao exemplo de Freud, vocês podem perceber essa coisa simples que consiste em dizer que o símbolo do objeto é justamente o objeto-aí. Quando ele não está mais aí, é o objeto encarnado em sua duração, separado de si próprio e que, por isso mesmo, pode estar de certa forma sempre presente para você, sempre ali, sempre à sua disposição. Encontramos aqui a relação que há entre o símbolo e o fato de que tudo o que é humano é conservado como tal. Quanto mais humano, mais preservado do lado movediço e descompensante do processo natural. O homem faz subsistir em uma certa permanência tudo o que durou como humano, e, antes de tudo, ele próprio (LACAN, 2005, p.p 35-36).

A Psicanálise, segundo Lacan, discorre sobre coisas que estão no campo do inidentificável. Lacan encontra a solução para a sua questão sobre a atemporalidade do inconsciente e conclui que Freud avança quando diz que o

inconsciente se coloca fora do tempo. Para Jacques Lacan isso é e não é verdade. O inconsciente posiciona-se fora do tempo exatamente como o conceito, porque é o tempo de si mesmo, o tempo puro da coisa, e pode como tal, reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material (LACAN, [1953-1954], 2002, p. 315).

Com essa assertiva que Lacan toma emprestado de Hegel, concluímos que a teoria sobre o significante lacaniano não nos orienta para uma discussão em torno do conceito como elabora Koselleck. Não que ela esteja em um campo de dificuldade que se concebe como sendo de difícil acesso por se tratar de questões que envolvem reflexões sobre o inconsciente e seus mecanismos. A especulação que o historiador elabora, conduz-nos para o que seja a compreensão e, essa, parte de um pressuposto com o qual há uma objetivação no sujeito que “tenta furtar-se a sua responsabilidade, e é também aí que os arrasadores habituais da intelectualização manifestam sua inteligência, comprometendo-a ainda mais nessa direção” (LACAN, [2001], 2003, p.p 146-147).

Compreender leva-nos para a via da significação e do sentido conforme a linguística e a História dos Conceitos concebem. A Psicanálise nos conduz pela ordem do significante cujo sentido não se compreende, de-cifra. Concluímos com Lacan que a palavra revela o sentido puramente na palavra pela palavra, apenas. O conceito faz com que a coisa esteja aí mesmo não estando. O sentido é a palavra propriamente dita e o conceito é quem formula a coisa. No quarto subcapítulo deste capítulo vamos abordar a questão sobre a palavra em Jacques Lacan.

As ciências humanas compõem um discernimento que assenta-se em premissas construídas no alicerce da compreensão, da certeza e do rigor científico, vimos isso com René Descartes [1596-1650], cuja função é estabelecida em encontrar determinada causa para determinado fim. Freud surge com uma proposta diferente. A Psicanálise encontra-se envolvida entre o “dualismo do significante e do significado, na medida em que ele é repercutido praticamente de maneira indefinida no uso do significante” (LACAN, [2001], 2003, p.p 146-147).

A Psicanálise é diferente dos outros métodos da Psicologia[72] por não constituir algo pronto e acabado, revelando-se em uma fórmula que vai sanar todos os problemas e angústias do paciente. A experiência que estabelece o contato entre o paciente e o analista é algo da ordem transferencial na qual o paciente vai revelando o conteúdo inconsciente que sustenta sua estrutura pela via do significante. Para Lacan, "o analista é aquele que sustenta a demanda, não como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas que reapareçam os significantes em sua frustração já retida" (LACAN, [1966], 1998, p. 624).

Todo sistema de linguagem que sustenta a Física, a Filosofia, a Matemática, a Gramática, a História dos Conceitos, compõe e abrange as possibilidades cabíveis no âmbito da significação sobre o sentido simplificado do significado, embora isso não queira mostrar, que "todo sistema de linguagem esgota as possibilidades do significante" (LACAN, [1955-1956], 2002).

A História dos Conceitos compreende, analisa o conceito e a palavra e os define. A Psicanálise agarra-se na via do mal-entendido e faz dele sua causa. A (in)compreensão para Lacan escapa, foge e por ser assim constituída, responde. Lacan vê que a dificuldade em discutir o problema da paranoia, por exemplo, se dá, porque ela situa-se no plano da compreensão. O que o sujeito fala quando delira? Há significação que se impõe em um primeiro momento e persiste. A paranoia situa-se no plano da compreensão como fenômeno incompreensível causando-nos dificuldade em sua apreensão. Jacques Lacan entende sobre a paranoia:

> Se se pode falar nesse assunto de loucura de caráter razoável, de conservação da clareza, da ordem e do querer, é por causa desse sentimento de que, por mais longe que nos adentremos no fenômeno, estamos no domínio do compreensível. Ainda quando o que se compreende não pode nem mesmo ser articulado, denominado, inserido pelo sujeito em um contexto que o explicite, isso já se situa no plano da compreensão. Trata-se de coisas que em si mesmas já se fazem compreender. Em consequência, nós nos sentimos com

[72] Dentre esses métodos propostos pelo campo vasto da teoria psicológica, temos: a abordagem centrada na pessoa ou humanista criada pelo psicólogo Carl Rogers [1902-1987], a abordagem cognitiva-comportamental que surgiu com Aaron Beck [1921-] nos anos de 1950, a Psicologia integral que foi elaborada por Ken Wilber [1949-], a Psicologia analítica de Carl Gustav Jung [1875-1961], a psicoterapia corporal elaborada por Wilhelm Reich [1897-1957], a Psicologia da atenção plena criada em 1979, por Jon Kabat-Zinn [1944-], a Psicologia da *gestalt* iniciada nos anos de 1950 com Frederick Perl [1893-1970] e a Psicologia positiva de Martin Seligman [1942].

> efeito em condições de compreender. É a partir daí que nasce a ilusão – já que se trata da compreensão, nós compreendemos. Pois bem; de fato, não (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 31).

Jacques Lacan analisa a tese de doutoramento do filósofo e psiquiatra Charles Blondel, *A consciência mórbida* [1914], a qual livro ele recusa a noção de uma identidade elementar existente entre o patológico e o normal[72] e a possibilidade de interpretar o primeiro pelo segundo. A partir de suas experiências com apresentações de doentes vindos da clínica universitária ou do serviço de Courbon em Stéphansfeld, ele elabora sua teoria na qual o alienado, ou psicótico para a Psicanálise, torna-se diferente porque há uma impossibilidade de adquirir uma conceitualização discursiva normal, que o torna incapaz de se comunicar com os indivíduos normais.

Esse livro de Blondel reflete que uma das características das psicopatologias é ludibriar a compreensão. Lacan chama a atenção para a importância dessa obra, porque é no nível da compreensão que devemos ficar atentos. A compreensão engana. Com a psicose, na Psicanálise, quando compreendemos, falhamos na interpretação. O que o sujeito quer dizer quando delira? Devemos ficar atentos quando o sujeito interpreta o seu delírio e fica na contramão do que é impossível de dizer. Sua crítica à *Consciência Mórbida* [1914] revela que "trata de uma elucubração mais limitada que já se produziu, tanto sobre a loucura quanto sobre a linguagem, e para esbarrar no problema do inefável, como se a linguagem não o instaurasse sem a loucura" (LACAN, [1966], 1998, p. 167), Lacan sugere:

> Na maioria das vezes, ao ouvir o que ele disse, parece quando menos que uma questão teria podido ser posta, que talvez ela teria bastado por si só para constituir a interpretação válida, e ao menos

[73] Sua teoria tem base em Émile Durkheim com o livro *As regras do método sociológico* [1985], quando analisa as questões em torno do normal e do patológico. Blondel afirma que os homens normais e doentes mentais apresentam estruturas de pensamento e mentalidades diferentes. Para a teoria durkheimiana os indivíduos só se tornam enfermos porque há algo do social que interfere no psíquico. O alienado, para Charles Blondel, sofre porque as palavras que ele usa são determinadas pela experiência externa provocadas pela sociedade, causando sua enfermidade.

> para encetá-la. Vou dar-lhes agora uma ideia do ponto em que converge este discurso. Que tal momento da percepção do sujeito, de sua dedução delirante, de sua explicação de si mesmo, de seu dialogo com vocês, seja mais ou menos compreensível, não é o que é importante. Acontece em certos desses pontos alguma coisa que pode parecer caracterizar-se pelo fato de que há com efeito um núcleo completamente compreensível, se vocês se prenderem a isso. Não tem estritamente interesse algum que ele o seja. O que é, ao contrário, absolutamente surpreendente é que isso é inacessível, inerte estagnante em relação a qualquer dialética (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 31).

Afirmamos mais uma vez que a Psicanálise é alicerçada no campo do mal-entendido, da não compreensão. Lacan afirma que o fundamento do discurso inter-humano é o mal-entendido. Ele avalia porque algumas críticas a ele, o vêem como um pensador difícil de ser lido ou até compreendido. Continua Lacan:

> Se eu me arranjasse de maneira a ser facilmente compreendido, isto é, para que vocês tenham totalmente a certeza de que compreenderam, pois bem, em virtude mesmo de minhas premissas concernentes ao discurso inter-humano, o mal-entendido seria irremediável. Ao contrário, considerando a maneira como acredito que os problemas devam ser abordados, há sempre para vocês a possibilidade de estarem abertos a uma revisão do que é dito, de uma forma tanto mais cômoda quanto o fato de que vocês não tenham compreendido mais cedo me cabe inteiramente – vocês podem imputar-me isso (LACAN, [1955-1956], 2002, p.p 188-189).

A Psicanálise não se assenta na esfera da compreensão, ela se sustenta através da operação significante e como ela se insere na relação com a construção de um novo saber, formulado por essa operação. Quando necessitamos de compreender “é porque há alguma coisa que é dada é para ser compreendida” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 60).

O livro, *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Saint-Anne* [2011], mostra os Seminários mensais de Lacan destinados aos estudantes internos de psiquiatria do Hospital Saint-Anne em Paris. Nesse trabalho encontramos uma articulação de Jacques Lacan com o saber. Aqui, ele estabelece que a ignorância e o saber caminham juntos. O saber não possui relação com a compreensão. Na Psicanálise o saber liga-se à ignorância. A ignorância está ligada ao saber através de um não-saber que se estabelece no desconhecido. Assim, ele elucida: “A ignorância está ligada ao saber. É uma maneira de estabelecer o saber, de fazer dele um saber estabelecido” (LACAN, [2011], 2011, p.p 11-13).

Lacan concorda com Nicolau de Cusa[74] quando institui essa relação entre a ignorância e o saber e concorda com o filósofo alemão no que diz respeito ao saber articulado com o desconhecido, ou seja, com a ignorância. Para Lacan, o saber torna-se saber através do ignorado, do desconhecido, pela via do não saber, ou seja, da não comprensão.

Para Cusa, há dois graus do saber, a *Ratio* e o *Intellectus*, o primeiro relaciona-se com o intelecto discursivo, ou seja, com aquilo que é passível de ser dito, de ser pensado, de ser racionalizado e contribui possibilitando a faculdade de supor, deduzir e abstrair noções particulares e conceitos universais e formar, em seguida, juízos e raciocínios. O segundo diz respeito à atividade que está acima da razão e que é direcionada pela fé ou pela mística e que tem como objeto único centrado na figura de Deus cujo objetivo é propor respostas possíveis através da concepção divina.

Portanto, a ignorância consiste no conhecimento de algo que está no campo do incompreensível e nele constitui-se como desconhecido. Não conhecer remete-nos ao conhecer sobre o desconhecido e nisso, o desconhecido estabelece-se como investigação sobre o saber ignorado. A prática do psicanalista se incide entre o desconhecido que passa a ser conhecido no ato do de-ciframento do inconsciente posto pela fala do sujeito.

Para Lacan, a tomada de consciência sobre o desconhecido que era interpretado pela figura divina, presente na história do pensamento ocidental medieval, difundido pela escolástica[75], admite uma alteração com a *Ratio* de Nicolau de Cusa. Quando esta não contribuía para uma compreensão de algum fenômeno; o *Intelecttus* através da figura divina providenciava uma compreensão que satisfazia o que era questionado. O que antes era

[74] O filósofo alemão Nicolau Krebs nascido em 1401 na cidade de Cusa foi influenciado pelo misticismo alemão. Teve formação em Direito em Heidelberg e entre os anos de 1418 a 1423, em Pádua, finalizou o doutorado. A *Douta Ignorância* [1440] destaca-se entre suas obras mais conhecidas. Seu conceito de *Docta Ignorantia* consiste no estabelecimento consciente dos limites e da relatividade da *Ratio*, cujas deficiências são providas pelo *Intellectus.* Quando a razão não dá conta de compreender algum fenômeno, o intelecto surge com uma interpretação divina para uma compreensão sobre o que é questionado.

[75] A escolástica tornou-se um método do pensamento crítico que tentou conciliar algumas ideias cristãs com o racionalismo. Dentre os filósofos que destacam-se nessa corrente de pensamento temos: Boécio [470-525], Alcuíno de York [730-804], João Escoto Erígena [810-870], Santo Anselmo [1033-1109], São Tomás de Aquino [1224-1274] e Guilherme de Ockhan [1284-1349].

representado pela explicação divina, passa a ter implicações pela via do incompreensível, do intelígivel. A consciência e ou o intelecto são atraídos pelo desconhecido pela via do incompreensível. Alcançar o divino passa a ser uma condição impossível. Nicolau de Cusa aponta uma mudança em relação ao paradigma teocêntrico[76] quando desenvolve essa ideia em sua obra *A Douta Ignorância* [1440].

Com relação à Psicanálise, há um outro tipo de conhecimento que surge a partir do desconhecido que se mostra através da des-coberta do inconsciente. Nesse campo, o desconhecido (inconsciente) torna-se conhecido (consciente) no ato imediato da fala, causado pelo espanto inconsciente do discurso proferido pelo sujeito. Com a Psicanálise o saber não vem de fora, ele é constituído de dentro da trama discursiva da cadeia dos significantes e, nessa cadeia, o conhecimento surge de si mesmo e não valoriza o absoluto divino como constitutivo da sabedoria como pregaram os escolásticos. A topologia[77] lacaniana que lida com essa discussão e trata da interpretação sobre os elementos inconscientes que permeiam a cadeia discursiva dos significantes, nós a encontramos no *Seminário X: A angústia* [1962-1963] quando Lacan elabora sua teoria sobre a banda de *Moebius*[78] que representa a

[76] Cabe referir-se aqui à teoria teocêntrica referenciada por Santo Agostinho em sua obra *Principia Dialectica* e [354-430 d.C.], *As Confissões* [396-397 d.C.], *De magistro* [389 d.C.], *Sobre a Doutrina Cristã* [354-430 d.C.], sobre *A Trindade* [399-422 d.C.], *A Cidade de Deus* [411-426 d.C.].

[77] A topologia para Jacques Lacan está presente em seu ensino desde o *Discurso de Roma* [1953] e é elaborada ao longo de seu ensino. De acordo com Marli Piva Monteiro, no artigo *A topologia de Lacan* [2014], vê que ele se apropria dos objetos básicos da geometria espacial para compreender e construir sua epistemologia. Marli destaca cinco elementos fundamentais que constituem a topologia lacaniana, são essas: "a) banda de *Moebius*, que dá conta da estutura do sujeito; b) o *toro*, que esclarece a relação do desejo com a demanda, a repetição e a identificação; c) a garrafa de *klein*; que representa a relação do sujeito com o Outro; d) o *cross-cap*, que representa o sujeito em sua relação com o sujeito do desejo; e) os *nós*, que permitem a escritura dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário" (MONTEIRO, 2014, p. 134). O livro *Matemas I* [1996] escrito por Jacques-Alain Miller também traz um artigo intitulado *A topologia no ensino de Lacan* [1984], expondo esses aspectos da abordagem epistemológica realizada por Lacan.

[78] O artista holandês Maurits Cornelis Escher [1898-1972], em 1963, trabalhava desenhos com formas geométricas causando-nos ilusão de ótica, sua banda de *Moebius* teve inspiração no objeto topológico criado, em 1858, pelo astrônomo e matemático alemão August Ferdinand Möbius [1790-1868]. Escher reproduziu o desenho de Möbius em uma estrutura espacial de superfície infinita e colocou formigas nessa superfície, dando-nos a ideia da configuração de representação do espaço de dentro e fora como espaços antagônicos. Lacan apropria-se dessa figura e constrói sua topologia indicando-nos as relações existentes entre o consciente e o inconsciente nas quais o sujeito está implicado.

estrutura do sujeito cindido. Também encontramos menção à banda de *Moebius* no artigo *Radiofania* [1970/2001/2003] e em *O aturdito* [2001/2003]. Com essa figura topológica, Lacan cria a sua concepção sobre a estrutura do sujeito, afirmando-nos que essa estrutura constitui um dentro e um fora que representa a própria relação do sujeito com o inconsciente. Pois, ele afirma, no artigo *Radiofonia* de 1970, quando ele foi interpelado por Robert Georgin[79] para a radiofusão belga:

> Esse corte que essa superfície – na qual, partindo de qualquer ponto, tem-se acesso a seu avesso, sem que se tenha que mudar de lado, (que tem uma única face, portanto) – se vê, num depois, provida de uma frente e um verso. A dupla inscrição freudiana não seria, portanto, da alçada de nenhuma barreira saussuriana, mas da própria prática que formula a pergunta, isto é, do corte mediante o qual o inconsciente, ao se retirar, atesta que consistia apenas nele, ou seja, quanto mais o discurso é interpretado, mais confirma ser inconsciente. A tal ponto que somente a psicanálise descobriria que existe um avesso do discurso – sob a condição de interpretá-lo (LACAN, [2001], 2003, p. 417).

A interpretação acerca dessa contribuição que a banda de *Moebius* oferece, faz-nos enxergar a questão sobre a dupla inscrição freudiana apresentada nos *Ensaios sobre a metapsicologia e outros textos* [1914-1916] nos quais Freud aborda o inconsciente como pertencente ao duplo registro da divisão inconsciente/pré-consciente-consciente. Esses artigos de metapsicologia mostram os conceitos fundamentais da clínica psicanalítica e consequentemente da teoria elaborada por Freud ao longo do tempo. A questão sobre a dupla inscrição coloca-nos diante de uma ambivalência, pois enfatiza a discussão de como algo inconsciente pode tornar-se pré-consciente, para depois tornar-se consciente. No artigo *Notas sobre a formação do inconsciente na psicanálise* [1912], Freud comenta que o inconsciente é uma representação que a qualquer momento, pode estar na consciência e desaparecer de repente e:

> Puede reaflorar intacta después de un intervalo, y hacerlo, como décimos nosotros, desde el recuerdo, no como consecuencia de uma nueva percepción sensorial. Es para dar razón de este hecho que nos vemos llevados a suponer que la representación há estado presente en nuestro espíritu también durante el intervalo, aunque latente en cuanto a conciencia [latent in consciousness]. Pero no podemos

[79] Robert Georgin é um ensaísta e romacista belga nascido em Liège em 1923, estudou Psicanálise e Linguística e escreveu o livro *O tempo freudiano da palavra* [1973] que teve o prefácio ecrito por Jacques Lacan.

> formular conjetura alguna sobre la forma en que pudo haber existido mientras estaba presente en la vida anímica y era latente en cuanto a conciencia (FREUD, [1911-1913], 1991, p. 271).

Lacan pensa a figura da banda de *Moebius* como aquilo que representa as relações do sujeito com o inconsciente e o pré-consciente-consciente, indicando-nos a cisão na qual o sujeito está implicado pela via da operação significante que o constitui como sujeito. O corte da banda de *Moebius*, ou seja, a superfície que sustenta a sua forma geométrica indica-nos que, em qualquer ponto que estejamos nela, temos o acesso ao seu avesso porque essa figura se mistura em elementos que nos mostram, concomitante, a sua frente e o seu verso. Em *Radiofania* [1970], Lacan afirma que a dupla inscrição freudiana não tem nada a ver com a reflexão proposta por Saussure [1916/2006] ao elaborar sua teoria em relação ao significado e ao significante, como vimos anteriormente. O que marca a concepção da dupla inscrição se dá pelo corte no qual o inconsciente se sustenta que é o recalque e, nele, o sujeito constitui-se como tal. Essa descoberta da Psicanálise coloca-nos no bojo das questões que enfatizam a discussão em torno da compreensão pela via da razão, sem levar em consideração os elementos que constituem a fantasia, como Freud elaborou e valorizou, por exemplo, no estudo sobre a *Interpretação dos sonhos* [1900-1901]. A banda de *Moebius* pode ser entendida como uma analogia representativa figurativa das relações que estabelecem o discurso inconsciente e o discurso pré-consciente-consciente. Para finalizar essa questão em torno da banda de *Moebius*, Jacques-Alain Miller no artigo *A topologia no ensino de Lacan* [1984], mostra-nos que a interpretação sugerida, sem apontar a referência textual bibliográfica presente na obra de Lacan, indica-nos:

> Utilizem, portanto, a banda de moebius e vocês não se colocarão questões tão tolas como a de saber como pode haver dupla inscrição. De fato, isso se sustenta em uma superfície com uma única borda, uma única face, como a banda de Moebius, e é somente porque há corte interpretativo que o discurso se demonstra com um lado direito e um avesso (LACAN apud MILLER, [1984], p. 88)

Portanto, o inconsciente surge como uma interpretação na qual ele próprio constitui-se, pois, o corte interpretativo da superfície indica-nos a frente e o verso que o fundamenta, e a dupla inscrição freudiana, segundo Lacan:

> Não passa pela mola de nenhuma barreira saussuriana, mas da própria prática colocada pela questão, isto é, o corte do qual o inconsciente, ao desistir, testemunha que consistia apenas nesse corte, ou seja, quanto mais o discurso for interpretado, mais se confirma como inconsciente. A ponto de que unicamente a psicanálise descobriria que há um avesso ao discurso – a condição de interpretá-lo (LACAN apud MILLER, [1984], p. 89).

Essa discussão remete-nos de volta para Nicolau de Cusa, pois, para Lacan, ele estabelece uma relação entre a ignorância e o saber; Cusa considerava a ignorância o saber mais elevado e essa questão aponta-nos para o que vem a ser o saber na Psicanálise. Lacan, formula a questão sobre o psicanalista nos anos de 1967 e 1968, quando introduz a concepção do sujeito psicanalista ser precedido pelo artigo definido a ou o. A Psicanálise muda a base do saber; o saber passa a ser correlato da ignorância e passa a ser a sua base aliada.

Lacan analisa a questão sobre o saber a partir do não-saber e a diferença entre saber e verdade. Vemos isso em seus *Seminários*, dentre eles o *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* [1969-1970] e o *Seminário XX: Mais, ainda* [1975/2008]. Chega-se a conclusão que "se a verdade não é o saber, é que ela é o não saber. Lógica aristotélica: tudo que não é preto é o não preto" (LACAN, [2011], 2011, p.p 17-18).

A Psicanálise vai pela via do não-saber situada na fronteira entre a verdade e o saber. O não-saber supõe um saber que é operacionalizado pela cadeia significante presente no discurso[80] inconsciente do sujeito. Lacan expõe: "Melhor impossível para introduzir uma confusão definitiva sobre um assunto delicado, o ponto em questão na psicanálise, aquele a que chamei fronteira sensível entre verdade e saber" (LACAN, [2011],2011, p.p 17-18).

Lacan remete-nos a Freud ao citar o artigo *Uma dificuldade da psicanálise* [1917], publicado no primeiro número da *International Journal of Psychoanalysis* [1917], quando Freud afirma que o saber na Psicanálise, cujo caráter fundamental trata da primazia do saber, remete-nos para algo que não se pode transmitir com facilidade. Esse algo difícil de ser transmitido é a

[80] Lacan apresenta quatro discursos no *Seminário XVII: O Avesso da Psicanálise* [1969-1970/1991/1992], dentre eles temos o discurso histérico, o discurso universitário, o discurso do analista e o discurso do mestre, com eles o sujeito elabora laço social a partir de lugares específicos que são expostos ao longo do capítulo.

resistência encoberta no recalque. Freud explicou isso como podia, e foi justamente assim que se prestou a um mal-entendido. A resistência se fortalece nos nossos deslizes para que neles possamos mostrar o conteúdo latente presente na fala e nos gestos do sujeito. Freud encontra na falha aquilo que a ciência não dá importância.

O artigo supramencionado acima, escrito por Sigmund Freud, em 1917, é analisado por Lacan, mostrando que Nicolau Copérnico apresenta uma ideia inovadora para o campo da ciência quando direciona o saber para uma outra via do discurso; pois o período transitório revolucionário no qual Copérnico se destacou, aponta, mais adiante, em *O Mal-estar na civilização* [1929] escrito por Freud, mostrando-nos, que o saber ocupa um lugar comum ao discurso universitário como uma inovação galileiana, indicando agora uma visão do homem que sai de dentro de si para fora, sem levar em consideração a representação divina que apontava o fora a partir do dentro, que se resumia no aspecto teológico, sugere Lacan:

> Era ele, diziam os manuais, quem tinha recolocado o Sol no centro e a Terra girando ao seu redor. É inteiramente claro que, apesar do esquema que mostra bem isso no *De revolutionibus* etc., Copérnico não tinha, estritamente, nenhuma preconcepção a esse respeito, e ninguém pensaria em procurar briga com ele sobre o assunto. Mas, enfim, é fato que passamos do geocentrismo para o heliocentrismo, e que isso teria supostamente desferido um golpe – um *blow,* como diz o texto em inglês – em sabe-se lá que pretenso narcisismo cosmológico (LACAN, [2011], 2011, p.p 22-24).

Freud constrói sua teoria através do conceito de recalque e nela cria um saber que é constituído por um saber que não se sabe, diferente do saber da ciência, diferente do saber da História dos Conceitos que propõe um conhecimento prévio. O saber produzido pela História dos Conceitos não faz-se pela surpresa equivocada do ato da fala inconsciente. A História dos Conceitos empreendida por Koselleck, revela-nos um aspecto diferente dado à palavra, cujo aspecto é oposto ao que é concebido pela Psicanálise. Para a História dos Conceitos, a palavra já está ali acabada e pronta, necessitando ser revelada por um ato consciente escolhido pelo sujeito que a estuda, pesquisa, e a questiona. A discussão sobre o que é a palavra para o ensino de Lacan está presente no próximo subcapítulo, mas fiquemos, por ora, voltados às discussões em torno dos discursos porque eles são concebidos através das

reflexões em torno do que é a compreensão, portanto, do saber em Lacan. Continuemos com essas questões para um entendimento sobre o que vem sendo explorado em relação ao conceito e à palavra no ensino de Lacan.

Nossa investigação nos levará para o que é o discurso na teoria lacaniana pela via do *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* [1964], pois, tornamos necessária essa discussão porque fundamenta o que está sendo exposto, para que haja um entendimento em torno do que é o conceito, o que é o significante, e a relação desses elementos com a linguagem em Koselleck, apresentada no primeiro capítulo, e em Lacan neste capítulo.

No escrito, *A ciência e a verdade* [1966], Lacan aponta uma prévia do que elaborou em seu *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* [1991], no qual ele mostra a elaboração dos quatro discursos que estruturam as relações e possibilitam a formação do laço social. A expressão discurso é usada em *Função e campo da palavra e da linguagem* [1966] e está relacionado a quatro lugares que são assim distribuídos: agente/verdade, outro/produção. Esses termos são definidos pelos quatro matemas[81] a seguir: S_1 (significante mestre), S_2 (saber), *$* (sujeito barrado), (a) (objeto mais-de-gozar). Os lugares que esses matemas ocupam são assim representados pela fórmula lacaniana:

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

O primeiro, o agente, organiza a produção discursiva, domina o laço social, ao dar o "tom" ao discurso e possibilitar que haja alteridade. O *outro* é aquele a quem o discurso se dirige. O outro precisa do agente para se constituir. A *produção* é o efeito do discurso, é aquilo que resta. A *verdade* sustenta o discurso, mas é acessível apenas pelo "semi-dito" porque o dizer não é não todo. A verdade não pode ser toda dita, havendo uma interdição (//) entre a produção e a verdade.

[81] Os matemas são anotações simbólicas matemáticas que Lacan elaborou para um desenvolvimento de sua teoria. O artigo *O aturdito* [2001/2003] e o *Seminário XX: Mais, ainda* [1975], são duas fontes fundamentais onde encontramos as referências para o entendimento do que sejam os matemas. De acordo com Jacques-Alain Miller, nessas duas obras, temos uma compreensão sobre o a "função e a forma do matema, que são: a) o matema assegura a transmissibilidade integral de um saber, e b) o matema conforma-se ao paradigma matemático (…) o matema modificou a relação que Lacan mantinha com a matemática e, por isso, com a matematização" (MILLER, 1996, s/p)

Lacan aponta para uma discussão sobre o sujeito da Psicanálise que é o oposto ao sujeito que elabora a escrita historiográfica; “dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência, talvez passe por um paradoxo, não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” (LACAN, [1966] 1998, p. 873). Os matemas, acima descritos, ocupam lugares fixos e tornam possível o funcionamento dos quatro discursos fundamentais da Psicanálise que são: discurso do mestre, discurso da histérica, discurso do universitário e discurso do analista. Abaixo temos as suas representações gráficas:

U	M	H	A
$S_2 \rightarrow @$	$S_1 \rightarrow S_2$	$\$ \rightarrow S_1$	$@ \rightarrow \$$
$S_1 \quad \$$	$\$ \quad a$	$a \quad S_2$	$S_2 \quad S_1$

Nesses discursos encontramos a relação entre causa (agente) /verdade e Lacan nos diz que “para cada causa há uma verdade que a sustenta” (QUINET, 1996, p. 203). No caso do discurso do mestre:

> A causa é o poder e a verdade é o sujeito do desejo. Aqui o que interessa é o poder – tudo pelo poder: ir para o poder, permanecer no poder, voltar ao poder. O poder é a causa do laço social, é o que move o sujeito para subjugar o Outro obtendo dele um produto do qual o mestre possa usufruir. O objetivo do poder pelo poder é extrair do Outro o objeto de gozo para seu proveito (QUINET, 1996, p. 203).

O discurso que nos interessa é o do mestre porque foi com ele que Lacan conseguiu elaborar os outros três discursos a partir da relação dialética entre o senhor e o escravo[82] introduzida por Hegel em *A Fenomenologia do Espírito* [1807/1992]. Lacan, discute a ideia de que o escravo se libertará pelo trabalho, e isso é o que nos importa acerca da obra hegeliana: O trabalho, diz-nos ele, a que se submete o escravo, renunciando ao gozo por medo da morte,

[82] A análise de Hegel sobre a dialética do senhor e do escravo é apresentada e popularizada na obra *A Fenomenologia do Espírito* [1807/1992] na enunciação sobre *A independência e dependência da consciência-de-si: dominação e escravidão* (HEGEL, [1807],1992, § 178, p. 126) e questiona sobre a formação da consciência e o processo de formação da identidade. Hegel procura entender o processo de formação da consciência através do reconhecimento pelo outro que se dá pela via da consciência. Assim, ele afirma: “a consciência-de-si é em-si e para-si quando e porque é em si e para uma Outra, quer dizer, só é como algo reconhecido” (HEGEL, [1807], 1992, § 178, p. 126). Essa dialética mostra-nos que há uma relação assimétrica entre as duas consciências que são estabelecidas como sujeito e objeto e vice-versa, e não uma relação entre dois sujeitos, que possibilitaria uma relação de reciprocidade. De acordo com o Danilo Marcondes, em *Iniciação à História da Filosofia* [2005], temos, portanto, ao atingir o saber absoluto, a consciência será capaz do reconhecimento universal.

será justamente a via pela qual ele realizará a liberdade. Não há engodo mais manifesto politicamente e, ao mesmo tempo, psiquicamente. O gozo é fácil para o escravo e deixará o trabalho na servidão (LACAN, [1966] 1998, p. 825). Esse comentário aponta para as reflexões lacanianas sobre a questão do vínculo social entre os sujeitos.

Os discursos mostram as formas de relacionamentos sociais e representam uma estrutura sem palavras, são representados pelos matemas acima expostos. São modos de uso da linguagem explicando os vínculos sociais, pois é na estrutura significante que o discurso se funda. É a articulação da cadeia significante que produz o discurso. Os quatro discursos são configurações significantes - embora nem tudo seja significante na estrutura do discurso - que se diferenciam e se especificam por sua distribuição espacial. O que está em jogo é aquilo que ordena e regula um vínculo social entre os sujeitos.

O conceito de discurso elaborado por Lacan é articulado a seus quatro discursos no *Seminário XVII: O avesso da psicanálise* [1969-1970/1991/1992]. Para entendermos o que cada símbolo significa, destacamos aqui o que eles representam no pensamento lacaniano. Primeiro o sujeito, nomeado por um S maiúsculo traçado por uma barra, *$,* que marca seu caráter insubstantivo e é condicionado pela articulação da bateria dos significantes. É nesse sentido que ele é sujeito da estrutura clínica. Seu símbolo comporta, em si mesmo, que ele não é substancial e que ele deve aquilo que é, seu ser, à articulação na qual está inserido. É representado pela fórmula $\$ \diamond a$ leia-se sujeito barrado em relação ao objeto a. Nesta articulação temos os outros dois termos das formulas que são o S_1, S_2, a isto acrescenta-se, na estrutura que Lacan chamou de discurso, o termo *a*, cuja presença é tão equívoca quanto a do sujeito e está também em um limiar*,* já que este símbolo indica o produto da articulação, tal como o símbolo de *$* deve designar a hipótese subjetiva da articulação. O *a* é o objeto mais-de-gozar ou a perda de objeto, ou objeto perdido. Lacan extrai essas ideias de Freud e nos faz pensar sobre a articulação desse objeto perdido com o sentido específico da repetição, pois esta tem certa relação com aquilo que, desse saber, é limite – e que se chama gozo (LACAN, [1969-1970], 1991/1992, p. 13).

A perda de objeto é hiância, o buraco aberto em alguma coisa, que não se sabe se é a representação da falta em gozar, que se situa a partir do processo do saber na medida em que ganha ali um acento totalmente diverso, por ser desde então saber escandido pelo significante (LACAN, [1969-1970], 1991/1992, p. 18).

Enfatizamos ao longo deste capítulo que o significante, diferente do signo, é aquilo que representa um sujeito para outro significante. Diante das fórmulas apresentadas, o discurso do mestre, ou do senhor (para lembrar Hegel) como também é conhecido, se for reduzido a um único significante, implica que ele representa alguma coisa para outro significante (LACAN, 1992, p. 29). Essa relação resulta o sujeito barrado e a fórmula **$S_1 \rightarrow S_2$** esboça o que se trata na bateria dos significantes representando um significante para outro significante. Em sua teoria dos discursos Lacan nos diz que:

> O discurso concebido como estatuto do enunciado, S1 é aquele que deve ser visto como interveniente. Ele intervém em uma bateria significante que não temos direito algum, jamais, de considerar dispersa, de considerar que já não integra a rede do que chama um saber (LACAN, [1969-1970], 1991/1992, p. 11).

Para Lacan, Freud introduz o que ele chama de *além do princípio do prazer*, pois isso faz com que a vida se detenha em certo limite em direção ao gozo: “Há uma relação primitiva entre saber e gozo, e é ali que vem se inserir o que surge no momento em que aparece o aparato do que concerne ao significante” (LACAN, [1969-1970],1991/1992, p. 17). O saber é o saber do significante.

Em tratando-se da História dos Conceitos e da Psicanálise, temos duas formas de elaboração sobre o saber, são dois estatutos diferentes. Com Koselleck, sua questão sobre o conceito e a semântica orienta-nos para uma discussão sobre o significado. Para Lacan, seu estatuto abre-nos a questão sobre o significante.

Nessa articulação com a produção do saber histórico, Koselleck, citando o Barão von Eichendorff disse: “um faz a história, outro a escreve”, acredita que existe o agente, aquele que faz, que é responsável, e existe também o outro, aquele que escreve, o historiador. Para Koselleck, que concorda com o Barão, pontuar que a história está disponível sob os dois pontos de vista – o do

agente, que dispõe sobre a história que faz, e o do historiador, que sobre ela dispõe quando a escreve (KOSELLECK, 2006, p. 234).

Essa tese, levantada aqui, remete-nos para a discussão acerca do discurso do mestre, porque a história produzida nesta perspectiva equivale à fórmula de Lacan $\mathbf{S_1 \rightarrow S_2}$ no qual a produção desse saber constrói-se nessa relação de um significante para outro de forma initerrupta, tal como acontece com o discurso do mestre. Neste há uma articulação entre o desejo de um com o desejo do outro, entre a vida e a morte, entre o trabalho e a casa, entre o objeto e o gozo e por que não pensar, com a história e o trabalho do historiador, como Koselleck abordou, ao comentar sobre a frase do Barão? O saber que a História dos Conceitos se refere é mediado pela relação presente no discurso do mestre porque ele fornece-nos dicas de como podemos enxergar a história nessa relação de agente e saber supracitado, pois, quando Koselleck menciona a frase do Barão, esse discurso supõe uma identificação do sujeito por meio de um significante-mestre, a história passa a ser pensada a partir de explicações ou categorizações sobre os fatos. Vejamos como o discurso do mestre é articulado através da produção dos discursos no *Seminário XVII*: O avesso da psicanálise [1969-1970/1991/1992] de Lacan, ele possui as seguintes funções:

$$\frac{\text{Significante-mestre}}{\text{Sujeito}} \rightarrow \frac{\text{saber}}{\text{gozo}}$$

Cuja representação no matema de Lacan é assim representada:

Discurso do Mestre

$$\begin{array}{cc} \mathbf{S_1 \rightarrow S_2} \\ \mathbf{\$} \quad \boldsymbol{a} \end{array}$$

Nesse discurso, a partir da relação da fórmula $\mathbf{S_1 \rightarrow S_2}$, o sujeito fica ligado com todas as ilusões que comporta ao significante-mestre, ao passo que a inserção no gozo deve-se ao saber (LACAN, [1969-1970],1991/1992, p. 97). O que é esse gozo no discurso do mestre? O significante mestre no lugar do senhor (que seria o sujeito barrado) e do outro lado, o outro significante do saber, trabalha na produção do gozo. Portanto, o significante produz o gozo, que rege, comanda e faz convergir todos os outros significantes. E é isso que

mobiliza o discurso da história já que ele se encontra enlaçado por esse discurso que é puro gozo ou puro gozar, tal como acontece com a Filosofia.

Partimos da ideia de que a história é um significante-mestre porque a teoria do discurso do mestre elaborada por Lacan que é definida com a fórmula acima, representa o significante-mestre para outro significante desencadeando a cadeia dos significantes, cuja cadeia é ininterrupta e, portanto, infinita. Sobre o trabalho do historiador em sua relação com os significantes, o historiador Michel de Certeau concorda com Lacan quando afirma:

> O historiador não pode nem se contentar com descrever o fato, postulando cegamente a sua significação, nem admitir como incognoscível uma significação que seria suscetível de uma expressão qualquer (neste último caso, a experiência religiosa seria a noite, em que todos os gatos são pardos, já que, finalmente, se admitiria um corte total entre o sentido vivido e as expressões religiosas). Existe, pois, entre significante e significado, uma relação a elucidar. Mas isso não pode ser feito no próprio nível do fato (CERTEAU, [1975], 2011, p. 147).

Isso que não pode ser descrito no nível do fato, nós encontramos na produção que concerne ao trabalho inconsciente pela via da operação significante. Sobre a escrita que se pauta na cadeia inconsciente dos significantes, temos:

> A essa escrita, que invade o espaço e capitaliza o tempo, opõe-se a palavra, que não vai longe e que não retém. Sob o primeiro aspecto, ela não deixa o lugar de sua produção. Dito de outra maneira, *o significante não é destacável* do corpo individual ou coletivo. Não é, portanto, exportável. A palavra é, aqui, o corpo que significa. O enunciado não se separa nem do ato social da enunciação nem de uma presença que se dá, se gasta ou se perde na nominação (CERTEAU, [1975], 2011, p. 233).

Esse tema leva-nos à discussão acerca da cadeia dos significantes porque o que interessa para a Psicanálise é o só depois do dito. O dito inscreve-se em um dizer que só acontece depois. Para a escrita da história essa fórmula funciona porque o que se escreve sobre a história acontece é o depois do fato, ou seja, o historiador trata do passado, tal como a Psicanálise também cuida dele. Esse cuidado ocorre no ato discursivo depois do fato que nos indica o que aconteceu, antes, pela escrita do só depois. A História dos Conceitos reflete o conceito no tempo, depois de ele ser concebido como tal, no decurso da história. A Psicanálise concebe o significante no ato discursivo sobre o passado proferido pela escrita inconsciente da barra do recalque. Ambos, os campos, lidam e escrevem sobre o passado de maneiras distintas,

mas leva em consideracão a marca do saber que se constrói pela via da linguagem. Como articular esse pensamento produzido pela História dos Conceitos ao saber que é construído na e pela Psicanálise? Koselleck questiona:

> Pode-se perguntar o que pretendem essas análises semânticas? Posso lembrar que os acontecimentos históricos e sua constituição linguística estão entrelaçados. Mas o decurso das ocorrências históricas não coincide simplesmente com a possibilidade de sua elaboração linguística, de tal forma que o acontecimento só apareça em sua compreensão linguística. Entre os dois, pelo contrário, existe uma tensão que se modifica continuamente. Torna-se importante analisar a forma peculiar como os acontecimentos passados são levados a "falar" e como os acontecimentos futuros passam a ser esperados. O que se está realmente falando quando se diz, por exemplo, "que se pode fazer história? (KOSELLECK, 2006, p. 236).

Essa tensão de que fala Koselleck não seria o caráter repetitivo que sempre faz questão de retornar ao elaboramos as estruturas semânticas presentes nos conceitos e sempre vem à tona? Qual o sentido da expressão "fazer história", quem faz a história e quem a escreve?

Faremos uma articulação dessas nossas hipóteses com o discurso do mestre, pois os elementos $\mathbf{S_1}$, $\boldsymbol{\$}$, $\mathbf{S_2}$ e **a** formariam uma combinatória fechada se não irrompesse algo que surge como perda, perda de gozo que engendra um *mais-de-gozar* a retornar: objeto (a), objeto perdido de Freud porque o aparecimento desse quarto elemento, (a), nos impede de pensar a repetição como repetição do mesmo e sim como repetição da diferença. Essa coisa que é perdida é sempre nova no dizer do inconsciente mesmo sendo repetida. Quando nas estruturas semânticas algo se repete, temos aí algo que faz diferença, mesmo repetindo, marca uma diferença de algo que foi e que é.

De acordo com o discurso do mestre, a história busca, tal como a Filosofia, ser um sistema aberto porque o que ela busca não é só constituir um saber, mas avançar na questão dessa verdade que só se desvela lançando um novo véu. O historiador quer ser o mestre da verdade que sustenta seu saber e, portanto, de seu gozo.

O saber da Psicanálise não trata do saber como o concebemos na História, na Filosofia e nas Ciências Exatas. O saber psicanalítico é revelado por um saber que não se sabe por ele mesmo; é o saber que é possível pela mediação da operação significante. Na Psicanálise temos um saber que surpreende, que marca sua presença como um sobressalto antecipado da

surpresa imediata que vem à tona sem ser convocado para o ato consciente da enunciação do discurso do sujeito falante. O saber, aqui, traz à tona o inconsciente por meio de um semi-dito que se esconde na cadeia dos significantes. É um não-saber que surge na imediatez da fala, que provoca um saber espontâneo sobre o não-dito do sujeito. Trata-se de um não-dito, ou semi-dito, que diz muito. Esse algo que é o não-dito da fala, surpreende e evoca o inconsciente que é sempre presente, marcando no sujeito, um saber espontâneo do seu discurso inconsciente.

A surpresa imediata que o discurso inconsciente nos provoca, mostra a marca autêntica do inconsciente, sugerindo-nos que o saber é outra coisa, é algo que provoca nos artistas, por exemplo, a inspiração para composição de obras musicais, pinturas e peças teatrais. O saber que é provocado por um não-saber é articulado como uma linguagem que assenta-se na operação da cadeia dos significantes. Lacan enuncia ao longo de toda a sua obra que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*. O não-sabido de que trata a Psicanalise é um saber que efetivamente se articula, que é estruturado como uma linguagem e nos faz concluir que o saber possui essa marca presente na cadeia dos significantes, e nela repete-se como gozo. É nessa cadeia que o saber é construído e torna-se possível. É pela via da operação significante que o saber acontece.

A doutrina de Freud sustenta-se pelo de-ciframento do inconsciente através do desvelamento acerca dos conteúdos latentes que subjazem aos conflitos internos dos sujeitos. A Psicanálise inova ao colocar o sujeito dentro de um universo desconhecido que está sempre ali, com ele, o universo inconsciente do mundo dos significantes. A Psicanálise lida com um saber diferente do saber da ciência, do saber da História dos Conceitos. O saber, depois de Freud, passa a pôr em dúvida a racionalização proposta por Galileu, subvertendo a lógica da compreensão, subvertendo a razão e a pondo em cheque. Para Lacan, Sigmund Freud e Charles Darwin, causaram no pensamento científico do ocidente uma perturbação. Com o primeiro, o homem passa a se fortalecer no centro do universo e sua marca fundamental se dá pelo viés inconsciente. O Segundo sugere uma compreensão sobre o desenvolvimento do homem com a teoria sobre a revolução das espécies que ocorre de maneira natural e sexual. Lacan diz: “Tanto num caso quanto no

outro, cosmológico ou biológico, todas essas revoluções nem por isso deixam de situar o Homem no lugar da fina flor da criação" (LACAN, [2011], 2011, p.p 22-24).

O saber que ousa trazer os conteúdos latentes do inconsciente do sujeito, nessa relação da cadeia dos significantes, cria um novo estatuto do conhecimento. Para Lacan, essa nova maneira de abordar o saber carrega uma marca difícil de sustentar, pois, por ser algo que lida com o desenredamento do inconsciente, fazendo com que o sujeito torne "aceitável aquilo de que se trata, ou seja, que esse novo estatuto do saber deve acarretar um tipo inteiramente novo de discurso, que não é fácil de sustentar e que, até certo ponto, ainda não começou" (LACAN, 2011, p.p 22-24).

A Psicanálise mostra que o sujeito falante habita o significante e nisso resulta-se como sujeito. Há algo no sujeito que sabe mais do que ele e isso não é aceito pela ciência, Freud vai além disso e formula a teoria do inconsciente. Sua teoria passa a receber críticas e não é aceita no mundo acadêmico porque ele explora a fantasia. Freud encontra na fantasia um sentido negado pela ciência.

O discurso do analista discorre um saber sobre a verdade interpelando no sujeito, o sujeito representado pela barra $, através da produção do significante S_1 (LACAN, [1975], 2008, p. 97), essa é a descoberta de Freud, e Lacan reelabora com seus esquemas desenhados em matemas. Antes, ninguém havia posto essa questão sobre o saber. Antes mesmo de Descartes, Lacan afirma que nada havia sido anunciado sobre esse saber, diz-nos que, antes de Descartes, "a questão do saber jamais tenha sido posta. Foi preciso a psicanálise, para que essa questão se renovasse. A psicanálise veio nos anunciar que há saber que não sabe, um saber que se baseia no significante como tal" (LACAN, [1975], 2008, p. 102). No ato de de-ciframento do sonho, Freud inova e descobre o saber como algo que transcende a linguagem (LACAN, [1975], 2008, p. 102), Lacan questiona:

> Será preciso dar toda essa volta para colocar a questão do saber na forma: quem é que sabe? Será que a gente se dá conta de que o Outro? – tal como de começo o coloquei, como o lugar onde o significante se coloca, e sem o qual nada nos indica que haja em parte alguma uma *dimensão* de verdade, uma *diz-mansão*, a

> residência do dito, desse dito cujo saber põe o Outro como lugar (LACAN, [1975], 2008, p. 103).

O estatuto do saber mostra-nos que há saber no Outro, Lacan afirma que “ele é a prender, a ser tomado. É por isso que ele é feito de *aprender*”. O sujeito resulta, de que ele deve ser aprendido, esse saber, e mesmo apreciado, posto a preço, quer dizer, que é seu custo que o avalia, não como de troca, mas como de uso (LACAN, [1975], 2008, p. 102). O saber sabe quanto ele custa para o sujeito, a sua dificuldade está em apreender o seu exercício, sua operação para que ele seja adquirido. Chamamos a atenção sobre a questão em relação ao saber porque ele só é possível porque trata do saber do significante que é operado pela letra, e a letra aqui não possui caráter semântico como opera a História dos Conceitos.

O saber vem do Outro e é veiculado pela letra e nela se reproduz em um novo saber, incessante, na produção da cadeia do discurso do sujeito na operação dos significantes. A letra tem a função de achar no Outro um suposto saber que é sempre novo. O novo, no saber deles, é que não é suposto que o Outro saiba nada dele – não, por certo, o ser que ali fez letra – pois é mesmo do Outro que ele fez letra às suas expensas, ao preço do seu ser (LACAN, [1975], 2008, p. 105).

Diante do que foi exposto, questionamos sobre o que é a palavra para o ensino de Lacan, pois, Freud e Lacan lidam com a matéria do significante que é a letra. A questão sobre a letra pode indicar uma discussão sobre a palavra porque letra nos reporta à palavra, pois, desde as questões iniciais sobre a semântica koselleckiana, vemos a aproximação da História dos Conceitos com as letras em uma relação com a semântica, a exemplo disso, o que já foi mostrado quando referimos-nos à semântica da palavra Estado e as mudanças que nela ocorreram. Nesse momento, é necessário que façamos uma exposição sobre o que é a palavra para a partir das reflexões de Jacques Lacan, de modo que, a explanação sobre o que é a palavra na obra de Reinhart Koselleck já foi realizada. Portanto, a seguir segue essa orientação para um entendimento do que é a palavra no pensamento de Jacques Lacan.

2.3 Considerações sobre o que é palavra[83] no ensino de Jacques Lacan

Diferentemente de Koselleck, a palavra[84] no ensino de Lacan é a coisa mesma, os sujeitos a utilizam como uma maneira de se inserirem no mundo, atribuindo nomes às coisas e essa característica nos mostra porque o homem é diferente dos animais, pois estes, segundo Lacan, não usam a linguagem (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 206).

Para uma compreensão sobre o que é a palavra em Jacques Lacan, remetemos-nos aos dois momentos de sua clínica, pois o seu ensino é dividido de duas maneiras, a primeira clínica que inicia-se nos anos de 1953, com o primeiro *Seminário* e o artigo *Função e campo da palavra e da linguagem* [1953/1966/1998] e, vai até os anos de 1970 com os *Seminários* sobre *o avesso da Psicanálise* [1969-1970/1991/1992] em diante, cujo *Seminário* (XVII) Lacan traça uma discussão em torno dos discursos, apresentados anteriormente no subcapítulo sobre o conceito. Nesse primeiro momento da clínica, Lacan faz uma releitura da obra de Freud, cuja releitura o coloca dentro de um patamar inovador acerca de sua compreensão sobre a obra freudiana, em relação às estruturas clínicas que são as neuroses, psicoses e perversões. Essa clínica é definida como a clínica das estruturas, de acordo com Miller (MILLER, 1996). A segunda clínica, Jacques Lacan elabora a clínica borromeana, ou seja, do nó borromeu[85], isso significa que ele constitui a clínica do real, ou seja, ele transpassa a ideia de "subordinação do imaginário ao

[83] É importante destacar aqui que meu objeto de estudo não enfatiza a discussão do que seja palavra e significante no ensino de Lacan, embora a temática sobre a operação significante tenha sido aprofundada na segunda parte deste capítulo. Essas considerações sobre o que é a palavra no ensino de Lacan, abre-nos possibilidades interpretativas para uma compreensão sobre a diferença existente entre o que seja palavra em Koselleck e na Psicanálise lacaniana.

[84] A tese escrita por Flander de Almeida Calixto intitulada, *A palavra em Paulo Freire e a palavra em Jacques Lacan* [2007], traz uma discussão sobre o que é a palavra no ensino de Jacques Lacan, a partir da primeira clínica lacaniana, o autor não aborda uma discussão em torno da segunda clínica que ocorre depois dos anos de 1970.

[85] O nó Borromeu foi utilizado pela família dinástica italiana Borromeo da cidade de Milão, mas suas formas foram encontradas, anteriormente, no budismo artístico do século II a.C e em algumas figuras artísticas da mitologia grega. O nó borromeano dá-nos a ideia de força e unidade, sugerindo alguns desenhos que representam mandalas, em caracteres que trazem elementos religiosos e artísticos. Na Psicanálise, Lacan apropria-se desse desenho, estabelecendo a discussão em torno da estrutura do sujeito e compõe uma das suas inúmeras figuras topológicas que determinam uma compreensão sobre a tríade do real, simbólico e imaginário em função da soberania do real, na psicose, em relação aos outros dois registros simbólico e imaginário.

simbólico, abrindo plenamente um novo campo de estudo sobre as possibilidades de compensar a forclusão do Nome-do-Pai"[86] (MATTOS, 2007, p. 4). Nessa clínica, os três registros: o simbólico, o imaginário e o real estão no mesmo plano, e Lacan apreende como esses três registros enlaçam-se e desenlaçam-se entre si; nos anos de 1971, com o *Seminário XVIII: de um discurso que não fosse semblante* [1971/2006/2009], e por diante, indo até o Seminário *XXVI: A topologia e o tempo* [1978], Lacan elabora essas ideias que giram em torno do nó borromeu. Em relação à primeira clínica, realizamos leituras do *Seminário I: Os escritos técnicos de Freud* [1953-1954/1975/1996], do *Seminário II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955/1978/2010], do *Seminário III: As psicoses* [1955-1956/2002], *do Seminário VII: A ética da psicanálise* [1959-1960/1986/2008], o artigo *Função e campo da fala e da linguagem* apresentado nos *Escritos* [1966/2002], e o artigo *O simbólico, o imaginário e o real*[87] [1953] apresentado no opúsculo *Nomes-do-pai* [2005/2005]; esses *Seminários* e os artigos supracitados possibilitam-nos um entendimento sobre o que vai ser construído adiante. Também analisamos algumas passagens dos seguintes *Seminários* que comentam sobre o que é a palavra e sua importância para a Psicanálise com uma menção breve: o *Seminário XV: O ato psicanalítico*[88] [1967-1968/s-d] e o *Seminário XVI: De um outro ao outro* [1968-1969/2006/2008][89]. Em relação à segunda clínica, não há

---

[86] Solal Rabinovitch [s/d] no livro *A foraclusão: Presos do lado de fora* [2000/2001] mostra-nos que esse termo consiste em "expulsar alguém ou alguma coisa para fora dos limites de um reino, de um indivíduo, ou de um princípio abstrato tal como a vida ou a liberdade; foracluir implica também o lugar, qualquer ele que seja, do qual se é expulso, seja fechado para todo o sempre (RABINOVITCH, 2001, p. 17). Foracluir insiste, para Lacan, em expulsar alguém para fora das leis da linguagem.

[87] Essa exposição de Lacan é tida como a primeira comunicação científica da nova Sociedade Francesa de Psicanálise depois da cisão com o movimento psicanalítico francês. Os três registros supracitados são desenvolvidos por Lacan, por meio de sua leitura que foi influenciada pelo artigo de Lévi-Strauss, *A eficácia simbólica* [1949], pois nesse artigo, vemos a concepção de um "inconsciente vazio, sem conteúdo, puro órgão da função simbólica, impondo leis de estrutura a um material de elementos inarticulados proveniente tanto da realidade como do reservatório de imagens acumuladas por cada vez" (MILLER, 2005, p. 90).

[88] Esse seminário foi traduzido para o portugês em uma versão não comercial para circulação interna entre os membros dos Estudos Freudianos do Recife.

[89] A discussão que segue adiante versa sobre o ensino de Lacan que se inicia durante os anos de 1953-1954, depois, Lacan abandona essa discussão e traz a questão em torno do fantasma no *Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semblante* [1971/2006/2009] a partir da intersubjetivdade existente entre o sujeito em direção ao objeto.

um *Seminário* preciso que marca esse giro no ensino de Lacan[90], nesse segundo momento da clínica lacaniana, realizamos uma leitura a partir do *Seminário XIX: Ou pior* [1971-1972/2012], do *Seminário XX: Mais, ainda* [1975/2008], os artigos *Radiofania* [1970/2001/2003] e *Televisão* [1970/2001/2003].

A palavra deve ser analisada em seus múltiplos sentidos e com eles devemos ver o que é revelado, pois o que importa para Lacan é "o último sentido da palavra do sujeito diante do analista, é a sua relação existencial diante do objeto de seu desejo" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 276). Para Jacques Lacan, as coisas que compõem o universo humano estruturam-se por meio de palavras, pois, a linguagem presente nos processos simbólicos dominam e governam tudo (LACAN, [1959-1960], 2008, p. 59). O homem é implicado nos processos simbólicos que determinam como ele nomeia as coisas, pois a coisa, é um produto criado pela ação humana que é regida pela linguagem. Lacan refere-se à coisa e diz que ela sempre está na superfície, ao nosso alcance para ser explicitada, desde que esteja na ordem pré-consciente e que nos chame a atenção e venha à tona com a condição de termos percebido, de tê-la notado (LACAN, [1959-1960], 2008, p. 71).

Concluimos anteriormente, a partir da questão fenomenológica de Hegel, que o "conceito é o tempo da coisa" e, cuja afirmação hegeliana, Lacan infere que o tempo do ato, é tomado na coisa mesma, e assim ele é nomeado. A palavra remete-nos para a questão sobre o material do inconsciente e seu manejo, no *Seminário VII: A ética da psicanálise* [1959-1960/1986/2008], Lacan mostra-nos que Freud compreende os processos internos que constituem o inconsciente e os considera como um dos elementos que compõem esses processos, afirmando que o sujeito não recebe em sua consciência sinais que não sejam de prazer e ou de pena (LACAN, [1959-1960], 2008, p. 44). Lacan diz, a partir de Freud, que esses processos são apreendidos, na medida em que articulamos palavras. Além dos pensamentos serem concebidos pela via da palavra, o conteúdo presente no inconsciente vem à tona, também, em função das palavras, Lacan expõe:

---

[90] O artigo, *Na segunda clínica de Lacan a palavra não se dirige ao outro* [2000], escrito por Márcio Peter de Souza Leite, encontramos a discussão em torno da palavra na segunda clínica de Jacques Lacan.

> Isso é articulado da maneira mais precisa e mais forte no *Entwurf*[91]. Por exemplo, sem o grito que ele nos faz soltar, só teríamos do objeto desagradável a mais confusa noção, que, na verdade, jamais o destacaria do contexto do qual ele simplesmente seria o ponto maldito, mas arrancaria com ele todo o contexto circunstancial. O objeto enquanto hostil, diz-nos Freud, só é sinalizado no nível da consciência na medida em que a dor faz o sujeito soltar um grito (...). O grito cumpre aí uma função de descarga e desempenha um papel de uma ponte no nível do qual algo do que ocorre pode ser pago e identificado na consciência do sujeito. Esse algo permaneceria obscuro e inconsciente se o grito não lhe viesse conferir, no que diz respeito à consciência, o sinal que lhe confere seu valor, sua presença, sua estrutura – da mesma feita, com o desenvolvimento que lhe é conferido pelo fato de que os objetos mais importantes em questão para o sujeito humano são objetos falantes, que lhe permitirão ver, no discurso dos outros, revelarem-se os processos que habitam efetivamente seu inconsciente (LACAN, [1959-1960], 2008, p.p 44-45).

Freud menciona sobre as imagens verbais que vagueiam ao longo dos condutores nervosos, ainda no início da formação do *Projeto para uma psicologia científica* [1895/1992/2006], quando ele construía as primeiras impressões sobre o aparelho psíquico. Para Freud e Lacan, o que apreendemos sobre o inconsciente, é que ele é articulado em palavras que constituem a operação da cadeia dos significantes, pois, de acordo com Lacan, o inconsciente possui uma estrutura de linguagem. A operação significante, vista anteriormente, sinaliza-nos para o que de fato tratamos, que é a linguagem estruturando o inconsciente. Quando Lacan questiona, a partir do duplo entrecruzamento que os efeitos do princípio de realidade e princípio do prazer[92] possuem entre um e outro, ele conclui que o primeiro governa o que ocorre no nível do pensamento, mas é "apenas na medida em que do pensamento retorna alguma coisa que, na experiência humana, ocorre ser

[91] No *Projeto para uma psicologia científica* [1895/1992/2006] ou *Esboço de uma Psicologia* [1895/1992/2006] que é a tradução para a expressão alemã *Entwurf Einer Psychologie* [1895], Freud elaborou a teoria sobre o *Entwurf* com próposito de pensar os mecanismos inerentes ao inconsciente e aos processos psíquicos em uma relação com os neurônios. O termo *Entwurf* foi escrito por Freud, pela primeira vez, em uma carta endereçada à Fliess no dia 27 de abril de 1895. Nessa carta, Freud diz que está absorto e "demasiadamente absorvido pela sua "Psicologia para Neurologistas"" (FREUD, [1895], 2006, p. 335).

[92] Esse conceito foi formulado por Freud no artigo intitulado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [1911/1992], esses dois princípios regulam o funcionamento mental. De acordo com Elizabeth Roudinesco [1944-] e Michel Plon [s/d] no *Dicionário de Psicanálise* [1997/1998], "o primeiro princípio tem o objetivo de proporcionar prazer e evitar o desprazer sem entraves nem limites", e o segundo princípio, modifica o primeiro princípio, impondo-lhes as restrições necessárias à adaptação à realidade externa" (ROUDINESCO, [1997], 1998, p. 603).

articulada em palavras, que ele pode, como princípio do pensamento, vir à consciência do sujeito, no consciente" (LACAN, [1959-1960], p. 45).

No *Seminário XV: O ato psicanalítico* [1967-1968], Lacan mostra que o que se trata no inconsciente são palavras e coisas que são reveladas como uma surpresa que atribui um efeito de sentido, cuja surpresa revela um conteúdo recalcado existente no inconsciente do paciente. A palavra é a própria coisa e Lacan afirma que o discurso tem a ver com as coisas. Lacan sugere que a palavra possui um sentido que supõe um uso, e nesse uso, supõe-se o discurso inteiro do dicionário.

No início do processo de elaboração da Psicanálise, a partir da questão sobre a transferência[93], Freud não possuía uma noção de suporte material da palavra, isolado como tal, nem atribuía à palavra a importância dada posteriormente, na *Interpretação dos sonhos* [1901/1992]. Pensar a transferência remete-nos para o fenômeno da resistência[94], pois a transferência revela que o discurso surge, aparente, por um discurso mascarado que revela o conteúdo do inconsciente. O de-ciframento do discurso inconsciente que é inerente ao conteúdo latente presente nos sonhos e nos lapsos, além de estarem presentes na *psicopatologia da vida cotidiana*. Na experiência analítica a revelação surge nessa relação de um discurso a um outro que o toma como suporte. Não há univocidade do símbolo, encontramos muitos sentidos, pois essa acepção Lacan toma dos linguísticas e revira do avesso com a teoria do significante, quando afirma que "toda significação não faz senão reenviar a uma outra significação" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 281). Lacan sugere que a transferência se estabelece na e pela dimensão da palavra e traz elementos ocultos presentes no inconsciente que são

[93] No *Seminário XI: Os quarto conceitos fundamentais da psicanálise* [1964/1998], Lacan vê a transferência como um conceito central existente na Psicanálise ao lado do inconsciente, da repetição, e da pulsão, para ele, a transferência, por meio da experiência psicanalítica, é uma encenação da realidade do inconsciente. Esse conceito foi desenvolvido por Freud e Sandor Ferenczi [1873-1933] progressivamente, aparece pela primeira vez, na Psicanálise, na sétima parte da *Interpretação dos sonhos* [1901/1992], nesse texto Freud mostra como a palavra transmite o desejo e faz o sujeito reconhecer esse desejo através de objetos externos que passam a se repetir e e tornam-se presentes na relação analítica entre o paciente e o analista. (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 277).

[94] De acordo com o *Dicionário de Psicanálise* [1997/1998], elaborado por Elizabeth Roudinesco [1944-] e Michel Plon [s/d], o termo resistência designa o conjunto de reações que um paciente manifesta ao longo do tratamento. Esse conceito está relacionado às três aspectos que envolvem a Psicanálise que são: a técnica e a prática da psicanálise, a teoria e a interpretação.

revelados através da relação imaginária (fantasia) existentes no encontro do paciente com o analista. A obediência à regra fundamental da Psicanálise, falar livremente tudo que nos vem à mente, coloca o sujeito em uma abertura para a compreensão sobre a equivocação na qual a palavra verídica encontra o discurso do erro. Além de fornecer elementos para que o sujeito possa entender o equívoco e a ambiguidade, por exemplo, ela também abre-se para a tapeação, cuja dimensão revela elementos na história do sujeito que foram recalcados. A Psicanálise faz o sujeito mostrar onde está a sua verdade[95] e a sua história.

Outro mecanismo que Freud atribui como sendo importante é a questão sobre a resistência que o sujeito apresenta no processo analítico porque a resistência é encontrada no discurso que não quer mostrar o elemento recalcado do sujeito, pois, afirma que quanto mais o sujeito se aproxima de um discurso que seria o último e o bom, mas ele recusa de maneira absoluta. Isso também vale para o discurso que poderia apresentar-se como mau, salienta Lacan.

Lacan em seu primeiro *Seminário* [1953-1954/1975/1996] apresenta a Psicanálise através dos *Escritos Técnicos de Freud* que constituem a transferência e a resistência e, a partir de sua releitura, contrói sua teoria sobre os três registros que são o real, o simbólico e o imaginário que serão expostos no transcorrer deste subcapítulo.

O opúsculo *Nomes-do-pai* [2005/2005] mostra uma intervenção de Lacan que ocorreu no dia 08 de julho de 1953, após a redação do artigo, traduzido para o português, *Função e campo da palavra e da linguagem* [1953]. Esse artigo, apresentado no opúsculo, intitulado *O simbólico, o imaginário e o real* [1953/2005/2005], constitui o que vai sustentar o ensino de Lacan ao longo do tempo, por três décadas, que é conhecido pela tríade (real, simbólico e imaginário) e que se torna o "objeto essencial não apenas conceitual, mas matemático e material, sob a forma do nó borremeano e seus derivados" (MILLER, 2005, p. 7).

Esses três registros são essenciais para uma compreensão sobre a

[95] Durante os anos de 1953 e 1954 Lacan ainda não mostra uma discussão sobre a verdade, o *Seminário XX: Mais, ainda* [1975/2008] traz uma discussão sobre a verdade na qual Lacan afirma que a verdade é um semi-dizer, ela não é dita por completa, e sim por um semi-dizer.

realidade humana inconsciente. Lacan afirma que há na análise uma parte do real nos sujeitos que escapa, e sempre se apresenta, mesmo sendo da ordem do inacessível, do inefável. Trata-se de um elemento que devemos observar sempre na análise, e que está presente, o tempo todo, em nossa experiência como psicanalistas. Lacan alerta e diz que o que está em jogo na análise e que consiste a experiência do analista, é que a Psicanálise é capaz de produzir transformações profundas nos sujeitos e, por isso, devemos ficar atentos para interpretar como ocorre esses mecanismos. Sabemos, já foi citado aqui, algumas vezes, que o homem insere-se no mundo e nele participa pela via da palavra, da fala. Lacan questiona, o que é a fala? Responde em seguida: o símbolo. Além de trazer essa questão, ele sugere outra pergunta: o que é a experiência da fala? E como ela ocorre na Psicanálise, na experiência analítica? Explicar essa questão nos remete para uma discussão elementar que versa sobre o que é a própria experiência da Psicanálise que nos faz elaborar a passagem do consciente para o inconsciente e "quais são as forças que dão certa existência ao equilíbrio, e que chamamos de princípio do prazer?" (LACAN, [2005], 2005, p. 16). Lacan responde a essa questão fazendo uma diferenciação do que sejam as satisfações ilusórias - que se estabelecem no registro imaginário - e as satisfações que encontram seu objeto no real puro e simples (LACAN, [2005], 2005, p.p 16-17). Para as primeiras, estas só podem ser encontradas nos registros sexuais fantasiosos e que estão para-além do campo da biologia anatômica instintual reprodutiva, pois lidamos com as fantasias constantemente, porque estas determinam o registro do imaginário. O plano do registro simbólico organiza-se por meio do signo com um efeito como tomada de significante através do símbolo. O caso do *Homem dos Ratos*[96] possibilita a Freud perceber que trata-se de alguma

[96] Ernst Lanzer (1878-1914) procura Freud, em 1907, para se livrar das ideias obsessivas que lhe atormentavam. Essa análise durou nove meses, de outubro de 1907 a julho de 1908. Lanzer tornou-se militar como o seu pai e, em 1901, começou a ter ideias obsessivas mórbidas e sexuais, pois passa a manifestar interesses por funerais e ritos de morte, além de ter um hábito de olhar seu pênis em um espelho para verificar como ele ficava ereto; possuía pensamentos suicidas censurados e, acusações dirigidas contra ele próprio, cujas ideias eram esquecidas por meio de orações. Passou a ter pensamentos de auto-mutilação querendo cortar a garganta ou, às vezes, planejava se afogar. Aos 27 anos de idade, busca um tratamento com um médico psiquiatra, pois queria se livrar de uma compulsão que o remetia a se apresentar numa prova de prática física militar, em cedos horários e despreparado, esse tratamento não segue adiante porque o médico não considera esses sintomas. Em 1907, dois acontecimentos tornam-se importantes para o que ele desenvolve em sua análise com Freud. Em julho, desse

coisa que pode ser traduzida e que faz o sujeito resistir dentro de uma relação simbólica, imaginária e real e que causa no sujeito uma inércia, e que o analista deverá manejar para trazer à tona esses elementos inconscientes. A relação existente entre o paciente e o analista é inscrita por uma relação à três porque nada se interpreta na Psicanálise sem que não passe pelo édipo, Lacan diz:

> Toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário. Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem que realize, em relação ao sujeito, o elemento transcendente graças ao qual sua relação com o objeto pode ser sustentada a certa distância (LACAN, [2005], 2005, p. 33).

Lacan atenta que a culpa, por exemplo, está articulada através das relações imaginária e simbólica, por isso, ele compreende, que a culpa é preferida à angústia, isso significa que os pacientes preferem ficar marcados pela culpa do que pela angústia. Essa última está sempre relacionada a uma

---

mesmo ano, durante exercícios físicos militares na Galícia, ouviu do capitão Nemeczek, uma história de um suplício oriental que subsistia em obrigar o prisioneiro a ficar nu e a se ajoelhar no chão com o dorso curvado para a frente. Nas nádegas do homem fixava-se, por meio de uma correia, um vaso furado onde um rato se agitava dentro, esse rato surgia faminto, atiçado por um pedaço de ferro em brasa que havia sido introduzido em seu reto, provocando-lhe feridas sangrentas. Passadas meia hora desse suplício, o rato e o homem morriam sufocados. Nessa dia, quando ouve essa história, Ernst Lanzer perde seu pincenê durante um exercício, após essa perda, ele telegrafou ao seu oculista, que morava em Viena, pedindo-lhe que enviasse outro óculos pelos correios. Dois dias depois, recebe os óculos e o capitão o informou que ele deveria pagar as despesas dos correios que deveriam ser reembolsadas ao tenente, servidor dos correios. Lanzer se vê obrigado a pagar esse reembolso e, a partir daí, começa a se comportar, delirantemente, em torno do pagamento desse pincenê. Essas duas histórias, dos suplícios e da dívida do pincenê, traz outra lembrança de Lanzer que envolve dinheiro, quando o seu pai possuía uma dívida de jogo, cuja dívida fora paga com o dinheiro emprestado que um amigo da família emprestara a seu pai. Com as associações livres, o Homem dos Ratos, em sua análise com Freud, comenta ser insuportável falar sobre a História dos suplícios; posteriormente, lembra de quando tinha 6 anos de idade e essas lembranças, ele não consegue detalhar. Freud pede que ele continue, Lanzer manifesta uma incapacidade para pronunciar algumas palavras, e Freud questiona, se ele está querendo falar de empalação e Freud enfatiza se ele tem dificuldade de falar sobre os ratos que eram introduzidos no ânus do homem. Os relatos eram ditos por Lanzer acompanhados por expressões complexas e bizarras, tratavam-se de expressões que identificavam o horror ao gozo que o Homem dos Ratos ignorava. Freud relaciona o complexo paterno com a obsessão dos ratos e infere que, Lanzer, aos 6 anos, teria se masturbado e castigado pelo pai. Lanzer aceitou essa interpretação de Freud e lembra de mais uma cena, de quando tinha 4 anos, depois de haver mordido alguém, levou uma surra do pai, depois disso, xinga o pai de vários objetos: lâmpada, guardanapo, e nessa atitude, a partir da transferência na análise, encontra elementos de ódio pelo pai. Freud resolve o enigma e diz que ele havia despertado o erotismo anal de Lanzer ao recordar a cena da mordida, narrada por sua mãe. Lanzer torna-se defensor da punição corporal através dos ratos e o capitão representava o lugar do pai. O rato era o dinheiro e a dívida que se manifestava na análise por uma associação verbal que ele exprimia quando contava os honorários: *florim/rato ou quota/rato*. Para saber sobre os detalhes desse caso clínico ler o artigo *Notas sobre o caso de uma neurose obsessiva* [1909/1992] escrito por Freud. (ROUDINESCO & PLON, [1997], 1998, p.p 463-465).

perda, ou seja, “a uma transformação do eu, isto é, a uma relação a dois a ponto de se esvair e à qual deve suceder outra coisa, que o sujeito não pode abordar sem certa vertigem” (LACAN, [2005], 2005, p. 34). Para Lacan, o registro é isso, não há um terceiro e quando o terceiro é introduzido, quando entra na relação narcísica, abre-se a possibilidade de uma mediação real por intermédio essencialmente do personagem que, em relação ao sujeito, representa um personagem transcendente, em outras palavras uma imagem de domínio por meio da qual seu desejo e sua realização podem se dar simbolicamente (LACAN, [2005], 2005, p. 34). Para um entendimento sobre o que são os três registros, Lacan fornece um quadro com matemas, com o qual ele afirma que toda análise poderia ser escrita dessa maneira, ou seja, poderia ser desenvolvida através desse esquema:

rS – rI – iR – iS – sS –

SI – SR – rR – rS

(LACAN, [2005], 2005, p. 39)

Isso representa, para Lacan, o *rS* é a posição inicial que configura a partida, o início do processo analítico, no qual o analista é “um personagem simbólico que representa uma onipotência e um mestre” que possui um saber sobre uma verdade que o sujeito procura, trata-se do que ele concebe como sendo o sujeito suposto saber. O *rI* trata de um segundo momento no qual o sujeito instaura, narcisicamente, a sua fantasia e, entra em uma certa conduta que é analisada como resistência e que é definida pela seguinte representação gráfica:

<u>IMAGINAÇÃO</u>

IMAGEM

(LACAN, [2005], 2005, p. 39)

O *iI* é a captação da imagem que constitui qualquer realização imaginária enquanto a consideramos instintiva. Depois, temos o *iR*, onde o *I* é transformado em *R*, essa é a fase de resistência negativa, ou mesmo, no limite, de delírio, que existe na análise, e dependendo do desfecho, se o sujeito não psicotizar, ele passa ao *iS*, com o qual haverá o trabalho de elementos que

perfazem a imaginação do símbolo; onde ele imagina o símbolo, por exemplo, trazendo sonhos, pois o sonho é uma imagem simbolizada. O *sS* possibilita uma inversão na qual a simbolização da imagem pode nos fornecer a interpretação que representa a simbolização ao símbolo e o analista maneja isso porque ele próprio já é um símbolo para o paciente. O sujeito forma uma unidade que é um elemento essencial à transferência. O analista passa a ter uma função de simbolizar o supereu que é o símbolo dos símbolos, pois o supereu é uma fala que nada diz, e o analista não possui dificuldade alguma em simbolizá-la. O *rR* é seu trabalho que se designa pela "neutralidade benevolente", da qual se fala "a torto e a direito, e que quer simplesmente dizer que, para um analista, todas as realidades são, em suma, equivalentes, que todas são realidades" (LACAN, [2005], 2005, p. 42). A fase da interpretação na análise acontece, depois da travessia da fase imaginária que é representada pelos matemas *rI – iI – iR – iS*, e a partir daí começa a elucidação do sintoma pela interpretação, *sS – SI*. Posterior a essa fase, temos, o *SR*, que é, "em suma, o objetivo de toda saúde". Aqui, trata-se de o sujeito adaptar-se a um real mais ou menos bem definido ou bem organizado, e de fazê-lo reconhecer, seu próprio desejo, ou seja, fazer-se reconhecer-se pelo pelos seus semelhantes, quer dizer simbolizá-lo (LACAN, [2005], 2005, p. 41). Nessa fase encontramos *rR* que permite-nos chegar ao final da análise que é representado por *rS*, que é aquilo, o ponto inicial no qual partimos, possibilitando a construção do *iS* que é, propriamente, a análise que se estabelece na comunicação dos inconscientes (LACAN, [2005], 2005, p. 41). O que é o real, pergunta Serge Leclaire, após a discussão destas ideias apresentadas. Ao que Lacan, responde: "O real é a totalidade ou o instante esvanecido" (LACAN, [2005], 2005, p. 45), é sempre o choque com alguma coisa, nesse exemplo, o silêncio do analista (LACAN, [2005], 2005, p. 45).

Continuando com a discussão em torno da palavra, a partir do que foi esboçado sobre os três registros em uma relação com a prática e técnica psicanalíticas, vemos que dentre as possibilidades de compreensão sobre a metáfora, que é um elemento importante que constitui a formação das imagens oníricas, e sugere uma discussão em torno da materialização da palavra que não possui relação, segundo Lacan, com a materialização mítica dos neurologistas, mas uma materialização concreta, na qual a "palavra se põe a

correr em folheto manuscrito impresso. A metáfora da página branca, do palimpsesto, por sua vez também aparece" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 208). A questão sobre a palavra está relacionada à resistência porque as pacientes orientam a Freud sobre o manejo da transferência quando ele está, ainda, no início da construção de sua "psicologia", Freud identifica que a contratransferência[97] trata sobre a função do ego do analista. Por outro lado, de um ponto de vista das pacientes, Freud percebe, segundo Lacan, "uma organização de certezas, de crenças, de coordenadas, de referências que constituem, o que Freud chamava, desde a origem, um sistema ideacional, e que podemos de maneira abreviada chamar aqui de sistema[98]" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p.33). Lacan questiona se a resistência vem apenas desse fenômeno que está relacionado à transferência, pois reflete se o limite do domínio da palavra, que é justamente a massa ideacional[99] do eu, representa a soma do silêncio após o qual uma outra palavra surge, cuja palavra que aparece é aquela que trata de trazer à tona o inconsciente, pois o sujeito se separa dessa parte que é excluída de sua história e que sempre vem à tona, como um fenômeno da resistência. Lacan questiona se a resistência é parte importante no tratamento que dificulta o acesso ao inconsciente e conclui que a resistência se estabelece como um vínculo com a transferência e adquire valor seletivo para o sujeito e que ele sente como uma "virada brusca ou uma reviravolta repentina que o faz passar de uma vertente a outra do discurso, de um acento a outro da função da palavra" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 34).

A releitura que Lacan faz de Freud mostra-nos que o sonho traz elementos que formam, por meio da palavra, a história do sujeito. Através da palavra, Freud constrói sua interpretação sobre os sonhos e faz deles

[97] Esse termo surge pela primeira vez em uma carta de Sandor Ferenczi de 22 de novembro de 1908 à Freud. Ele menciona essa expressão que se refere a uma reação do analista aos dizeres do paciente. Freud usa esse termo, pela primeira vez, em uma carta a Jung de 7 de junho de 1909 (ROUDINESCO & PLON, [1997], 1998, p. 133).

[98] Aqui Lacan faz referência ao *Projeto de uma psicologia científica* de Freud [1895/1992/2006], ainda quando Freud elaborava sua teoria sobre os sistemas psíquicos.

[99] A massa ideacional que constitui o eu (ego) tem como objetivo fundamental conservar a vida do sujeito e reunir o conjunto de forças presentes no psiquismo e que se opõem à sexualidade (ELIA,1995). Trata-se da sede das pulsões de auto-conservação (pulsões de vida), cuja característica é defender o psiquismo que se interessa em conservar a vida.

elementos fundamentais para a constituição do deciframento do inconsciente do sujeito. Freud chama a atenção para o texto que o sujeito traz quando fala sobre os sonhos, por exemplo, e afirma que quanto mais incerto e duvidoso para o sujeito, mais ele é significativo para o trabalho analítico. O sonho no ensino de Freud possui a estrutura de uma frase, e, segundo Lacan, quando atentamos à sua letra, trata-se de:

> De um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva" (LACAN, [1966], 1998, p. 268).

Quando o sujeito duvida de algo que ele apresenta, ao falar sobre determinado sonho, Freud fica atento ao que está sendo dito, escuta e espera o que vai ser revelado porque ele valoriza o que surge na fala e o define como importante. Freud alerta-nos para a decifração do sonho que é constituído por sua retórica que é apresentada através da figuras de linguagem diversas, dentre as quais, temos: elipse, pleonasmo, hipérbato, silepse, além dessas figuras, compõem-se também de outros elementos como regressão, repetição, aposição, que configuram os deslocamentos sintáticos presentes nos conteúdos oníricos, já as figuras de linguagem que dizem respeito à metáfora, à catacrese, à antonomásia, à alegoria, à metonímia e à sinédoque, são condensações semânticas pelas quais Freud ensina-nos a ler as "intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico" (LACAN, [1966], 1998, p. 269). Os sonhos revelam a expressão de um desejo, esse desejo é sentido no desejo do outro que nos mostra os motivos pelos quais os sujeitos se reconhecem no outro porque isso significa "não que o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro" (LACAN, [1966], 1998, p. 269). O sonho, para Freud, possui uma função de palavra, pois, para Lacan, Freud pega o "último traço de um sonho que desaparece em um momento preciso em que o sujeito se volta inteiramente para ele" (LACAN, [1966], 1998, p. 269) e, a partir disso, o sonho não é mais do que um traço, um pedaço de sonho, um vocábulo isolado, que reencontramos sua ponta transferencial, ele é aquilo que lhe resta e se

endereça ao outro. No caso exposto anteriormente, na primeira parte deste capítulo, que traz o exemplo da palavra *Signorelli*, o *Herr* mostra-nos que falta algo à palavra de Freud.

Não são apenas os sonhos que são carregados de significantes que movimentam o inconsciente dos sujeitos, os atos falhos e lapsos são importantes para uma compreensão sobre os fenômenos inconscientes de discursos bem-sucedidos nos quais, “para um bom entendedor, meia palavra basta” (LACAN, [1953-1954],1975/1966, p. 269). Freud atenta para aquilo que faz o sujeito duvidar, pois é na dúvida que ele deve ter certeza (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 56). Os atos falhos são atos bem-sucedidos que fazem-nos tropeçar por meio de uma verdade que o sujeito esconde, além dos atos falhos, essa verdade surge em imagens dos sonhos e sintomas que se manifestam por meio de palavras. A verdade surge da equivocação e o sonho é uma charada que revela muita coisa sobre o sujeito. Lacan diz: “A palavra que o sujeito emite vai, sem que ele o saiba, para além dos seus limites de sujeito discorrente - ficando, certo, ao mesmo tempo, no interior dos seus limites de sujeito que fala” (LACAN, [1953-1954],1975/1996, p. 303). O *Seminário XVI: De um Outro ao outro* [1968-1969/2006/2008], Lacan mostra o exemplo que se repetiu, várias vezes, na sessão clínica na qual o paciente dizia que a sua mãe era sua mulher, e toda vez que ele repetia isso, sorria bastante. Para Lacan, essa falha, esse ato falho revela na fala do paciente, algo que é bem-sucedido e ele passa a chamar a sua mãe como aquilo que lhe convinha (LACAN, [1968-1969], 2006/2008, p. 55).

Esse aspecto da teoria leva-nos para a questão sobre o recalque que já foi abordado conceitualmente, no início desse capítulo, e vimos o que foi tratado a partir do exemplo que Freud comenta, ao abordar os seus pensamentos recalcados exemplificados com a palavra *Signorelli*. Com o fenômeno da troca de palavras que vimos com os nomes – *Botticelli*, *Boltraffio*, *Herzegovina* e *Signorelli*, Freud dá-nos uma ideia sobre o que se passa no nível da realidade que é complementado com o sonho quando abordamos o que de fato ocorreu. Com esse exemplo, vimos como a palavra é trabalhada na Psicanálise. Lacan pergunta o que de fato se trata nesse caso? Ele responde:

> Se trata - senão do absoluto, a saber, a morte, que ali está presente,

> e à qual Freud nos diz que preferiu, e não simplesmente por causa do seu interlocutor, não se afrontar muito? Deus sabe também que o problema da morte é vivido pelo médico como um problema de domínio. Ora, o médico, no caso, Freud, como o outro, perdeu - é sempre assim que sentimos a perda do doente, sobretudo quando tratamos dele por muito tempo (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 61).

Freud analisa que a palavra *Signorelli* é relevante porque tudo se concentra na primeira parte dessa palavra e atribue a ela a importância cuja ressonância semântica é material importante para a percepção e compreensão do conteúdo inconsciente presente que essa palavra trouxe. Essa palavra guardava um segredo de Freud que é revelado e ele se dá conta que a palavra o liga ao que fica escondido e vem à tona em um semi-dito. Trata-se de uma palavra que é dita em um não dito que liga Freud ao outro pela palavra que lhe resta como fenômeno do esquecimento recalcado que se manifesta pela degradação da palavra "na sua relação com o outro" (LACAN, [1953-1954],1975/1996, p. 61). Lacan conclui que na medida em que a confissão do sujeito não chega a seu termo que a palavra lança "inteiramente na vertente em que ela se agarra ao outro" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 61). Lacan percebe que quando a palavra se agarra ao outro é porque o sujeito não possui mais saída, pois "aquilo que é impelido em direção à palavra não acedeu a ela" e atenta para a "questão em saber em que nível se produz o agarramento do outro", pois a partir dessa compreensão, na experiência analítica, é necessário entender a dinâmica da transferência porque através dela, compreendemos como o sujeito se constitui estruturalmente (LACAN, [1953-1954],1975/1996, p. 61).

O exemplo da palavra *Signorelli* remete-nos para a questão de quando a palavra falta, quer dizer que ela está ali o tempo todo dominando o inconsciente do sujeito. Lacan pergunta, porque faltou a palavra *Signorelli* a Freud? Lacan, responde:

> Senão porque a conversa que precedia não tinha sido levada ao seu termo, ao seu termo que teria sido o *Herr*, o mestre absoluto, a morte. E afinal, há talvez limites internos para o que se pode dizer, como enuncia Mefistófeles, frequentemente citado por Freud - Deus não pode ensinar aos seus meninos tudo o que Deus sabe. O recalque é isso. Cada vez que o mestre para na via do seu ensinamento por razões que dependem da natureza do seu interlocutor, já existe um recalque (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 306).

A palavra na Psicanálise se agarra ao outro e é mediada entre o sujeito e o outro e, é implicada na realização do outro na mediação da mesma. Lacan diz que trata-se de um elemento essencial da realização da relação que une o sujeito e o outro. Com o exemplo de Freud, a palavra nos dá uma característica particular que é a revelação e não simplesmente uma expressão que define as coisas, ela constitui a operação significante. E o importante nessa acepção sobre a revelação é que ela é importante para revelar os conteúdos inconscientes que subjazem à história do sujeito e, portanto, a seu inconsciente (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 61). A partir disso, vemos que o inconsciente do sujeito é o discurso do outro que apresenta-se na experiência da Psicanálise. Temos, portanto, segundo Lacan:

> Coincidência das colocações do sujeito com fatos de que ele não pode estar informado, mas que continuam a se mover nas ligações de uma outra experiência em que o psicanalista é interlocutor – coincidência também, na maioria das vezes, constituída por uma convergência totalmente verbal ou homonímica, ou que, quando inclui um ato, trata-se é de um *acting out* de um paciente do analista, ou de um filho em análise do analisado. Casos de ressonância em redes comunicantes de discurso, cujo estudo exaustivo esclareceria os fatos análogos apresentados pela vida cotidiana (LACAN, [1966], 1998, p. 266).

No *Seminário I: Os escritos técnicos de Freud* [1953-1954/1975/1996] Lacan comenta que escreveu o artigo *Função e campo da palavra e da linguagem* [1953/1966/1998] uma das questões centrais, nesse artigo, está em torno da palavra revelação, pois Lacan afirma que Freud não utiliza o termo expressão e sim revelação, e ela movimenta a experiência analítica, pois o fenômeno da resistência surge quando a palavra revelada, inconscientemente, para o sujeito não é dita. Nesse *Seminário* [1953-1954/1975/1996], Lacan diz que a resistência estende os seus resultados no sistema do eu, “na medida em que o sistema do eu não é nem mesmo concebível sem o sistema” (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 63). O eu é o outro, ele constitui-se a partir dessa relação ao outro e a resistência materializa-se no sistema dessa relação entre o eu e o outro. O *Seminário II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955/1978/2010], mostra-nos que o eu está implicado em um jogo de símbolos, em um mundo simbólico, no qual “o homem é descentrado” e

a palavra faz o homem mergulhar no universo simbólico a partir de um objeto de troca no qual a gente se reconhece.

A resistência surge da impotência que o sujeito possui para desembocar no dominío da realização da sua verdade. Lacan afirma que nesse ato de impotência, através das fixações que o sujeito consolida seu caráter e sua estrutura, e nessa relação ao outro, o sujeito projeta o ato da palavra (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 63).

O analista encontra-se em uma posição paradoxal, Lacan alerta, pois quando a palavra é mais plena, ele pode intervir, Lacan, questiona: “intervir em quê?” Ele responde:

> Quanto mais íntimo é o discurso para o sujeito, mais eu me centro nesse discurso. Mas o inverso é igualmente verdadeiro. Quanto mais o seu discurso é vazio, mais sou levado, também eu, a me agarrar ao outro, isto é, a fazer o que se faz o tempo todo, nessa famosa análise das resistências, a procurar o além do seu discurso - além, reflitam bem, que não está em parte alguma, além que o sujeito tem de realizar, mas que justamente não realizou, e que é então feito de minhas projeções, no nível em que o sujeito o realiza naquele momento (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 64).

Lacan chama a atenção para os perigos das interpretações ou das imputações intencionais, pois, para ele, ambos, verificadas ou não, são mais verificáveis do que qualquer sistema de projeções[100] e esse é um dos problemas que dificultam o trabalho analítico. A interpretação das resistências leva-nos para a dificuldade em entender como ocorre as relações possíveis entre a intervenção da palavra que é a interpretação, e o nível do ego (eu), na medida em que esse nível implica sempre, correlativamente, o analisado e o analista. Lacan questiona como a função da palavra contribui para o manejo da experiência analítica.

Em um momento da análise, através do fenômeno da transferência, o sujeito vai tentar captar no outro um jogo no qual a palavra passa mesmo para uma função simbólica que implica em uma satisfação pulsional mais profunda. Trata-se de algo no qual o sujeito se libera e chega a fazer exatamente o que

[100] Na Psicanálise o termo projeção foi usado por Freud, inicialmente, no ano de 1895 no artigo *Esboço H*, quando ele estava desenvolvendo uma compreensão sobre o que era o fenômeno da paranoia. A projeção é vista como um mecanismo de defesa que faz o sujeito projetar sentimentos diversos em uma pessoa ou pessoas diversas amenizando os delírios persecutórios da paranóia.

lhe agrada, pois, no artigo supramencionado dos *Escritos* [1966/1998], Lacan traz a noção da função da palavra que se configura na oposição da palavra vazia e da palavra plena. Esta última, na medida em que realiza a verdade do sujeito e, a palavra vazia, está ligada "àquilo que tem que fazer *hic et nunc* com seu analista, em que o sujeito se perde nas maquinações do sistema da linguagem, no labirinto dos sistemas de referência que lhe dá o estado cultural em que, mais ou menos, toma parte" (LACAN, [1953-1954], 1975/1966, p. 63).

O artigo *Função e campo da fala e da linguagem* [1966], também traduzido em algumas versões portuguesas para *Função e campo da palavra e da linguagem* [1953/1966/1998], traz essa discussão em torno da palavra vazia e da palavra plena. Na primeira parte do artigo sobre *Palavra vazia e palavra plena na realização psicanalítica do sujeito* [1953/1966/1998], Lacan observa que toda palavra necessita de uma resposta (LACAN, [1966], 1998, p. 248). Ele tem o cuidado de mostrar que mesmo, no silêncio, o sujeito fala, exprime palavras, desde que o sujeito tenha um ouvinte, no silêncio ele fala e a análise possui uma importância para uma compreensão sobre o que está sendo dito, mesmo durante o silêncio. Lacan diz:

> Mas, se o psicanalista ignorar que é isso que se dá na função da fala, só fará experimentar mais fortemente seu apelo, e se é o vazio que nela se faz ouvir inicialmente, é em si mesmo que ele o experimentará, e é para-além da fala que irá buscar uma realidade que preencha esse vazio (LACAN, [1966], 1998, p. 249).

Quando o sujeito não diz e fica para-além do vazio de seu dito o que isso significa? Não trata-se de introspecção, temos um apelo à verdade e um apelo próprio do vazio, e o trabalho do analista é importante porque tira o paciente do vazio da palavra e com a palavra que o sujeito profere o faz enxergar que ele é sustentado por um discurso no qual ele está inteiramente implicado na cadeia dos significantes, como vimos anteriormente na discussão sobre a operação significante.

A palavra vazia nos dá a impressão que o sujeito fala em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo. A fala é objeto essencial para a compreensão da teoria e da técnica psicanalítica e serve de volante ao movimento da análise, inclusive quando a palavra é vazia, isso para a Psicanálise não vale de nada.

O aspecto da palavra que constitui a fala plena, ou palavra plena para algumas traduções em língua portuguesa, nos leva para o outro extremo da experiência analítica que é a valorização da anamnese "como índice e como mola do progresso terapêutico" que se configura na "intra-subjetividade obsessiva, a inter-subjetividade histérica, na análise da resistência, a interpretação simbólica" (LACAN, [1966], 1998, p. 255). Para Freud não trata-se de uma anamnese biológica e nem de "paramnésia do sintoma, mas de rememoração, isto é, de história, fazendo assentar unicamente sobre a navalha das certezas da data a balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro" (LACAN, [1966], 1998, p. 257). Para Lacan, a função da palavra plena é reordenar as contigências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes (LACAN, [1966], 1998, p. 257).

A palavra plena visa a verdade tal como eIa estabelece-se no reconhecimento de um pelo outro, ou seja, do paciente e do analista, ela faz ato e se põe como causa na relação analítica. Em relação à técnica da Psicanálise, Lacan chama a atenção para uma contradição, pois se o método psicanalítico visa atingir a palavra plena e ela deverá ser alcançada pela técnica fundamental da Psicanálise que é a associação livre das ideias, ou seja, falar livremente tudo que lhe vier à mente, isso significa que o sujeito parte de uma via oposta ao que é empregado pela regra fundamental, pois na medida em que o sujeito deve falar tudo que lhe vem à mente, algo já implica que não poderá ser dito. As associações livres possibilitaram a Freud atribuir o sentido daquilo que deve ser dito, falado, contado por meio das confluências que destacam-se no texto dos sonhos por exemplo e que trazem nesses textos, o recalque que surge na compreensão de palavra por palavra, frase a frase, chegando até uma compreensão sobre os chistes, os trocadilhos. Esse conteúdo recalcado surge do inconsciente, cujas palavras que daí derivam, mostram uma lógica de compreensão que até então, ninguém na Filosofia havia dado importância.

Lacan comenta que o behaviorismo[101] não valoriza a palavra como

[101] O behaviorismo ou Psicologia comportamentalista é uma área da Psicologia que estuda o comportamento. Surgiu em 1913 com o artigo, *Psicologia: como os behavioristas a vêem,* escrito pelo psicólogo americano John Watson [1878-1958]. Sua marca fundamental é a

instrumento importante que deva ser levado em consideração, pois, para ele, a conscientização que essa teoria psicológica determina não deve ser vista como algo que mereça confiança porque não valoriza a verbalização que os pacientes trazem para as sessões de psicoterapia.

Lacan afirma que os psicanalistas possuem uma capacidade de conhecer o poder das palavras, pois, para ele, a lei do homem é a lei da linguagem, ele sugere:

> Desde que as primeiras palavras de reconhecimento presidiram os primeiros dons, tendo sido preciso haver os detestáveis daneses, que vinham e fugiam pelo mar, para que os homens aprendessem a temer as palavras enganosas com os dons sem fé. Até então, para os pacíficos Argonautas que uniam pelos laços de um comércio simbólico as ilhotas da comunidade, esses dons, seu ato e seus objetos, sua instituição como signos e sua própria fabricação estavam tao misturados com a fala que eram designados por seu nome. Será nesses dons, ou então nas senhas que neles harmonizam seu contra-senso salutar, que começa a linguagem com a lei? Pois esses dons já são símbolos, na medida em que símbolo quer dizer pacto e em que, antes de mais nada, eles sao significantes do pacto que constituem como significado: como bem se vê no fato de que os objetos da troca simbólica - vasos feitos para ficar vazios, escudos pesados demais para carregar, feixes que se ressecarão, lanças enterradas no solo - são desprovidos de uso por destinação, senão supérfluos por sua abundância (LACAN, [1996], 1998, p. 273).

A palavra no ensino de Lacan é vista como uma presença feita de ausência e, a ausência foi percebida por Freud quando em um momento original, a brincadeira do *fort-da,* fez Freud enxergar o que de fato ocorria com o seu neto. Lacan chama a atenção que essa relação existente entre a presença e a ausência, faz-nos interpretar como é composto o sentido da língua e como as coisas são nomeadas, dispostas. Para Lacan, as palavras criam as coisas, nomeiam as coisas, "nos confundem no *hic et nunc* do todo em devir, dando um ser concreto à essência delas e dando lugar, por toda parte, àquilo que é desde sempre: *Kthéma es aei*[102]" (LACAN, [1966], 1998, p. 302).

---

valorização do estudo do comportamento como uma forma funcional e reacional dos seres vivos em geral.

[102] Essa expressão foi utilizada pelo historiador grego Tucídides [460-395 a.C] na obra *História da Guerra do Peloponeso* [431 a.C] e significa "um tesouro, um bem para sempre, uma aquisição definitiva", Lacan se refere aqui, nos mostrando que a palavra é esse bem que o sujeito possui como um grande tesouro.

Para Lacan, a fala é um dom da linguagem e a linguagem não é imaterial, ela é um corpo sutil com o qual o sujeito as retira das imagens corporais que cativam o sujeito, assim temos, por exemplo, segundo Lacan, as palavras podem engravidar as histéricas, podem "identificar-se como o objeto do *Penis-neid*[103], podem representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento" (LACAN, [1966], 1998, p. 302) Além dessa materialidade realizada no corpo, as palavras podem sofrer lesões simbólicas, realizar os atos imaginários dos quais o paciente é o sujeito. A exemplo disso, Lacan traz o caso do *Homem dos Lobos*[104] que, com a "*Wespe*

[103] Esse termo aparece na obra de Freud, em 1908, quando ele escreve o artigo *Sobre as teorias sexuais das crianças*, significa inveja do pênis nas meninas que revela a relação primitiva da mulher com a mãe, que no complexo do Édipo vai configurar um ciúme da menina em relação à mãe que sente inveja do menino por não possui o pênis. Depois, nos anos de 1920, há uma mudança em relação à esse termo e Freud identifica que os destinos dessa inveja primitiva na vida posterior configura em ódio na vida adulta. Lacan retoma essa discussão do *penisneid* no *Seminário V: Sobre as formações do inconsciente* [1957-1958/1998/1999] e apresenta três aspectos diferentes que vai dar entrada no complexo do Édipo até a saída dele. O primeiro aspecto se refere à fantasia que imagina que o clitóris seja um pênis, e a partir disso, o sujeito se vê diante de uma castração simbólica em relação a um objeto que é composto no imaginário. Segundo, o *penisneid*, provoca uma frustração que se apresenta no campo do imaginário, mas se refere a um objeto real e, por fim, surge "como um desejo de um filho do pai, de possuir seu pênis sob uma forma simbólica. O sujeito se encontra diante de uma privação real de um objeto simbólico" (DRUMMOND, 2011, p.p 6-7).

[104] *O Homem dos Lobos* (Serguei Pankejeff [1887-1979]) é um caso clássico de Freud apresentado no artigo *História de uma neurose infantil* [1918/1992]. Freud escreve uma carta a Sandor Ferenczi, em 1910, que comenta sobre esse caso: "O jovem russo rico que recebi, por causa de uma paixão amorosa compulsiva, confessou-me, após a primeira sessão, as seguintes transferências: judeu escroque, ele gostaria de me agarrar por trás e me cagar na cabeça. Aos 6 anos de idade, o primeiro sintoma manifesto consistiu em injúrias blasfematórias contra Deus: porco, cachorro, etc. Quando via três punhados de cocô na rua, sentia-se mal, por causa da Santíssima Trindade, e procurava ansiosamente um quarto punhado para destruir a evocação." Dentre as associações elaboradas por Serguei, Freud comenta esse sonho que foi importante para a compreensão dessa neurose: "sonhei, que era noite e eu estava saindo de minha cama (…) De repente, a janela se abriu sozinha e, com enorme susto, vi que havia uns lobos sentados na grande nogueira em frente à janela. Eram uns seis ou sete. Os lobos eram inteiramente brancos e mais pareciam raposas ou cãs pastores, pois suas caudas eram compridas como as das raposas e eles tinham as orelhas em pé, como os cãs quando prestam atenção a alguma coisa. Com grande medo, obviamente, de ser devorado pelos lobos, gritei e acordei." Esse sonho torna-se um instrumento importante para os anais de psicanálise, pois Freud cria uma cena primaria a partir desse relato clínico, temos: Em uma tarde de verão, o pequeno Serguei, aos 18 meses de idade, com malária, dormia no quarto de seus pais, para onde também eles se retiraram desnudos, com o próposito de fazerem a sesta. Às cinco da tarde, com muita febre, Serguei acordou e fixamente, olhou os seus pais, trajados com roupas íntimas brancas, ajoelhados sobre lençóis brancos, entregaram-se três vezes a relação sexual dorsal: reparando nas genitálias dos pais e no prazer estampado no rosto da mãe, o bebê passivo, começou a chorar e interrompeu o ato sexual dos pais. Dois outros episódios que ocorreram na vida de Serguei foram objetos de interpretações. A primeira são as nádegas de Gruscha que foram comparadas a asas da vespa e, depois, o número V romano, que remetiam aos cinco lobos do sonho e à hora em que teria ocorrido a relação sexual dos pais. (ROUDINESCO & PLON, [1997], 1998, p.p 564-567).

(vespa), castrada de seu W inicial, se transforma nas iniciais de seu nome S.P, curiosamente, no mesmo momento em que ele realiza a punição simbólica de que foi objeto por parte de Grucha, a vespa" (LACAN, [1966], 1998, p. 302). Lacan também traz o exemplo do *Homem dos Ratos* que por meio da letra S, passa a constituir o resíduo da fórmula hermética em que condensaram-se as invocações conjuratórias dele, pois, Freud extraiu de seu código o anagrama do nome de sua amada, e que, conjugado ao amém terminal de seu dardejamento, inunda eternamente o nome da dama com o jato simbólico de seu desejo impotente (LACAN, [1996], 1998, p.p 302-303).

Sobre a análise do *Homem dos Lobos,* Lacan refere-se à palavra lobo pronunciada por ele, para o paciente que diz que é o lobo, revela um eu caótico no qual a palavra é interrompida, mas a própria palavra lobo poderá indicar ao sujeito um lugar e nele se constituir com um novo eu a ser encontrado (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 125).

Lacan comenta sobre o texto de Freud escrito em 1925, *Die Verneinung*[105], que trata sobre questões estruturais do pensamento em uma relação com o mecanismo de denegação na clínica e que, segundo Lacan, trata-se de uma privação originária que marca o sujeito e, através de um buraco estrutural, que marca a falta, pois aqui, Lacan sugere, que "cada palavra merece ser medida pela sua incidência precisa, seu acento, sua vez particular, merece ser inserida na mais rigorosa análise lógica" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p.p 70-71).

Para apreendermos a questão sobre o simbólico, Lacan traz o exemplo da palavra complexo que, segundo ele, Jung é quem elabora esse conceito e não Freud. O inconsciente nos oferece estruturas e situações organizadas e complexas e daí surge o termo complexo, cujo modelo padrão de complexo de Édipo, Freud nos forneceu. Quando vamos à descoberta do inconsciente, o que encontramos são situações estruturadas, organizadas, complexas. Freud deu-nos o primeiro modelo, o padrão, no complexo de Édipo. O complexo de Édipo faz-nos perceber os problemas e as ambigüidades múltiplas que ele comporta. Lacan afirma:

[105] Esse conceito na Psicanálise freudiana significa um mecanismo de defesa que o sujeito utiliza para negar um desejo ou ideia que ele recalca.

> Todo o desenvolvimento da análise, em suma, foi feito pela valorização sucessiva de cada uma das tensões implicadas nesse sistema triangular. Só isso já nos força a ver nele coisa inteiramente diversa do bloco maciço que se resume na formula clássica - atração sexual pela mãe, rivalidade com o pai" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 81).

A estrutura edipiana é profundamente dissimétrica, desde a origem, haja vista a relação que liga o sujeito à mãe que é diferente da relação que liga o sujeito ao pai, ou a relação narcísica ou imaginária com o pai é diferente da relação simbólica, e a diferença, também, da relação que chamamos de real. Lacan diz: "Tudo isso mostra suficientemente a complexidade da estrutura, e que não é inconcebível que uma outra direção de pesquisa nos permita elaborar o mito edipiano melhor do que o foi até aqui" (LACAN, 1953-1954],1975/1996, p. 81). O desenvolvimento do sujeito se dá na medida em que o sujeito se integra ao sistema simbólico, e nele se exercita a fim de encontrar uma palavra verdadeira que o constitui como sujeito.

Em relação ao simbólico, Lacan insiste dizendo que convém analisar o que ouvimos para podermos intervir na análise pela via da interpretação, pois a palavra pode exprimir o ser do sujeito, mas, em até certo ponto, pois poderá não chegar nunca a apreender o ser do sujeito. Lacan questiona: como se situam, em relação à palavra, todos esses afetos, todas essas referências imaginárias que são comumente evocadas quando se quer definir a ação da transferência na experiência analítica?" Ele responde: a relação simbólica define a posição de como o sujeito se vê no mundo. Para ele, a palavra, possui uma função simbólica que define "o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário. A distinção é feita nessa representação entre o *Ideal-Ich*[106] e o *Ich-Ideal*[107]", traduzidos, respectivamente por ideal do eu e eu ideal" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 165).

A palavra e o conceito para Lacan são a mesma coisa, diferente de

[106] O ideal do eu na teoria freudiana aparece nos seus estudos sobre metapsicologia, esse conceito refere-se a diferenciação entre o mundo e o eu, ou o ego, cuja diferenciação o eu é "tomado como objeto amoroso em substituição ao narcisismo primário, que foi a primeira unidade na qual operou a clivagem entre gozo e angústia; isso implica numa renúncia à onipotência infantil e abre caminho para a assunção de novos ideais, calcados sobre os modelos parentais e os esteriótipos sociais" (RAFFAELLI, 2007, p. 3).

[107] Em uma perspectiva lacaniana, eu-ideal leva-nos para um outro caminho, ele configura as relações imaginárias nas quais os sujeitos irão identificar as suas fantasias.

como percebemos em Koselleck. Lacan diz: “A palavra ou o conceito não é outra coisa para o ser humano do que a palavra na sua materialidade. É a coisa mesma. Isso não é simplesmente uma sombra, um sopro, uma ilusão virtual da coisa, é a coisa mesma” (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 206). A partir dessa afirmação, ele traz-nos o exemplo da palavra elefante para que possamos refletir sobre o real em seu ensino. Para ele, a palavra elefante existe na língua porque:

> O elefante entra assim nas suas deliberações, que os homens puderam tomar em relação aos elefantes, antes mesmo de tocá-los, resoluções muito mais decisivas para esses paquidermes do que o que quer que lhes tenha acontecido na sua história - a travessia de um rio ou a esterilização natural de uma floresta. Só com a palavra elefante é a maneira pela qual os homens a usam, acontecem, aos elefantes, coisas, favoráveis ou desfavoráveis, fastas ou nefastas - de qualquer maneira, catastróficas - antes mesmo que se tenha começado a levantar em direção a eles um arco ou um fuzil. Aliás, é claro, basta que eu fale deles, não há necessidade de que lhe estejam aqui, para que estejam aqui, graças à palavra elefante, e mais reais do que os indivíduos - elefantes contingentes (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p.p 206-207)

Para Lacan, a palavra possui uma função que ele apresenta no *Seminário I: Os escritos técnicos de Freud* [1953-1954/1975/1996]. Nesse *Seminário*, ele mostra-nos que a palavra possibilita ao homem ser homem porque assim o sujeito se concebe, pois aqui, temos a concepção articulada do que é o imaginário para o ensino lacaniano. O imaginário constitui-se a partir das relações de fantasia que o sujeito atribui para si quando ele toma para si e descreve quem ele é, como ele é, o que ele faz. Essas questões respondidas remetem-nos para o campo do imaginário na acepção lacaniana. Lacan usa uma metáfora que afirma que a palavra “é a roda de moinho por onde incessantemente o desejo humano é mediatizado” e o faz entrar no sistema da linguagem (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 208). Quando falamos de algo sem cessar, frequentemente e às vezes até de maneira confusa, são questões que revelam como as relações imaginárias por nós são construídas e que fundamentam a construção do nosso eu e essa construção nos leva para o campo do imaginário que constitui a relação entre o sujeito e o Outro, representada pelo matema lacaniano 0-0 e que Lacan explica como isso ocorre com o sujeito no artigo dos *Escritos* [1966/1998] *O estádio do espelho como formador da função do eu* [1936/1966/1998].

Nesse artigo temos a discussão da relação imaginária da criança que vai possibilitar seu desenvolvimento na medida em que ela aparece no mundo em estado prematuro, e a partir disso, observaremos como ela se constitui estruturalmente por meio das relações libidinais primitivas de sua imagem no universo que a circunda. Lacan afirma que isso se trata do "grande X de toda a teoria analítica" pois nos leva para o campo de compreensão de como o sujeito se constitui estruturalmente.

Nessa perspectiva de de-cifrar como o sujeito constitui seu eu, a Psicanálise atribui importância à palavra porque ela, segundo Lacan, é a dimensão por onde o desejo do sujeito é integrado no plano simbólico, pois o plano simbólico, é diferente do imaginário, ele constitui a formulação na qual o sujeito se nomeia diante do outro, representando o desejo através do reconhecimento no sentido pleno do termo. Freud reconhece *Dora*[108] frente ao

[108] O caso Dora foi apresentado por Freud nos artigos que compõem os *Estudos sobre a histeria* [1905/1992], em seu *Fragmento da análise de um caso de histeria* [1905/1992]. Esse caso é visto como o primeiro grande caso analisado por Freud. Temos a história de Ida Bauer, filha caçula de uma família judia abastada. Elizabeth Roudinesco [1944-] e Michel Plon [s/d] resumem o caso assim: "um marido fraco e hipócrita engana sua mulher, uma dona de casa ignorante, com a esposa de um de seus amigos, conhecida numa temporada de férias em Merano. A princípio enciumado, depois indiferente, o marido enganado tenta, de início, seduzir a governanta de seus filhos. Depois, apaixona-se pela filha de seu rival e a corteja durante uma temporada em sua casa de campo (…) Horrorizada, esta o rejeita, pespega-lhe uma bofetada e conta a cena a sua mãe, para que ela fale desse assunto com seu pai. Este interroga o marido da amante, que nega os fatos pelos quais é recriminado. Preocupado em proteger seu romance extraconjugal, o pai culpado faz com que a filha passe por mentirosa e a encaminha para tratamento com um médico que, alguns meses, prescrevera-lhe um excelente tratamento contra a sífilis" (ROUDINESCO & PLON, [1997], 1998, p. 51). Essa história gira em volta da introspecção de Ida bauer e constitui a patologia que a atormentará por trás de uma aparente normalidade. Dora procura tratamento com Freud em outubro de 1901, cujo tratamento dura onze semanas, pois estava apresentando vários sintomas, tais como enxaqueca, tosse convulsiva, afonia, depressão, tendências suicidas. Dora tinha conciênscia do erro paterno e da mentira em que se apoiava a vida familiar, ela havia rejeitado as propostas amorosas que Hans Zellenka (Sr. K) lhe fizera e o esbofeteia, depois, fora reprovada por Pepina Zellenka (Sra. K), que suspeitava que ela estava lendo livros pornográficos. Freud, através de dois sonhos: um que se referia a um incêndio na residência da família e outro à morte do pai, reconstituiu a verdade inconsciente da história de Dora. O primeiro sonho revela que a paciente se masturbava e, também, *estava apaixonada pela pela Sra. K*, por isso, havia pedido ao pai, inconscientemente, que a protegesse da tentação desse amor. O segundo sonho, permitiu que Freud descobrisse a investigacao sobre a geografia sexual de Dora, revelando a ela, o conhecimento da vida sexual do adultos. Após sua análise com Freud, Ida Bauer (Dora) conseguiu se vingar da humilhação sofrida, pois fez a Sra. K confessar o romance com seu pai e levou o Sr. K a confessar a cena de sedução que *havia sido descrita pelo seu pai como uma mentira*. Casa-se em 1903 com Ernst Adler, músico que trabalhava com seu pai, tem um filho com ele, também músico que fez carreira musical nos Estados Unidos. Em 1923, Dora *apresenta alguns sintomas como*: vertigens, zumbidos, insônia, enxaqueca, e chama Felix Deutsch* para lhe contar a sua história, com ele ela fala sobre o egoísmo dos homens, fala sobre suas frustrações, e de sua rigidez, e ele lembra que se trata de Dora, a ex-paciente de Freud, depois, desse contato com a escuta de Felix Deutsch, Dora, esqueceu a doença, e

desejo que era o componente homossexual na sua história; ele nos mostrou, segundo Lacan, que a palavra deve:

> Ser encarnada na própria história do sujeito. Se o sujeito não a encarnou, se essa palavra é amordaçada e, se encontra latente nos sintomas do sujeito, devemos nos entregá-la, como a Bela adormecida no bosque, ou não? Se não devemos entregá-la, façamos então uma análise do tipo análise das resistências" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p.p 213-214).

Para Lacan, a palavra instaura na realidade a mentira. Ele chama a atenção para o plano simbólico porque afirma-nos que a palavra introduz o que é e o que não é, pois antes da palavra, nada é e nem não é. A palavra determina como as coisas são e como elas não são, pois as palavras mostram o que são as coisas falsas e as coisas verdadeiras, pois antes da palavra, não há o falso e o verdadeiro. Concluímos, portanto, que para o ensino de Lacan, a noção do ser mostra-se inapreensível tal como a palavra, propriamente dita é, pois, o verbo ser, só existe no registro da palavra.

Lacan diz que é na dimensão do ser que os três registros, o simbólico, o imaginário e o real, são situados, cujas categorias são fundamentais para compreendermos a nossa experiência. Lacan sugere:

> É somente na dimensão do ser, e não na do real, que podem se inscrever as três paixões fundamentais - na junção do simbólico e do imaginário; essa fenda se vocês quiserem, essa aresta, que se chama o amor - na junção do imaginário e do real, o ódio - na junção do real e do simbólico, a ignorância. (...) Ora, essas duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem essa terceira, que se negligencia, e que não se nomeia entre os componentes primários da transferência - a ignorância enquanto paixão. O sujeito que vem para a análise se coloca entretanto, como tal, na posição daquele que ignora. Nenhuma entrada possível na análise sem essa referência – não se diz isso nunca, não se pensa nisso nunca, quando ela é fundamental (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 308).

De um ponto de vista do real, Lacan diz: "é com a dimensão da palavra que se cava no real a verdade, cava-se no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 261). Lacan sugere: "A

---

orgulha-se de ter sido paciente de Freud (grifos meus ROUDINESCO & PLON, [1997], 1998, p. 52-53).

*Felix Deutsch [1884-1964] foi um médico e psicanalista vienense que fez o primeiro diagnóstico do câncer de boca de Freud, era amigo do filho de Freud, Martin Freud, e por meio da organização de estudantes sionistas, que ele havia criado, conheceu o filho de Freud e posteriormente, Sigmund Freud.

palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantêm e oscilam, são exatamente correlativos. Como pode ele ligá-los a esse registro do deslocamento no qual a transferência foi amplificada?" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 261). Ao que Lacan responde com o exemplo da paciente que falava bastante nas sessões clínicas quando fora analisada por Michaël Balint[109]. A paciente dizia que quando alguma coisa a perturbava muito ela preenchia esse vazio falando qualquer coisa. Um dia, em uma de suas sessões, Balint mexe nisso que ela resiste em falar e ocorre uma virada, segue o comentário de Lacan sobre o caso:

> Não quer dizer que recebeu de um médico dos seus amigos uma carta de recomendação para um emprego, que dizia dela que era uma pessoa perfeitamente *trustworthy*. Momento pivô a partir do qual ela gira em torno de si mesma, e vai poder engajar-se na análise. Balint chega, com efeito, a fazer a paciente confessar que, desde sempre, é justamente disto que se trata para ela – não se deve considerá-la como *trustworthy*, quer dizer, como alguém que as suas palavras engajam. Porque, se as suas palavras engajam, será preciso que ela se ponha a trabalhar como o escravo de há pouco, que entre no mundo do trabalho, isto é, da relação adulta homogênea, do símbolo, da lei. É claro. Desde sempre, ela compreendeu muito bem a diferença que há entre a maneira pela qual se acolhem as palavras de uma criança e aquela pela qual se acolhem as palavras de um adulto. Para não ser engajado, situado no mundo dos adultos, em que sempre se está mais ou menos reduzido à escravidão, ela fala para não dizer nada e mobilia as sessões com vento (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p.p 261-262).

A Psicanálise lida com a palavra a partir de um processo de operacionalização da rede dos significantes, quando as coisas não vão bem para o paciente, o psicanalista trabalha com o intuito de arrancar palavras para que o sujeito vença as resistências e faça delas seu ponto de virada, ligando o sujeito as suas contradições, fazendo-o assinar o que diz, e o engajando a uma dialética. Lacan diz que a palavra na transferência, a partir do exemplo da paciente de Balint, trata de uma função do simbólico e liga, por meio de um pacto, os sujeitos em relação aos outros numa ação, nesse caso, paciente e

[109] Michaël Balint [1896-1970], foi um psicanalista e bioquímico húngaro, amigo de Jacques Lacan. Construiu a teoria sobre as relações objetais que afirmava que essas relações eram sempre libidinais nas relações entre mãe e filho. Cria três tipos de zonas mentais que são assim definidas: zona edípica que envolve três pessoas e já está, a criança, no campo da linguagem. A segunda zona refere-se à zona da falha básica, na qual a criança se relaciona com duas pessoas e ainda não alcançou o domínio da verbalização, ou seja, se encontra no domínio pré-verbal e, a terceira, trata-se da zona de criação na qual o sujeito está sozinho no mundo e cria o seu eu através do *self*.

analista. Os homens fundamentam-se através do universo simbólico que é representado pelas leis e contratos. Balint, como analista, faz girar transferencialmente, a situação entre ele e a paciente. A partir desse dia, quando a virada acontece, a paciente começa a observar como ela se comporta nos lugares, começa a ter confiança em suas atitudes diante do mundo que lhe é posto e que ela tinha dificuldade de enfrentar. A virada que ocorre na transferência faz a paciente agir em torno da relação simbólica que lhe acometia e causava o sintoma que sempre fazia com que essa paciente fosse despedida dos empregos que ela arrumava. Lacan afirma que a transferência carrega incidências, projeções, articulações imaginárias e se situa inteira na relação simbólica que implica em "panos de fundo ambíguos, que vão até o momento do inefável, em que não pode mais se dizer, se fundar, ela mesma, enquanto palavra" (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 263). A experiência psicanalítica consiste em regras paradoxais porque trata de um diálogo que se sustenta como um monólogo e se desenvolve, segundo uma regra do jogo, que está sustentada na ordem simbólica. Com o exemplo de Balint, apreendemos como ocorre o registro simbólico na análise, ou seja, como entender qual o uso que cada pessoa faz da palavra. Ou qual o uso que a palavra faz da pessoa.

A posição do analista, no caso exemplificado, orienta-nos para uma compreensão de como ocorreu uma transformação da situação analítica na qual a paciente falava sem parar e sem estabelecer conexões com seus sintomas e cujas palavras foram importantes para fazer esse giro de volta no caso analisado; Lacan afirma:

> A palavra institui-se como tal na estrutura do mundo semântico que é o da linguagem. A palavra não tem nunca um único sentido, o termo, um único emprego, toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado - se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão o conceito (LACAN, [1953-1954], 1975/1996, p. 275).

A discussão sobre o conceito, realizada anteriormente, a partir do preceito hegeliano de que o conceito é o tempo, Lacan atenta que a palavra deve ser analisada por andares para que nela possamos encontrar os múltiplos

sentidos existentes, pois o que se revela por último, é o sentido último da palavra do sujeito diante do analista mostrando a relação existencial do sujeito diante do objeto de seu desejo. Analisar a palavra em seu sentido mais-além, leva-nos para um nível onde ele é mais profundo. A palavra possui um limite inefável que resulta na ressonância existente em todos os sentidos, pois, é ao ato mesmo da palavra que somos reenviados, cujo valor desse ato faz a palavra ser vazia ou plena e para a Psicanálise, na transferência, o que importa é saber em qual ponto da sua presença a palavra é plena (LACAN, [1953-1954], 1996, p. 277).

O *Seminário III: As psicoses* [1955-1956/2002], a palavra é vista como um fenômeno que está relacionado às formas patológicas e ou aos aspectos normais da fala, mas, na psicose, o sujeito além de ouvir a si mesmo quando fala, também ouve vozes delirantes que constituem sua estrutura paranóica. Lacan critica o fato de que algumas teorias da comunicação[110] concebem a ideia de que o fenômeno da fala dá-se através da ideia de emissor, receptor, e alguma coisa que passa nesse intervalo entre um e outro. Lacan afirma que as ditas teorias da comunicação, esquecem que a fala humana, nessa relação existente entre o receptor e o emissor, não se dá conta de que o emissor é sempre um receptor, que ouvimos o som de nossas próprias palavras. E a psicose delirante, muitas vezes, trazem à tona o fenômeno alucinatório que os pacientes psicóticos dizem ouvir vozes que lhes atormentam, como ocorreu com Schreber.

Quando Schreber diz que ouve as vozes dos raios divinos, segundo Lacan, o que é dito por Schreber deve ser levado em consideração, porque isso remete a ideia de que a alma dos nervos se confunde com a língua fundamental e, ele apropria-se de eufemismos rebuscados utilizando a ambiguidade das palavras de maneira sofisticada e, Freud em seu artigo sobre o sentido duplo das palavras primitivas[111] já havia estudado esse fenômeno.

---

[110] Para uma discussão em torno das clássicas teorias da comunicação que lidam com a ideia de receptor e emissor, veja o livro escrito por Francis Vanoye, publicado no ano de 1993, intitulado *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*.

[111] *A significação antitética das palavras primitivas* [1910/1992] é um artigo de Freud no qual ele fundamenta como o inconsciente e o sonho funcionam estabelecendo uma analogia com algumas línguas egípcias da antiguidade. Freud atenta para o fato de como as línguas

(LACAN, 1955-1956], 2002, p. 36). Jacques-Alain Miller no livro *Matemas I* [1996] afirma que essa questão sobre o caráter duplo da palavra e de como isso pode ser interpretado na análise leva-nos para uma reflexão na qual o sujeito deve ser pensado em dois lugares topologicamente definidos. Trata-de daquilo que Lacan explica no *Seminário IX: A identificação*[112] [1961-1962/2003], pois nesse Seminário ele fala de uma duplicidade da condição subjetiva que se reflete no duplo nível de seu grafo que revela o lugar onde o sujeito vai estar localizado ao ocupar uma posição ambígua, isso significa que "quando o sujeito aparece de uma certa forma em um lugar, deve desaparecer de um outro lugar. Há sempre uma duplicidade subjetiva que é precisa e inteiramente o oposto da unidade subjetiva" (MILLER, 1996, p. 85).

Além de compreendermos os aspectos ambíguos das palavras que constituem o ensino de Freud no artigo supramencionado, vemos, também que as palavras produzem neologismos, como afirma Lacan, ao analisar o discurso delirante visto por Freud em primeira mão, Lacan diz que no discurso delirante, trata-se de uma linguagem onde teremos algumas palavras que ganham um destaque especial, uma densidade que se manifesta algumas vezes na própria forma do significante, fornecendo neologismos surpreendentes nas produções delirantes paranóicas.

Lacan questiona o que é a fala, e responde, ainda questionando se o sujeito fala, sim ou não, propõe a questão em torno da diferença entre a fala de uma gravação. Ele responde que a fala é antes de tudo, falar aos outros, mas que essa questão não é tão simples como a concebemos, ele afirma que pensou essa questão a partir da ciência questionando o que seria uma mensagem, para ele, a estrutura da fala é algo que o sujeito recebe do outro, como mensagem, de maneira invertida. Jacques Lacan chama a atenção para a discussão em torno da palavra plena, já esboçada em seu artigo supramencionado de 1953, mostrando por meio de dois exemplos, como ele enxerga a palavra plena e como ela é estruturada. O primeiro exemplo dado é a palavra *Fides*, cuja palavra trata de estabelecer as relações de unidade que a

primitivas possibilitam-nos entender a existência de uma palavra que denota sentidos opostos e aplica o príncipio de multiplicidade interpretativa existente nas línguas primitivas para uma compreensão sobre o funcionamento do inconsciente e dos sonhos.

[112] Esse seminário foi traduzido para o portugês em uma versão não comercial para circulação interna entre os membros dos Estudos Freudianos do Recife.

palavra possui e que se configura como fundadora da posição dos dois sujeitos que ela implica representar. Lacan exemplifica:

> A primeira é fides, a palavra que se dá, o Você é a minha mulher, ou o Você é o meu mestre, o que quer dizer – Você é o que está ainda na minha fala, e isso, eu só posso afirmá-lo tomando a palavra em seu lugar. Isso vem de você para encontrar aí a certeza do que eu empenho. Esta palavra é uma fala que empenha, a você. A unidade da palavra falada, enquanto fundadora da oposição dos dois sujeitos, aí está manifestada (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 47).

Para a psicose, segundo Lacan, o próprio fundamento da estrutura paranóica é o sujeito compreender alguma coisa que ele formula, a saber: que alguma coisa tomou forma de palavra falada, que lhe fala. Ninguém, é claro, duvida que seja um ser fantasmático, nem mesmo ele, pois ele está sempre em situação de admitir o caráter perfeitamente ambíguo da fonte das palavras que lhe são empregadas. E a respeito da estrutura desse ser que fala ao sujeito, que o paranóico lhes traz o seu testemunho (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 52). O delírio faz-nos entender sobre a relação fundamental do sujeito no registro no qual se organiza e se desenvolve as manifestações do inconsciente na psicose, nos orienta para um entendimento sobre a relação subjetiva com a ordem simbólica que comporta o sujeito, verificamos como o sujeito se situa em relação ao conjunto da ordem simbólica, ordem original, meio distinto do meio real e da dimensão imaginária, com a qual o homem sempre lida, e que é constitutivo da realidade humana sob o pretexto de que o sujeito é um delirante (LACAN, [1955-1956], 2002, p.p 140-141).

Nesse *Seminário* [1955-1956/2002] sobre as psicoses, Lacan traz a questão sobre a palavra verdadeira, que mostra-nos o aspecto em torno do que seja essa palavra, pois, para ele, a palavra verdadeira, mostra o Outro, e esse Outro é aquilo diante do que faz o sujeito se reconhecer. Quando o sujeito diz *você é minha mulher* ou se refere a algo como sendo contrário àquilo que ele pensa, ou seja, usa uma mentira, “supõe igualmente o reconhecimento de um Outro absoluto, visado além de tudo o que vocês poderão conhecer, e para quem o reconhecimento não tem efetivamente de como valer senão porque está além do conhecido” (LACAN, [1955-1956], 2002, p. 63-64). Lacan afirma que o sujeito institui o reconhecimento não como um elemento puro e simples da realidade, que pode ser, segundo ele, “um pião, um fantoche, mas um

absoluto irredutível, da existência do qual como sujeito depende o valor mesmo da palavra na qual vocês se fazem reconhecer". A frase que afirma "você é minha mulher", traz implicitamente a ideia de que essa mulher pertence a algum homem ou a alguma mulher que a proferir e que tenha uma mulher como esposa. Essa frase nos mostra algo que está para além da linguagem e, Lacan compara o que foi citado aqui, a partir do exemplo da frase - você é minha mulher - ao que se passa em *Alice no país das maravilhas* [1865/2002], quando os servidores e outros personagens que compõem a corte da rainha começam a jogar cartas vestindo-se com as cartas tornando-se, eles próprios, os personagens, tais como: o rei de copas, a rainha de espadas e o valete de ouros. Lacan aponta que a palavra estimula-nos a sustentar o discurso negando-a ou confirmando-a, fazendo-nos curvar diante da regra do jogo, pois se a rainha mudasse a regra do jogo constantemente, a essência do jogo não mudaria, porque uma vez estando no jogo dos símbolos, somos forçados a comportar-nos de acordo com as regras que nos são impostas. Lacan sugere que a questão que nos é colocada é saber qual é a função que cada personagem possui nessas circunstâncias e o que podemos dizer sobre isso, pois, para o sujeito alguma coisa real se manifesta, "mas não invertida, sua própria fala está no outro que é ela mesma, o outro com minúscula, seu reflexo no seu espelho, seu semelhante" (LACAN, [1955-1956], 2002, p.p 63-64)[113].

Em um segundo momento, a clínica lacaniana, passa por uma mudança de paradigma, pois Lacan inova, ao compreender os três registros: real, imaginário e simbólico a partir da perspectiva do nó borromeano. Isso significa que o sujeito não procede da cadeia dos significantes, mas passa a ser articulado ao gozo[114] porque o gozo muda o valor dado à metáfora e à

[113] Até aqui nós vimos uma discussão que diz respeito à clínica lacaniana de retorno a Freud, na qual Lacan concebe como sendo uma clínica do desejo. Nessa perspectiva, o sujeito elabora uma interpretação através da transferência à significação presente na cadeia dos significantes.

[114] Esse é um conceito complexo na Psicanálise, Lacan opõe-se ao *genus* (gozo) de Freud que refere-se ao prazer extremo e as relacões de satisfação para evitar o desprazer cuja concepção encontramos em *Mais além do princípio do prazer* (1920/1992). No ensino de Lacan, ele toma para si essa questão, desde o *Seminário VII: A ética da psicanálise* [1986/1992], no qual ele afirma que esse campo seja seu (LACAN, [1986], 1992, p. 85) e vai até os últimos seminários. No *Seminário XX: Mais*, *ainda* [1975/2008], Lacan afirma que o gozo é inútil, não serve para nada, nem se reduz as leis do príncipio de prazer e nem está no campo da auto-conservação e nem à necessidade de descarga de excitação sexual genital, o gozo de constitui a partir da lei do Nome-doPai e é aparelhado na linguagem.

metonímia. Essa afirmação nós encontramos em *Radiofonia* [1970/2001/2003] ao que Lacan refere-se sobre como a metonímia passa a operar pela via do gozo:

> Não é pelo sentido de antes do sujeito que ela funciona (ou seja, pela barreira do não-sentido), mas pelo gozo em que o sujeito se produz como corte: que lhe serve de estofo, portanto, mas reduzindo-o, para isso, a uma superfície ligada a esse corpo, já obra do significante (LACAN, [1970/2001], 2003, p. 416).

Segundo, Márcio Peter de Souza Leite [2000], a partir daqui, Lacan opõe a trilogia significante, significado e efeito de significação e passa a constituir signo, sentido e efeito de gozo. O inconsciente passa a ser visto como um saber que se de-cifra e que é alojado ao gozo, torna-se um saber escrito, o inconsciente passa do "querer dizer para o querer gozar" (LEITE, 2000, p. 176) Nesse momento, na clínica lacaniana, Lacan substitui a linguagem pela *alíngua, lalangue ou lalíngua*[115], em algumas traduções para o português, por considerar que a linguagem não existe, mas que ela trata de saber a respeito da função de *alíngua/lalangue/lalíngua*. Em *Televisão* [1970/2001/2003], Lacan diz que *alíngua/lalíngua ou lalangue* se ocupa da ciência e cita a Linguística como uma dessas ciências, que ela se ocupa. Para ele, a Psicanálise coloca a língua em outro lugar, no lugar do gozo que consiste a cadeia dos significantes. Lacan passa a separar o sentido e o real. *Lalangue*/*alíngua/lalíngua* aparece pela primeira vez no artigo *O Aturdito* [1973/2001/2003], e depois no *Seminário XX: Mais, ainda* [1975/2008], Lacan desenvolve o que vem a ser esse conceito, para ele, a linguagem é aquilo que o discurso da ciência profere com o objetivo de dar conta de algo que produz um saber, ou seja, é uma elucubração de um saber sobre *lalíngua/alíngua/lalangue*, e o inconsciente é um saber-fazer sobre *lalíngua/alíngua/lalangue*.

Márcio Leite mostra sobre as consequências teóricas disso para a clínica que são:

> Se a linguagem é condicionada pela *alíngua*, se não há comunicação, no nível da *alíngua*, então todos monologamos. Também com o conceito de *apalavra* se termina a referência à comunicação, não há

---

[115] Uma nota de pé-de-página que está presente nos Outros Escritos [2001/2003], o tradutor apresenta que a proposta de Haroldo de Campos, adota a forma *lalíngua* para traduzir *lalangue*, em vez de *alíngua*, pois, segundo a nota explicativa, o "a" tende a adquirir função de negação que é o oposto à ideia de Lacan. A nota também afirma que o "la" mantém algum uso em português como "La Diva, La Garbo" e permite evocar lalação que é uma das tônicas do termo *lalangue* (LACAN, [1966], 1998, p. 510).

> diálogo, há autismo, logo não há Outro. Consequência da clínica: se não há diálogo, isso implica reformular-se a prática da interpretação (LEITE, 2002, p. 176).

Isso significa que deve haver um manejo diferente em relação à transferência, em *Televisão* [1973/2001/2003], Lacan diz que o significante passa a ser parte da operação do gozo e não mais da cadeia do discurso em uma articulação com a linguagem, pois a interpretação é uma mensagem que se incide no gozo produzido pelo de-cifrамento, aqui temos o analista se orientando pelo efeito da incidência do real no significante por meio do *Sinthome*. A fala de Lacan que nos mostra essa nova maneira de conceber a cadeia dos significantes, revela que a lei do significante é regida pelo gozo, temos: “estas cadeias não são de sentido, mas de gozo-sentido (*jouis-sens*), a ser escrito como vocês quiserem, de conformidade com o equívoco que constitui a lei do significante” (LACAN, [1973/2001], 2003, p. 516].

A nova configuração do trabalho do analista deve ser dada por uma intervenção que não perpasse mais um de-cifrамento definido pelo estabelecimento da produção de um novo significante, como ocorre com a primeira clínica de Lacan, mas aponta para uma atualização de suporte material do inconsciente, definido por Lacan de letra. A prática do psicanalista passa a ser concebida como uma leitura de uma “escrita” que constitui o inconsciente, cuja interpretação do analista decorre de o significante ser condicionado à letra, que é a causa material do inconsciente que se condiciona pela via do gozo.

A letra sempre foi tema citado no ensino de Lacan, desde o artigo *A instância da letra no inconsciente* [1957/1966/1998] até o *Seminário XXVI: A topologia e o tempo* [1978]; o *Seminário XX: Mais, ainda* [1975/2008], por exemplo, e isso nos leva para um caminho no qual a interpretação do analista, nesse momento, consiste em um dizer silencioso, no qual aponta para o fato de que um significante esconde outro siginifncate, procurando, no entanto, o que de real condiciona este efeito de significação, revelando desta maneira a consistência lógica do objeto, que se configura naquilo que é impossível de ser dito.

Considerações Finais

Encontramos dificuldades ao elaborar um diálogo com Jacques Lacan e Reinhart Koselleck, pois ambos pensadores possuem um legado intelectual excessivamente complexo e extenso. O esforço de analisar as obras dos dois autores e estabelecer uma análise comparativa com pontos semelhantes e diferentes proporcionou-nos construir conexões difíceis de serem encontradas porque tratam-se de campos de conhecimentos distintos. A Psicanálise vai pela via do significante e a História dos Conceitos pela via do significado, abrindo-nos condições para uma reflexão em torno de um paradoxo que foi construído nesta tese. A priori, não pudemos estabelecer uma aproximação com a Psicanálise lacaniana e a História dos Conceitos elaborada por Koselleck e, a partir dessa dificuldade, verificamos que poderíamos identificar pontos de análise (in)comuns entre o que seria o conceito e a palavra para ambos os autores.

Questionar a metodologia da História dos Conceitos a partir dos estudos sobre a linguagem mostra-nos que essa investigação possui relevância para os estudos históricos, principalmente, por se tratar de um trabalho que leva em consideração a discussão com a Psicanálise lacaniana.

Alguns historiadores refletiram sobre a interface teórica existente entre a Psicanálise e a História e as possibilidades de discussões existentes entre elas. Segundo Peter Gay a História nunca desfrutou de uma relação cordial com a Psicanálise (GAY, [1998], 2000, p. 107), assim ele diz:

> Alguns historiadores continuam a se basear no *corpus* freudiano de idéias em seu trabalho; vez por outra – muito esporadicamente -, conseguem encontrar periódicos dispostos a publicar artigos pautados no pensamento psicanalítico; e existe ainda um ínfimo número de publicações, em condições bastante precárias, que lutam bravamente por manter viva a abordagem psicanalítica nesse campo (GAY, [1998], 2000, p.p 107-108).

São poucos os historiadores que vêem a Psicanálise como um instrumento que auxilia uma discursão interdisciplinar em seus trabalhos de pesquisas, de acordo com Peter Gay, os argumentos mais importantes destacados por esses historiadores são:

> A história psicanalítica parece dar praticamente uma garantia de ser intoleravelmente reducionista, além de imprudente, em sua maneira de lidar com dados escassos ou elusivos. Mais ainda, a terminologia técnica que os historiadores psicanalíticos gostam de inserir furtivamente em seus escritos é um insulto à herança literária da profissão, herança da qual a maioria dos historiadores ainda se orgulha muito (...). O objeto da investigação psicanalítica também não parece ser de interesse para os historiadores, posto concentrar-se em fenômenos subjetivos como as fantasias e os sonhos. Os historiadores lidam com realidades que estão distantes das confessadas no divã (GAY, [1998], 2000, p. 109).

Discordamos deste comentário citado por Gay e também criticado por ele, porque vimos que o ensino de Lacan contribui para o que desenvolvemos em torno da análise comparativa da História dos Conceitos, por Koselleck, e como o conceito e a palavra são refletidos em uma articulação com a operação do significante proposto por Jacques Lacan e de como ele pensa o conceito e a palavra em sua releitura sobre o legado freudiano.

Para Michel de Certeau, no artigo *Lacan: uma ética da fala/palavra [parole]*, Lacan autonomiza o significante em relação ao significado, cuja ideia se dá através da "paisagem sintáxica em que ela insinua os delizes, delícias e delírios de um não-sabido" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 215). Para Certeau, o psicanalista possui uma escuta capaz de entender "murmúrios e as vicissitudes dessas outras linguagens" (CERTEAU, [1987], 2011, p. 215). Diferentemente do historiador, ele torna-se atento à poética presente em qualquer discurso, alerta-nos Michel de Certeau:

> Essas vozes ocultas, esquecidas em nome de interesses pragmáticos e ideológicos, introduzem, em cada enunciado de sentido, a "diferença" do *ato* que o profere. Os significantes dançam no interior do texto. Separados do significado, eles fazem proliferar, nas frestas do sentido, os ritos de endereços ou respostas – a qual Outro? (CERTEAU, [1987], 2011, p.p 215-216).

Em geral, os historiadores que simpatizam com a Psicanálise são mais ajudados pelas perguntas que Freud e Lacan os habilita a fazer do que pelas respostas que ele lhes permite dar. Isso quer dizer que a propensão para a análise permite que os historiadores fiquem atentos a certas nuances que provavelmente passariam despercebidas aos seus colegas não analíticos (GAY, [1998], 2000, p.p 113-114). Para Peter Gay, alguns estudos históricos que enfatizam a teoria psicanalítica a tornam reducionista ou imprudente e a vêem como um instrumental teórico que contribui para uma análise psico-

histórica de alguns personagens históricos, e desse modo acabam construindo teorias supersimplificadas e descuidadas. (GAY, [1998], 2000, p. 109). Não elaboramos uma análise psico-histórica, pois a Psicanálise é contrária a esse tipo de abordagem, ela não trata de uma Psicologia sobre o humano como pensam alguns estudiosos. Falar sobre Lacan nos remete a Freud porque a Psicanálise é um legado construído por Freud que durante o final do século XIX aponta-nos uma ruptura com o sistema cartesiano e com o positivismo, revelando o outro lado da razão, pois os sonhos e as fantasias passam a ser levados em consideração ao constatarmos que o inconsciente do sujeito pode ser de-cifrado. Segundo Pellanda, Freud valoriza a História individual e a negação do passado passa a ser cultivada ideologicamente, pois "Freud nos mostra que isso não é tão fácil assim e nós sabemos o preço dessa negação pelas consequências que hoje vivemos com a atual conjuntura tanto no que diz respeito às condições éticas como materiais". (PELLANDA, 1996, p.p 233-234).

Diante da teoria inaugurada pelo criador da Psicanálise a ciência agora vai tomando outro rumo e de acordo com Pellanda:

> O freudismo tem o grande mérito de mostrar o inacabado e instaura, por isso, uma nova relação sujeito/objeto no ato de conhecer. O conceito de inconsciente mostra que existem muitas formas de leitura da realidade e esta, por sua vez, transforma-se com essas leituras. (PELLANDA, 1996, p. 235).

O historiador Michel de Certeau traz os *Corpus* freudiano e lacaniano para a sua ciência e faz uma distinção entre História e historiografia e, sobretudo, elabora uma diferenciação entre as maneiras como a historiografia e a Psicanálise trabalham a relação passado presente. Há transformações no âmbito da elaboração entre o sujeito/objeto e a Psicanálise pode contribuir para uma compreensão a mais na escrita dos historiadores ao utilizarem em suas pesquisas o instrumental teórico da Psicanálise.

Segundo Certeau, em sua obra *A Escrita da História* (1975/2011), Freud fabricava ficções a partir dos fatos históricos, contribuindo assim, sem saber, para reintroduzir no trabalho do historiador um modelo de inteligibilidade subjetiva que a História excluíra ao se tornar positivista.

A Psicanálise possui um campo complexo de conceitos subjetivos que auxiliam a compreensão de fenômenos sociais coletivos e individuais. Desde o século XIX demonstra ser um instrumento essencial para a investigação do

passado humano e do presente. Para Gay, há uma resistência dos historiadores que é enigmática. Desde sempre, a História recorreu às mais diversas ciências auxiliares no intuito de melhor conhecer o seu objeto. A Psicanálise não faz parte de uma disciplina, não é uma disciplina a mais, ela é um corte nesse discurso.

A Psicanálise aproxima-se da História por dois aspectos: Primeiramente pela sua terapêutica, que é antes de tudo um método histórico. Ela consiste em demolir os complexos atuais pela reconstituição de sua gênese. (GAY, 1990, p. 112) O trabalho que a História e a Psicanálise fazem é orientar o presente pela ciência do passado. O passado de um sujeito, como o de um povo, prolonga-se para além das circunstâncias que o justificam. Para Peter Gay "nós somos pouco contemporâneos de nós mesmos e deixamos coabitar dentro de nós as idades mais diferentes, tanto nas nossas ideias como nos nossos atos" e concluímos que a escrita histórica também segue essa trajetória guiada pelo inconsciente (GAY, 1990, p. 113).

Questionamos se a História também teria esse papel de saber sendo mestra da verdade, como elucidou Koselleck em sua *Historia Magistrae Vitae*. E para a História qual é a lei que é questionada quando nos deparamos com uma tentativa de elaboração de seu saber?

Para Lacan:

> A história da técnica historiadora mostra que seu progresso se define no ideal de uma identificação da subjetividade do historiador à subjetividade constituinte da historização primária onde se humaniza o evento (...) e que a exemplo da história se dissipa também como uma miragem esse recurso à reação vivida que obseda nossa técnica assim como nossa teoria, pois a historicidade fundamental do evento que retemos basta para conceber a possibilidade de uma reprodução subjetiva do passado no presente (LACAN, [1996], 1998, p.p 288-289).

Confrontamos Koselleck e Lacan para encontrarmos respostas quando questionamos sobre o que buscamos quando necessitamos de produzir História? Quais os objetos que são perdidos e ou achados? Perdido porque há objetos que nunca foram criados e achados porque há invenções sobre temas que sempre vem à tona.

Na Psicanálise lacaniana o *objeto a* não têm representação no significante da demanda, porém pode ser considerado um objeto que representa o desejo para o Outro sendo a causa de seu desejo. No discurso do

mestre o *objeto a* ocupa o lugar da causa que é o poder. Isso leva-nos a refletir sobre que poder é esse causado por um saber construído por um sujeito que tem como desejo uma causa de um saber construído a partir de algo que nunca vai ser ocupado, preenchido? Teria essa função do desejo do historiador em construir um saber que nunca vai dar conta de preencher isso que nos faz desejar sempre? E qual é o desejo que move a escrita da História nesse gozo infinito que nos constitui como sujeitos, nesse caso, sujeitos que constroem e produzem a História?

Esperamos contribuir para uma introdução acerca da temática dos estudos sobre a História dos Conceitos elaborada por Koselleck incentivando a reflexão interdisciplinar sobre a metodologia da História dos Conceitos relacionando esta à Psicanálise lacaniana. Questões sobre conceitos produzem respostas esclarecedoras, portanto, a História dos Conceitos fornece indicadores de reflexões de como a História não se desenrola em eventos únicos e pode ser pensada em uma articulação com a produção inconsciente presente no trabalho do historiador.

Nessa articulação com a Psicanálise não existe apenas uma História dos Conceitos, mas diferentes perspectivas, abordagens, tradições disciplinares e estudiosos que fazem pesquisas com vários campos nos quais as Histórias dos Conceitos podem ser comparadas com fronteiras difusas em relação às outras, nesse caso aqui com a Psicanálise.

Refletir sobre a História a partir de nosso objeto aqui apresentado faz-nos pensar sobre a comparação entre Koselleck e Lacan e a possibilidade de aplicar outras aproximações teóricas, pois o recurso a outras fontes não nos cessam de fazer perguntas e hipóteses que podem ser respondidas e contrastadas por especialistas e campos de conhecimento diversos, pois, partimos da idéia se seria possível estabelecer uma análise comparativa com ambos os autores, e a partir disso, esta pesquisa foi sendo desenvolvida e construída. A relação entre ambos os autores é pertinente porque os estudos sobre a linguagem em uma relação com a metodologia desenvolvida pela História dos Conceitos pode ser pensada a partir dessa análise comparativa, pois onde houve formas diversas e contraditórias expostas entre as teorias dos autores pesquisados, apresentamos aqui como suas teorias foram elucidadas e criticadas.

De acordo com Clara de Góes, em seu livro *História e Psicanálise* [2012], “a história não trabalha com a noção de significante, embora se fale em discurso e narrativa”. Para Góes, a questão da História que é vista como discurso e como narrativa, são “tomados como exterioridade aos eventos a que se referem. Em maior ou menor grau, a relação se mantêm. Mantêm-se o referente. O que faz da linguagem (e, portanto, do significante) signo, representação” (GÓES, 2012, p. 65). Ainda com Góes, quando fala sobre a palavra, essa representa alguma coisa que está fora dela e sendo assim, o sujeito, “entendido como consciência, o objeto sobre o qual incide (mesmo que esse objeto seja a própria consciência – consciência de si), e a linguagem que liga um a outro com as bençãos da razão” (GÓES, 2012, p. 65). Não há como fugir das leis que regem o inconsciente, isso vale, também, para o trabalho que o historiador produz que é a História propriamente dita.

Por fim, trazemos Lacan com seu texto *Função e campo da palavra e da linguagem* [1953/1966/1998] que faz-nos questionar sobre a contribuição da História para seu *Corpus* teórico quando ele cria uma analogia com a História, comparando o inconsciente com os aspectos inerentes da pesquisa histórica:

> O inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar. A saber:
> - *Nos monumentos*: e isso é meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose onde o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode sem perda grave, ser destruída;
> - *Nos documentos de arquivos* também: e são as recordações de minha infância, impenetráveis como eles, quando eu não conheço a proveniência;
> - Na evolução semântica: e isso responde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, como ao estilo de minha vida e a meu caráter;
> - *Nas tradições também*, e mesmo nas lendas que sob uma forma heroicizada veiculam minha história;
> - *Nos rastros*, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções, necessitadas pela emenda do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e das quais minha exegese restabelecerá o sentido (LACAN, [1966], 1998, p.p 260-261).

A historiografia necessita desse debate, pois Koselleck ganha força e passa a configurar um momento no qual a própria História possui transformações em sua estrutura, pois trata-se de um processo que há perguntas pelas quais possamos responder às tentativas de encobrimento de

uma realidade possível de ser questionada por meio de uma escrita desenvolvida pelo historiador. Concluímos com a ideia de que essa escrita é produzida por meio de uma reflexão a respeito de uma História onde o sujeito está necessariamente implicado (GÓES, 1999, p. 26).

Este trabalho fez-nos enxergar possíveis diálogos com campos de conhecimento diversos, dentre eles a Psicanálise, e, a partir disso, desenvolvemos uma análise comparativa com um viés contemporâneo sintonizado com novas metodologias e perspectivas conceituais, como ressalta José D'Assunção Barros em seu livro *História Comparada* [2014]. Ele acena que novos caminhos surgem no âmbito da "família das histórias comparadas" nas quais os "olhares e recursos comparatistas se aprimoram" e "novas atitudes e possibilidades entram em cena" (BARROS, 2014, p. 87).

A Psicanálise auxilia-nos como um instrumental de pesquisa ousado, provocando possibilidades de mudanças e inovações na escrita historiográfica, pois a historiografia tem muito o que aprender, salienta Barros, com o Romance Moderno, com o Cinema e com outras práticas que nos façam refletir sobre "novos modos de conduzir narrativas e análises entrelaçadas" (BARROS, 2014, p. 94). E, aqui, valorizamos a Psicanálise lacaniana.

A interconexão com a Psicanálise lacaniana mostra-nos que a historiografia pode se beneficiar das reflexões que o instrumental psicanalítico pode nos oferecer através de um investimento que o historiador vai estabelecer em sua escrita, desse modo, o historiador pode romper, segundo Barros:

> Com padrões lineares de escrita com vistas a encontrar soluções textuais capazes de expor com maior clareza a diversidade histórica e os aspectos relacionais que envolvem todos os seus processos. A entender por aqui, uma nova revolução historiográfica, dessa vez relacionada à assimilação de novas possibilidades de escrita, ainda espera encontrar o seu ponto de maior floração (BARROS, 2014, p. 114).

O próprio Koselleck fornece elementos para um estudo comparativo sobre a sua Historia dos Conceitos usufruindo de metodologias que correspondem às ciências hermenêuticas e filosóficas. Koselleck sustenta sua História dos Conceitos por meio de diálogos interdisciplinares. Marcel Detienne em *Comparar o incomparável* [2000/2004] sugere que a História Comparativa deva tomar outras direções, recomendando que o historiador atribua um olhar

interdisciplinar, de modo que ele possa aprender com a Antropologia e a Linguística, pois são campos de conhecimento que lidam com práticas comparativas o tempo todo. Questionamos, por que não com a Psicanálise?

A abertura interdisciplinar entre os dois campos, aqui analisados, contribui para uma investigação historiográfica inovadora, pois elaboramos confluências entre os pensamentos de Koselleck e de Jacques Lacan ao tratarmos sobre a importância que os estudos sobre a linguagem podem auxiliar aos estudos do historiador. Elaboramos uma iluminação recíproca quando enfatizamos sobre a História dos Conceitos e sua contribuição para o campo historiográfico a partir da análise sobre o significante em Jacques Lacan, pois a iluminação recíproca elaborada por recortes que escondem certa estranheza entre si pode se apresentar como um instrumento capaz de iluminar o que antes estava invisível e oculto para o olhar do investigador.

A própria noção de conceito possibilita-nos verificar as diferenças e as semelhanças, pois o conceito de ontem e o conceito de hoje mostra-nos como determinada História foi concebida e ou criada. Seria o conceito um significante para o historiador que o reflete, que o investiga, que o produz? Verificamos novas maneiras de entender a História, propomos novas possibilidades de pesquisa através da Psicanálise lacaniana. Conforme salienta Barros, mostrando-nos sobre “inovações no âmbito da pesquisa, em suma, as futuras gerações historiográficas deverão necessariamente produzir profundos enriquecimentos no âmbito dos historiadores” (BARROS, 2014, 166).

Concluímos que a Psicanálise contribui para os estudos históricos, de modo que não possamos relacioná-la a um modo meramente retórico e nem como mais uma figura de estilo. Concordamos com Certeau [1987/2011] quando chama-nos a atenção para não utilizarmos os conceitos da Psicanálise para todos os fins; Certeau [1987/2011] chama a atenção dizendo que os historiadores que usam a Psicanálise como utensílios decorativos quando têm por objetivo apenas o de designar ou cobrir pudicamente o que o historiador não compreende, pois a Historia está implicada em uma relação verbal, mesmo qual seja, a que se conta ou se narra [a *Historie*] ou as Histórias que são produzidas [a *Gechichte*].

Para Roudinesco, em *A análise e o arquivo* [2001/2006], mostra-nos que Lacan, em sua *Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines*

[1975], via a Psicanálise “com um peso na história”, pois há coisas que pertencem a História, e dentre essas coisas, por exemplo, o Império Romano era considerado por ele como uma epidemia, Lacan admitia que a Psicanálise também era uma epidemia. Sem o documento escrito o sujeito se dá conta que está em um sonho, e a História possibilita a certeza para o sujeito de que ele não vive um sonho ou está nele. Para Lacan, o historiador exige um texto ou “um pedaço de papel; de toda a forma, deve haver em algum lugar num arquivo alguma coisa que certifique pelo escrito, e cuja falta torna a história impossível. O que não pode ser considerado história” (LACAN apud ROUDINESCO, [2001], 2006, p. 20)

Finalizamos com Peter Gay em suas conclusões apresentadas na obra *Freud para Historiadores* [1985/1989], que mostra-nos que a maior ambição da teoria psicanalítica é ser uma orientação e não uma especialidade, não trata-se de ser um livro de receitas, mas nos contribui como um modelo de enxergar e entender o passado. Gay alerta que a Psicanálise pode ser um instrumental importante para nos auxiliar em nossas pesquisas, ou seja, “instruir outras ciências auxiliares, outras técnicas; deveria enriquecer, sem problemas, a paleografia, a diplomacia, a estatística, a reconstrução familiar (GAY, [1985], 1989, p. 166) Finalizamos com Gay que nos diz que a “psicanálise pode prestar uma ajuda monumental, pois não apenas analisa o que as pessoas escolhem para recordar, mas revela o que elas foram compelidas a distorcer, a esquecer” (GAY, [1985], 1989, p.p 166-167), pois “a história e a psicanálise parecem, assim, destinadas a colaborar em uma pesquisa fraternal pela verdade no passado” (GAY, [1985], 1989, p. 167).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. São Paulo: Abril Cultural,1980.

ALLOUCH, Jean. **A etificação da psicanálise.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

_____. **Organon**, Madrid: Editorial Gredos S.A., 2008.

BARROS, José D'Assunção. **Koselleck, a história dos conceitos e as temporalidades.** Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, Sevilla, año 18, nº 35. Primer semestre de 2016. Pp. 41-53. Disponível em http://www.redalyc.org/html/282/28245351003/**,** acesso em 02 de abril de 2016.

_____. **História Comparada.** Petropólis: Vozes, 2014.

_____. **História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história**. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v.1, n.1, pp.1-30, jun. 2007.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRANCO, Guilherme Castelo & PÁDUA, Iaci Torres (Orgs). **Saber, Verdade e Impasse.** Rio de Janeiro: Nau, 1995.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. São Paulo: Fontes/Educ, 1992.

CALIXTO, Flander de Almeida, **A palavra em Paulo Freire e a palavra em Jacques Lacan**, tese defendida no Programa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** São Paulo: FTD, 2010.

CASSIRER, Ernst. **O mito do Estado**. São Paulo: Editora Codex, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **História e Psicanálise.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CESAROTTO, Oscar (Org). **Ideias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CÍCERO, Marcus Tullius. **Tópica**. New York: Oxford University Press, 2003.

_____. **El Orador**. Disponível em http://historicodigital.com/download/Ciceron%20Marco%20Tulio%20-%20El%20Orador%20-%20A%20Marco%20Bruto%20(bilingue).pdf, acesso em 26 de junho de 2016.

COELHO, Carolina Marra S. **Psicanálise e laço social** – uma leitura do seminário XVII. Mental v.4 n.6 Barbacena, jun, 2006**.**

COPÉRNICO, Nicolau. **Sobre a revolução dos orbes celestes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CUSA, Nicolau de. **A Douta ignorância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Diferencia y Repetición.** Buenos Ayres – Madrid: Amorrortu Editores, 2009.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. São Paulo: Ideias letras, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIA, Luciano. **Corpo e Sexualidade em freud e Lacan.** Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 1995.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2001.

FRANÇA, Maria Inês (Org). **Ética, psicanálise e transmissão**. Petrópolis, Vozes, 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

_____. **Obras Completas**, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

FORBES, Jorge (Org). **A escola de Lacan:** a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise. Campinas: Papirus, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. & KOSELLECK, Reinhart. **História y hermenêutica**. Disponível em http://www.heortiz.net/ampag/hermeneutica/koselleck-gadamer_historiayhermeneutica.pdf, acesso em 18 de abril de 2009.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Freud: Uma vida para nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **"Sigmund Freud: Um alemão e seus dissabores".** IN: Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan, São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud.** A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GALENDE, Emiliano. **Historia y Repetición: Temporalidad subjetiva y actual modernidade.** Buenos, Barcelona e México: Paidos, 1992.

GÓES, Clara de. **Psicanálise e capitalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. **História e Psicanálise**. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Teresa D'Ávila: A escrita do desejo**. Tese de Doutorado em Semiologia da Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro, Record, 2000.

GUATTARI, Félix. **Psicoanalisis y Transversalidad.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, [1972] 1976.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARARI, Roberto. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. Campinas: Papiprus, 1990.

HEGEL, Georg. W. F. **Enciclopédia de Las Ciencias Filosóficas**. Madrid: Alianza editorial, 2005.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Parte I. Petropólis: Vozes, 1992.

_____. **Ciencia de la lógica**. Disponível em https://cepcritico.files.wordpress.com/2013/01/ciencia-de-la-lc3b3gica-hegel.pdf, acesso em 10 de maio de 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. Parte I.** Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ser e Tempo. Parte II.** Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, p. 2003.

HUGO, Victor. **Victor Hugo: Dois séculos de poesia**. Brasília: thesaurus, 2002.

IANKILEVICH, E. et. alli (2008). **Historizando: reflexões sobre a clínica psicanalítica.** Trabalho selecionado para ser apresentado no Congresso da Fepal, em Santiago do Chile, 2008.

JAKOBSON, Roman. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias**. São Paulo: Cultrix,1979.

JASMIN, Marcelo Gantus e JÚNIOR, João Feres (org) **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Ediçoes Loyola: IUPERJ, 2006.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão:** a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOEBNER, Richard. **Semantics and historiography**, Cambridge: Cambridge Journal, 1953.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**, Rio de Janeiro: Editora contraponto/PUC, [1979], 2006.

_____. Reinhart. **La investigación de una historia conceptual y su sentido socio-politico**. Revista Anthropos: Huellas del Conocimiento, nº 223, 2009.

_____. **Los Estratos del tiempo: estúdios sobre la histori**a. Barcelona, Buenos Ayres y México: Paidos, [2000] 2001.

_____. **Estratos do tempo: Estudos sobre história.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

_____. **Crítica e Crise.** Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto, 1999.

_____. **Historias de Conceptos: Estudios sobre semântica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Editorial Trotta, [2006] 2012.

_____. **O Conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, [1975] 2013.

_____. **Esbozos Teóricos: ¿Sigue teniendo utilidade la historia?** Madrid: Escolar y Mayo Editores, [2010] 2013.

_____. **Sentido y repetición em la historia**. Buenos Ayres: Hydra, [2010] 2013.

_____**. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

_____. Reinhart. **Historia conceptual e historia social**. Disponível no site www.4shared.com. Acesso em 20 de jul. 2009.

_____. Reinhart. **Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos.**1992. Disponível em http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945, acesso em 15 de maio de 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **O Seminário, livro 3: As psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **O Seminário, livro 4: A relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O Seminário, livro 06: O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **O Seminário, livro 8: A Transferência**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1995.

_____. **O Seminário, livro 9: A identificação.** Recife: Versão não comercial para circulação interna entre os membros dos Estudos Freudianos do Recife.

_____. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico.** Recife: versão não comercial para circulação interna entre os membros dos Estudos Freudianos do Recife.

_____. **O Seminário, livro 16: De um outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **O Séminário, livro 17: O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor, [1969-70] 1992.

_____. **O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **O Seminário, livro 20: ... Mais ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Escritos**. São Paulo: Editora perspectiva, [1966], 1978.

_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, [1966], 1998.

_____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Meu ensino.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Nomes-do-pai.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Estou falando com as paredes.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEBRUN, Gerard. **A paciência do conceito: ensaio sobre o discurso hegeliano.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.
LECLAIRE, Serge. **Psicanalisar.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

LESSA, Fábio de Souza. **Poder e trabalho: experiências em história comparada.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

LE POULICHET. Sylvie. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LEITE, Márcio Peter de Souza. **"Inconsciente: O inconsciente está estruturado como uma linguagem"** IN: Idéias de Lacan. São Paulo: Iluminuras, 2001, p.31-42.

_____. Márcio Peter de Souza. **Na segunda clínica de lacan a palavra não se dirige ao outro.** Estilos da Clínica. [online]. 2000, vol.5, n.9, pp. 169-181. ISSN 1415-7128. Disponível em www.revistas.usp.br/estic/article/download/60923/63959, acesso em 14 de julho de 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEVY, Ruggero. **História e/em psicanálise? E qual é o papel do historiador/psicanalista ou da dupla analítica nesta construção?**

Comentário à entrevista de Fernando Novais. Revista Brasileira de Psicanálise, vol.42, n^{0}2, p.32-36, jun. 2008.

LOCKE, Jonh. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1999.

MADRE, Olívia. **O uso da vírgula: prática de português 6.** Petrópolis: Vozes, 1982.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: **Dos pré-socráticos à Wittengenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARCUSE, Ludwig. **Sigmund Freud: Sua imagem do ser humano.** Petrópolis: Vozes, 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. **Manuscritos Escritos-Filosóficos, 2008.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan**. Campinas: Papirus, 1998.

MEZAN, Renato. **Freud: pensador da cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MILLER, Jacques-Alain. **Percurso de Lacan: Uma introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. **Documento de trabalho para os seminários de leitura da EBP (Escola Brasileira de Psicanálise),** Revista Orientação lacaniana III, 11.

_____. **O Real é sem lei**, Opção lacaniana, nº 34, 2002.

_____. **A experiência do Real na cura psicanalítica** – Aula 1, 18 de novembro de 1998 (Tradução E.B.P.).

MOSES. A. D. **The Forty-Fivers: A Generation Between Fascism and Democracy**. New York: Berghahn Books, 1999.

_____. A. D. **German Intellectuals and the Nazi Past**,Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

NASIO, Juan-David. **Por que repetimos os mesmos erros?** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLSEN, Niklas. **History in the plural: An introduction to the work of Reinhart Koselleck**, New York: Berghanbooks, 2012.

PACHECO, Filho, R. (2007). **Articulações entre História e Epistemologia da Psicanálise**: um estudo de caso. Memorandum, 12, 95-104. Disponível no site <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a12/pachecofilho01.pdf> Acesso em 10 de ago. 2009.

PLATÃO. **Crátilo**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

_____. **República**. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1997.

PELLANDA, Nize Maria Campos e PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral (Orgs.). **Psicanálise hoje**: **uma revolução do olhar.** Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

PELLETIER, Anne Marie. **Bíblia e hermenêutica hoje. São Paulo: Edições Loyola,** 2006.

PIMENTA, João Paulo Garrido. **História dos conceitos e história comparada:** elementos para um debate. Almanack Brasiliense. nº 07, maio, 2008.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 1981.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

QUINTILIANO, Marco Fábio. **Institutio Oratoria**. Disponível em http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/quintiliano-institutio.pdf, acesso em 12 de fevereiro de 2016.

RABINOVITCH, Solal. **Foraclusão: presos do lado de fora.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

REGO, Claudia de Moraes. **Traço, Letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

RORTY, Richard. **The linguistic turn: Essays in philosophical method**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

ROTH, Michael (Org). **Freud: Conflito e cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ROUANET. Sérgio Paulo, **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. Elizabeth & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Elizabeth. **História da Psicanálise na França**, Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

_____. **A análise e o arquivo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Ensaio obre a origem das línguas.** Disponível emhttp://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Matérias/Sociologia%20e%20Filosofia%20da%20Arte%20I/Rousseau_ensaio%20sobre%20a%20origem%20das%20l%C3%ADnguas.pdf, acesso em 12 de março de 2016.

RUIZ, Erasmo Miessa. **Freud no "divâ" do cárcere: Gramsci analisa a psicanálise.** Campinas: Autores Associados, 1998.

SAID, Edward W. **Freud e os não-europeus.** São Paulo: Boitempo, 2004.

SHAKEASPEARE, Wiliiam. **Hamlet**. Disponível em https://biblioteca-online.net/ebooks/Shakespeare-Hamlet.pdf, acesso em 10 de julho de 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**, São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

THEML, Neyde & BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada: Olhares Plurais**, Revista de História Comparada volume 1, número 1, jun./2007. Disponível em http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001_Num001_artigo003.pdf, acesso em 12 de julho de 2016.

SÓFOCLES. **Édipo**. 2005. Disponível em http://www.uesb.br/editais/2015/01/edital-008-15-textos/Edipo-Rei-Sofocles.pdf, acesso em 10 de outubro de 2015.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VAZ, Nestor Lima Lobo. **Saber e gozo no discurso do mestre**. Letra Freudiana - Ano XI-nº 10/11/12. Disponível no site <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/040.pdf, acesso em 02 de set. 2010.

VIEIRA, Waldo. **Dicionário de Argumentos da Consciensiologia**, Foz do Iguaçu: Editora Editares, 2014

ŽIŽEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1990.

_____. **Como Ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZOLA, Émile. **A Obra**. Disponível em www.comptoirlitteraire.com/docs/466-**zola-l-oeuvre**-.doc, acesso em 10 de maio de 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig.**Tratado Lógico-Filosófico**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1968.

_____. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1999.

WATSON, John. **Psicologia: como os behavioristas a vêem**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200011, acesso em 13 de julho de 2016.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DISCIPLINA: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA
PROFESSORA: ALÔMIA ABRANTES
ALUNA: DANIELI MACHADO BEZERRA

ESCREVER O ATO DE PENSAR EM PENSAR ESCREVENDO

JULHO 1997

Escrever o ato de pensar em pensar escrevendo

Como nós, alunos do curso de Introdução ao Estudo da História, fomos submetidos a fazer uma pesquisa sobre um assunto que esteja mais próximo a cada mundo nosso;foi através da percepção da existência de algo tão próximo, mais tão próximo mesmo, que decidi faze-lo meu tema desta pesquisa.

Não sei se cabe aqui,caro leitor, deixá-lo ansioso em saber sobre o que realmente quero falar,se não, peço-lhe desculpas de antemão, mais antes que eu me esqueça, darei uma dica:o tema já está sendo exposto desde o momento pelo qual comecei a pensar em escrevê-lo; isso mesmo, as palavras aqui escritas, são frutos de pensamentos que tratam do ato de pensar, e que cujos pensamentos são exteriorizados através das palavras.

Humildemente, venho tratar nesta pesquisa,uma questão que é bastante discutida no âmbito da história (não deixa de ser história!)da filosofia contemporânea; que é o pensamento interligado a linguagem e vice-versa, ou seja, alguns filósofos afirmam que a linguagem é conseqüência do pensamento, outros dizem o contrário, por via das dúvidas,podemos concluir que não há linguagem sem pensamento, nem pensamento linguagem.

Diante desta pequena introdução sobre o tema em destaque,observamos dois elementos imprescindíveis que explicam o posicionamento do Ser Humano no centro de seu próprio universo, e a necessidade que ele tem de se expressar ao universo exterior a respeito de situações mais objetivas de seu trabalho cotidiano que envolve sentimentos,dúvidas,emoções,etc,enfim,ajudam ao homem melhor se entender como pessoa que pensa ,embora, existam aqueles que deixam os pensamentos passarem com o tempo, sem os aproveitá-los. Estes elementos, já citados, são o pensamento e a linguagem. Passarei a comentá-los a seguir.

O pensamento é uma ação do ser para atingir sua essência;~~cuja essência~~ é alcançada por intermédio da linguagem transmitida através das palavras. Temos agora um ponto a ser discutido.

Prezado leitor, apontarei uma abordagem extremamente lógica; você está tendo conhecimento respeito do tema desta pesqui-

sa através de palavras escritas, concorda? dessa forma , percebemos que a relação entre "pensamento e a palavra é um processo vivo"(já afirmava Vygotsky),onde o pensamento nasce através das palavras e a palavra torna-se morta sem um pensamento adequado, e o pensamento torna-se algo obscuro sem uma palavra . Para concluir esta relação,no entanto, percebemos que não se trata de algo já formado; surge na medida em que o desenvolvimiento da fala está ligada ao pensamento, sendo iluminado por ele, cuja fala vai dar nome a um objeto qualquer; esse objeto vai ser reconhecido no mundo por meio de uma idéia expressa por palavras. Vemos que as palavras nada significam por si mesmas; quando o pensamento as usa,é que passam a valer alguma coisa.

Desde a pré-história,o Homem sentiu necessidade de comunicação; vemos isso através das figuras rupestres que eles nos deixaram. São muitos desenhos de animais, pessoas,círculos, tracejados estranhos, enfim, estes sinais antigos são os primeiros símbolos de expressão do pensamento humano.

Ao colocarmos argumentos históricos diante desta pesquisa; veremos ao longo de toda a história da raça humana as questões que mais causaram indagações profundas e tumultos; cujas questões são a cor relação entre palavras e fatos. Basta mencionarmos as palavras, religião, patriotismo e propriedade que teremos a afirmação acima tida como verdadeira. Mas, não é só no nome que devemos argumentar acerca da existência das coisas, e sim numa investigação verdadeira e impressionante para satisfazer a precisão oculta de que nem se quer temos consciência.

No Egito Antigo ,encontra-se nos textos da pirâmide, uma menção a um deus chamado Khern, ou seja, Palavra; a palavra tinha uma espécie de personalidade semelhante à de um ser humano. Em um relato de um escriba egipcio (in Malet[Isaac) vê se uma preocupação grande em ele afirmar que o mais importante era o indivíduo consagrar o "coração às letras (...), nada existe acima das letras. Ama a literatura, tua mãe (...) . Ela é mais importante do que todos os oficios. "Essa preocupação do escriba está diretamente relacionada aos aspectos lingüistico-literários surgidos a partir de um pensamento voltado para o bem-estardo povo. Sendo assim, a expressividade lingüística ideológica tornou-se possível devido a um pensamento transmitido através de uma intenção consciente do poder que as palavras podem exercer diante de circunstâncias onde o conhecimento se firma na intenção de mostrar que o pensamento é algo que

"o homem faz para alcançar a última espécie do saber: um saber em que apoiar-se"(Ortega e Gasset). Este pensar vai buscar nas profun - dezas da consciência humana e fazer funcionar as faculdades mentais enferrujadas de um mundo que não possui mais suas próprias circunstâncias, fazendo-as renascer e prontas para inventar a construção de um tempo.

Ao depararmos com a Grécia Antiga, em um momento de luta (Guerra do Peloponeso 431 à 404),teremos a engrenagem da paz verbal totalmente desorganizada;os homens foram tornando o significado das palavras à sua maneira. Em um estudo mais aprofundado a respeito da guerra citada (o leitor permiti-me tecer alguns comentários?.
Se não os permiti, farei-os mesmo assim!; esta exclamação é sinal de ousadia feita para extrair de ti, estimado leitor, sorrisos). Veremos que uma das causas foi a diferença cultural entre Esparta e Atenas. A cultura clássica é de grande importância ao ser comentada nesta pesquisa, pois é lá na antigüidade clássica, que nasce o pensamento e a linguagem transmitidos às pessoas por meio da fala e também através da expressão corporal do homem. Nasce, enfim, o teatro que expressa a relação pensamento-linguagem dentro de um espaço semi-fechado com as limitações impostas pelos pensamentos dos intelectuais da época. Hoje sabemos alguma coisa a respeito dessa Antigüidade devido ao pensamento e linguagem descritos nas obras dos filósofos e historiadores, ou melhor, de pessoas preocupadas em distinguir o significado inconsciente e real do mundo ser para que ele melhor se entenda neste; onde a realidade procura sentir o valor de uma determinada circunstancia através de um significado presente no pensamento surgido no momento exato de uma idéia que definirá a concepção do homem a respeito de diversas situações dentro de um espaço temporal.

A divindade guardiã de Roma tinha um nome incomunicável, e em algum lugares da Grécia antiga os nomes sagrados dos deuses eram gravados em placas de chumbo e afundados no mar; tudo para garanti-los contra a profanação. Entretanto, toda esta breve abordagem pré-cientifica greco-romana da linguagem tem influência sobre o pensamento moderno, pois é na Idade Moderna que vai haver um ressurgimento dos valores clássicos diante do humanismo.

Antes de entrarmos na Idade Moderna, é válido comentar sobre as "falsificações de documentos, invenções de lendas e falsificações de toda espécie que fizeram da igreja católica uma sede de mentiras".

Você deve estar se perguntando, caro leitor, sobre o que as ações da igreja católica, na I. Média, tenha ver com o tema desta pesquisa? onde já se viu tamanho descaramento em usar o nome de Deus por meio de uma linguagem religiosa com a intenção de garantir benefícios próprios?; esse pensamentos fazem parte da amostra pela qual o Ser Humano pode representar a realidade individualista até o ponto de ser ou não convencional dentro de uma razão interior transformada em uma linguagem emotiva .Será que essa linguagem emotiva pode ser relacionada à linguagem expressiva?;há um exemplo claro a respeito da segunda: "dói-me a cabeça".

Leitor , percebo a crítica que faço no tocante aos atos da igreja quando menciono o exemplo descrito (desculpe-me, meu quase amigo leitor , por ter interrompido a linguagem de um pensamento que pensava e escrevia uma linguagem sobre a linguagem).

Imaginemos o homem, ao deparar com a sua necessidade de crescer intelectualmente como Humano;se defrontando com as Trevas e fazendo ressurgir o Sol que raiava no mundo clássico ressurgindo dessa vez mais intensidade para atingir as profundezas do conhecimento, pois diziam que os estudos" humanos embelezam homens" É nesse período que o pensador do Renascimento teve a consciência de que o conhecimento deveria ser voltado para o próprio homem ;daí ele querer abranger todas as áreas do conhecimento que estivesse ao seu alcançe, tais como:as artes,a arquitetura, a literatura, a história,a matemática,e etc.Tudo isso tornou-se possível graças a existência desse pensamento voltado a criação de novos conhecimentos expressos por uma linguagem adequada ao momento dessa necessidade humana.

O artista do Renascimento já assinava seu nome em suas obras,podendo mostrar ao mundo a idéia oriunda do pensamento transformado em Obra de Arte;cujas obras hoje, valem o preço de uma linguagem onde o preço/o valor ao ser declarado.

Um pouco mais tarde no (século XVIII)surgiu um movimento de intelectuais. Na verdade, esse movimento tendo nome de Iluminismo(LUZ)com uma espécie de pilha com a bateria recarreagada, para que as transformações culturais iniciadas no Renascimento prosseguissem ao longo do século XVII até o XVIII. Nesse movimento existiu grandes intelectuais cujas idéias caracterizavam-se pela importância que davam a razão. O uso dessa razão era considerado indispensável a compreensão dos fenômenos naturais e sociais. Houve alguns pensadores que pregavam a liberdade

do pensamento. Imagine, leitor, sentirmos presos nossos pensamentos sem a mínima chance de expressão;é algo frustrante mesmo. Muitas obras desses filósofos iluministas foram proibidos a sua divulgação, pois essas obras transmitiam à sociedade uma linguagem voltada a pregar a desigualdade entre os homens, coisa que existe até hoje.

Inicialmente no século XX, as potências mundiais se confrontaram duas vezes de forma tremendamente destruidora. Essas guerras expressavam o pensamento de um homem ambicioso; cuja ambição era vista através de uma linguagem automático-bélica. A força do poder desse homem revela-se a partir do pensamento voltado para a construção dessa linguagem.

Hoje, a coisa tornou-se mais eficaz porque não se trata de uma guerra feitas com armas que destrói o homem violentamente; essa arma que o homem dispõe é a Imprensa. Na verdade,os efeitos que o poder das palavras exercem por meio da Propaganda passaram a ser uma parte do mecanismo de impostura utilizada no processo de ludibriar a massa, sem distinção de raça, credo, sexo, ~~enfim,~~ enfim essa linguagem e pensamento provocados pela imprensa são empregados para impedir o caminhar do mundo de maneira natural e livre das opressões dos governantes. Como disse Montague,"qualquer arma usada na guerra deixa alguma conta para ser paga na paz e a arma da propaganda tem o seu preço como qualquer outra". se investigarmos mais a fundo esta afirmação, veremos que a propaganda lida com o pensamento e linguagem prontos para arrancar as raízes originais destes pertencentes ao íntimo do homem.

Não quero deixar aqui, paciente leitor, uma conclusão exata, pois seria estranho e confuso estabelecer uma linguagem definida acerca do pensamento descrito devido a ilimitação do significado que ele possue, ou seja, está em desenvolvimento contínuo, no entanto, essa conclusão inibiria esse desenvolvimento e torná-lo-ia grão-de areia dentro do mundo, embora seja ele o formador inicial de todo processo mental e racional do homem através de sinais criados para representar essa linguagem. Se com apenas vinte e seis letras, podemos obter a literatura e toda a ciência, imagine leitor, o poder que temos em construir a HISTÓRIA de toda a humanidade.

BIBLIOGRAFIA.

Silva,Ursula Rosa da,
-A linguagem muda e o pensamento falante;Porto Alegre;Ed. EDIPUCRS;1994.

Souza Filho,Danilo Marcondes de -
Significado,Verdade,Ação;Nitéroi UFP; Ed. EDUFF;1986

Souza Filho,Danilo Marcondes de
Filosofia,Linguagem e Comunicação;São Paulo; Ed. Cortez;1983

Gordem,C. K. e Richards, I . A.
O significado de significado; tradução de Álvaro Cabral; Rio de Janeiro;
Ed. ZAHAR EDITORES;1976.

Mora,José Ferrater
Dicionário de Filosofia,Buenos Aires,Ed. Sudamericana;1971;TOMO II

Mora,José Ferrater
Dicionário de Filosofia;tradução de Leal Ferreira e Álvaro Cabral;São Paulo;Ed.
Martins Fontes.

AUTOR. Título. Local, Editora, ano, edição.

Danilo,
O tema que você escolheu é muitíssimo interessante e, claro,
complexo. Como introdução, você aponta caminhos
para compreender a relação pensamento/linguagem
ao longo do tempo. Sugiro que, quando aprofundar-se, determine um destes períodos por você estudado, especificando bem sua abordagem.
Enquanto narrativa ficou interessante seu diálogo
explícito com o leitor, mas devo advertí-la que,
inteligentemente, esta perspectiva comumente não é muito
utilizada em trabalhos acadêmicos.